JÚLIO DINIS

SERÕES DA PROVÍNCIA



SERÕES DA PROVÍNCIA

(CONTOS)

JÚLIO DINIS

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

ÍNDICE

O ESPÓLIO DO SENHOR CIPRIANO

JUSTIÇA DE SUA MAJESTADE

AS APREENSÕES DE UMA MÃE

OS NOVELOS DA TIA FILOMENA

UMA FLOR ENTRE O GELO

O CANTO DA SEREIA

O ESPÓLIO DO SENHOR CIPRIANO

Desde que uma crença consegue radicar-se verdadeiramente na imaginação do povo, difícil é ao poder dos séculos ou à evidência dos factos desarraigá-la. Parece que à medida que um por um se vão quebrando os laços que a prendiam à razão e diminuindo a plausibilidade que dos espíritos sensatos a fazia ainda aceite, mais atrativos ela ostenta à fantasia popular, sempre afeiçoada ao maravilhoso e impelida a correr atrás de uma destas sedutoras ilusões, como as crianças a perseguirem as borboletas através das campinas.

Quando o povo vê fugir, por inverosímil, do campo da discussão um facto controvertido, é quanto mais se apressa a recebê-lo como dogma, a adotá-lo com a cegueira da fé; é então que o transmite aos filhos, à maneira de um novo artigo do seu credo religioso, e olha para o que se atreve a levantar a mão iconoclasta contra esses vagos objetos do seu culto ideal, como para um ímpio, digno da fulminação celeste.

De historiadores e biógrafos se ri: não há provas nem documentos que valham para lhe fazer ver as coisas diferentes de como as imaginou; mais vezes aqueles cedem até, sacrificando a exatidão à

poesia, e admitindo nos seus escritos a colaboração da pena popular. Por isso nas crónicas dos tempos passados é através das lendas que se pode procurar a história. Adornada com as galas e louçainhas do maravilhoso, é que o povo se apraz de acolher a tradição. Despida às mãos do historiador austero, parece afetar-lhe tão escandalosamente à vista, como à dos mais castos monges da Tebaida as formas nuas de tentadoras aparições.

Igualmente, ao lado da biografia exata de um indivíduo, ainda dos mais obscuros, o povo refere de ordinário outra, menos documentada talvez, porém sempre mais curiosa.

Com olhar perscrutador penetra o seio das famílias a descobrir aí factos recônditos, pequenos incidentes da vida doméstica, onde, mais fielmente do que nos da vida pública, se refletem os caracteres e as índoles.

Não julgueis que lhe basta a enumeração das batalhas, dos feitos brilhantes, dos serviços humanitários, dos actos civis do herói do dia; quer vê-lo em família, depois de despir a farda, a toga ou os arminhos, para envergar o modesto robe-de-chambre; aspira a devassar-lhe no modo de viver íntimo e a estudar-lhe os hábitos; obriga o personagem da história a representar diante de si o papel

de filho, de irmão, de amante, de esposo e de pai no drama da vida, e é então que mais interesse lhe excita, é então que aplaude; e quando lhe falecem as informações, inventa, recorre ao inesgotável tesouro de imaginação, senão a alguma coisa de mais seguro. E nisto é o povo verdadeiramente admirável! Há o que quer que é sobrenatural na maneira porque se lhe revelam às vezes segredos, sabidos apenas por duas pessoas, interessadas ambas em conservá-los ignorados; não espera por provas, satisfaz-se já com indícios; pronuncia-se, quando os mais prudentes hesitam, e, devemos confessá-lo, se em certos casos esta antecipação o leva ao erro, muitas vezes também, ou quase sempre, por caminhos misteriosos, o conduz à verdade.

Os boatos! Aí temos um desses problemas que desafiam toda a ciência humana. Donde partiram estas, deixem-me assim chamar-lhes, emanações subtis que aspiramos todos, os crédulos e os espíritos fortes, os ignorantes e os ilustrados, como todos contraímos a epidemia, cujo foco se desconhece?

Suscita-se às vezes sobre qualquer indivíduo uma opinião que se diz pública, somente porque cada qual em particular se não atreve a reconhecê-la por sua; os factos conhecidos da vida desse homem

parece desmentirem-na, todas as aparências lhe são contrárias, é humanamente impossível encontrar algures os fundamentos dessa crença, nascida não se sabe onde, propagada não se sabe como; e contudo persiste. Por quê? Quem o pode dizer? É, a meu ver, um facto da ordem de outros que observa o naturalista na história dos animais. E um fenómeno de instinto.

Na aproximação do Inverno, as aves viajoras reúnem-se em bandos para desertarem das paragens que parecia oferecerem-lhes ainda por algum tempo os últimos calores de uma estação favorável. Que indício lhes revelou o perigo? Quem lhes apontou o caminho de mais amenas regiões? O instinto: respondem os filósofos; e a mesma resposta obtereis, se os interrogardes sobre tantos outros maravilhosos actos que nos surpreendem, nos costumes de certas famílias zoológicas.

Concedam pois também ao povo instintos, instintos que o fazem adivinhar factos ocultos, como a ave pressente o Inverno; instintos sobre os quais se elevam juízos, que a razão prudente repele ao princípio, mas que tantas vezes o futuro vem confirmar mais tarde.

O povo tem uma fisiologia especial, que ainda está por escrever; esse concurso de individualidades tão heterogéneas dá uma

resultante, cuja noção não nos pode vir só do conhecimento isolado dos componentes.

Quem o fosse estudar por uma análise minuciosa, quem, por um quase processo anatómico, o decompusesse em elementos, para um a um os examinar com escrupuloso cuidado, não o teria compreendido; não seria mais feliz do que se procurasse resolver o problema da vida, dissecando um cadáver, e aplicando o microscópio a cada fibra dos seus tecidos e órgãos. Onde os homens se reúnem em povo, uma influência oculta se lhes associa: como uma inteligência comum, daí, os enigmas da multidão.

A solução destes enigmas não a procurem portanto nos indivíduos, que neles não reside; está na entidade coletiva; assim como o modo de reagir do sal neutro não se encontra no ácido, nem na base, seus elementos únicos; é o resultado da combinação.

Sirvam estas reflexões de prefácio ao caso modesto e obscuro que vamos narrar e que as exemplifica.

Por uma das tais vozes interiores que entretém o povo dos mais recatados mistérios da vida de família, como se linguareiro duende lhos andasse segredando ao ouvido, era que numa pequena cidade da província do Minho havia muito se tomara opinião geral que

Cipriano Martins, octogenário que vivia miseravelmente na mais estreita e mal esclarecida rua do menos limpo e povoado bairro daquela já de si não muito apetecível terra, não obstante tais aparências pouco inculcadoras, possuía fabulosas riquezas, e era devorado pela mais sórdida e inqualificável sovinice.

Nada podia modificar a opinião pública a este respeito; era absoluta, geral, intransigente, incapaz de vacilar, estável no seu posto, que defendia heroicamente contra o ataque combinado de todas as aparências; sublime de pertinácia, admirável de resistência.

Nunca experimentara destas oscilações vulgares nas mais enraizadas crenças; nunca passara por as alternativas de desfavor que até as ideias mais generosas sofrem no correr das épocas, nunca; nem quando os aguçados cotovelos do velho Cipriano rompiam escandalosamente através das mangas coçadas e beneméritas do seu casacão de saragoça; nem quando aos olhos dos comentadores se patenteavam as laceradas plantas... das botas colossais de que o nosso Harpagão usava, ou as numerosas cicatrizes — vestígios honrosos de longos anos de assinalados serviços — que lhe criavam as calças, onde cada fábrica de tecidos

tinha um espécimen dos seus produtos, combinados todos em artístico mosaico.

Cada vez que o inofensivo tema dos longos e pouco misericordiosos comentários populares entrava numa loja a comprar os parcos materiais da sua diária alimentação e estendia a mão para receber os trocos miúdos, aos quais, como outro qualquer, tinha direitos incontestáveis e garantidos por lei, havia nos circunstantes certo resfolegar de mofa que, ao voltar costas o velho, degenerava em bem significativas e nada equívocas exclamações.

— Olhem o unhas-de-fome!

— Some-te, porco!

— É capaz de se enforcar por um vintém!

— Se lhe caísse um pataco ao inferno, atirava-se lá para apanhá-lo, o tinhoso.

— Sovina!

— A pobre irmã morre à míngua por causa da mesquinhez deste tesoureiro do diabo.

— Come duas sardinhas barrentas, e cozinha só de três em três dias para não fazer despesa em lenha! Podem crê-lo?

— Junta, junta, para outros to gastarem!

— O peso do teu cofre é que te há de afogar na caldeira de Pêro Botelho!

E assim por diante iam as apóstrofes, cada qual mais lisonjeira para a reputação do modesto velho, cujos nervos felizmente se não supra-excitavam com tais estímulos.

Tinha uns invejáveis nervos o Sr. Cipriano! a única das suas qualidades que lhe podiam invejar as leitoras.

Não há vício menos popular do que o da avareza, pela razão de serem poucos os que com ele lucram.

Assim Cipriano Martins era uma personagem antipática para os seus compatriotas.

Mas quem lhe vira o dinheiro? quem lhe descobrira a riqueza?

Neste ponto, cada qual, interrogado à parte, encolhia os ombros, prolongava os beiços, enrugava a cara, e respondia:

— Diz-se.

Santa palavra! salvatério das asserções arrojadas! como a consciência fica tranquila quando, após uma afirmação cuja responsabilidade não quer, a boca oficiosa te pronuncia! Descendente em linha reta daquele traditur dos historiadores romanos, tu és, como teu ilustre avô, o melhor e mais universal excipiente em que se administram ao público fortes doses de boatos, que ele engole de mais boamente do que quantas pílulas têm arredondado de Hipócrates para cá os dedos dos boticários ou apregoado os Holloways de todos os tempos.

Cipriano Martins tinha uma vez por ano as suas liberalidades, circunstância que, longe de amenizar a rudeza dos juízos públicos ao seu respeito, antes a exacerbava; pois de facto nunca mais alto subiam as murmurações como quando em Sexta-Feira Santa saía das algibeiras do sóbrio velho para a dos pobres da freguesia a quantia realmente importante de... cem réis em moedas de cinco.

Então é que era ouvir o povo.

— Arrancou hoje cem fibras do coração.

— Tem para chorar cem dias, o velho.

— E para jejuar outros tantos.

— Se isto assim continua, aparece-nos de alguma vez o homem enforcado em sábado de Aleluia.

— Melhor, escusa o povo de queimar outro Judas.

Quando se entra na via das concessões é necessário não dar passos acanhados, sob pena de aumentar ainda mais a indisposição dos ânimos.

Consideração esta de longo alcance político, não obstante as aparências modestas que a revestem aqui.

Cipriano Martins caiu doente e não chamou médico.

A câmara, que adotava o pensamento público sobre o estado financeiro do seu patrício, recusava inscrevê-lo no quadro dos pobres, razão pela qual o não visitou o cirurgião de partido.

A câmara andou assisada nisto e mostrou-se convencida da seguinte verdade, saída da boca de um grande vulto político:

«Quando os governos não tomam espontaneamente a iniciativa no movimento das massas, são arrastados por ela.»

Ora a câmara, que era governo, e não pouco respeitável, não tinha grande vontade de ser arrastada; um dos vereadores, mais que

todos, em cuja caixa de rapé estava representado em gravura o fim trágico de Mazzepa, sentia de si para si um estremeção de grande desconforto só de ouvir o termo. Por isso, a câmara adotou a opinião das massas.

Esta subiu ao auge da indignação vendo Cipriano desprezar a medicina.

— Olhem o miserável a regatear às portas da morte o apreço da vida!

— O homem tem razão — respondia o barbeiro, a quem por consenso unânime fora decretado o diploma de espirituoso da terra — o homem tem razão, que bem conhece quão pouco ela lhe vale.

Este dito do ilustrado superintendente das mais respeitáveis barbas da freguesia foi repetido em todos os círculos com geral aplauso; e a reputação de aguçado satírico, de que há muito gozava o digno colega de Fígaro, aumentou, se de aumento era suscetível ainda.

Cipriano Martins morreu e então é que a curiosidade pública se pôs alerta e, para entreter o tempo de espera, prestou ouvidos às historietas da imaginação. Esta fez o seu dever, nada deixando a desejar. Cipriano a cerrar os olhos, e o público mais do que nunca a

torná-lo à sua conta. Discutiu-se-lhe a herança, avaliou-se-lhe a fortuna, apontaram-se os herdeiros, inventaram-se testamentos, fantasiaram-se cláusulas absurdas, anteviram-se demandas, devassaram-se esconderijos, arrombaram-se cofres, desenterraram-se riquezas monstruosas; isto tudo durante vinte e quatro horas, no fim das quais nem riquezas, nem esconderijos, nem cofres, nem herança, nem testamento, nem cláusulas e por conseguinte nem herdeiros nem demandas vieram justificar a geral expectativa.

Foi um desapontamento, que, a falar a verdade, custou a digerir; os melhores estômagos imparam com ele e mais de uma vez foi regurgitado.

E toda aquela boa gente se punha então a ruminá-lo do seu vagar, sem que o fizesse mais digerível.

A irmã do morto, que, de si para si, nunca nutrira grandes esperanças, porque nunca tivera fé nas riquezas do mano, apresentou-se nesse mesmo dia, chorando, em casa do administrador a pedir-lhe que providenciasse para se fazer o enterro do velho Cipriano, pois nas gavetas só lhe encontrara uns cobres, que não bastavam para as despesas exigidas pela solenidade.

O administrador viera cético de Coimbra, doença que apanhara nas margens do Mondego e que pelos modos se lhe tornara crónica no concelho, que, como diziam os jornais da época, tão dignamente administrava. Por isso olhou para a pobre Maquelina — pois era esse o nome dela — através dos vidros da luneta pendente, ao mesmo tempo que o mais incrédulo sorriso que o espelho lhe aconselhara vinha encrespar-lhe espirituosamente o lábio superior. Ao desbaste de crenças, que este magistrado sofrera tinha por felicidade sobrevivido entre poucas a crença no espelho, um dos principais conselheiros a quem devia a manutenção da dignidade administrativa.

— Com que então só uns cobritos, diz vossemecê, hem?

O bacharel fizera a descoberta de que este bem lhe dava às palavras certa melodia de bom gosto e por isso o adotara.

— Eis tudo quanto possuo — respondeu Maquelina, mostrando em patacos um cruzado, quando muito — Va Sa bem vê — continuou — meu irmão tinha o seu pequeno negócio de socos, há muito em decadência; ele, coitado, estava velho e não queria oficiais... e agora com a moléstia... por mais economias que a gente fizesse, sempre eram despesas certas e nenhum dinheiro a apurar.

O administrador teve aqui um movimento de lábios, expressivo de inveterada descrença; e, como para mais depressa se livrar do contacto de um ser humano, respondeu secamente:

— Faça, se quiser, um requerimento à câmara, porque seu irmão não figura no quadro dos pobres.

E mais não disse.

Maquelina à palavra requerimento empalideceu. Fazer um requerimento é um negócio importante, um passo difícil na vida destes seres inofensivos e alheios a processos judiciais a cuja confraria pertencia a boa mulher.

Mas que remédio!

Saiu dali e procurou o presidente da câmara.

Era este um gordo merceeiro, cuja cabeça se podia dizer um vulcão de medidas tendentes todas ao melhoramento público e progresso social. Durante a sua feliz administração dos negócios municipais, contava actos realmente surpreendentes de tino governativo. Seja-me lícito citar aqui alguns factos da vida pública deste não aproveitado estadista.

Os moradores de uma rua estreita, onde os beirais dos telhados carairos quase se encontravam, a ponto de intercetarem a passagem da luz solar, queixavam-se da mania, desenvolvida em alguns vizinhos, de cultivarem frondosos arbustos nas sacadas das habitações, com grande incómodo e prejuízo dos queixosos, para os quais anoitecia mais depressa, graças à sombra impenetrável que projetavam os folhudos ramos na já de si pouco esclarecida rua. O sábio edil legislou à vista disso:

«Ficam proibidas as árvores em todos os lugares onde a sua vegetação seja impossível.»

Eu penso que se Montesquieu tivesse notícia desta lei havia de apreciá-la, pela admirável concordância com as da imutável natureza.

De outra vez, os contribuintes pacíficos que habitavam próximos aos arrabaldes lamentaram-se, em termos legais, pelas incómodas harmonias com que todas as manhãs os despertavam os carreteiros com a infernal chiadeira dos impertinentes carros. Pensava aquela boa gente que a sinfonia de ouverture da criação não perdia nada se lhe suprimissem da orquestra o pouco harmonioso instrumento. Atendendo à justa reclamação dos povos, o judicioso funcionário

promulgou que: «Todos os carros que chiassem contra as posturas municipais, pagassem dois mil réis de multa, sendo metade para o denunciante, dado o caso de serem ouvidos.»

Já se vê que chiar contra as posturas era coisa séria; a câmara tinha suscetibilidades e, ofendida, chegava a multar... os carros.

Quando esta medida se discutiu em plena vereação, um dos camaristas levantou-se e deu mostras de querer falar.

— Peço a palavra, Sr. presidente.

— Tem a palavra o ilustre colega.

— Eu desejava que se fosse mais severo contra os perturbadores do sono público e se desse maior alcance a esta medida policial, multando todo o carro que chiar, quer seja ouvido, quer não.

O conselho, atendendo porém a que não convinha ser demasiado ríspido com os povos e que os carros, não sendo ouvidos, pouco podiam incomodar, adotou a cláusula do autor do projeto, rejeitando a emenda.

E foi muito bem considerado.

Outra ocasião ainda, ouvindo o nosso homem discutirem dois bacharéis, classe de sábios que sempre respeitou, sobre a conveniência das Rodas, e vendo-os acordes na necessidade de importantes e radicais reformas nestes estabelecimentos, veio para casa pensativo, e o cérebro, fecundado por aquela ideia, lidou toda a noite em gestação mental, tendo no fim o seu bom sucesso, porquanto pela manhã o magistrado municipal apresentou à aprovação dos colegas a seguinte medida regulamentar:

«Toda a mãe que expuser seu filho sem um bilhete do município, fica tacitamente encarregada da educação deste.»

A entender-se gramaticalmente a coisa, rude tarefa cabia à pobre da mãe, superior ao esforço humano.

Esta medida, de um incomensurável alcance económico, por um triz ia passando.

Mas emperrou no advérbio tacitamente, que de facto era a maior palavra do período e que o legislador empregara para o arredondar; ele tinha lá as suas ideias a respeito de estilo, não obstante viver antes das últimas reformas dos liceus, na qual pelos modos este assunto foi regulado de uma vez para sempre. Se a lacónica definição de Buffon é verdadeira, se o estilo é o homem, ninguém de

facto como o nosso vereador podia fazer períodos mais rotundos. Mas o corpo camarário viu na frase não sei que sentido maquiavélico, e mostrou escrúpulos. Em vão o digno chefe de tão respeitável corporação, com aquela abnegação quase estoica que o caracterizava, se prontificou a substituir esse advérbio por outro qualquer, sem escolha, tais como: restritamente, completamente, impreterivelmente, categoricamente, etc., etc.; ele só queria salvar a beleza da forma; não houve de que, o conselho, entrando uma vez no caminho da desconfiança, não tinha por costume recuar.

Esteve ainda assim, vai não vai, a resolver-se pela adoção do categoricamente, agradado da eufonia da palavra; mas enfim nem esse admitiu, e a medida foi rejeitada.

Era pois diante deste vasto talento governativo que Maquelina fora enviada a implorar um diploma de pobre.

Louvado seja Deus! até isto se implora!

— Mas — observou o judicioso presidente ao ouvi-la — pobre é todo aquele que não tem dinheiro.

Maquelina concordou. Pudera não.

A definição satisfazia a todos os preceitos mencionados no Genuense; curta, clara, etc., etc.; e mais o nosso vereador não estudara lógica.

O homem continuou:

— E segundo é voz e fama vocês têm mundos e fundos.

Aqui começava Maquelina a discordar, por infelicidade sua. Em única resposta mostrou os cobres que trazia.

— Eis a minha riqueza.

— Pois sim, pois sim... mas... olhe, disso não quero eu saber. E pobre? Peça ao pároco e ao regedor um atestado, e depois... depois... isso é com a junta de paróquia.

— Mas...

— Adeus, minha amiga, temos conversado.

E o oráculo emudeceu.

Maquelina ao sair levava uma cara que seria a sua justificação, se o vereador acreditasse na ciência dos fisionomistas; mas parece-me poder atestar o contrário. O bom homem chamaria tolo a Lavater se o tivesse conhecido.

Dali passou a Maquelina a casa do pároco.

Eram horas da sesta e o reverendo dormia; único ponto de contacto que tinha com Homero.

E que sono!

Bem pudera dos seus paroquiais flancos elevar-se toda a bem provida árvore de Jessé, que está representada na nave direita da igreja dos Franciscanos no Porto, que ele rivalizaria em impassibilidade com aquele venerável patriarca que a sustenta.

Quando o foram acordar, o pastor daqueles povos resmungou, moveu-se, voltou-se para o outro lado e... continuou a dormir. A segunda tentativa, tomou a resmungar, tomou a mover-se, a voltar-se para o outro lado... tomou a dormir; à terceira, sentou-se na cama, esfregou os olhos, abriu a boca estrepitosamente e não deu acordo de si; pôs-se a olhar depois para o travesseiro com visíveis tentações de se precipitar de novo nele; obstou-o a criada, que voltou a chamá-lo à vida real. Então seguiu-se o descer do leito, o evacuar dos pulmões obstruídos por um catarro crónico, o fungar de uma farta pitada e enfim apareceu o homem em toda a magnitude da sua... gordura.

Dizem que o erguer do leito é a ocasião em que os monarcas são mais acessíveis a pedidos; o nosso abade, conquanto também cabeça coroada, não se parecia neste particular com as suas majestades; pelo contrário, se havia para ele horas de mau humor, eram as que se seguiam ao momento em que a inexorável força das circunstâncias o obrigava a emergir de entre os lençóis, oceano onde voluntariamente aquele se mergulhava.

— Oh! oh! — bradou o indolente levita ao ver Maquelina — então foi-se o homem?

— Assim o quis Nosso Senhor.

— E vamos a saber, quanto se herdou?

Maquelina exibiu os quatrocentos réis, que era todo o espólio em metal.

— Histórias da Maria Carocha resmungou o abade zangado.

— É isto que digo a Va Sa; meu irmão...

— Não me venha contar tonilhos. Diga lá o que quer?

Maquelina expôs o fim da visita.

O padre arregalou os olhos.

— Ui! Essa é de barbas! E hei de atestar que você é pobre!

Maquelina fez um sinal afirmativo.

Ora, santinha, ora. E para isso fez-me acordar de um sono que... que...

— Mas, Sr. abade, é a verdade que Va Sa atesta, e senão diga-me onde me encontra a riqueza?

— O seu irmão há de ter deixado somas fabulosas!

— Pois venha Va Rev.ma ver e dirá depois. Jesus, meu Deus, procurem, procurem, oxalá que achassem, meu divino Pai do Céu!

— Enfim, mulher, não se meta em trabalhos; vá ter-se com o regedor e, eu o mais que posso fazer é confirmar lá na junta o que ele certificar.

Maquelina passou à regedoria.

O regedor era taberneiro e naquele momento o seu duplo estabelecimento estava atulhado de fregueses.

As largas mãos deste vigilador da ordem pública distribuíam simultaneamente vinho e justiça aos circunstantes, e mais amplas medidas de justiça que de vinho, a acreditarmos os consumidores.

A entrada de Maquelina causou sensação.

O regedor, em pleno gozo do seu funcionalismo, dignou-se interrogar a irmã do falecido e, os olhos da importante autoridade pondo nela:

— Então que a traz por aqui, Sra. Maquelina? — disse com voz benigna. — Não é bonito andar assim já pela rua quando tem seu irmão morto em casa. Que há de dizer o público?!

Não sei de nada mais delicado do que é este ser misterioso e respeitável por excelência a que se dá o nome de público.

É singular como todos tomam a peito manter-lhe a veneração devida e se doem às mais leves infrações que esta sofre. Grita-se contra um facto escandaloso, pateia-se no teatro uma produção imoral, fulmina-se um procedimento menos honesto, em respeito ao público, já se sabe. Não me ofendi eu, nem vós, nem eles; interrogai-os um por um, nenhum se dará por ofendido, mas todos vos responderão com a fórmula; «e o público!» Porém valha-nos Deus, o público é exatamente constituído por mim, por ti, por vós todos que assim respondeis; como é pois que de elementos tão pouco suscetíveis resulta um produto tão melindroso?

Cada qual no gabinete lê uma obra de duvidosa moralidade, ri-se, diverte-se com a leitura, e ninguém quererá admitir que ela lhe possa ter causado o menor prejuízo. Aí temos portanto uma obra inofensiva; pois não é tal; antes a vemos proclamar um verdadeiro veneno, servido pela imprensa ao público, um miasma que se ergue dos prelos, um fermento de dissolução de costumes, e outros nomes igualmente feios. A não vermos nestes factos a confirmação daquelas ideias que nas primeiras páginas expendi, não sei que outra solução razoável daremos ao problema.

É certo porém que o público citado pelo regedor achava-se exatamente nestas circunstâncias. Todos os presentes abanavam a cabeça em sinal de aprovação; nenhum pela sua parte se mostrava escandalizado com o extemporâneo aparecimento de Maquelina, mas o complexo pelos modos sofria muito com isso.

À referida observação da autoridade humedeceram-se os olhos de Maquelina.

— E que lhe hei de eu fazer, Sr. Bento Maria? Quem é pobre...

Houve sussurro na assembleia; o adjetivo parecia beliscar o auditório.

— Pobre! É sempre o mesmo estribilho — disseram algumas vozes.

O regedor serenou o tumulto, dirigindo-se a Maquelina.

— Bem, deixemos agora isso. O que a traz por aqui?

Maquelina explicou-se.

A indignação dos circunstantes rebentou.

— Sempre é desaforo!

— Também é preciso ter descaramento.

— É digna do irmão, já vejo.

— A alma do sovina meteu-se-lhe no corpo.

— Quem esconjura esta mulher?

O regedor começou a franzir a testa.

— Ora vejam a pobrezinha.

— Nosso Senhor a favoreça, irmã.

— Ora já viram!

O regedor levantou-se.

— Quem enterra o mano?

— Forte perda, se fica de fora!

— Aquele nem os bichos o querem.

— Leva rumor! Ai, que eu... — rugiu por entre o regedor e todos imediatamente... Silent, arrectis que auribus adstant.

Pudera; o ai, que eu... do Sr. Bento Maria não ficou a dever nada ao cérebro quos ego... de Neptuno. O regedor sabia como Virgílio o valor de eloquentes reticências.

Em auxílio da ordem veio ainda a observação de um circunstante, dotado de sentimentos mais humanitários.

— A mulher tem razão, coitadinha, se o miserável deixou tudo escondido.

As massas são fáceis de impressionar. O alvitre modificou as opiniões.

— É assim, é assim.

— Pobre criatura!

— Que vale tê-lo, se se não sabe aonde?

Por este tê-lo entendia-se dinheiro; é de facto o substantivo que mais completas elipses suporta; tão presente o trazem na ideia, que não necessita estar nas orações antecedentes, para ser subentendido.

— Sim, sim, ela tem razão, é pobre, e...

O regedor, enfarinhado nas praxes constitucionais, não era homem que fosse de encontro à opinião dos fregueses, e portanto, depois de concentrar por algum tempo o espírito, operação que nem por isso lhe aumentou demasiado a energia, passou o seguinte atestado, modelo de diplomacia e de exatidão ortográfica:

«Eu Bento maria do portal, regidor de esta freguesia atesto, im como, maquilina, rosa, martins, solteira, de esta Cidade, não tem, aberes para fazer, as despesas do intero do seu irmon cepreano cujo, consta, ter dinheiro. Mas o qué certo é que por morte se não incontrou i se é berdadeiro o dito do bulgo o debe ter, nalgum iscondrijo, que ainda se não inchergou. E por ser berdade o que Açupra, atesto e mo diseram peçoas diganas para mim de todo o creto, pacei esta que juro.

Dada em esta Cidade a 12 de Janeiro de...

Bento maria do portal.»

Bento Maria era decididamente o funcionário público de mais expediente e de mais arrojadas medidas que existia então na cidade.

Depois de mais algumas dificuldades e tropeços sempre se conseguiu enterrar, à ordem da junta de paróquia, o velho Cipriano, o qual de outra maneira bem teria de ficar fora do seio da terra, por não haver deixado dinheiro.

Todos estes acontecimentos, longe de desvanecerem os boatos das ocultas e sonhadas riquezas de Cipriano, os aumentaram, e deram lugar a duas versões diferentes.

Uns, mas eram a minoria, lançavam em rosto à nobre Maquelina o mesmo que tinham imputado ao irmão; outros, porém, viam nela uma vítima, ainda além da campa, da sórdida avareza do incorrigível octogenário.

Só Maquelina é que rejeitava uma e outra crença. Sabia-se inocente e não se acreditava vítima. E, lutando com a idade avançada, tirava

forças da fraqueza e ia provendo conforme podia ao seu sustento quotidiano.

Não pôde porém resistir inteiramente às insinuações dos que falavam em tesouros enterrados e as portas da casa abriram-se de par em par a uma junta de inquérito, presidida pelo regedor, a qual, pelos mais escusos recantos, e a grande profundidade no quintal, procurou o decantado tesouro, sem no fim colher frutos de tantos esforços.

E as coisas conservaram-se por muito tempo neste pouco agradável statu quo.

Um dia, porém, pioraram, longe de se desanuviarem, as circunstâncias de Maquelina.

Um sobrinho seu, filho de uma irmã que morrera jovem, voltou do Brasil e, contra o que era de esperar, vinha como partira, isto é, com a riqueza de Job na desgraça.

A história deste rapaz é uma história longa e curiosa, que desta vez não contarei ao leitor.

Uma manhã pois, quando Maquelina estava meditando em não sei que medida de economia doméstica, importantíssima para a melhor

direção das suas mesquinhas finanças, entrou-lhe pela porta dentro um rapaz magro, espigado, de fisionomia denunciadora de sofrimentos, o qual lhe estendia as mãos, dizendo:

— Bons-dias, madrinha, então não me conhece?

— Santa Maria! Querem ver que... És tu, Agostinho?

— Eu, eu mesmo.

A boa Maquelina saltou-lhe ao pescoço e devorou-o de beijos.

O rapaz viu-se em talas e com ameaças de asfixia.

Depois veio um pensamento à tia Maquelina, pensando um pouco interesseiro é verdade, mas desculpem-na, e não ma comecem já por isso a olhar com maus olhos; todos como ela o teriam e, o que pior é, a poucos viria apenas em segundo lugar e só muito após dos espontâneos impulsos de uma afeição desinteressada; «o rapaz vinha do Brasil... e o Brasil... sempre é o Brasil» foi a ideia que lhe voou pelo espírito.

— Então — disse ela, movida por essa ideia — vens... rico!

Agostinho virou os bolsos do avesso por única resposta.

Maquelina juntou as mãos e também não deu palavra.

E para quê? Queriam ainda de parte a parte mímica mais expressiva!

— Vim para não morrer de fome.

Aqui benzeu-se a boa da tia.

— Embarquei como rapaz de navio por não ter dinheiro para a passagem.

Neste ponto persignou-se.

— E agora venho pedir-lhe — continuou o sobrinho — que me receba em casa até... até... arranjar modo de vida.

Maquelina, quando, junto da pia batismal do pequeno Agostinho, se declarara madrinha, à face da igreja, do filho querido da sua irmã, tinha já concebido uma alta ideia da missão que desde aquele momento ia adotar pela sua e para com o recém-nascido que sustentava nos braços; nem foram para ela simples palavras de formalidade as que em tom de prédica ouvira ao pároco sobre os seus deveres futuros. «Na falta dos pais, dissera ele, aos padrinhos compete a vigilância e a educação das crianças, que sob a sua proteção entraram no grémio da igreja católica.» Ora os pais de Agostinho lá se tinham já partido para melhor morada e Maquelina,

que, eminentemente escrupulosa em negócios de consciência, se julgava por ela obrigada a cumprir até às últimas extremidades os seus deveres de cristã, tinha para além do mais um coração farto para afeições e sentimento.

Fechou pois os olhos aos sacrifícios futuros e aceitou a companhia do afilhado.

Ele me ajudará também — dizia consigo mesmo a boa mulher, como se quisesse colorir com um pensamento egoísta o impulso, que lhe viera diretamente do coração!

Nós temos destas coisas.

Mas o certo é que, apesar da melhor vontade, em pouco podia Agostinho auxiliar a madrinha.

Auxiliar de que maneira?

Emprego não o pôde ele obter. Naquela cidade, como em muitas outras terras do reino, não se veem com bons olhos os infelizes que voltam do Brasil pobres. Lá parece uma prova de pouco espírito e de nenhuma aptidão a essa boa gente um semelhante sucesso.

O Brasil é, para ela, como o campo de batalha. Ou volta-se de lá vitorioso ou morre-se combatendo. Fugir é de cobardes.

E ora aí têm os leitores a razão porque, dois meses depois da chegada de Agostinho, era ainda Maquelina quem só provia às despesas da casa, as quais, como era de supor, tinham aumentado; desenvolvendo a pobre velha esforços sublimes para um duplo resultado: obter meios de subsistência e ocultar ao sobrinho os imensos sacrifícios, a que para isso se sujeitava.

Mas Agostinho suspeitava-os e afligia-se.

Um dia falou à madrinha nas vozes que corriam ainda sobre as riquezas do defunto. Maquelina sorriu tristemente, respondendo:

— Pois procura-as.

Agostinho deitou-se à obra com alma, revolveu de novo o quintal a mais de um metro de profundidade, despregou as tábuas do soalho, sondou as paredes, trepou aos mais altos escaninhos da casa... tudo foi inútil.

Disse adeus ainda a essa ilusão. O que lhe valeu foi estar já costumado a despedir-se delas. A primeira vez custa mais.

No entretanto os esforços e as vigílias de Maquelina arruinaram-lhe a saúde. Lutou braço a braço com a doença como lutara com a fome. Lutas heroicas que passam ignoradas, enquanto tantas

outras, muito menos merecedoras das honras da epopeia, são extremamente celebradas em oitava rima.

Afinal caiu vencida no leito, e então é que o futuro se lhe mostrou carregado.

A pobre mulher não se iludia nem sobre a gravidade da sua moléstia, nem sobre as consequências da sua morte.

Que seria de Agostinho? Agostinho, a quem ela amava já como se amam os entes fracos que vieram procurar a nossa proteção, com esse amor bem mais intenso mesmo do que o votado aos seres que nos protegem.

Porque o primeiro lisonjeia o nosso orgulho, e o segundo, esse, revela a nossa inferioridade.

Coisas humanas.

O futuro de Agostinho era a ideia negra de Maquelina; como ela ficaria contente por morrer se não fora isso! Mas agora custava-lhe; esta lembrança aumentava-lhe a doença. Que diria ela à irmã, quando do Céu lhe pedisse notícias do filho? Que o deixara na miséria? E era isso de boa madrinha?

E estes pensamentos e apreensões definhavam-na a olhos vistos.

Agostinho aterrou-se, e reconheceu então tudo quanto tinha havido de heroica abnegação no procedimento da tia.

O coração de homem teve um movimento pelo qual procurou libertar-se da espécie de colapso em que infortúnios continuados o tinham lançado. Agostinho curvara a cabeça sob a corrente de desgraças que sem interrupção tinham sucedido na sua vida; agora tentava elevá-la num último esforço.

— É preciso tentar fortuna — dizia ele consigo — amanhã de manhã sairei a pedir trabalho, a tudo que me sujeitar, a tudo.

E adormeceu com este pensamento, sonhando-se daí a pouco numa mina de ouro, onde, ao fim de muita fadiga, só conseguia extrair enormes pedras de carvão.

O leitor pode imaginar toda a agradável voluptuosidade de semelhante sonho.

Por a manhã ergueu-se disposto a realizar o projeto da véspera; mas foi encontrar a tia num estado tão assustador, que não teve ânimo para abandoná-la.

— Não tem de ser! — disse consigo Agostinho, a quem a desgraça quase tornara fatalista.

Maquelina mostrava-se de facto em risco iminente.

O facultivo de partido veio vê-la; pois Maquelina havia enfim conseguido entrar no quadro dos pobres.

Tomou-lhe um pulso, depois o outro; deu-lhe três pancadas do lado direito do tórax, igual número do esquerdo; pousou-lhe o ouvido sobre as descamadas costelas, e, como se escutasse lá dentro os passos da morte, ergueu-se e fez um gesto de descontentamento visível.

Receitou um chá de alteia e saiu.

Agostinho esperava-o à porta.

— Então?

O médico puxou pelo relógio, ao qual começou a dar corda, dizendo com a indiferença profissional:

— Como àquela máquina se não dá corda como a esta, pára em poucas horas.

Agostinho sentiu subirem-lhe as lágrimas aos olhos.

O médico voltou-se ainda de novo para dizer:

— Eu escuso de cá voltar, agora o padre.

Estas palavras, ditas em tom mais alto e da maneira mais natural possível, como as sabem dizer alguns adeptos de ciência hipocrática que se jactam de fortes, chegaram aos ouvidos de Maquelina, que juntou as mãos, e, erguendo os olhos ao céu, disse com voz débil:

— Aqui está a serva do Senhor, cumpra-se em mim a Sua santíssima vontade.

Quando Agostinho entrou no quarto, encontrou-a resignada.

Nessa mesma tarde confessou-se e sacramentou-se aquela pobre de Cristo.

Na cidade dizia-se:

— Coitada! o irmão matou-a. Morre de fome e fadiga e com dinheiro em casa.

Era forte preocupação a do povo!

Mas há dessas teimas.

Ao pé da noite pediu Maquelina um chá para mitigar a sede. Naquele dia não se acendera ainda o lume em casa. Agostinho

esquecera-se de comer e, se se lembrasse, não sei bem o que teria sucedido.

Melhor foi que se não lembrasse.

Agostinho correu à cozinha, reuniu a custo alguns cavacos já meio queimados para acender o lume, e voltou à sala.

Maquelina dava-lhe instruções da cama.

— Ainda achaste lenha?

— Achei, sim, madrinha.

— Bem; ora agora... Essa lamparina está acesa ainda?

— Está, madrinha, está, pois não vê?

— Não, filho, já anão vejo.

Havia neste já uma significação que comoveu Agostinho.

Ela continuava:

— Encontraste carqueja?...

— Não, madrinha... mas...

— Valha-me Deus — disse ela, lutando já com dificuldades para se fazer ouvir. — Olha, sabes, aí... na gaveta do toucador... esta

uma papelada de que... às vezes me sirvo para economizar. Acende alguma na... lamparina e... Ai! — terminou ela com um suspiro, que o longo esforço que tinha feito para falar lhe tornara necessário; e depois em voz mais baixa acrescentou:

— Louvado seja o Senhor, a que estado eu cheguei!

Agostinho abriu a gaveta.

— Aí — continuou Maquelina com voz sumida e trémula.

— Achaste? bem... ora agora...

Agostinho inflamou à chama escassa da lamparina um dos papéis que tirara do velho toucador da tia.

— Isso — disse esta satisfeita por se ver compreendida.

Às sombras indistintas que reinavam no aposento sucedeu a claridade da lavareda, mas foi de pouca duração. Ainda não teria ardido metade do papel, já Agostinho, soltando um grito inexprimível, o atirava ao chão, abafava-o com os pés, precipitando ao mesmo tempo pela vivacidade do movimento a lamparina, que se fez em pedaços.

A escuridade tornou-se completa.

— Que foi, santo nome de Jesus! que foi, Agostinho? — dizia assustada Maquelina, erguendo-se a meio corpo.

— Que papéis eram estes, minha madrinha?

— Eu sei lá, filho: mas que foi? valha-me o Senhor.

— Uma luz! uma luz! — bradou Agostinho fora de si; e saiu repentinamente da casa, atravessou a rua, enfiou pela primeira porta que encontrou aberta, galgou um lanço de escadas, penetrou num quarto onde trabalhavam pacificamente algumas mulheres, apoderou-se da luz que viu no meio da mesa, em volta da qual elas se formavam em círculo, e, sem dar uma única palavra, saiu arrebatado, deixando em completa estupefação as circunstantes, que só passados minutos voltaram a si, para correrem atrás do mancebo, que parecia possesso.

Agostinho entrou de novo no quarto da tia moribunda, aproximou-se do lugar onde deixara os restos do papel meio consumido, apanhou-o, examinou-o com escrupulosa atenção, depois correu à gaveta do toucador, sujeitou a igual exame os outros papéis semelhantes, que aí estavam a monte.

— Por amor de Deus, madrinha... mas... donde vieram estes papéis? — exclamou ele, ao passo que um por um os passava em revista.

Maquelina, apoiada no braço convulso e com os olhos espantados, olhava para o sobrinho estupefacta.

— Eram do mano, o Senhor o tenha em glória; guardava-os naquela arca; ele sempre me disse que de nada valiam e agora que eu me via precisada ia-os queimando, para...

— Mas, valha-nos a Virgem! era uma riqueza inteira que queimava assim!

— Que dizes tu, filho?

Os combustíveis da tia Maquelina eram nem mais nem menos que boas notas e excelentes notas de banco, às quais o velho Cipriano reduzira os seus haveres porque o amedrontava o tinir do dinheiro metálico, como chamariz de ladrões: enquanto que por outro lado nunca se pudera resignar a separar-se do seu querido capital, em cuja contemplação saboreava aquela doce voluptuosidade só dos avarentos conhecida.

Quando se procedeu a investigações em casa de Maquelina para descobrir o tesouro oculto, esqueceram-se, como quase sempre acontece, de examinar os lugares por onde deviam ter começado; enquanto profundavam a terra e escavavam as paredes, ninguém se lembrou de abrir a pequena gaveta, que nem chave tinha sequer, e onde Maquelina alojara toda a riqueza. Mas quem o podia supor?

O instinto do povo não o enganara desta vez.

Cipriano era de facto rico. Viveu uma vida de privações, praticou um negócio de alta usura debaixo das maiores cautelas e mistério impenetrável; aí está explicada a sua riqueza.

É receita infalível para chegar ao mesmo resultado; as pessoas a quem não nausearam os ingredientes adotem-na, porque não falha.

Desconfiando de todos, da própria irmã desconfiava e dava-lhe por isso a entender que de nenhuma importância eram os papéis que ela às vezes por acaso chegara a descobrir.

Maquelina era ignorante e nem imaginava sequer que se pudesse ter uma riqueza em papéis. Na sua inteligência, como na das crianças, a ideia de riqueza andava associada à de muito dinheiro em ouro e prata: gavetas, cómodas, caixa, burras cheias dele; e por

isso ia queimando agora lentamente aquele tesouro que o irmão acumulara; e isto com o fim de poupar carqueja!

Cleópatra, brindando os amantes com soluções de pérolas preciosas, não conseguiu ser mais magnífica.

Era um passatempo de milionária o de Maquelina.

Se Deus lhe prolongasse a vida, até onde iria aquela monstruosa combustão? Que soma enorme seria aniquilada!

E ainda assim quanto não consumiria!

Nunca se pôde calcular.

Há o que quer que é de sublime neste quadro. Uma mulher velha, caquética, esfomeada, agonizante, tendo ao alcance do braço uma riqueza, como ela nem sequer concebera nos seus mais ambiciosos sonhos, e queimando-a!

A notícia inesperada que recebia agora imprimiu àquela existência o derradeiro abalo. A alma, já quase desapegada do corpo, abandonou-o de todo e partiu.

À meia-noite morreu a santa criatura, contente porque deixara rico o sobrinho e afilhado, único parente que possuía na terra.

Ainda assim, quando se divulgou a notícia, o que, graças à comunicabilidade das mulheres a quem Agostinho usurpara a luz e que foram as primeiras a sabê-la, se não fez esperar muito, houve quem se penteasse como herdeiro.

Faria rir se expusesse aqui os fundamentos das pretensões desta gente, e eu não quero fazer rir o leitor, a quem peço antes uma lágrima para a memória de Maquelina.

Não seguiremos agora a história de Agostinho, que se modela por a de todos os homens ricos.

Apenas direi que pelas suas especulações comerciais conseguiu multiplicar o capital tão inesperadamente herdado e hoje é milionário.

Vejam o instinto do povo!

JUSTIÇA DE SUA MAJESTADE

CAPÍTULO I

FERVET OPUS!

Era por uma manhã de Abril de 1852. O campo vestia-se dos seus mais opulentos e matizados trajos.

O Minho estava fascinador.

Por toda a parte eram já espessuras frondosas e impenetráveis; sombras discretas; vales misteriosos e encantadores, graças ao claro-escuro, com que a vegetação renascente os coloria; colinas adornadas e festivas, como um trono de altar em capela rústica; enfloradíssimos silvados, veigas a exuberarem de vida; e, por entre tudo isto, casas de brancura ofuscante, e acima de tudo um céu azul, daquele azul dos céus napolitanos, a meu ver, tão culpados na existência dos lazzaroni.

As torrentes estavam nas suas horas de bom humor não bramiam, murmuravam apenas; não se precipitavam impetuosas do alto dos

outeiros, deixavam-se escorregar pelas anfractuosidades das quebradas.

Os ventos, como que arrependidos, pretendiam com afagos fazer esquecer aos arbustos mais tenros as violências passadas.

A luz salutar da Primavera convertia-se, por mágica metamorfose, em perfumes que embalsamavam os ares, em flores que esmaltavam os prados, em harmonias vagas que as brisas transportavam de selva em selva, que as aves escutavam atentas e os ecos repercutiam sonoros.

Nestes dias assim sente-se palpitar de vida a natureza inteira.

Por toda a parte se realiza um génesis. No solo é o grão que germina; nos troncos as novas folhas que brotam; nos ramos as flores que desabrocham; nas águas, nas florestas, nos vergéis, nos ares, uma jovem e inquieta geração de aves e de insetos que surge, animando tudo com os seus magníficos concertos, com as valsas incessantes e rápidas, iluminadas por um sol vivificador:

É contagiosa esta alegria da natureza.

O coração recebe o impulso dela.

A vida tem então também a sua inflorescência. Nesta quadra as ilusões, as esperanças, as mais puras e ideais conceções de fantasias exaltadas pululam, como as boninas na relva; a alegria, os risos e os prazeres refletem-se nos rostos, como a luz do arrebol nos cimos dos outeiros; ama-se melhor, perdoa-se melhor, e a poesia e os cânticos saem tão espontâneos, como o trinado dos pássaros de entre a folhagem dos pomares.

A fisionomia das cidades perde também então um pouco da sua habitual gravidade. O vento que lhes vem dos arrabaldes inocula-lhes este fermento de folgazão regozijo. A Primavera desinquieta-os, sedu-los, atrai-os, a esses soturnos cidadãos, e a população urbana transborda nas aldeias circunvizinhas.

Os mais sisudos burgueses, que durante o Inverno, revestidos da gravidade do seu paleta, e confiando os pés à impermeabilidade dos seus sapatos de guta-percha, passavam sérios e ponderosos, cortejando-se com irrepreensível compostura, agora vestidos de linho, de chapéu de palha de forma pastoril e leveza que não era de esperar da sua idade e posição, seguem, prazenteiros, caminho do campo, contando anedotas de índole pouco edificante, fazendo sentir o sabor do sal, não absolutamente ático, que as tempera:

recordando as mais atrevidas coplas da Maria Cachucha, acompanhadas de exibições coreográficas de fazerem estalar de riso a parte feminina do rancho que capitaneiam.

É a época do esplendor dos «bons retiros» campestres. Mas em 1852, alguma coisa havia, além da costumada influência da Primavera, a sobressaltar a laboriosa população do Norte do reino. A antiga província de Entre Douro e Minho mostrava o que quer que era extraordinário no alvoroço e geral agitação, que por toda ela ia.

No Porto trabalhavam com azáfama as modistas, os alfaiates, os sapateiros, as luveiras e os doceiros; enchiam-se a deitar por fora as hospedarias; espanavam-se, como em dia de procissão, as varandas, a cujos pacíficos aracnídeos se declarava guerra de extermínio; lavavam-se as vidraças, caiavam-se as fachadas, e, graças a esta limpeza geral que se fazia nas casas, os passeios tornavam-se intransitáveis. Ruas e largos eram calçados com uma atividade sem análoga nos fastos do município. As sessões extraordinárias do excelentíssimo corpo camarário não permitiam um momento de repouso aos preocupados edis.

Uma população exótica das províncias, trajando de uma maneira incrível, acotovelava-se nas praças, e, extasiada diante das

exposições de ouro da Rua das Flores dificultava a passagem ao cidadão portuense, cuja proverbial celeridade era desta vez, por força maior, modificada. A guarnição militar da cidade limpava e envernizava as correias e estudava o exercício, e nos quartéis de Santo Ovídio, S. Bento, Cano e Torre da Marca ressoava de contínuo a música marcial das bandas que se ensaiavam.

Na Rua das Flores e à entrada das Hortas erguiam-se arcos triunfais de madeira e lona e de uma arquitetura problemática; no cais da Ribeira construíra-se um pavilhão de duvidosa elegância; no centro da Praça de D. Pedro terminava-se um obelisco, diversamente comentado pelos cadeirinhas do passeio do poente, pelos políticos do sul, pelos vigias e empregados municipais do norte, e do lado do nascente pelos grupos de elegantes, e literatos, que então estacionavam nas imediações do Guichard, aquele café que há de merecer uma menção honrosa na história da literatura portuense, se alguém se lembrar de a escrever um dia.

À entrada dos Aloques... — mal agourada procedência — montava-se o primeiro gasómetro que viu a cidade invicta, destinado a iluminar a gás uma árvore alegórica, em que se trabalhava a toda a pressa no Alto da Rua de S. João.

Este movimento não ficava concentrado entre os limites das barreiras, estendia-se para o sul a Vila Nova de Gaia, onde, no alto da Bandeira, se construíra também um arco e por toda a estrada de Lisboa até além de Grijó; para o norte também a tranquila vida da província havia sido alterada. Desde os fidalgos que lavavam os brasões das suas armas e reformavam as librés desbotadas dos criados, até o aldeão, que tirava do fundo da caixa meia dúzia de cruzados novos, cuja integridade e boa conservação eram dignas daquelas dinheirosas épocas de D. João V que os mandara cunhar; todos, mais ou menos, participavam deste geral alvoroço.

É tempo de dizermos o motivo de tanta e tão excecional agitação destes estranhos preparativos de festa, se é que o leitor o não tem já descoberto. O motivo era efetivamente para todos estes resultados.

As províncias do norte, que muitos anos havia não tinham visto um monarca, preparavam-se para receber e saudar a virtuosa filha do valente Soldado, de cuja gloriosa história aqui se tinham escrito as páginas mais brilhantes e simpáticas.

No espaço de vinte anos o Porto, e o Norte do reino, assistira a muitas revoluções, passara por muitos sacrifícios, defendera a todo

o transe o estandarte da liberdade, plantado pelas suas mãos nas memoráveis areias do Mindelo; acontecimentos políticos, quase que sem análogos na história das nações, observara-os o Minho, e nesse sentido já de pouco se podia admirar, mas desafizera-se da vista da realeza; era para toda esta boa gente quase um espetáculo novo.

Os mesmos soldados de D. Pedro não estavam habituados a ela. Era o duque de Bragança, o coronel de Caçadores 5, que militara ao seu lado, e não o rei ou o imperador, que antes de desembainhar a espada e subir com os mais bravos às trincheiras do Porto, havia deposto o cetro e as duas coroas, e despido os arminhos e a púrpura real.

O geral do povo fazia dos emblemas da majestade uma ideia fabulosa.

O manto de S. Luís, da igreja dos Franciscanos, era um acessório, sem o qual não se podia conceber um rei, e de antemão preparavam-se para admirarem o esplendor e a preciosidade da coroa de ouro, que devia cingir a cara da soberana.

A multidão, como sempre e em toda a parte, atraída pelos espetáculos novos, aglomerava-se à borda das estradas por onde

devia passar a real comitiva. Pinhas de cabeças infantis rompiam por entre a folhagem dos álamos do caminho; as cobertas de damasco e as colchas de chita ramosa adornavam as janelas, onde se encaixilhavam curiosos e pitorescos grupos de fisionomias dos mais diversos aspetos, rindo, berrando, gesticulando, pasmando; as câmaras municipais estavam a postos, tendo em punho os formidáveis e irresistíveis documentos da sua eloquência; o presidente suava; o regedor decretava, e os cabos de polícia passeavam a sua autoridade por entre as turbas que se afastavam respeitosas.

De vez em quando, uma nuvem de poeira ao longe, um coro desafinado de vivas infantis punha tudo isto em alvoroço, ferviam os cotovelões, distribuíam-se com profusão as trilhadelas, assobiava-se, gritava-se, berrava-se, imitavam-se as vozes de todos os animais possíveis e impossíveis, esqueciam-se as conveniências; um espectador pacífico sentia-se literalmente montado pelo vizinho, e vingava-se, procedendo de igual sorte, com o que lhe ficava diante; a população subia até aos telhados, pendia, como cariátides, das telhas e das cornijas; os camaristas sacudiam com os lenços o pó das suas botas excecionais e começavam a tirar os chapéus, o

presidente começava a desenrolar, com a gravidade que o caso pedia, o monumental discurso...

Tudo em vão!

Era a carruagem de um proprietário das imediações, o qual seguia para o Porto, onde tinha um peitoril à sua espera e um lugar no teatro para essa noite.

Estes rebates falsos sucediam-se a miúdo. Desde o princípio da manhã a vereação estava esperando!

Afinal chegava o cortejo. Os foguetes estouravam com um estampido digno do município; os vivas elevavam-se num crescente ameaçador; uma nuvem de crianças precedia os batedores; tudo falava na sua passagem, tudo arrastava consigo; o povo pendurava-se às portinholas do carro em que vinha a família real, devorava com o olhar a rainha, o rei e os príncipes, e ficava como que espantado de os ver rir e conversar como simples mortais.

Às vezes, chegado o momento solene, o orador municipal engasgava-se à leitura da felicitação que andava estudando havia um mês. O povo, a arraia miúda, sempre desatenciosa, atropelando então todas as noções de acatamento envolvia os camaristas com

irreverência indesculpável e impedia assim que as suas municipais figuras se destacassem de um modo conveniente.

O cortejo passava, e cada qual ficava fazendo comentários sobre o trajo, o chapéu, o sorrir, os modos, os gestos ou as palavras das suas majestades e altezas.

E isto se reproduzia, quase invariavelmente, em todos os pontos da estrada até ao Porto, onde cenas não menos curiosas se passaram então.

A agitação, que, segundo já dissemos, havia muitos dias alvoroçava a cidade, subira de ponto à medida que o telégrafo noticiava a chegada dos reais viajantes às terras mais próximas deste heroico baluarte das liberdades pátrias. — Era assim que os poetas e os jornalistas chamavam ao Porto nas odes e artigos que estavam elaborando para a ocasião.

Na manhã da véspera tinham começado a rodar, em direção aos Carvalhos, as carruagens e trens das principais personagens da cidade a esperar suas majestades e altezas, que na noite desse dia ali repousaram. Para lá estava ainda o governador civil, o general da divisão, e vários titulares antigos e recentes, bem como uma turba muito maior de aspirantes a titulares; viam-se passar a todo o

momento as deputações de vários corpos coletivos que corriam a felicitar os augustos hóspedes. As casacas, as gravatas e luvas brancas, as fitas dos hábitos e comendas, as fardas agaloadas, os chapéus armados perpassavam, como brilhantes e rápidos meteoros, perante os olhos curiosos dos peões que, depois de cortejarem os seus possuidores, lhes ficavam redigindo uma biografia digna de Tácito pela severidade.

O dia estava sereno e límpido. Um noticiarista pôde escrever, esfregando as mãos por ter de empregar um pensamento sempre novo: — Dir-se-ia que até o tempo, ostentando o seu brilho e galas, quis manifestar alegrias confundindo as suas homenagens.com o regozijo público.

A ansiedade geral tocava o seu auge. Ás onze horas da manhã interrompiam-se todas as transações comerciais. Fechavam-se as lojas, como em dia santificado. Os pais de família conduziam já a fascinadora prole para as sacadas do amigo, que tinha a infelicidade de morar num a das ruas do trajeto, e indiretamente arrastavam atrás de si, sem o saber, uma corte mais ou menos numerosa de fascinados.

Os corpos da guarnição marchavam ao som das músicas marciais, estimulavam o entusiasmo da população. Precedia-os uma turba tumultuosa de garotos, que se voltavam seduzidos pelo brilhantismo das fardas de grande gala e pelas evoluções do tambor-mor. No cais da Ribeira, onde afluíam os curiosos de todos os lados para assistirem ao desembarque e à cerimónia da entrega das chaves, a multidão era compacta, a ponto de dificultar a trânsito das carruagens dos vereadores e as manobras dos batalhões do cortejo.

Era um oceano de cabeças, ruidoso, agitado, ameaçador! Donde como de um pandemónio, partia a gargalhada, o grito, a aclamação, o insulto, o apupo, a ameaça, os vivas e os morras que a curiosidade revolvia, e fazia ondular em grandes e impotentes marés. O Douro, coalhado de navios, barcas, lanchas, escaleres e canoas embandeirados, e refletindo nas suas águas, então serenas, a ponte pênsil, toda adornada de flâmulas e galhardetes, oferecia um aspeto risonho e festivo, que lhe não é habitual.

Ao meio-dia as salvas de artilharia, o estourar das girândolas, e o repique dos sinos, comunicando uma violenta comoção às turbas impacientes, anunciavam que a sua majestade chegara ao alto da Bandeira.

Meia hora depois desembocando da estreita e tortuosa Rua Direita na praia de Vila Nova, ao som dos vivas dos nossos vizinhos de além-Douro, correspondidos pelos dos portuenses, o cortejo real encaminhava-se para o rio, que, por entre fileiras de embarcações de todo o género, atravessou.

No momento do desembarque, a multidão teve um paroxismo de curiosidade entusiástica, para resistir ao qual a guarnição militar obrou prodígios, que os fastos da polícia portuense deveriam registar. Esta crise durou todo o tempo empregado por o cortejo real em sair dos escaleres e entrar no pavilhão, onde o presidente da câmara pronunciou a felicitação do estilo e ofereceu a suas majestades as chaves da cidade, e só terminou quando de novo tudo se pôs em marcha, observando a pragmática que a etiqueta cortesã instituiu para casos tais.

Os sinos repicavam, os foguetes subiam aos ares, as janelas e varandas vergavam sob o peso dos espectadores, as flores choviam sobre o carro real, flutuavam as bandeiras, as flâmulas e os damascos de diversas cores; o cheiro das espadanas e mais verdes, que juncavam as ruas, completava as aparências de festa. A multidão continuava-se compacta da Ribeira até à Lapa, onde

devia ter lugar o Te-Deum, e da Lapa ao palácio dos Carrancas, da Torre da Marca, ainda então propriedade de particulares.

Estava enfim D. Maria II nos muros da cidade invicta.

CAPÍTULO II

EM QUE TRAVAM CONHECIMENTO ALGUMAS PERSONAGENS DESTA HISTÓRIA

Nós, porém, deixaremos o Porto, justamente na ocasião em que de todos os lados aflui gente para ele, atraída pelas iluminações, paradas, espetáculos líricos e dramáticos, bailes, ceias, lanches e almoços, com que, durante oito dias, se ocupou a população desta invicta cidade, que não desmentiu seus brios de abastada e amante da dinastia.

Os poetas contribuíram com o seu contingente de sonetos, odes, hinos, cantatas e elogios para o esplendor dos festejos.

Nos diários da época mais circunstanciadas notícias do que quantas eu lhes pudera aqui dar, encontrarão os que as desejarem.

O Porto conservou-se em folguedo permanente até os princípios de Maio. Na manhã do dia 5 partiu a corte em direção às províncias do

Norte, indo almoçar a Castedo, onde a câmara de Bouças serviu à família real, juntamente com o almoço, uma felicitação.

Precedendo o luzido cortejo, percorramos a extensão da estrada que vai deste lugar a Vila Nova de Famalicão, onde teremos de nos demorar.

Por toda a parte era movimento e vida!

Por baixo de um sem número de arcos campestres e dos festões de murta e de flores, que adornavam todas estas léguas de caminho, moviam-se e agitavam-se consideráveis magotes de gente da aldeia que, a todo o momento, os caminhos laterais vazavam na estrada.

Os trajos pitorescos do Minho, as cores garridas dos lenços e saias, a alvura das camisas de linho, o brilho dos cordões e das arrecadas, as festas de viola e clarinete acompanhando vilancetes improvisados de alguma cantadeira famosa, davam a toda esta multidão, que se enfileirava de um e de outro lado da estrada ou, acampada em grupos nas devesas e pinhais vizinhos, procedia a apetitosos repastos, complemento de todos os regozijos populares no Minho, um ar de satisfação indiscritível.

De tempos a tempos viam-se passar caleças, cabriolés ou carroções — esse portuguesíssimo veículo, contra o qual o Sr. Ricardo Guimarães soltara já então o fatal grito de extermínio — conduzindo famílias que regressavam, repletas de festejos, à sua casa de província; outras vezes eram correios de secretaria, carroças de bagagem, oficiais da corte encarregados de disposições para o alojamento do séquito real, liteiras com eclesiásticos, militares a cavalo, destacamentos de infantaria e em suma toda essa população que, em tais ocasiões, se vê circular de terra em terra ou por obrigação e oficio ou por curiosidade e prazer.

Foi então que se deu um facto notabilíssimo, que a posteridade acoimará de fabuloso, como nós hoje acoimamos, já não digo as façanhudas proezas do cavalo de Alexandre, mas até, com cena escola histórica, as históricas ações dos sete reis de Roma.

Um dia, o povo portuense viu partir, caminho do Norte, uma legião de cadeirinhas, que, a passo regrado, uniforme, imperturbável e filosófico até, transpôs as barreiras da cidade invicta, para demandar as da augusta Brácara.

Na cara destes beneméritos da humanidade reluzia uma auréola que revelava a importância da missão que iam cumprir assim!

Nunca tão sublimes de estoicismo escutaram as chufas e apupadas dos garotos; nunca tão cônscios da sua importância social guardaram mais solene silêncio, apenas, de vez em quando, interrompido por uma interjeição galega, que o tropeço de um adepto novel desafiara. Com que denodada coragem tomavam o caminho da peregrinação, transportando, com cadenciado movimento, o inseparável veículo!

E contudo o projeto que assim os reunia em bandos era para fazer enfiar os mais ousados.

As façanhas de Hércules não lhe eram superiores; a empresa imposta por Carlos Magno a Hugon ou Huol, do poema de Wieland, não era de mais difícil execução.

Estes destemidos heróis propunham-se a nada menos que a fazer viajar no Gerês — a por 2$400 réis! — toda a corte e a família real!

Que pena que circunstâncias, alheias ao ânimo dos novos e intrépidos argonautas, impedissem por fim a realização desse feito! A humanidade enriqueceria a sua crónica de heroicidades e a águia das serras abateria o orgulho, vendo ao seu lado o cadeirinha, limpando o suor que o nobilitava e pendurando o capote listrado nos

mais altos picos dos rochedos, como o guerreiro vitorioso pendurava na sala de armas a cota, o elmo e o morrião dos combates.

Menos feliz que o Porto, Vila Nova de Famalicão sentia um pesadelo no meio dos seus regozijos. O dia não estava seguro. Grossas nuvens, assopradas do sul, empanavam, de espaço a espaço, a claridade da manhã; aumentavam, corriam e cerravam-se prestes a fundirem-se num a só massa, como para reprimir todas aquelas expansões de entusiasmo festivo.

Junto a um arco de dimensões colossais, flanqueado de um e outro lado por duas altas colunas, e que fora erigido logo à entrada da vila, estacionava a câmara, dignitários e mais convidados para a solenidade da receção. Deste numeroso grupo a todo o instante se erguia uma cabeça para fitar as nuvens, de cujo aspeto e movimento se auferiam vários prognósticos meteorológicos.

— Isto passa, — dizia um velho, cujo pescoço, armado de uma inflexível gravata branca, mal lhe permitia o movimento necessário para fitar o céu.

— Hum! Não sei, — respondeu-lhe um dos vereadores com ar de abatimento. — O vento está do sul.

— Ainda quando tenhamos chuva, é lá mais para tarde. Quando o vento acalmar, pode ser — opinava um terceiro.

— O pior é ser hoje quarto crescente.

— Pois se temos água para a noite, devem ser interessantes as iluminações! — observou um indivíduo, que, tendo sido encarregado dessa parte dos festejos, via a sua glória futura ameaçada de se evaporar, ou, mais propriamente, de se fundir na inundação que receava.

— Uma coisa assim! — suspirava um, lembrando-se do chapéu novo que estreara.

— Vão-se demorando! — respondia-lhe outro, a quem a incómoda construção de umas botas de polimento tomava impaciente.

— Faz-se-me tarde para o jantar, — retorquia-lhes um velho, consultando o relógio e dando a entender num a visagem expressiva que este adiamento era o máximo sacrifício que podia fazer à realeza.

E com os ânimos assim dominados pela impaciência ou pelo receio, uns bocejavam, outros assobiavam, outros passeavam e todos

estendiam a vista pela estrada, a descobrir vestígios do que tão ardentemente esperavam.

De repente um som distante de morteiros e foguetes veio aumentar-lhes a ansiedade.

Chegara enfim o momento?

Tudo se pôs a postos. Erguiam-se nos bicos de pés e estendiam os pescoços.

De facto, passados alguns momentos mais, assomava no extremo da estrada, onde convergiam todos aqueles raios visuais, um cano de grandes dimensões e de formas ainda não conhecidas ali, que, puxado por mais de uma parelha e envolvido num turbilhão de poeira, se aproximava a toda a brida do lugar donde o observavam estes ansiosos espectadores.

— Aí estão — disse um dos camaristas, conjeturando que não podia deixar de ser real um tão estranho meio de locomoção.

E, a um sinal dado, o morrão aproximou-se dos foguetes aprestados, e uma salva de girândolas subiu aos ares, quando o referido carro parava junto do arco triunfal.

Estava dado o alarme na povoação.

A câmara aproximou-se da portinhola.

Oh, desapontamento! Em vez do que esperavam encontrar, apenas depararam com meia dúzia de fisionomias, que os olhavam sorrindo, como se compreendessem e saboreassem o equívoco.

Caíram então em si.

Era uma das diligências da companhia Viação Portuense, que escolhera aquele dia solene para inauguração das suas viagens.

Não inventamos. Os viajantes que receberam nesta jornada um acolhimento de príncipes, eram pela maior parte desta cidade, e ainda hoje não terão por certo esquecido a honraria que um engano lhes proporcionou.

Quando o presidente, chegando ao cano, se preparava talvez para recitar os primeiros períodos da sua alocução, deu de chapa com o rosto rubicundo e jovial, que, surgindo a um dos postigos, disse para os circunstantes:

— Guarda dentro, guarda dentro, e à vontade. Safa! Não se pode viajar incógnito por esta terra.

Os espectadores fizeram uma certa careta expressiva porque tinham reconhecido a pessoa que assim lhes falava.

— Então isso faz-se, José? — disse-lhe em tom de amuo um dos enganados.

— E célebre! — continuava este, e depois de descer do cano e recebendo de um criado o saco de viagem. — É célebre! Viemos em triunfo! Nunca imaginei que me estavam reservadas estas glórias! Com que preparavas-te para me recitar a tua felicitação, não é assim? — dizia para o orador municipal, que começava a achar graça ao sucedido. — Escapámos de boa, meus senhores — disse depois para os seus companheiros de jornada — escapámos de boa! A eloquência de município! Que pesadelo! E os foguetes? Com os diabos! Esgotaram a provisão? Depressa! depressa! Olá, João das Pipas, acende outra vez o morrão, meu homem. Perdeste o teu tempo e a tua ciência. Mas não tem dúvida. Vocês, sem querer, saudaram um grande acontecimento — a inauguração da Companhia Viação Portuense, da qual eu possuo vinte e três ações. Não sabem o que saudaram com esses foguetes? Saudaram o Minho, saudaram Braga, saudaram o progresso, os melhoramentos desta nossa terra, o engrandecimento da província, do comércio e da agricultura. Não vos arrependais, meus amigos: não choreis o dinheiro do município, que estourou agora nos ares. São de bom agouro estes estouros. São palmas dadas a um grande

cometimento. Não estivesse eu com fome, que vos dissera já aqui quanto há a esperar desta caranguejola em que eu vim mais estes cavalheiros, meus amigos, de quem me despeço hoje, porque já agora aproveito a ocasião para ir a Barcelos na comitiva real. Pensai vós nisto, e dai por bem empregada a pólvora que consumistes. Todavia ponde-vos outra vez a postos, que as suas majestades não tardam, e preparai também os guarda-chuvas, porque já sinto cair as primeiras pingas.

E, terminando este aranzel, que os circunstantes escutaram com um sorriso nos lábios, o jovial acionista da Companhia Viação Portuense dirigiu-se, a correr, para a estalagem vizinha.

O seu prognóstico era verdadeiro. A chuva começava a cair; e quando os coches reais entraram na vila era já tal a cópia de água, que não pararam para se ler a felicitação camarária, e seguiram imediatamente para a casa do Exmo. Sr. António Emílio Brandão, onde a família real tinha de pernoitar.

Estava em maré de infelicidades a câmara de Vila Nova de Famalicão.

No entretanto o indivíduo que vimos sair da diligência, fazendo alarde do desapontamento dos seus amigos de Vila Nova, subia

apressado os lanços da escada da hospedaria.

Era um velho baixo e magro, mas todo viveza e atividade, de uma fisionomia aberta e expansiva, olhos penetrantes e lábios habitualmente risonhos.

Trajava vestuário de jornada, e mostrava claramente em certas particularidades do seu equipamento de viagem, não ser noviço nestas empresas.

Trauteando um dos muitos hinos com que, durante os dias que passara no Porto, tivera vagar de encher os ouvidos, avançava a dois e dois os degraus, seguido do criado que lhe trazia as malas.

No primeiro patamar encontrou-se frente a frente com o dono da hospedaria, que se descobriu ao avistá-lo.

— Olá! Viva o patrão. Passasse muito bem. Quero um quarto para esta noite.

O estalajadeiro fez uma visagem de embaraçado.

Então? Vamos, adiante. Mostre-me um quarto, que tenho pressa.

— Mas... Valha-me Deus, Sr. José Urbano... E que eu não tenho nenhum quarto que lhe dê.

José Urbano fez um gesto de espanto, e pôs-se a olhar fito para o seu interlocutor.

— Com os diabos! Sr. Manuel! Você esquece-se que está falando com um dos mais assíduos fregueses da sua baiuca?

— Não, senhor; mas é que eu não podia adivinhar que Va Sa chegava hoje e pretendia ficar aqui. Aluguei todos os quartos que tinha.

— Sr. Manuel! Olhe que eu sou José Urbano de Melo Ribeiro, e nunca na minha vida dormi uma noite ao relento. Arranje-se como puder; mas eu não saio daqui.

— Mas que quer Va Sa que eu faça! Eu, se soubesse...

— Não tem desculpa nenhuma. Um homem conta sempre com um amigo.

— Mas nestas ocasiões...

— Pois nestas ocasiões é que se agradecem os favores. Então!

Decida-se. Eu quero hoje ficar em Vila Nova. Parto amanhã para Barcelos. Não desejo incomodar nenhum dos meus amigos que estão já abarrotados de hóspedes. Veja se me quer deixar numa

situação crítica. Tinha graça! Não saio daqui ao poder que eu possa...

— Valha-me Deus! — disse o estalajadeiro, coçando a cabeça.

— Deixemo-nos de lamentações. Se você não é homem de expediente, eu vou por aí pedir a esses inquilinos que me cedam metade do seu quarto. Alguns hão de concordar. Com os diabos! porque não? Eu arrancho sofrivelmente a uma partida de stromboy ou voltarete ou de damas e gamão, e ainda não sou dos piores companheiros. Vamos lá.

Quando José Urbano acabou de pronunciar estas palavras, abriu-se por detrás dele uma porta, junto da qual se travara esta altercação, e um velho, de aparência marcial, vestido de um amplo capote ou sobretudo de mescla agaloado de vermelho e com botões de metal, e cabelo cortado à escovinha, se intrometeu na discussão, dizendo para José Urbano:

— Aqui tem um que lhe aceita a companhia, se lha propuser e estiver disposto a aturar um velho soldado, que por certo o não poupará à narração de uma das suas campanhas.

José Urbano voltou-se. Achava-se na presença de um soberbo tipo de velho oficial, que desde logo lhe agradou.

Era uma figura, cuja cor e carnação revelavam saúde e robustez; bigode espesso e alvíssimo, umas certas rugas ao canto dos olhos, características de bom humor; porte airoso, movimentos fáceis, cabeça ereta; peito saliente.

— Bom! — disse José Urbano, intimamente satisfeito. — Eu logo vi que não estávamos em terra de bárbaros. Aceito, general, e agradeço.

— Devagar, devagar, meu ilustre amigo. Não posso com a patente. General! Safa! Como vai depressa! Major, major, e graças à febre promotora da Regeneração.

— Major! — disse José Urbano, instalando-se sem mais cerimónia no quarto do seu inesperado companheiro. — Como é isso? Apre! Que tem andado a passo, meu salvador Major!

— Que quer? Servi junta do Porto em 1846. Está explicado o atraso.

— Hum! Então é dos meus! Está na presença de um patuleia. Fique desde já sabendo.

— Folgo imenso.

E os dois apertaram novamente as mãos.

— Tirou-me de apertos, major — continuou José Urbano, revolvendo as malas. — Entre parênteses, não repare se eu, compensando de alguma sorte a incúria dos governos, lhe chamar às vezes general.

— Chame-me o que quiser.

— Tirou-me de apertos, dizia eu. Imagine que esse desalmado do estalajadeiro me queria deixar sem quarto. A mim, que todos os meses lhe deixo aqui ficar alguns cruzados novos em troca de uns bifes de cebolada que me dá a tragar. Olá, rapaz, traz-me cerveja inglesa — exclamou para um criado que atravessava o corredor — Bebe cerveja, major?

— Para lhe falar verdade, meu caro amigo, nunca fui afeiçoado a essa bebida de ingleses e flamengos. Lembra-me o tempo de emigração.

— Ah! emigrou também? Olá, rapaz, vinho do Porto.

— É para mim que o pede? Por quem é! Eu já não bebo antes de comer. Foi tempo.

Está como eu. Rapaz, bifes de cebolada.

— Com os diabos, senhor... como lhe hei de chamar?

— José Urbano, um seu criado.

— Meu caro Sr. José Urbano, veja que para jantar ainda é cedo.

— Chame-lhe lunch, chame-lhe o que quiser O essencial é que eu coma. Em todo o caso... Rapaz, queijo londrino. Dá licença que me ponha à vontade, general?

— Sem cerimónia. Está no seu quarto.

José Urbano não esperou nova autorização; vestiu um robe-de-chambre de chita, pôs um boné, calçou uns sapatos de tapete, que tirou da mala, e começou a fazer os preparativos para se barbear.

O major, acendendo um cigarro, observava-o com visíveis mostras de satisfação.

— Então, com que o general ou o major veio com alguns dos duques, não é verdade?

— Rigorosamente falando, eu vim só. Há muito que desejava percorrer o Minho. Pedi licença em Lisboa, e aproveitei esta ocasião para levar a efeito esta visita.

— Não conhece a província.

— Ora! como as minhas mãos.

— Visto isso, não tem roteiro marcado?

— Senão o instituído por mim próprio. Quero abraçar alguns velhos camaradas e tomar a ver certos lugares.

— Segue para Barcelos amanhã, não é assim?

— Não; vou primeiro a Braga.

— Diabo!

— Que é?

— Sinto não estar lá para o receber na minha casa.

— Agradecido.

— Talvez ainda nos encontremos. Demora-se?

— Veremos. Pode ser.

— Então é provável. Apressarei os meus negócios.

— É de Braga?

— Resido lá.

— É negociante?

— Às vezes. Quando me faz conta. Quer dizer, quando vejo probabilidades de bons resultados. No caso contrário vivo dos meus capitais. Cultivo a minha horta, enxerto as minhas fruteiras, e uma vez ou outra, por desfastio, trabalho em eleições. Assim vou vivendo.

E com estas conversas pouco e pouco se foi estabelecendo a mais íntima familiaridade entre os dois: dentro de alguns minutos mais estavam um em frente do outro, prestando a devida homenagem ao talento culinário do Vate! da estalagem, manifestado num beef de cebolada, que teve as honras de bis.

Não os distraiu o estrondo dos morteiros, os hinos marciais e o murmúrio da populaça, que a chegada dos reais viajantes ocasionara nas ruas.

Acabada a refeição, José Urbano, que continuava a pôr de parte toda a cerimónia, dirigia ao major uma pergunta que envolvia uma intenção, evidente para o major.

— Não costuma dormir a cesta, coronel?

— Quase nunca, e hoje muito menos. Tenho de visitar o duque de Saldanha.

— Nesse caso não se constranja. Vá, vá. Eu dormirei, porque, para lhe falar francamente, ando muito falto de sono. Estes dias passados no Porto arrasaram-me. Na quinta-feira estive em S. João: representou a companhia dramática; recitaram os poetas. Na sexta fui ao baile da assembleia. No sábado voltei ao teatro; cantou-se a Lucrécia Bórgia. Na segunda fui ao baile da Feitoria... num a palavra, não me tenho em pé. Até logo, general ou major, até logo. E verdade! Como se chama?

— Clemente Samora.

— Clemente! Tem graça. Esquisito nome de militar Adeus, adeus.

E os dois separaram-se; José Urbano para se entregar às delícias de uma sesta que se não fez esperar; o major Samora para descer à rua, onde vários grupos de oficiais, chegados ultimamente, estacionavam.

Não havia muito que ali chegara o major, quando o chamou à parte um alferes ainda jovem e imberbe, de compleição delicada,

elegância irrepreensível e mãos aristocráticas, e ocupado a calçar uma luva de pelica com o mesmo escrupuloso cuidado que empregaria na plateia do teatro de S. Carlos.

A figura do recém-chegado, que a julgar pelas aparências, dir-se-ia mais própria para adornar os salões da capital ou os passeios do Chiado, e para ostentar garbos nas paradas, do que a pernoitar em bivouas, vencer marchas e contramarchas, e dirigir uma carga de baioneta, contrastava com o ar marcial do major, que o seguia a passos vagarosos, revelando o hábito de cavalgar e talvez um princípio de reumatismo, que a vida de campanha lhe granjeara para a velhice.

— Não é verdade que tenciona seguir para Braga, amanhã, major?

— E, sim. Porque o pergunta? Posso ser-lhe útil?

— Ofereço-lhe a minha companhia.

— Como! Pois não segue o cortejo?

— Não; o duque da Terceira encarregou-me de uma mensagem para o comandante do 8. Parto amanhã.

— Estimo. Faremos uma bela jornada. e a sua mãe?

— Segue ainda para Barcelos; depois parte para a quinta do Coural, cujos proprietários prometeu visitar. Esperam-na.

— Vai negociar o seu casamento, Filipe; aposto. As filhas desse capitalista são ricas e interessantes, dizem.

— Que importa? A minha mãe sabe que para eu começar a odiá-las bastava suspeitar que se tramava essa conspiração matrimonial. Mas descanse. As raparigas julgo que até estão prometidas a não sei que fidalgos do Minho.

— Então amanhã conto consigo?

— Sem falta.

— Eu moro na hospedaria. Acolá. E por sinal que tenho por companheiro de quarto um originalão. E verdade, se puder, apareça-nos esta noite. Jogaremos uma partida de voltarete.

— Pode ser. Até à vista.

— Até à vista.

As nove horas da noite ia grande rumor no quarto do major Samora.

Este, José Urbano e Filipe de Rialva — que assim se chamava o jovem alferes, com quem acabamos de tomar conhecimento —

jogavam uma partida de voltarete, a qual José Urbano acompanhava de observações críticas e sonoras exclamações.

A exigências suas, flanqueava a mesa do jogo uma boa provisão de bolacha, charutos e garrafas de Xerez e Porto, que concorriam em grande parte para o carácter ruidoso da partida.

José Urbano estava infeliz ao jogo. Rialva recordava-lhe, sorrindo, o velho adágio que lhe prometia felicidades nos amores.

José Urbano torcia o nariz à alusão.

— Não, meu caro amigo, — exclamava ele, bebendo um cálice do Porto — desse achaque estou eu livre. Curti o coração ao sol do Rio de Janeiro e nas roças do sertão. Essas enxaquecas já não têm presa em mim.

— Vamos, Sr. José Urbano, — continuava Rialva — se quiser ser franco, talvez tenha que nos contar Um episódio ameno no meio desse viver árido que diz.

— E certo, — disse o velho negociante, tomando subitamente um ar de seriedade — é certo que nem tudo tem sido aridez na minha vida. Mas os poucos episódios amenos, como diz, os meus únicos amores... esses... são para mim demasiado sérios para os contar à

mesa do jogo e entre dois goles de Xerez. Agora... Bebamos em honra da Carta Constitucional — exclamou, ao ouvir romper por baixo das janelas da hospedaria esse hino popular executado por uma filarmónica da localidade.

— Apoiado — respondeu o major, erguendo o cálice.

Rialva fitou por algum tempo José Urbano.

— O que se não conta a uma mesa de jogo, — disse passados alguns momentos nesta contemplação — poderá contar-se um dia, dadas outras circunstâncias.

— Decerto — respondeu José Urbano.

— Bem; nesse caso... Em honra da Carta!

E Rialva associou-se ao brinde.

CAPÍTULO III

CONFIDÊNCIAS RECÍPROCAS

Na tarde do dia seguinte, a laboriosa vila de Famalicão, tão alvoroçada e festeira na véspera, mostrava um ar, não dissimulado, de abatimento e de tristeza. Com as primeiras alvoradas desvanecera-se todo o fantástico efeito das iluminações da noite.

O sonho terminara, durava o desgosto do acordar.

As colunas luminosas, os arcos cintilantes, os esplêndidos obeliscos apresentavam-se agora em toda a sua prosaica realidade de madeira pintada, lonas enodoadas, flores murchas, e verdura defumada e sem viço. Os copos e as laranjas de azeite, que, sob o prestígio da luz, horas antes atraiam com força irresistível as vistas da multidão, já não desafiavam senão o tédio.

Raiara a luz verdadeira, e os falsos astros, apagando-se, mostraram tudo o que eram. Quantas glórias, como eles, que no meio das

trevas ofuscam, não resistem aos primeiros clarões de um real alvorecer!

Os restos e destroços dessas máquinas de festa ali estavam expostos às fantasias, aos caprichos e espírito aniquilador dos gaiatos, que os apedrejavam agora: de todos os esplendores que desmaiam, de todas as reputações que periclitam, as turbas costumam tirar destas vinganças, pelo entusiasmo e delírio em que momentaneamente as arrebataram.

O desalento parecia nem dar ânimo para remover essas últimas, deterioradas e quase repelentes memórias dos regozijos findos. Compreendo aquele sentimento.

Eu não sei de nada mais triste do que o terminar de todas as festas.

Em criança arrasavam-se-me de água os olhos quando assistia ao desfazer do presépio que, em honra do Menino Deus, se armava na minha casa pelo Natal.

Cerrava-se-me o coração de melancolia, ao ver guardar outra vez na arca — e por um ano! — o Menino, Nossa Senhora, S. José, os grupos dos pastores, a vaca, o jumento, os três reis, os anjos e todos os mais acessórios do pitoresco santuário, diante do qual,

nesses quinze dias, se rezava a coma em família e se cantavam as loas da ocasião! Amargo dia de Reis, último desta abençoada quinzena, já te não via assomar sem que se me enevoassem aquelas puras alegrias infantis. Que não encontrásseis mais estorvos pelo caminho, venerandos Magos! Que aquela milagrosa estrela, que vos trouxe a Belém, vos não fizesse errar mais tempo antes de lá chegardes! Fatal 6 de Janeiro! com o teu anoitecer, anoitecia-me o coração. Voltava a vida normal, voltavam os bancos das aulas, a aritmética, a caligrafia, oh! a caligrafia sobretudo tão associada à férula do mestre-escola! e o que era pior que o mais — acabava naquela santa comunidade, em que durante quinze dias vira a família; o lar doméstico já não oferecia o alegre tumulto e desordem, em que velhos e crianças tomavam parte, esse ruído e confusão que tão fundo calava no coração de todos. A solenidade que nos reunira sob o mesmo teto, que nos fizera viver a mesma vida, ia acabar. Nós, as crianças, chorávamos às claras na despedida; mas suspeitávamos que as nossas lágrimas tinham companheiras envergonhadas. Quantas vezes surpreendíamos segredos de comoção, que nos redobrava o choro!

Suspeitava-o eu então, mas acredito-o agora que, apesar de na idade em que a lei autoriza a não me considerar criança, ainda não

sou superior a cenas daquelas.

Se ainda hoje experimento uma sensação desagradável ao entrar num teatro vazio, assistindo ao findar de uma romaria, ouvindo as derradeiras notas de uma valsa na última noite de carnaval! A transição do movimento para o repouso é como uma imagem do pensamento!

As vezes, nesses momentos solenes, há convulsões até como as da agonia. Nem outra coisa é a vertigem da última valsa.

E tanto isto se dá comigo, que só o considerar no estado de desanimação em que, depois da partida dos augustos viajantes, ficou a vila do Minho, onde se passaram as cenas do capítulo anterior, me arrastou por divagações pouco alegres, que talvez fossem avivar ao leitor memórias adormecidas, cujo delicioso pungir nem todos me perdoarão.

Mas o facto era que, ou por abatimento moral ou por cansaço físico, o povo de Famalicão não andava na rua aquela tarde.

À porta da hospedaria, onde contraímos conhecimentos, que teremos de cultivar, estacionavam apenas alguns raros ociosos que se entretinham a contemplar, com olhos de entendedores, dois

soberbos cavalos de raça de Alter, que um soldado segurava pelas rédeas. Os nobres animais, ansiosos por partir, mordiam com impaciência os freios polidos, resfolgavam, sacudiam as clinas, escarvavam com as ferraduras as pedras da calçada, e expeliam dos beiços inquietos flocos de fumegante espuma.

Pelo selim e arreios que os ajaezavam conhecia-se pertencerem a militares, e igual corolário se tirava da aparência bélica do palafreneiro contra cuja astuciosa impassibilidade, e calculado laconismo, se tinham vindo quebrar as mais inquisitoriais interrogações dos curiosos do grupo.

O manhoso soldado, depois de ter feito ampla provisão nos cigarros que, para o humanizar, um de mais expediente lhe oferecera, limitara-se a responder por monossílabos, pouco de satisfazer, aos quesitos sobre o preço, as manhas, a sustentação, o tratamento dos quadrúpedes, e em seguida sobre a hierárquica posição, merecimento e mais partes que concorriam na pessoa dos seus proprietários.

Com ciência superior foi sustentado este jogo até que o tinir das esporas de alguém que descia as escadas pôs fim às interlocuções.

Os grupos dispersaram para dar praça aos viajantes; o soldado preparou as rédeas e fez a continência que, na posição em que estava, lhe era possível fazer.

Seguidos pelo estalajadeiro, que se desfazia em barretadas, assomaram ao patamar os dois oficiais.

Não surpreenderei por certo o leitor, dizendo-lhe que eram os nossos conhecidos, o major Clemente Samora e o alferes Filipe de Rialva.

Depois de dirigirem ao estalajadeiro um gesto familiar e cortejarem os curiosos que se descobriam, os dois, tomando as rédeas da mão do soldado, montaram com agilidade e partiram a passo em direção ao norte. Os espectadores seguiram-nos por muito tempo com a vista e ficaram fazendo comentários sobre o jogar das dianteiras dos cavalos, seus merecimentos absolutos e relativos, e sobre as qualidades, posição oficial e até a missão de que poderiam ir encarregados os cavaleiros.

Estes caminharam por muito tempo silenciosos.

O major, deixando correr a vista por todos os pontos da paisagem lateral à estrada, pelas veigas, almargens, devesas, pinhais de um

ameno e delicioso panorama do Minho, dir-se-ia ressentir uma violenta comoção interior, como se lhe fossem conhecidos aqueles sítios, e lhe estivessem evocando memórias de outros tempos com toda a inquieta turba de saudades, que, de ordinário, as acompanham.

Filipe de Rialva tomara também uma expressão de seriedade melancólica, que, lhe não era habitual.

Só a preocupação própria é que podia fazer com que cada um não estranhasse a do seu companheiro, e não procurasse devassar-lhe a causa.

Houve uma ocasião em que Clemente Samora chegou a suspirar. Era isto nele tão extraordinário, tão pouco dado a estas melancolias era o velho militar, que Filipe de Rialva saiu enfim da sua abstração ao escutar este suspiro, e olhou admirado para o seu companheiro de jornada.

Foi só então que reparou no ar de tristeza que as feições acentuadas e expressivas lhe refletiam naquele momento.

— Que é isso, major? Se me não enganei, ouvi-o agora suspirar — disse o alferes, dando um certo entono jovial à interpelação.

O major conservou-se algum tempo calado, depois respondeu, afetando indiferença:

— Que quer você, Rialva? O meu reumatismo não se esquece de me dar de vez em quando notícias suas.

— Ai, major! major! a não descrer muito da minha experiência na matéria, aquele suspiro não era desafiado por uma dor articular.

— E então que quer dizer com isso? Vejo-o com ares de quem me supõe apaixonado. Olhe bem para mim, Rialva. Acha-me com cara de poeta erótico ou de galã de romance? Na minha idade!

— Um militar é sempre jovem, major É aforismo de quartel. O coração não teve tempo de envelhecer no campo da batalha.

— Mas contrai outros hábitos e afeições por lá, e perde essa extrema inflamabilidade, que ameaça a de pessoas, como você, de continuados incêndios. O meu não está sujeito àquelas enxaquecas de que ontem nos falava o nosso amigo José Urbano. Se se não curtiu, como o dele, nos calores dos sertões americanos, temperou-se no fogo da metralha.

— Mas aquele suspiro, major?

— Que tem aquele suspiro? Que significa isso? Suspira-se sem motivo também e quantas vezes?

— Oh! mas é um terrível sintoma. Deve confessá-lo.

— Olhe, Rialva, — disse o major depois de alguns minutos de silêncio — vou falar-lhe com toda a franqueza. Não é com indiferença e de ânimo tranquilo que tenho feito esta viagem do Minho. Sabe que militei no Porto. Sabe que, sob o comando de D. Pedro, ganhei muitas das minhas patentes e quase todas as minhas condecorações. A história das minhas cicatrizes está escrita por estes sítios. Os episódios das campanhas gravam-se-nos na memória e deixam saudades sempre. Sinto-as agora e vivas e profundas! Se as sinto! E verdade. Conheço ainda tudo isto! Acodem-me à imaginação coisas que julguei esquecidas para sempre. Lances arriscados, situações difíceis, entusiasmos de vitória, desesperos das derrotas, episódios cómicos no meio dos horrores da guerra, banquetes, onde folgavam e riam, ao nosso lado, muitos que momentos depois estavam inanimados na campa... mil aventuras enfim, pecados velhos, que agora vão recordando com certo travor.

— Pecados velhos também? — disse o alferes, sorrindo.

— Que dúvida? E oxalá que fossem todos leves!

— E não serão?

— Nem todos, Rialva, nem todos. E se tiver de ser franco consigo, talvez que vá prender a um dos mais graves o suspiro de que há pouco você me pediu a explicação.

— Ah! Bem que me parecia que vinha do coração.

— Mas não de um coração namorado e casquilho. Entendamo-nos. Graças a Deus e à minha boa sorte, tenho sido preservado desse mau achaque de velhice. Mas de um coração arrependido... pode ser... é. São remorsos de um mal feito, desejos de o remediar, desejos irrealizáveis agora, e que por isso me serão perpétuos tormentos.

— Repare, major, que está dando às ideias uma direção demasiado sinistra. Nunca assim o conheci apreensivo e lúgubre.

— Tenho por costume não manifestar os meus sentimentos. E pudor de coração que se não quadra com a empáfia militar. Mas, à vista destes lugares, tão cheios de recordações para mim, a comoção foi mais forte do que eu, venceu-me, zombou da minha repressão, transbordou. Já agora deixá-la.

— Confie em mim, major; eu sei compreender esses sentimentos.

— Não sabe tal. Na sua idade não se pensa nisto. Somos imprudentes; mais tarde, demasiadamente tarde é que sentimos o mal.

O alferes, longe de protestar contra o conceito formulado pelo seu velho companheiro, calou-se e pareceu meditar.

— Desde 1843 que não voltei a estes sítios — continuou o major. — Deveres em parte, e em parte o natural descuido de ânimo dos que vivem aquela vida de Lisboa, mo impediram. E, contudo, alguma coisa me devia ter trazido aqui há mais tempo.

— Vestígios de passadas afeições?

— Sim; mas vestígios tristes, vestígios de lágrimas talvez. Entre muitas aventuras da mocidade, eu tive também o meu romance, Rialva. Sossegue, que não gastarei estilo em lho narrar. Eu não me entendo com a vossa literatura de agora. Bem sabe que sou contemporâneo dos sonetos, e por isso abstenho-me de fazer narrações a rapazes que se alimentam de romanticismo puro. Em vez de arroubamentos, e enleios que estão agora na moda, eu

poderia falar-lhe nas clássicas setas de Cupido e nas pouco ideais seduções das três filhas de Vénus.

— Ora vamos, major Quer-me parecer que, ainda que tarde, também se sujeitou àquela vacina, de que fala Garrett, para se preservar das bexigas, as quais, na frase dele, matavam a fazer odes pindáricas e sonetos os rapazes da sua época. Conte-me o seu romance.

— É preciso que lho conte? Pois não o adivinhou já? Não o ia escrever capítulo por capítulo, prescindindo da minha narração? É o eterno romance de um rapaz estouvado que, no meio das suas afeições efémeras, costumado a acreditar na inconstância dos corações, não recua diante de nenhuma conquista; que se julga um profundo conhecedor da humanidade, só porque lhe ignora o seu lado melhor. A quem seduz a fama de um D. João ou Lovelace, e, como esses belos modelos, que pretensiosamente procura imitar, fazendo de todas as mulheres um leviano juízo, joga com as afeições de todas, sem se lembrar que um só coração que sacrifique nesse jogo é pagar muito cara uma distração de rapaz.

— Bravo, major! Nunca me lembra de o ter ouvido falar assim!

— Pois aproveite a ocasião, que talvez seja a última. Eu não gosto de andar a fazer pelo mundo estas profissões públicas de sentimentalismo. Mas a verdade é essa. Na época em que eu vivi por estes sítios... Era eu então alferes como você, Rialva, e igualmente estouvado.

— Agradecido pelo conceito, major.

— Sabe que digo sempre o que sinto. Nessa época contava as minhas aventuras pelos dias da semana, e esquecia-as tão prontamente como elas se sucediam. Já ao terminar a campanha e próximo a partir para Lisboa, pela primeira vez me encontrei com um coração, que me coube em sorte despedaçar. Soube-o tarde, mas soube-o para a minha condenação. Foi uma mulher que, mais que todas as que até então conhecera, me produzira uma profunda impressão. Era uma rapariga que vivia nas imediações de Barcelos só com uma criada, que fora sua ama de leite, e nesse tempo exercia as funções de governanta da casa. A fortaleza não estava bem defendida; pode prever que me não foi difícil a conquista, desde que consegui obter simpatias na praça. Entreguei-me de olhos fechados a todos os prazeres e a todas as consequências

daquele amor Os primeiros pode concebê-los; estas porém talvez lhe transtornassem as previsões que formasse.

Voltei para Lisboa desde que uma paz definitiva se consolidou; e, confesso-lhe francamente, na vida da capital, onde aos vencedores esperavam outras vitórias fáceis, e delícias dignas de Cápua, esqueci-me daquela mulher Lembrei-me tarde. Quando escrevi para Barcelos, pedindo cautelosas informações a respeito dela, responderam-me que a infeliz tinha morrido logo depois da minha partida.

— E o major ficou acreditando que ela morreu de amores!

— Rialva, não se faça cético — disse Clemente Samora, tomando um ar de serenidade. — Não há nada que fique tão mal a um rapaz, do que essa endurecida descrença, que está agora na moda. Com sinceridade, você não acredita que possa haver um amor verdadeiro?

— Acredito, mas julgo-o a civis rara, que só a poucos felizes se mostra.

— Ora adeus! Em todo o caso, se quiser que mais tarde o coração lhe não dê destes momentos de amargura que me está

dando hoje, não se deixe aconselhar por essa descrença. Receie sempre do remorso.

— Remorso! É dura a palavra.

— E verdadeira. Quando em 1846 voltei ao Podo, tremia só em lembrar-me que os incidentes de campanha, que ia empreender, me poderiam levar àqueles sítios, e hoje vê que não sou tão senhor de mim, que domine a comoção que eles me despertam.

Depois destas palavras, que o major efetivamente pronunciou comovido, reinou por algum tempo o silêncio entre os dois.

— Sabe o major que possui um notável poder de catequese? — disse Rialva, passada esta pausa, procurando conservar às suas palavras o tom jovial em que até ali as mantivera.

— Por que diz isso?

— Porque estou quase arrependido de uma pequena aventura, que o ano passado tive nos arredores de Braga, quando, por ocasião dos movimentos militares que se seguiram à Regeneração, me demorei alguns meses naquela cidade.

— Alguma imprudência sua.

— Sossegue, major; eu não sinto grandes apreensões a respeito do caso, porque, como lhe disse, não creio que se mona de amores cá por este mundo, e muito menos que seja eu o destinado para inspirar uma dessas paixões excecionais.

— Mas enfim?

— Vi uma rapariga num convento de Braga...

— E escalou-o, arrombou-o, incendiou-o?

— Não, major E verá, pela narração que lhe vou fazer, que nestas coisas ainda não deixei de ser noviço!

— Ouçamos a narração.

— Que interessantes olhos, meu amigo! Uns olhos que valiam poemas; o rosto de uma cor de pérola fascinadora, e a voz com mistérios de melodia, que a arte ainda não decifrou. Não havia ser-lhe indiferente, major, acredite. O major que fosse...

— Bem, bem, adiante. Fale-me de si, Rialva, fale-me de si. De mim sei eu de sobra o que devo pensar Conheço-me há muito.

— Perdi a cabeça por aquela mulher Não havia dia em que eu não procurasse vê-la, e consegui fazer-me notado. Passando agora

pelos pormenores desta inocente afeição, basta que lhe diga que ela me correspondia. Parece-me que o vi sorrir quando pronunciei a palavra inocente! Mas juro-lhe que é o epíteto apropriado.

— Longe de mim duvidá-lo. Continue.

— Sob o pretexto de visitar a escrivã do convento, que era das relações da minha família, fui admitido à grade, e ela, não sei sob que pretexto, lá estava sempre também.

Cada vez a admirava mais, porém ardia de impaciência por lhe não poder falar de viva voz. O acaso...

— Mau, — disse o major com um meio sorriso. — Agouro mal da intervenção do acaso no romance. É sempre perigosa e inconveniente.

— Ouça, — continuou Rialva, sorrindo também como se não fora sem fundamento a observação do seu companheiro. — O acaso um pouco e muito a boa vontade dela, fez com que esta rapariga viesse passar alguns dias fora do convento e em casa de um comerciante de Braga, de cuja filha ela era íntima amiga. Eu tinha relações com este comerciante, e pude então, mais à vontade, conversar com ela.

— Ora prossiga, prossiga.

— Pouco mais tenho para lhe dizer. O meu amor foi tímido e respeitoso, como nem eu próprio suspeitava que fosse possível sê-lo. Diante daquela mulher, diante daquela candura, desconhecia-me, achava-me acanhado como qualquer rapaz de dezasseis anos. Creia, major, que não sabia o que tinha feito da minha audácia habitual. Tinha de partir para Lisboa. A minha mãe havia-me alcançado do ministro uma transferência de como. Disse-o à pobre menina, que se banhou em lágrimas ao sabê-lo. O seu amor havia adquirido uma intensidade que o denunciara. Em Braga falava-se muito nisso. Na noite da minha partida consegui uma entrevista dentro do jardim da casa onde ela ainda então se achava.

— Aproxima-se a peripécia — disse o major. — Adeus timidez...

— Juro-lhe, major, que a respeitei, como se a protegesse um ambiente de pureza e castidade. Davam onze horas na igreja de S. Marcos, e pela primeira e única vez os nossos lábios se encontraram, e logo depois eu saltava o muro do jardim, montava o cavalo e seguia o caminho do Porto, donde me transportei para Lisboa. E assim terminou este inocente episódio da minha vida.

— E ela?

— Que lhe posso eu dizer dela? A impossibilidade de nos correspondermos era manifesta. Dois dias depois devia ela voltar ao convento, onde não podia receber cartas minhas. Ainda lhe escrevi do Porto, esperando receber a resposta em Lisboa. Esperei debalde, e...

— E esqueceu-a, não é verdade? Nem mais pensou nessa rapariga, que talvez a estas horas esteja chorando por si, ou pela sua causa.

— Acredita, major? Não acha mais natural que esteja pensando em outro?

— Pode ser. Em todo o caso, basta que por uma efémera distração arriscasse dessa maneira o destino do coração, que é o destino inteiro de uma mulher, para que não possa ou não deva, pelo menos, encarar levianamente o sucedido e deixar de sentir uns indícios de remorso.

— Acreditasse eu que produzira um padecimento real...

— Que faria?

— Nunca o perdoaria a mim próprio.

— Cingia os cilícios e disciplinava as carnes, não é assim?

— Condenar-me-ia a uma completa abstenção de galanteios, pelo menos.

— E dessa maneira secaria as lágrimas que fizera derramar!

— Qual era então o meu dever, major? diga.

— Quando estiver em Braga, se se demorar por lá averigue do sucedido e depois falaremos. Escusamos de estar agora a traçar planos de imaginárias campanhas.

A estas palavras do major seguiu-se um silêncio prolongado, durante o qual as ideias tomaram outra direção a ponto de que, ao restabelecer-se, o diálogo versou sobre assuntos indiferentes que não precisamos de referir, e assim se manteve até à chegada dos dois cavaleiros a Braga, ainda com algumas horas de dia.

Desempenhando nesta cidade a missão oficial de que viera encarregado, Filipe de Rialva propunha-se no dia seguinte começar as averiguações a que o major e a sua própria curiosidade o convidavam, quando um acontecimento imprevisto o veio impedir de as realizar.

Pela madrugada do dia seguinte chegara a Braga uma notícia telegráfica, que lançara o espanto e consternação nos ânimos de

todos os seus habitantes.

Constava que às onze horas da noite antecedente o palácio onde repousava em Barcelos a família real havia sido devorado por um incêndio.

Os noveleiros políticos, sempre prontos a darem aos mais insignificantes acontecimentos um colorido lúgubre, filiavam aquele facto casual num a trama premeditada e misteriosa. As notícias que se davam em voz alta, comentavam-se depois ao ouvido. As insinuações transluziam das frases estudadamente formuladas. Os ociosos agrupavam-se em frente das repartições públicas e das casas das autoridades, como se, das fachadas desses edifícios, esperassem elucidações. Exagerava-se o sucedido. Houve tal que condenou às chamas a vila de Barcelos inteira! Em outros grupos enumeravam-se as vítimas e especificavam-se com escrupulosa exatidão a natureza e carácter dos ferimentos! Uns revelavam a descoberta de uma máquina infernal; outros noticiavam a prisão dos criminosos.

Os ódios partidários, então mais acesos que hoje, todos estes boatos acolhiam, e de boa ou má-fé concorriam para os divulgar, ampliando-os.

A nova, ao chegar aos ouvidos dos nossos dois conhecidos, Clemente Samora e Filipe, havia adquirido já as mais formidáveis dimensões, e revestira-se das cores menos para tranquilizar.

Desesperando de saber a verdade no meio de tantas variantes, e até encontrando incertezas nas informações oficiais, os dois, que tinham em Barcelos por quem se inquietar e que nada os prendia atualmente a Braga, resolveram informar-se pelo seus próprios olhos, e com este intuito partiram essa mesma manhã em direção à vila.

Algum tempo mais que se tivessem demorado, teriam serenado as suas inquietações.

O pânico desvanecera-se afinal. Sabia-se enfim que o incêndio não atingira nunca as proporções medonhas que se dissera. A inverosimilhança dos romances inventados, com grande desespero dos seus autores, ia já fazendo sorrir.

CAPÍTULO IV

FOGOS DE MOCIDADE

Quatro dias depois dos sucessos do capítulo anterior, percorria a estrada de Barcelos, em direção a Braga, uma jovial cavalgada de oficiais do exército e de alguns estudantes do Porto, que a promessa de um segundo perdão de acto trazia naquele tempo muito jubilosos e como que em férias já.

Filipe de Rialva e o major Samora tinham-se-lhe incorporado. Do rancho era talvez este último o único melancólico. A sua estada em Barcelos avivara-lhe as saudades que o perseguiam. Nenhumas informações pudera obter, nem sequer do Lugar onde repousava a morta. Nem um só vestígio dos seus passados amores tinha encontrado o pesaroso velho. Uma estrada em construção acabara de derrubar a pequena casa, que a imaginação lhe estava agora ainda reproduzindo, e com ela dir-se-ia haver destruído todas as memórias desse drama obscuro, que terminara em túmulo.

Rialva, ao inverso do seu companheiro, no descuido dos vinte e dois anos, entregara-se inteiro ao prazer da jornada.

Pouco avultavam já na memória do estouvado alferes as recordações da sua aventura de Braga. Tivera tempo e ocasião de se distrair. De Barcelos seguira a corte a Viana, e nessa marítima cidade do Minho foram demasiados os prazeres em que tomara parte, para que lhes resistisse qualquer ideia melancólica. Vinha-lhe o coração desafogado ao voltar a Braga, onde se antecipava um dia à comitiva real, que só no dia 12 devia sair de Barcelos.

O génio expansivo e bom humor de Filipe valeram-lhe uma certa preponderância sobre o rancho, que parecia havê-lo tacitamente elegido para seu chefe. Isto lisonjeava-o e obrigava-o a fazer todos os esforços para justificar a escolha.

A cada passo, estridentes gargalhadas e hurras espantosos partiam em coro do bando turbulento. Por vezes a algazarra subiu a ponto que o major Samora, em poucas disposições para tomar parte nela, sopeou o passo ao seu cavalo para se distanciar do tropel.

— Meus senhores! — disse um dos estudantes, a quem no ano anterior um perdão de acto, poderoso Deus ex-machina, arrebatara milagrosamente dos nevoeiros da matemática, onde se vira perdido,

e que esperava que um outro o ajudasse a livrá-lo da botânica, mau grado do Sr. Costa Paiva que não conseguira ensinar-lhe a classificar nem a Digitalis purpurea. — Meus senhores, nem todo o tempo gastemos a rir. A divina arte do canto está em decadência entre nós. De todas as nações do mundo a portuguesa é a que menos canta! Vergonha! Eu, digno e degenerado representante daquela antiga e característica classe de estudantes que corria as estradas e estacionava nas praças de capa traçada, espada ao lado e guitarra em punho, coro ao repeti-lo! O estudante de Salamanca, cantando seguidillas debaixo da ventana da senhorita de tez morena e olhos travessos, um pobre diabo sem dinheiro, mas cantando, cantando a escalar janelas, no meio das rixas, cantando na cara dos guardas civis, e dançando, ao som da pandereta, o fandango e o bolero — eis o tipo ideal, que se perde, que degenera desde que a filosofia o estragou. O estudante hoje é folhetinista, é político, é erudito, é sisudo e, mais que tudo, é sensaborão! Dá-lhe mais canseira a salvação da república, do que o penteado da sua amante! Que tremenda responsabilidade nos cabe, meus amigos! Nós, indignos depositários de um grande legado, que deixamos esbanjar! Reajamos quanto nos seja possível, e reajamos cantando.

A cantar se têm feito revoluções. Dêem-me o poder das canções, e eu revolverei o mundo. Cantemos!

— É justo que abras tu o exemplo — respondeu-lhe um dos companheiros. O convite foi repetido por toda a companhia.

O orador não se fez muito rogado, e num a toada popular, que então andava na boca de todos, cantou as seguintes coplas, que nos parece serem da sua lavra:

Ouvia gabar os beijos,

Dizer deles tanto bem,

Que me nasceram desejos

De provar alguns também.

Que esta fruta não é rara,

Mas nem toda tem valor:

A melhor é muito cara,

E a barata é sem-sabor.

Colhi-os dos mais mimosos;

Provei três, mas, pelo meu mal,

Ao princípio saborosos,

Amargaram-me afinal.

Um colhi eu de uma bela,

Que era Rosa, sem ser flor.

Se tinha espinhos como ela,

Dela também tinha a cor.

Vi-a a dormir, e furtei-lhe

Um beijo que a acordou.

Eu gostei, porém causei-lhe

Tal susto, que desmaiou.

Logo que a vi sem sentidos,

Fugi, sem outro lhe dar;

Que beijos, sem ser pedidos,

Não são coisas para brincar.

Outra vez, de uma morena.

Olhos azuis, cor de céu,

Corpo esbelto, mão pequena,

Um beijo me apeteceu.

Pedi-lho — e então por bons modos,

Pedi-lho do coração.

Zombou dos meus rogos todos

E respondeu-me: que não.

Zombei, como ela zombava,

E um beijo, à força, lhe dei;

Mas... bem dado ainda não estava

E com um bofetão o paguei.

Custou-me caro o desejo,

Que muito caro ela o vendeu.

Pagar por tal preço um beijo!

Assim não os quero eu.

Este, mais do que o primeiro,

Me deixou fraca impressão;

Quis provar ainda um terceiro

Para não jurar em vão.

Mas não quis fruta roubada,

Que mal com ela me dei.

Uma dama delicada

Ofereceu-ma... Eu aceitei.

Ai, que boa fruta que era!

Estava mesmo a cobiçar.

Passar a vida quisera

Tal fruta saborear.

Mas, no meio da colheita...

Da fruta, o dono apareceu.

Zelosos olhos me deita:

Se zelava o que era seu!

Vendo o caso mal seguro,

Eu logo ali lhe jurei

Restituir e até com juro

A fruta que lhe tirei.

E, caso não discordasse,

Não me parecia mal

Que a ele os juros pagasse

E à senhora... o capital.

Esta sensata proposta

Em fúrias o arrebatou,

E, por única resposta,

A lutar se preparou!

Ouço ainda gabar os beijos,

Dizer deles muito bem:

Mas findaram-me os desejos,

Já sei o sabor que têm.

Uma estrepitosa algazarra rompeu do grupo, quando o académico terminou a sua cantiga.

— Visto isso, — disse um dos cavaleiros — puseste-te em dieta dessa fruta? Tenho piedade da tua higiene meticulosa! Possuis um estômago demasiado suscetível. Eu por mim, meus senhores, confesso-lhes que, verde ou madura, não sei de outra fruta que me agrade tanto.

— Alto lá! — respondeu o que cantara. — Nada de responsabilidades absurdas. Eu não subscrevo todas as legítimas consequências da canção. E se julgam necessário neutralizar-se o efeito, eu estou pronto a cantar-lhes uma outra. Possuo-as para todos os gostos.

— Por esta vez dispensamos-te da retratação. Acreditamos-te. Nada de lógica em assuntos destes. Que os céticos cantem de crentes e os crentes encham as estrofes de ceticismo. Ninguém lhes deve pedir contas. Outro cantor!

— Eu por mim, estou pronto a cantar, — disse um alferes de Caçadores, — mas não a mulher nem o amor; inspira-me mais um charuto, um cachimbo e até um cigarro, sendo o tabaco forte e mortalha boa.

— Pois canta o cigarro. Admite-se o culto. Vai entoando a antífona, enquanto nós acendemos os fachos do rito sagrado — respondeu Filipe, distribuindo cigarros por todos os da cavalgada.

E dentro em pouco o bardo novamente indigitado, começava cantando:

No centro de círculos

E nuvens de fumo,

Um deus me presumo,

Um deus sobre o altar!

Nem doutros turíbulos

Me apraz tanto o incenso,

Como o deste imenso

Cachimbo exemplar!

Em divãs magníficos

De seda e veludo

Repousa sisudo

O ardente Sultão.

Fumando, inebria-se

E esquece odaliscas.

E os beijos, faíscas

De amor, e o Alcorão.

Longe, oh! longe o ópio,

Que os sonhos deleita

Da mísera seita

Dos Teriaquis,

Horror ao narcótico,

Que vem das papoulas

E ao que arde em caçoulas

No harém dos Alis!

Que a África tórrida

De areias candentes

Consuma as sementes

Do arábio café.

Bebido nas chávenas

De Índia e porcelana

A negra tisana

Veneno me é.

E a folha asiática,

Delícias da China,

Por nossa má sina

Trazida para cá?

Sorvida em família,

Em momo hidro-infuso!

Anátema ao uso

Das folhas de chá!

Nem tu, ó alcoólico

Licor dos lagares,

Terás meus cantares,

Meus hinos terás.

Embora das ânforas

Vazado nas taças,

Aos outros tu faças

A boca loquaz.

Meu canto é da América,

Pais do tabaco,

Melhor do que Baco,

Que o ópio melhor.

Que a Europa, Ásia e África

E a terra hoje toda

Já fuma por moda

O heroico vapor.

Até na Lapónia,

Da gente pequena,

Se fuma, e no Sena,

No Tibre e no Pó,

No Volga e Danúbio,

No Tejo e no Douro...

Que grande tesouro

Se deve a Nicot!

Nem venha da cânfora

Contar maravilhas

O das cigarrilhas

Famoso inventor.

Raspail é cismático,

E eu sou ortodoxo;

O seu paradoxo

Não me há de ele impor.

E os áridos lábios

Mais fumo ainda aspirem.

Que os néscios suspirem

Por beijos febris.

Não quero outros ósculos,

Não quero outra amante,

Qual mais doudejante

Que os fumo subtis?

Tomadas Vesúvios,

As bocas fumegam,

De nuvens que cegam,

Vomitam legiões.

Fumar! Oh, delícias!

Prazer de Nababo!

E leve o diabo

Do mundo as paixões!

É indescritível o entusiasmo que se manifestou em seguida às últimas palavras da canção ou hino do tabaco. Foi tal a gritaria que os ecos das montanhas vizinhas despertaram estremunhados, e, como dizia Fernão Mendes Pinto, as carnes tremiam de medo.

Todas as bocas pediram bis, e de novo se guardou um silêncio solene para escutar as estâncias de tão popular produção, algumas das quais muitos já repetiam em coro.

— E tu, Filipe? — disse o cantor favorecido da aura de popularidade — não cantas também?

— Depois do teu triunfo, julgo prudente prescindir dos meus direitos. Desisto da palavra.

— Não admito. Não é facultativo, é obrigatório o cantar.

— Isso é crueldade. Queres imolar-me nas aras da tua musa rodeadas de fumo de tabaco?

— Isso é modéstia mal cabida. Ou temes ferir a delicadeza da tua musa sentimental com as baforadas do meu cachimbo?

— Apelo para a decisão do conclave — disse o estudante que cantara primeiro.

— A votos! A votos! — bradaram algumas vozes.

No momento em que isto se passava havia a cavalgada chegado a um ponto da estrada erma de habitações e perfeitamente deserta de viajantes. Era um extenso lanço que seguia em linha reta por meio de lezírias sem cultura, e tapadas de tojo e pinheirais ainda novos. A vista alcançava de extremo a extremo deste lanço tanto mais facilmente, porque a atmosfera densa de vapores apresentava, sob uma ótica favorável, os planos mais distantes.

Isto permitiu que os cavaleiros avistassem ao longe sentada, a fiar, sobre as pedras de um dos muros que flanqueavam a estrada, uma

mulher, que na aparência mostrava já ser de avançada idade, a qual, ao ver aproximarem-se os viajantes, se levantou açodada e colocou-se no meio da estrada como se lhes desejara falar.

— Aí tens quem te vai inspirar, Filipe. Uma princesa desconhecida que desce a escutar as namoradas endeixas do trovador — exclamou um dos que primeiro a avistara.

— Vem à fala. Respeito, senhores; quem sabe se estaremos na presença da rainha das fadas? Esta nossa peregrinação, digna de um segundo Ariosto para a cantar, precisava de uns jardins de Armida, eis aqui quem no-los vai abrir...

— Restos do terremoto, eu vos saúdo — disse um outro, tirando o chapéu e vergando a cabeça.

— Coitada! Alguma pobre mendiga — disse Filipe, procurando já nas algibeiras com que satisfizesse a que ele julgava indigente pela atitude que a vira tomar águardando-os...

— Em todo o caso, vejamos o que ela nos quer. Portemo-nos sérios para lhe inspirarmos confiança. Está-me a parecer que se pode tirar partido disto.

E, seguindo este parecer, todos guardaram silêncio e marcharam na maior compostura.

Estavam finalmente na presença da velha. Era de facto de aspeto centenar; engelhada, curvada e trémula, mas ainda assim com certo ar de resolução.

Logo que os viu chegar, dirigiu-lhes a palavra:

— Ora, Nosso Senhor venha na sua companhia!

— Amém! santinha, e que também esteja consigo.

— Ele está em toda a parte onde o procurem. Boa é a sua assistência, e a da Virgem Nossa Senhora, e a do milagroso Padre Santo António, que nos livre dos perigos e de trabalhos, de testemunhos falsos e de ferros de el-rei e de maus vizinhos de ao pé da porta. Ora para bem os fade a sua sorte. Amém.

— Então veio fiar para o descampado? É melhor, são os ares mais livres — disse Filipe, para desviar a atenção da velha do riso mal disfarçado dos seus companheiros.

— Nada, não senhor, eu digo-lhe. O menino...

Desta vez os risos rebentaram.

— Olhem! Estão-se a rir por eu lhe chamar menino. E eles que são todos para mim, que para um cento só me faltam quatro anos! Vejam os grandes homens.

— Não faça caso, não faça caso. Deixe-os lá. Diga o que ia a dizer.

— Ah! perguntava eu se os... vá lá, senhores, se os senhores eram... criados da sua majestade? Sim, porque ser criados dos reis não é baixeza nenhuma. Um morgado da minha terra, fidalgo dos quatro costados e homem de teres e haveres, pois senhores, deu um bom par de centos de mil réis para ser jovem do paço, e pelos modos suas obrigações são as da mesma gente, mas aquele ainda assim quer que lhe paguem para as fazer, por isso é que eu pergunto.

— Não se enganou, minha tia, — disse Rialva, fazendo um sinal aos companheiros — eu sou estribeiro-mor da casa real, aquele monteiro-mor, este copeiro-mor, camareiro-mor o outro, esmoler-mor...

— Vejam que graça! Pelo que estou ouvindo todos os empregos mores são para os fidalgos, menos o de tambor-mor, que nesse tenho eu um neto, que é um rapagão como uma casa.

De novo a seriedade dos ouvintes esteve para os abandonar.

— Visto que são o que eu suspeitava, sabem dizer-me se a rainha se demorará ainda muito?

— Então queria vê-la?

— Vê-la? Não era só vê-la, é que lhe queria também falar.

— Falar-lhe?! Aqui?

— Aqui mesmo, sim senhor, e porque não?

— Então tem a pedir-lhe alguma coisa?

— E verdade que tenho. Tenho a pedir-lhe justiça.

— Justiça! — disseram admiradas algumas vozes do grupo. — E contra quem?

— Isso basta que ela o saiba.

— Mas na estrada, boa mulher, a falar verdade, não é das melhores ocasiões, — disse o major Samora, que tendo-se agora reunido ao rancho, de que se separara, acabava de ouvir as últimas palavras do diálogo.

A velha voltou-lhe uns olhos desconfiados, e respondeu com certa aspereza:

— Para fazer justiça é sempre ocasião.

— Bravo! — disse o estudante da canção.

A velha, estimulada pelo sinal de aprovação, prosseguiu:

— Não é ocasião! tem graça. Nem que a gente não tenha mais que fazer do que largar barcos e redes para ir ao palácio procurar sua majestade. E então para quê? Para vir o senhor porteiro-mor, o senhor escudeiro-mor, o senhor lacaio-mor, e nos mandar pôr fora sem que a rainha o saiba. Temos outro com as justiças dos tribunais. Andar uma criatura num a barafunda de escrivães e procuradores e letrados e testemunhas e jurados, e a gastar dinheiro, e tanto mais ganha quem mais gasta, e tanto mais gasta quem mais tem. Nada, não serve para mim. Aqui, no meio da estrada. Se me não deixarem chegar à carruagem, ponho-me a gritar: Aqui-d'el-rei! aqui-d'el-rei e veremos então o que vai. Forte coisa! Olha agora a grande dúvida!

— E assim, é assim, minha tia — diziam do lado alguns oficiais.

— Vamos cá a saber, tardará muito a rainha?

— Rialva, trocando um olhar com os circunstantes, apressou-se a responder, fazendo por dissimular um certo ar de malícia, que olhos mais exercitados que os da velha, poderiam reconhecer:

— Duas horas o mais tardar. Conhece-a?

— Nunca a vi, mas isso logo se tira, pouco mais ou menos. Sempre há de vir vestida de modo que...

— Não, não — disse Rialva. — A rainha traja como qualquer outra senhora; para além do mais como vem incógnita, nem acompanhamento traz. Não vê que nos mandou adiante?

— Sim, sim. Mas então como há de ser?

— Olhe, daqui por duas ou três horas pouco mais ou menos, vendo chegar duas carruagens com criados de casaco azul, botões de prata e colete vermelho, e dentro da primeira uma senhora de meia idade vestida de verde com xale e um chapéu branco...

— E ela?

— É ela. Acompanham-na talvez algumas mais novas, são damas do Paço. Na segunda carruagem vêm os criados.

— E o rei e os príncipes?

— Esses vêm mais tarde, a cavalo, e com os generais. Não lhe disse já que a sua majestade quis vir incógnita?

— Bem, bem.

— E olhe lá. É provável que por isso mesmo ela se ponha a rir se vossemecê lhe chamar rainha e o negue; mas teime e diga-lhe que vai pedir justiça, que ela há de escutá-la.

— Isso fica ao meu cuidado. Então diz que daqui por duas horas?

— Duas ou três.

— Isto vai nas nove, — disse a velha, falando consigo e fitando as nuvens — com mais três, nove, dez, onze, doze. Meio-dia. Chega não chega, uma hora; janta não janta são duas, às seis é noite. Não tem dúvida; uma vez não são vezes. E isto como assim há de fazer-se. Ora então, muito obrigada, vão com a nossa Senhora.

— Adeus, minha tia — disseram todos com a possível gravidade. — Deus permita que se saia bem da empresa.

— Amém! amém!

E o alegre bando, despedindo-se da velha, que voltou a tomar a sua primeira posição, partiu a galope em direção a Braga.

Quando a considerável distância do sítio, onde esta cena se passara, afrouxaram o passo às carruagens para pedirem a Filipe explicações sobre o que ultimamente dissera à velha.

— Pois não compreenderam? É uma surpresa que preparei a minha mãe. A minha mãe devia partir de Barcelos duas ou três horas depois de mim com as meninas do Coural, minhas primas não sei em que grau, em casa de quem tenciona ficar esta noite para depois de amanhã assistir em Braga à entrada da rainha. Portanto, dentro de duas horas estará ela ouvindo uma reclamação em forma dirigida por esta pobre velha, o que não pouco a há de divertir e às priminhas.

— Mas que necessidade tinha você de enganar esta mulher? — disse o major com um certo ar de amigável censura.

— Deixe lá, major, — disse um dos oficiais — o episódio deve ser interessante, e aquelas senhoras devem agradecer-no-lo.

— Quem sabe o que esta pobre criatura teria a pedir à rainha?

— Se for esmola, não ficará sem ela, pedindo-a a minha mãe.

— Sim; mas se for justiça?

— E julga que irá mal encaminhada, se a minhamãe a guiar para obtê-la?

— Assim a julgue merecedora dela.

— Pois então, deixe correr, major. Pena tenho de não poder presenciar a cena.

CAPÍTULO V

A HEROÍNA DESTE ROMANCE NA CASA DE CAMPO DE JOSÉ URBANO

A meia légua de Braga, Filipe de Rialva, o major Samora e os seus jovens companheiros tiveram a surpresa de um feliz encontro.

Ao dobrarem um ângulo de estrada, que nuns sítios aqui e ali era povoada de pequenas casas e vendas, como denunciando a vizinhança de uma grande povoação, acharam-se frente a frente com uma personagem muito nossa conhecida, José Urbano.

À ruidosa exclamação com que José Urbano saudou a cavalgada, rompeu desta um coro unânime de brados, que nuns desafiava o conhecimento que tinham do jovial negociante, e em outros o estranho costume de jornada de que ele vinha revestido.

José Urbano montava uma égua corpulenta, mas não de raça apurada. Um chapéu de palha de amplíssimas abas, preso por uma fita por baixo da barba, um barrete preto subjacente que lhe

defendia as orelhas de um leste em perspetiva, que a sua ciência meteorológica prognosticava iminente; óculos verdes, baluarte contra a invasão da poeira; guarda-sol minhoto, com honras de barraca, mas o único que tem razão de ser; um capote de camelão, verdadeiro epigrama ao sol da Primavera; galochas capazes de arrostar com o dilúvio ao lado da arca; alforges repletos, uma cabaça ao tiracolo, diante de si uma trouxa e na garupa uma pequena mala; tal o conjunto de acessórios que concorriam para o efeito prodigiosamente cómico do recém-chegado.

— Aleluia! — exclamou José Urbano, elevando para a testa os enormes óculos verdes, que o incomodavam quase tanto como a poeira. — Aleluia! Encontro enfim Aníbal. Juraria que me andavam a fugir, meus companheiros de Vila Nova. Receiam-se da desforra que me devem ao voltarete. Inútil trabalho. Ela é inevitável como os fados. Persegui-los-ei até os confins do mundo. Mas de facto! Apresso os meus negócios em Barcelos para os encontrar em Braga. Chego. Qual! Tinham-se evaporado. Acordaram uma manhã com a febre de passear, e partiram para Barcelos! que eu acabava de deixar justamente em companhia do correio que trouxe a Braga a notícia da terminação do incêndio. Com os diabos! disse eu comigo. Os meus amigos teriam praça assente nalguma companhia de

bombeiros? Voltam agora a Braga, quando eu estava em caminho da minha casa de campo.

— Eu iria jurar, meu caro José Urbano, — disse o major Samora — que partia para a Sibéria. — O aspeto respeitável do seu equipamento...

— Permita-me que lhe diga, major, que essa observação desacredita um pouco a reputação de homem experiente e cauteloso que merecia. Fie-se em calores de Maio! Bom, bom. Olhe-me para aqueles riscos brancos do céu, aquilo é leste, o impertinente, o endemoninhado leste. Eu nunca ouvi o sibilar dos pelouros, meu caro Cipião, mas afianço-lhe que me não pode ser mais desagradável que o do vento leste. Não o há assim.

— Nem o dos mosquitos? — perguntou um estudante.

— Nem esse. Os mosquitos matam-se, o leste... mata-nos. Bem vejo que o capote lhes está causando sensação. O capote, meus amigos, é o mais útil artigo de vestuário que desde a folha de figueira tem inventado o engenho do homem. Conserva-me o calor no Inverno e a frescura no Verão. Os óculos livram-me os olhos da poeira e conservam-me a vista. O guarda-sol, que os espanta pela enormidade, abriga a minha pessoa e a bagagem dos ardores do

sol e das torrentes da chuva. A cabaça, meus amigos, contém o líquido que me sacia a sede, ou me dá o calor para arrostar com o frio...

— Basta, basta, amigo José Urbano — interrompeu Samora. — Vejo agora que sou imprevidente. Desse modo, tanto pode viajar pela Cítia fria como pela Líbia ardente.

Esta observação do major foi festejada com uma estrondosa gargalhada, na qual tomou parte José Urbano.

— Seja, — disse este, quando serenou a hilaridade — mas o facto é que os meus amigos vão para Braga e eu para a minha casa de campo. Não importa. Amanhã cedo cá estou de volta, e fiquem certos que me não tornam a fugir. Cobardes! São militares, e fogem de um paisano desarmado!

E José Urbano, despedindo-se de Rialva e Samora, saudou a cavalgada, que lhe correspondeu com estrepitosos hurras.

Daí a pouco entrava a cavalgada em Braga, e aquele grupo alegre e ruidoso dispersava-se, levando todos gratas recordações da viagem de Barcelos à capital do Minho.

Na manhã seguinte, véspera da entrada da rainha em Braga, passeava o major Samora com alguns oficiais militares no campo de Santana, quando um indivíduo bem-trajado, de idade avançada, mas de aspeto vigoroso, lhe foi ao encontro com os braços estendidos, dizendo-lhe com o sorriso nos lábios:

— O Sr. major Samora já tão cedo por aqui?!

— Tão cedo? — disse Samora — pois o amigo José Urbano não sabe que os militares se levantam ao toque de alvorada?

— E verdade, é verdade; mas quando se não está em serviço ativo... Naturalmente não quis que o inimigo o surpreendesse na cama! Muito bem; como o prometido é devido, aqui estou em cumprimento da minha palavra. Mas diga-me, major, onde está hospedado?

— No quartel.

— Tem necessidade de estar hoje em Braga?

— Nenhuma. Os meus deveres estão cumpridos e só amanhã...

— Nesse caso quer-me fazer um obséquio?

— Quantos quiser, meu caro senhor.

— Há de vir jantar comigo.

— O pior é que o meu antigo camarada, o capitão Melo, já me havia obrigado a prometer-lhe jantar com ele.

— O capitão pode esperar, não é verdade? — disse José Urbano, voltando-se para o capitão, entre quem e ele existia a maior familiaridade. — Pode até vir connosco também.

— Isso é que não, — disse o capitão interpelado — mas não quero também privar o Samora do agradável passeio que lhe proporcionará o amigo Urbano. Aconselho-te que vás, e amanhã será o meu dia.

— E não levas a mal?

— Essa é boa!

— As suas ordens, Sr. José Urbano. É longe?

— Um quarto de légua afastado de Braga. É um caminho excelente.

— Conta meia légua, Samora; o nosso amigo tomou os costumes da aldeia; para ele não há longes.

— Isso também é com o meu cavalo.

— Então vamos! — continuou José Urbano — mas, major, não julgue que pretendo com isto pagar-lhe os obséquios que me fez em Famalicão. Não, senhor.

— Basta de agradecimentos por tão pouco; não falemos mais nisso.

E os dois dirigiram-se para o quartel, onde o major Samora residia; este montou a cavalo; José Urbano tomou na alquilaria próxima uma possante égua que ali dera a guardar, e partiram em direção à morada do negociante bracarense, vivenda retirada da cidade na proximidade da estrada do Porto, mas afastada dela mais de um quarto de légua.

— Então reside na quinta permanentemente?

— Não, senhor. Eu vivo em Braga, porque a isso me obriga o meu negócio. Mas tenho há tempos a minha família fora da cidade, longe da qual, por gosto, eu viveria também.

— É numerosa a sua família?

— Uma sobrinha apenas. Pobre rapariga. Eu sei que não é esta a vida a que naquela idade se dirigem seus suspiros...

E os dois prosseguiram no seu caminho conversando acerca da agricultura, do comércio, da indústria, de política, até avistarem a casa onde José Urbano vinha descansar a miúdo das suas lidas comerciais.

Era uma agradável vivenda, circundada por um viçoso quintal todo orlado de limoeiros, e onde florejavam as mais formosas japoneiras e magnólias de algumas léguas em redor. Penduravam-se pelos muros festões virentes de jasmins e balsaminas, em volta dos quais zumbia incessante um buliçoso enxame de abelhas, atraídas pelos aromas suaves que se exalavam em torno. Na extensão destes muros abriam-se sobre o caminho duas janelas de grades, através das quais se descobria a abundante verdura daquele perfumado recinto, e de fora se escutava já o murmúrio contínuo e monótono de uma cascata, que derramava a frescura e a vida por toda aquela vegetação interior. Respirava-se ali uma tranquilidade que deliciava o coração. O horizonte, que rodeava esta pitoresca residência, era extremamente aprazível. Para qualquer lado que as vistas se dirigissem repousavam sempre agradavelmente sobre um ameno fundo de folhagem e verdores, onde se demoravam irresistivelmente, seduzidas pela alegria e festa que se refletia por toda a parte. No meio do repouso e silêncio que reinava em torno

dessa habitação campestre, como que se adivinhava a vida latente da natureza que desperta no raiar da Primavera, e o azulado e tenuíssimo véu de nuvens da manhã, que o sol não dissipara ainda de todo, era como a garça transparente que longe de disfarçar, realça a formosura de certos rostos e o fulgor de certos olhos. Através daquele cendal vaporoso pressentia-se sorrir a natureza, mais fascinadora ainda nos seus trajos simples da manhã, que nas ostentosas galas do meio-dia. As ervas dos silvados, ainda húmidas do orvalho, dispersavam em cambiante íris os raios de luz, fulgindo como brilhantes nas suas mudanças contínuas, ou imitando o fulgor do rubi, a amenidade da safira, e limpidez da esmeralda e do topázio; só a Primavera tem destes encantos.

Digam o que quiserem das outras estações, nenhuma é tão agradável como esta. A natureza é sempre admirável, é sempre artística, é sempre poética, mas o carácter da sua poesia é variado. No Inverno é sublime e lúgubre como o Manfredo, o Corsário, o Giaour e muitos outros poemas: Byron admira-se, surpreende-nos, aterra-nos, faz-nos estremecer e mistura certo terror secreto ao seu entusiasmo: é entre o ritmo das rajadas, as estrofes do mar agitado o que caracteriza os seus hinos. No Estio é imaginosa, apaixonada, esplêndida, lasciva, como um frémito de Musset, como uma oriental,

como um episódio de D. João. No Outono transparece nos seus cânticos o que quer que seja de utilitário, são os frutos sazonados pendentes das árvores, e das searas maduras, que chamam o pensamento para os sérios problemas da vida, como este género de poesia filosófica que entre as galas do estilo desenvolve um pensamento moral e humanitário. Mas na Primavera a poesia da natureza é destas composições fugitivas, em que tudo é harmonia e lirismo; abundam as flores, multiplicam-se as imagens, nos lagos e ribeiros onde se reflete o céu, nos ares onde os vapores se condensam fantasmagoricamente em pequenas nuvens de formas tão variadas como as conceções de fantasia de poeta, combinam-se surpreendentemente a luz e o orvalho como as lágrimas e os sorrisos num a balada germânica.

O concerto das selvas compõe-se de gemidos e cantos, harmonizados em misteriosa consonância. A natureza é então como a donzela que só cura de atavios e enfeites, e se entrega descuidada à alegria do viver; refletem-se-lhe desanuviados os sorrisos nos lábios inquietos, exalam-se-lhe do seio irreprimíveis os suspiros de envolta com os cânticos, pulsa-lhe o coração ansioso como se fosse excesso de vida. Mais tarde a maternidade tem também sua beleza, mas há alguma coisa de melancólico nas

alegrias de então; o futuro, que à donzela fulgurava de esperanças, à mãe anuvia-se-lhe de preocupações; o coração sobressalta-se-lhe de contínuo repartido por tantos afetos. A natureza do Outono tem também o carácter grave da maternidade, mas na Primavera só há a despreocupação da virgem.

Não sei se estes mesmos, se análogos pensamentos, suscitava ao major Samora o belo espetáculo campestre que se gozava dali; é certo que parecia não se saciar de correr com os olhos por aquele horizonte vasto e pitoresco, e não participar da impaciência que manifestava José Urbano pela demora que havia em lhe abrirem o podão, ao qual estava batendo havia cinco minutos.

Respondiam-lhe do interior os latidos formidáveis de dois cães, mas não se observava o menor vestígio de uma existência.

— Onde estará metida esta gente? — exclamou José Urbano com azedume notável.

O major nem deu fé da demora que assim exasperava o seu anfitrião.

Finalmente ouviu-se o estalar da areia do jardim: o ruído de uns passos ligeiros e uma voz feminina, cujo timbre agradável e sonoro

veio despertar o major da sua contemplação extática, fez-se ouvir de uma das janelas do muro.

— Ah! é o padrinho! estava bem longe de o esperar aqui a esta hora — disse aquela voz ao reconhecer José Urbano; e o major elevando a cabeça na direção donde lhe tinham vindo aquelas palavras, pôde perceber, ainda que de passagem, a forma elegante de uma rapariga que se retirava com agilidade.

— Abre, Micas, abre — disse José Urbano, cujo mau humor se desvaneceu ao ouvir aquela voz. — Ainda não sei o que fez a Roberta a esta gente toda! — E voltando-se para o major, acrescentou: — e a minha sobrinha. Uma boa rapariguinha; coitada. — E suspirou.

Ouviu-se o correr de um ferrolho no portão do quintal, que girou sobre os gonzos e se abriu aos recém-chegados, que se apearam rapidamente, e recolheram os cavalos.

O major, com a amabilidade de um militar sensível aos encantos da beleza, cumprimentou a gentil porteira, que meio enleada pelo inesperado da visita, se ia sorrindo ao corresponder ao cumprimento.

— O meu padrinho é só o responsável da má receção que o senhor tem. Se me tivesse prevenido quando partiu de madrugada...

— Minha senhora — disse o major em tom jovial. — Va Exa há de permitir que, fazendo eu próprio a minha apresentação, lhe diga que tem na sua presença um velho soldado, que dormiu muita vez no terreno e no agradável leito das tarimbas, comeu o caldo pouco apetitoso do rancho, e saciou muita vez a sede na água dos rios. Quando bato a uma porta a demandar quartel, só peço o pão, sal e água, de que costumam rezar os boletos.

— Nesse caso ganho ânimo, porque espero satisfarei a tão pouco exigente peregrino; mas está-me parecendo que o padrinho não se satisfaz com tão pouco.

— Não, Micas, pelo menos não te perdoo aquele pudding de batatas que sabes cozinhar tão bem; o mais fica por conta de Roberta.

— De Roberta, sim! Quando a teremos nós cá!

— Como?

— Disse-me, depois do padrinho ter partido, que tinha que fazer na cidade. Uma compra de linho ou estopa, ao que julgo. Ou é

natural que aproveite a ocasião para ver a rainha...

— A rainha? hoje!

— Pois não entra hoje em Braga?

— Amanhã.

— Disse-nos aqui a leiteira que entrou já ontem, e à Roberta afirmaram-lhe que era hoje de tarde...

— Deixa afirmar. Mas então quem ficou em casa?

— Eu. Os criados foram para a lavoura.

— Só! — exclamou José Urbano com certo ar de censura e desagrado.

— Com estes — respondeu, voltando-se para ele sorrindo, a gentil rapariga, ao passo que afagava a cabeça de dois enormes cães acorrentados que, como se desejassem justificar a confiança que depositava neles, a afagavam com humildade.

O major não disse palavra. Não se cansava de admirar a singeleza e graça da interlocutora.

Para justificar esta contemplação admirativa do major, precisamos nós também de esboçarmos aqui o perfil desta nova personagem da

nossa história, minudência cuja falta nenhuma leitora me perdoaria por certo.

E contudo a tarefa é de desanimar.

A HEROÍNA DO ROMANCE — A AÇORDA DO MAJOR

Não sei de maior dificuldade que a de descrever a heroína de um romance. Tão pouca coisa basta para a desconceituarmos aos olhos da leitora!... Eu, porém, sacrificarei à verdade algumas simpatias que poderia angariar a maior, se a menosprezasse. Descrevo-a tal qual ela era. Em primeiro lugar começarei por dizer que o modo porque ela trajava, realçava-lhe tudo que eram dotes naturais.

Maria Clementina, sobrinha de José Urbano, era de uma configuração elegante, na qual se observavam as regulares proporções que a arte não teria decerto a corrigir. De um porte desafetadamente majestoso, inexplicavelmente combinado a uma expressão de bondade insinuante e atrativa, havia no andar, nas feições, na maneira de olhar, um ar de dignidade e de nobreza, que intimidava os mais ousados. Um singelo vestido de riscado escocês adornado apenas por um colarinho liso, e por uns punhos apertados por duas coralinas, deixava-lhe sobressair todo o correto contorno

daquelas gentis formas femininas, de uma flexibilidade admirável. No rosto não havia aquela combinação de rosas e neve, que para muita gente constitui o supremo grau de beleza, e contudo não era trigueira, nem de uma alvura desmaiada dos tipos alemães que tão frequentemente se combinam com cabelos ruivos, antipática combinação; mas para lhes dar uma ideia daquele colorido encontro-me gravemente embaraçado; a natureza concedeu àquelas tintas uma singular influência sobre a fantasia do coração, empregou-as apenas em alguns rostos de mulher, que exercem então um poder verdadeiramente magnetizador. Um romancista português, e outros franceses, comparou uma dessas cores à da pérola; e tem um pouco disto efetivamente, mas excede-a em beleza. Quanto a mim considero-as as mais perigosas. Imaginem um rosto assim, animado pelo cintilar de uns olhos negros, orlado por uma moldura de cabelos também pretos, cujas ondulações naturais semelhavam elegantes ornatos; concebam a mais bem modelada boca, cujos lábios, convenientemente grossos, agitava incessante um mal percetível tremor, sinal evidente de uma exaltada sensibilidade; suponham agora toda esta simpática cabeça, graciosamente coberta por um largo chapéu de palha, que a assombrava de uma penumbra de feitos óticos e fascinadores, e

terão explicada a razão pela qual o major não se fartava de fixar esta rapariga com os mais inequívocos sinais de uma sincera admiração e decidida simpatia.

Caminharam todos os três por entre ruas orladas de arbustos que se entrelaçavam, formando um toldo de folhagem, e cobertas de areia que fazia sobressair a verdura matizada dos tabuleiros em que estava repartido o jardim.

José Urbano fazia notar ao major o desenvolvimento de algumas árvores fruteiras, à afilhada a raridade de certas flores. E assim chegaram à entrada de casa, que não desdizia do aspeto festival de toda a vivenda. José Urbano subiu mais apressado os quatro degraus de pedra que davam entrada por a porta envidraçada, e abrindo-a de par em par, disse, voltando-se para o major:

— Tenho a honra de o receber na minha casa, senhor major.

— E agora hão de me dar licença, o senhor major e o padrinho — disse a elegante sobrinha do proprietário — que me retire para tratar do seu jantar.

— A falar verdade, minha senhora, eu preferia o pão do boleto, a privar-me do prazer da sua companhia.

— Mas o padrinho é mais exigente. Não tem esses hábitos militares.

— Mas se nós esperássemos por a Roberta...?

— Não pode ser.

— Porém, Micas, a falar verdade tu só...

— Meu caro Sr. José Urbano, — disse o major em tom meio jovial — estou tentado a fazer-lhe uma proposta...

— Qual é major?

— Receio que não ma admitam; mas desde já lhes declaro que mau é que a chegue a formular, porque sou teimoso.

— Vamos, major, diga. A Micas já está cheia de curiosidade. Repare...

— A falar verdade... Ainda quando não seja senão para ver como o Sr. major é teimoso — observou esta sorrindo.

— Proponho que nós todos colaboremos no jantar.

— Essa agora! — disse José Urbano admirado.

— Pois o Sr. major também cozinha?

— Oh! minha senhora. Um militar precisa de saber de tudo um bocado; pois deve afazer-se a contar consigo apenas. Tenho tido ocasião de cozinhar para mim mesmo, de compor a minha própria roupa, e até de me medicamentar.

— Confesso-lhe, Sr. major, que estava com a minha vontade de experimentar o seu talento culinário.

— Pois com permissão aqui do seu padrinho, minha senhora, parece-me que chegou a ocasião.

— Não, senhor, a minha permissão não pode...

— Meu caro José Urbano, você, que viajou também, deve saber alguma coisa de cozinha. Eu pela minha parte prometo uma saborosa açorda, na confeção da qual granjeei certa fama entre os meus antigos camaradas, que também me diziam inimitável em manejar o espeto; e, se houver ocasião, folgarei de lhes demonstrar que não sou indigno de crédito. E você que sabe fazer, ó José Urbano? diga lá, ande, e vamos a isto.

— Confesso que nunca tive disposição para a cozinha.

— Nem se atreverá a fritar uns ovos com umas rodelas de salpicão? pois eu creio que o fumeiro deve estar bem provido, hem?

— Não é por falta de materiais...

— E verdade que isto de fritar uns ovos ainda requer seu engenho e tato culinário; no grau devido, é um prato delicioso, um pouco acima é detestável. Mas eu vigiarei, vamos.

— Ora, o Sr. major está a gracejar.

— Basta-me saber — disse a sobrinha de José Urbano — que posso contar com o seu auxílio em caso de maior urgência.

— Minha senhora, eu não lhe disse que era teimoso? É fama que tenho no exército, e já agora não a hei de desmentir.

— Mas...

— Para outra vez...

— Não recuo, faço disto questão ministerial... O meu amor-próprio exige que eu lhes faça apreciar as qualidades da minha açorda.

E o major, gracejando e rindo, de tal maneira insistiu, que os três acabaram por passar todos para a cozinha às risadas e já sem o menor constrangimento.

O major era destas pessoas, cujo bom humor se comunica, e que põe à vontade e nas mais joviais disposições as pessoas com quem se acha. Logo às primeiras palavras que se tivesse com ele cessava todo o constrangimento, e estabelecia-se uma familiaridade e sem-cerimónia, como um amigo de longos anos.

O próprio José Urbano participava daquela alegria e arregaçava as mangas do casaco, preparando-se para a tarefa culinária às ordens do seu comensal.

Maria Clementina assistia rindo com vontade a toda aquela azáfama dos dois.

O major era admirável de atividade. Tomara posse do terreno e não se mostrava constrangido.

— Minha senhora — dizia ele, voltando-se para a afilhada de José Urbano — porá Va Exa à minha disposição um fornecimento de água, pão, sal, azeite, vinagre, pimenta, alho, cravo, cebola, salsa, salpicão e toucinho.

— Misericórdia, major... Tenha misericórdia dos nossos estômagos... Os desgraçados não resistem a essa metralha.

— José Urbano, você não sabe o que diz. Não há tónico mais eficaz do que a açorda preparada assim! Verá, verá.

— Pode satisfazer a minha requisição, minha senhora?

— Prontamente.

— Bem; agora, José Urbano, vai você empunhando essa sertã para logo, e partindo os ovos já...

— Confesso-lhe que é uma tarefa melindrosa. Partir ovos!

— Que pusilânime! Homem, é assim! — E com a maior presteza, o major prelecionava praticamente o seu hospedeiro, que ria a bandeiras despregadas.

— A Va Exa declaro-a emancipada da minha tutela e livre em todos os seus movimentos.

— Ainda bem — disse José Urbano — quando não, recearia pelo destino do nosso jantar.

— Homem, não faça injustiça à experiência da vida de campanha. Prometo-lhe que se há de lembrar com saudade da minha açorda.

Na cozinha ia uma desusada animação. Parecia que se preparava um banquete, esplêndido. O major, de per si só, fazia mais ruído que meia dúzia de cozinheiros. E com uma gravidade, que Maria Clementina não podia ver sem se perder de riso, mexia e remexia a açorda, que exalava um cheiro apetitoso, e de vez em quando ia vigiar o trabalho de José Urbano, que ele empregara a bater uns ovos, aos quais associara uma quantidade de ingredientes. José Urbano executava fielmente as ordens do major, e havia um quarto de hora que estava batendo os ovos com um escrúpulo e regularidade admiráveis.

Ao meio-dia, graças aos esforços combinados dos três, o jantar foi declarado completo, e José Urbano, que observava os costumes patriarcais folgou ao antever que não seria alterada a sua hora do costume.

Enquanto o major dava a última demão à sua decantada açorda, Maria Clementina pôs a mesa, à qual deu um ar festivo, graças às flores com que a adornou: e José Urbano, descendo à garrafeira, foi procurar o mais precioso vinho de que ela constava. No entretanto o major apareceu na sala de jantar, junto de Maria Clementina.

— Pois já está posta a mesa! — exclamou ele ao entrar na sala.

— E eu que vinha para a ajudar!

— Mil vezes agradecida; mas o coronel...

— Assim me despacha já, se os ministros lhe quiserem honrar a palavra.

— O Sr. major, queria dizer, foi apenas justo para o serviço da cozinha.

— Há de fazer-me a honra de provar a minha açorda, não é verdade?

— Decerto. E parece-me poder já assegurar que há de estar deliciosa.

— Não me queira mal pela minha impertinência; mas é génio meu...

— Querer-lhe mal! Se eu lhe assegurar que há tempo que não rio como hoje... O Sr. major conseguiu fazer-me esquecer por algumas horas as mortificações da minha vida.

— Pois também tem mortificações? — perguntou-lhe o major com um carinho que a maior parte das pessoas que o conhecessem lhe estranhariam, ouvindo-o.

— E pergunta-mo?

— E duvido-o. Chama mortificações a quê? Desgostos por o padrinho não viver aqui, saudades de alguma amiga mais íntima, zangas pela rabugice da sua criada, a doença de algumas das suas pombas mais bonitas... pretextos para mostrar mais uma maneira de serem belos esses bonitos olhos que tem.

Maria Clementina sorriu a este galanteio do velho militar; mas através deste sorriso descobriam-se uns longes de tristeza.

— Se o major soubesse o motivo porque eu vivo triste, talvez, longe de me estranhar a tristeza, se admiraria ainda de me ver sorrir... as vezes.

— Ora adeus. Não é difícil penetrar no seu segredo. Perdoe dizer-lho. Afinal é o segredo dos... vinte anos... não é essa a sua idade?

— E — disse Maria Clementina, corando e desviando os olhos do major. — Mas ainda não adivinhou tudo.

Nisto ouviram-se passos no corredor, e a conversa, com aprazimento de Maria Clementina, foi interrompida por José Urbano,

que voltava da sua excursão à garrafeira, exclamando ao entrar na sala:

— Major! Eu cá sou nacional. Porto e Madeira.

— Apoiado, Sr. Urbano. Eu secundo o seu patriotismo.

E sentaram-se todos os três à mesa. José Urbano, contente e jovial; o major fazendo as despesas da conversa com anedotas que faziam rir até às lágrimas o negociante, e assomar um sorriso aos lábios de Maria Clementina, que, da curta conversa que tivera com o major, conservava uns vislumbres de melancolia.

A açorda preparada pelo major teve um efeito monumental. José Urbano declarou-a a mais deliciosa comida que na sua vida tinha provado. E não obstante ao princípio não poder eximir-se em fazer uma careta, abrindo a boca para minorar o excesso dos condimentos, depois de costumar o paladar, reclamava repetições com uma insistência, que lisonjeava um pouco o orgulho do major.

— Bravo, major! Já vejo que o cheiro da pólvora apura e aperfeiçoa o paladar. É deliciosa!

— Mais outra vez, Sr. José Urbano.

— Vá mais outra.

— Tenha cautela, meu padrinho, que lhe não vá fazer mal. E tão forte!

— Deixe, minha senhora, isto dá tom ao estômago. E com um cálice de Madeira por cima... Va Exa é que não lhe é afeiçoada.

— Estava excelente, Sr. major. Bem viu que comi.

Aqui para nós, a sensação que a açorda deixara em Maria Clementina não era das mais favoráveis ao talento culinário do major.

Reinou em todo o resto do jantar a mesma jovial animação com que começara a manhã. O major fez um brinde a Maria Clementina, José Urbano outro ao major; este outro a José Urbano, ambos um a sua majestade; o comerciante ao exército, o militar outro ao comércio; e estavam no seu undécimo brinde, quando se ouviu bater à portaria duas grandes argoladas.

CAPÍTULO VI

A VISITA INESPERADA

O som estridente das argoladas no portão da casa determinou, por alguns momentos, completo silêncio na sala, e os três convivas, olhando-se interrogativamente, como que se perguntavam — quem será?

— Já sei. É a Roberta — disse Maria Clementina, respondendo à interrogação tácita dos dois. — Ninguém senão ela podia entrar no quintal.

E levantando-se chegou à janela, cuja vidraça correu para ver quem batia.

— É você, Roberta?

— Sou eu, menina, sou eu — respondeu uma voz de mulher, na qual se notava um evidente cansaço. — Ai que venho mais morta que viva! Depressa, faz favor de atirar cá abaixo a chave da portaria, e abrir a sala das visitas...

Pois quem vem lá?

— Uma senhora de carroça, para visitar a menina.

José Urbano levantou-se sobressaltado.

— Uma senhora!

— Mas quem é? — perguntou Maria Clementina, igualmente admirada.

— Depressa, menina, depressa, que está à espera.

— Mas que senhora é? — insistiu Clementina.

— Eu não conheço — respondeu Roberta, já impaciente — mas ande depressa, pelo amor de Deus.

Clementina voltou para dentro a procurar a chave da portaria.

— Diz que é uma senhora que me procura.

— Mas quem pode ser? — perguntou José Urbano, admirado.

— Ignoro-o.

E deitando a correr com uma graciosa agilidade, foi buscar a chave que Roberta lhe pedia.

José Urbano chegou à janela, e dirigindo-se a Roberta:

— Ó Roberta, quem é que vem lá?

A criada ouvindo a voz do seu amo, estremeceu e mostrou-se profundamente embaraçada.

— Pois o Sr. José Urbano... Boa te vai! Então o senhor... olhem os meus pecados!... Pois na verdade... Em nome do Padre... Então que quer isto dizer!... Temo-la travada!

E continuava resmungando como se a presença do amo a contrariasse.

— Responde: quem é que vem lá?

— Aí tem a chave — disse Maria Clementina, atirando-lha pela janela e voltando para ordenar a sala das visitas.

A velha não esperava por mais nada; sem atender ao seu amo, fugiu com uma ligeireza de que ninguém julgaria capazes as suas pernas estropiadas.

— Roberta, ó Roberta! demónio de mulher.

O major, que nesse tempo se aproximara da janela, fez um movimento de surpresa ao observar a mulher que corria em direção ao portão.

— Ah! é aquela a sua criada?

— E, uma velha já meio tonta e teimosa, mas, coitada, conheceu-me pequeno. Veja, major, a idade que ela terá.

O major calou-se. O motivo da sua surpresa fora o ter reconhecido na criada de José Urbano a velha que ele e o seu jovem companheiro Rialva tinham encontrado no dia antecedente na estrada, e que lhes perguntou pela chegada da rainha.

— Mas quem poderá ser? — perguntou a si próprio José Urbano. — Uma senhora que procura a minha sobrinha!

Durante este tempo passeava Maria Clementina na sala de receção, igualmente preocupada em saber quem seria a pessoa que a procurava.

Desde que Maria Clementina vivia no campo, raras tinham sido as visitas que recebera; por isso a surpreenderam as palavras de Roberta, e mais ainda a expressão da sua fisionomia, na qual se lia um certo espanto inexplicável. Absorvida por estes pensamentos, a sobrinha de José Urbano desceu ao jardim a receber a sua desconhecida visita.

Não esperou muito tempo. Roberta assomou pouco depois à entrada de uma das ruas que conduziam ali, e após ela uma senhora de meia-idade magnificamente vestida e com certo ar de nobreza e dignidade, que revelavam distinção.

Maria Clementina foi ao seu encontro.

Roberta, colocando-se por detrás da recém-chegada, a quem tributava extremas atenções, fazia sinais telegráficos a Maria Clementina, que esta não podia entender, o que cada vez mais a embaraçava, pois nada lhe recordava as feições da senhora que pretendia visitá-la.

— Não sei a quem nem ao que devo a honra desta inesperada visita, mas em todo o caso é-me sumamente agradável receber uma tão lisonjeira distinção — disse Clementina, aproximando-se da senhora, cuja fisionomia denotava um ar de bondade simpática e atraente, que dispôs o ânimo de Maria Clementina no seu favor.

— Minha senhora — disse a recém-chegada, fixando em Maria Clementina um olhar penetrante — ainda que lhe pareça estranha a minha visita, peço-lhe que me dispense de a explicar enquanto não estivermos mais à vontade.

— Essa é boa — disse Clementina, sorrindo. — Se Va Exa até não quiser dar-me explicações algumas, não serei eu por certo que me atreva a pedir-lhas. Quer ter a bondade de entrar?

— Se o ordena? Mas para falar verdade, se lhe não fosse incómodo, aquela rua de romãzeiras tem uma sombra convidativa...

— Como Va Exa quiser.

E as duas desviaram-se na direção da rua de romãzeiras.

Maria Clementina, cada vez mais admirada da estranheza da visita; a senhora idosa envolvendo-a nos seus olhares vivos e penetrantes.

Roberta, ao afastar-se delas, pôde obter oportunidade de dizer a sua ama em tom enigmático:

— Cautela! trate-a com muito respeito! Eu depois lhe direi...

Maria Clementina estava vendida, como vulgarmente se diz. Estranhava os modos da criada pelo menos tanto quanto o inesperado da visita.

— Quer dar-me o seu braço? — disse a Clementina à senhora, cuja visita tanto a preocupava.

— Com todo o gosto.

E as duas mulheres penetraram, assim juntas e silenciosas, durante algum tempo, pela copada rua do jardim. Chegaram à extremidade oposta à rua, onde, junto de uma pequena fonte, havia um convidativo banco de cortiça assombrado por um toldo de trepadeiras.

— Quer-me fazer o favor de se sentar aqui comigo?

— Com muito prazer.

A desconhecida, tomando então as mãos de Maria Clementina, disse-lhe com um tom meigo e afetuoso:

— Sabe que me está inspirando muita simpatia?

— Oh! minha senhora...

— Quero enfim dizer-lhe o que me trouxe aqui. Eu sou de Lisboa.

— Ah! de tão longe!? — exclamou Maria Clementina, para dizer alguma coisa.

— E verdade. E havia muito que desejava conhecê-la.

— A mim!? em Lisboa...

— Admira-se?

— Não sei como Va Exa me pudesse conhecer num a terra, onde ninguém me conhece.

— Ninguém?

— Decerto. A minha única família resume-se no meu tio, que vive comigo.

— Mas algumas amigas...

— Amigas! Engana-se Va Exa; eu não tenho amigas.

— Diz-me isso com um ar de descrença, que é de estranhar num a menina tão nova.

— Há pessoas para quem a experiência é prematura.

— Santo Deus! que desconsoladora dúvida! Ora vamos, quer-me parecer que é menos justa nesse seu ceticismo.

— Não chame a isto ceticismo, minha senhora; graças a Deus, eu tenho a amizade do padrinho.

— Só?!

— Tem razão; era injusta. E a da minha criada Roberta.

— E a de mais ninguém? Parece-me que ainda mais uma vez terá de reconhecer a sua injustiça. Em Lisboa alguém existe que a estima.

— A mim? — perguntou Maria Clementina, corando enleada sob os olhares da sua interlocutora.

— E é dessa pessoa que eu lhe queria falar.

— Va Exa?

— Eu, sim. Quer ser franca comigo?

— Eu? Mas...

— Ouça-me. Uma das minhas amigas tem um filho oficial no exército.

Maria Clementina sobressaltou-se a estas palavras.

— No ano passado — continuou a senhora — este rapaz, que é meu afilhado, e por quem eu me interesso muito, passou algum tempo em Braga em serviço. Quando voltou a Lisboa, por diligências da mãe, ia preocupado e triste. Estranhavam-no todos que o tinham conhecido o mais alegre, e direi mesmo, estouvado rapaz da capital. A mãe dele, sobressaltada no seu coração

materno, escreveu para alguém do seu conhecimento, residente aqui próximo, e a carta que obteve... Quer-me fazer o favor de a ler? — continuou a senhora idosa, oferecendo uma carta a Maria Clementina. — E neste ponto...

— Mas para que hei de eu... — dizia Clementina, tremendo e estendendo quase involuntariamente as mãos para aquela carta: apesar da sua turbação lançou-lhe os olhos, e pôde ler as seguintes linhas:

«Quanto ao que me perguntas a respeito do teu filho, colocas-me em sérios embaraços; pois não sei se o mau pensamento lisonjeará demasiado a tua vaidade maternal. Em todo o caso, eu com a franqueza que sempre me conheceste, dir-te-ei que, a meu ver, o teu filho Filipe é digno de censura...»

As mãos de Maria Clementina tremiam cada vez mais ao ler estas palavras; vencendo a sua comoção prosseguiu:

«Há tempos que a sua assiduidade junto de uma menina destes lugares havia sido notada; no dia da sua partida uma imprudência dele sacrificou a reputação daquela que inocentemente confiara nele e...»

Maria Clementina devolveu a carta que estava lendo.

— Entendo, minha senhora — exclamou ela com a voz alterada e com as faces tingidas de um vivo rubor. — Va Exa sabe que eu sou a pessoa assim caluniada, não é verdade?

— Sei.

— E então com que fim me procurou? — prosseguiu Maria Clementina com certo tom de amargura.

— Para lhe assegurar que a mãe de Filipe de Rialva, ao receber esta carta, comoveu-se, e que, por secreto pressentimento, acreditou na pureza da mulher que uma imprudência do seu filho assim sacrificara; que ela me pediu que se pudesse encontrá-la, lhe assegurasse isto mesmo, e que lhe transmitisse um beijo, que eu espero me não recusará.

— Oh! minha senhora! — exclamou Clementina, verdadeiramente comovida.

E as duas mulheres por muito tempo confundiram seus beijos e as suas lágrimas.

— Ora agora — continuou afinal a senhora de Lisboa — faça-se justiça a todos. Filipe ainda não é tão culpado, como nesta carta se

diz. Ele, quer-me parecer, ainda se não esqueceu da menina.

Maria Clementina abanou a cabeça em ar de dúvida.

— Oh! não faça esse movimento que se não quadra com esses olhares tão cheios de confiança, com uma expressão de lábios, que, mesmo contra sua vontade, se conformam num sorriso. Não seja desconfiada. Sobretudo não me fique odiando Filipe... não?

Desta vez o sorriso de Maria Clementina tinha outra significação.

— Odiá-lo! — dizia-lhe, baixinho, o coração. — E julgam necessário recomendar-me que o não odeie!

Ora, apesar do coração falar tão baixo, não sei que admirável acústica era a senhora lisbonense que o percebeu, e aproximando-se de Maria Clementina disse-lhe com voz afetuosa:

— Ainda o ama, não é verdade? Diga-me que sim.

Maria Clementina corou e calou-se.

— Bem, bem, este rubor é também uma resposta. Adeus. Permite-me que volte a visitá-la?...

— Quando Va Exa quiser.

— Agora retiro-me.

— E nem ao menos há de descansar na nossa casa?

— Se me dispensa...

— O meu padrinho há de sentir.

— Quê! pois não está só? Tinham-me dito...

— O meu padrinho chegou, sem ser esperado, com um amigo que jantou connosco. Eles lá vêm ao nosso encontro.

A senhora de Lisboa seguiu com os olhos a direção em que apontou Maria Clementina, e não pôde disfarçar um movimento de espanto ao reconhecer o major.

— O Sr. Clemente Samora aqui?

O major pela sua parte parecia tê-la também reconhecido, e não mostrava menor estupefação.

— Longe estava eu de esperar encontrar Va Exa neste lugar, Sra. D. Joana.

— Não menos alheia estava eu ao prazer do seu encontro, major.

José Urbano, depois de cumprimentar, segundo a etiqueta, a dama desconhecida, voltou para sua afilhada e para o major olhares

interrogadores.

— Para evitar-lhes o incómodo de uma apresentação, eu própria me apresento — disse ela, olhando para o major de uma maneira particular, como se lhe quisesse recomendar o silêncio.

— Va Sa é, segundo julgo, o tio desta menina, não é verdade? — disse D. Joana, sorrindo-se amavelmente para José Urbano.

— As ordens de Va Exa aqui e em toda a parte. José Urbano, negociante em Braga.

— Muito bem, Sr. José Urbano. Pois eu sou de Lisboa, e aproveitei a vinda da rainha para visitar o Minho, que há muito tinha desejos de ver. Ao despedir-me de algumas minhas amigas em Lisboa recebi de uma a incumbência agradável de procurar esta menina para lhe assegurar da parte dela que, apesar da ausência, sempre a teve presente no coração. O acaso fez com que eu na estrada encontrasse a sua criada, de cuja conversa vim a saber ser aqui a morada de quem eu procurava, e resolvi por isso cumprir imediatamente a minha comissão. Agora retiro-me, mas já autorizada para voltar a visitá-la pela minha própria conta, se o Sr. José Urbano se não opõe...

— Oh! minha senhora! Va Exa honra-nos muito com a sua visita.

— O major fica?

— Vinha também despedir-me desta menina, e se Va Exa quiser aceitar a minha companhia...

— Porém, o major vai para Braga, e eu fico em casa do Visconde de P...

— Pessoa de bem — disse José Urbano ao ouvir este nome. — Mas o major pode acompanhar Va Exa até perto da quinta do visconde, sem torcer muito caminho.

E José Urbano, profundamente conhecedor da topografia do lugar, indicou ao major Samora o itinerário que devia seguir.

— Então até breve... É verdade; quer-me fazer o obséquio de aceitar um lugar na minha carruagem para vermos amanhã a entrada da rainha? — perguntou D. Joana, voltando-se para Maria Clementina.

— Peço a Va Exa que me dispense de aceitar tão lisonjeiro favor; mas não me agrada o tumulto.

— Basta; eu também prefiro falar-lhe mais com sossego. Adeus.

E aproximando-se de Maria Clementina beijou-a afetuosamente, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— É verdade, peço-lhe que não dissuada a sua criada das ideias que formar ao meu respeito.

O major Samora, ao ajudar D. Joana a subir para a carruagem, estava pensativo, e olhava para Maria Clementina de um modo particular.

— Entre, major. O André que lhe conduza o cavalo até ao sítio onde teremos de nos separar.

E depois de fazer um último sinal de afetuosa despedida a Maria Clementina, cortejar José Urbano, e ter enviado a Roberta, que se desfazia em mesuras, um gesto particular, deu ordem de partir, e em pouco tempo a carruagem se afastava do lugar.

— Parece uma excelente senhora — disse José Urbano, fechando a porta. — Mas de quem te trouxe ela visitas, Micas?

— Ah!... — respondeu Maria Clementina, turbada — da filha do juiz de Direito, que se retirou o ano passado.

Em todo o resto da tarde Maria Clementina mostrou-se preocupada.

José Urbano passeava no quintal, examinando minuciosamente o estado dos enxertos, o adiantamento dos renovos, e limpando os alegretes com a solicitude de um horticultor de vocação.

Maria Clementina permaneceu imóvel, encostada à varanda, seguindo com os olhos o volutear das andorinhas no espaço, nessa posição cheia de languidez e poesia de mulher de vinte anos que sonha. O sonhar nesta idade é uma das variadas manifestações do amor e a mais ideal, a mais pura, e mais sublime. Pensa-se antes que o coração tenha decifrado o enigma proposto, antes que o amor tenha recebido uma solução real. E o estremecimento da alma, precursor de uma vida nova. Após uma longa viagem, e depois de flutuar suspenso entre o céu e o abismo no mar, o nauta, encostado um dia à amurada do navio, estendendo os olhos pela amplidão das águas, sublimes de mais para lhe bastarem por muito tempo ao coração, e procurando ao menos nas nuvens um simulacro de montanhas, lagos fantásticos, campinas e florestas, sente que o vento, que lhe agita os cabelos e que sibila pelas enxárcias, o perfuma de fragrâncias suaves; que lhe recorda a terra porque suspira, e que lhe anuncia prazeres que ainda não vê. Então aspira com sofreguidão estas brisas, que roubaram às flores os seus

perfumes, e deixa-se cair num a contemplação extática, imaginando os bosques e os vergéis da terra de que se sente próximo.

Na vida há uma situação idêntica, em que também a atmosfera nos vem perfumar de misteriosa fragrância, e em que ao aspirá-la sonhamos venturas e esquecemos os dissabores de viagens empreendidas. É a aurora do amor; quadra de devaneios e fantasias, em que a vida do coração começa e exerce sobre nós o seu mágico influxo.

Maria Clementina estava naquele momento num a dessas situações. O que lhe estaria a fantasiar a imaginação? Imaginem as leitoras.

E tão absorvida estava naquele seu íntimo cismar, que nem dava pela presença da sua criada Roberta, cujo entrar e sair, e ruído que de propósito fazia, tinha o que quer que fosse de suspeito, e noutra ocasião teria já evidentemente sido notado por ela.

Roberta acabou de se convencer que não conseguira tomar-se notada; por isso, aproximando-se de Maria Clementina, dirigiu-lhe a palavra.

— Então diga-me cá, menina, que lhe pareceu a visita daquela senhora?

Maria Clementina olhou para a criada com certo sobressalto, como se aquelas palavras a desviassem, mau grado seu, de um agradável meditar.

— Que me havia de parecer, Roberta? Uma delicadeza daquela senhora, que assim quis ter um incómodo pela minha causa.

— Sabe quem ela é? — perguntou Roberta com certo ar de mistério.

— Uma senhora de Lisboa.

— Mas que senhora?

— Que senhora?! Não entendo a pergunta.

— Sim; pergunto eu se sabe quem é aquela senhora?

— Eu, não.

Roberta tomou-se cada vez mais misteriosa; foi à porta observar se alguém a escutava; depois aproximou-se de Maria Clementina, e disse-lhe em voz baixa:

— Quer que lhe diga quem ela é?

— Diga lá.

— E promete segredo?

— Prometo — respondeu Maria Clementina, sorrindo ao lembrar-se da recomendação de D. Joana.

— Pois olhe; mas não se assuste, nem diga nada ao padrinho.

— Mas então quem é?

— É a rainha!

— A rainha? Ah! ah! ah! — disse Maria Clementina, não podendo reter uma gargalhada.

— Olhem! E a menina ri-se! É o que eu lhe digo.

— Então era a rainha?

— Era, sim, senhora, era. E sabe quem a trouxe aqui?

— Eu não.

— Fui eu.

— Ah! Então você tem esse poder sobre a rainha?

— Ora escute.

E Roberta, com toda a familiaridade, puxou uma cadeira para junto de Maria Clementina e prosseguiu:

— Aquela história do alferes...

— Roberta! já lhe disse que não queria que me falasse mais nisto.

— E não tenho falado. Agora, o que eu não podia era deixar de pensar também. Que quer a menina? Eu vi-a nascer, assim como vi nascer a mãezinha, e já que não pude dar àquela as venturas que lhe desejei sempre, disse cá de mim para mim: Esta não há de ter uma sorte infeliz, ao poder que eu possa.

— Mas a que vem isso agora, Roberta?

— A que vem? Ora escute. Aquela doida da leiteira veio-nos aqui dizer que a rainha chegava ontem. Quando ela me disse aquilo, eu pus-me cá a malucar. A rainha é rainha. Ela é quem manda e governa, os outros têm de lhe obedecer. Se eu lhe contasse tudo...

— Se lhe contasse o quê, Roberta? — exclamou Maria Clementina com certa inquietação.

— Tudo. A história do tal alferes.

— Roberta!

— Ora valha-me Deus, menina. Com esses escrúpulos não se faz nada de jeito. Se eu tivesse estado com a menina em Braga, eu me acautelaria; assim ao menos vamos a remediar o mal. A rainha dizem que é boa senhora. Se eu lhe fizer constar que, por causa de um alferes, as más-línguas se atreveram a murmurar da mais virtuosa menina que eu tenho conhecido, ela há de tomar as suas medidas e remediar tudo.

— Você tem coisas, Roberta!

— Diga-lhe que sim. Eu o que não tenho são papas na língua. Sabe a menina que para dizer a verdade, tanto a digo diante dos reis como dos da minha igualha. Já uma vez fui jurar como testemunha de dizer o que sabia, e até o juiz disse que eu era uma mulher desenganada. Eu cá sou assim. Pedi-lhe ontem licença e fui-me pôr na estrada à espera da rainha. Bem podia esperar até pela manhã. Passou este senhor general, que cá jantou hoje; quando me lembro como a menina cá se arranjou sem mim, ainda me benzo; o que valeu é que ele é um homem como se quer, e o padrinho estava hoje de boa maré. Ainda assim! Mas não tem dúvida, ainda que tivesse de cair a sé, por bem empregado dava eu o meu tempo...

Mas como ia dizendo, passou este senhor e um rapazote novo, e foram eles que me disseram que a rainha só chegaria daí a duas ou três horas, e até me deram os sinais certos para eu a conhecer. Esperei, esperei e por fim sempre apareceu: conheci-a logo.

— Ah! então conheceu-a?

— Conheci logo. Vi a carruagem e disse com os meus botões: E aquela. Vinham dois criados a cavalo atrás e outra carruagem com senhoras também. Não trazia estadão, porque, como me disse o tal rapaz, ela viaja... viaja... ora como disse ele?... Era assim uma coisa como em cólicas, mas que vinha a dizer que viajava sem estrondo. Cheguei-me à carruagem, apesar do sinal do boleeiro, e ela ao ver-me fez logo sinal para parar. Atenciosa é ela com os pobres, Deus Nosso Senhor lho pague.

Maria Clementina ouvia com curiosidade a narração desta aventura da criada.

— Qual de V.^ Ex.^ é a rainha? — disse eu para as três senhoras que iam dentro, apesar de logo ver que havia de ser a mais idosa. As mais novas desataram a rir... como a menina ri também... não sei porquê. Lembrou-me que seria por eu não dar o tratamento que devia e emendei a tempo: Qual das vossas majestades é a rainha?

As outras riam ainda... Eram uns galos dourados, coitadinhas, nem por estarem diante de quem estavam!... Raparigas. Mas a senhora então, tocando-lhes com o cotovelo, disse muito séria, voltando-se para mim:

«— Sou eu; por quê?

— Ah! eu logo vi, ora primeiro que tudo seja vossa majestade muito bem-vinda a esta sua terra, onde tem muitos amigos. O meu amo fala muito no paizinho da vossa majestade. Ora muito bem. Vossa majestade há de ter pressa; mas é que eu sempre lhe queria pedir...

A rainha julgou que era esmola, pois já ia a meter a mão ao bolso...

— Em cortesia — disse eu, que a percebi — não é isso que eu peço, é justiça.

— Justiça! — disse a rainha, tomando-se logo séria. — Fale, fale... quem lhe fez mal?

— Eu lhe conto, não foi a mim verdadeiramente, mas... e o mesmo que se fosse, se fui eu que a trouxe ao colo...

— A quem? — perguntou a rainha.

— À minha menina!

— Roberta — disse Maria Clementina, interrompendo-a — você não tem juízo! Ir assim, diante dessa gente toda, falar em coisas das quais eu já lhe tinha proibido de dizer uma palavra mais!

— Ora venha cá ensinar-me como as coisas se fazem! Cuida que me pus mesmo agora a tagarelar para quem me quisesse ouvir. Era o que faltava. Eu disse à... à rainha: se a vossa majestade quiser ter o incómodo de se chegar aqui, eu conto-lhe tudo. Ela chegou à porta da carruagem, e eu disse-lhe tudo ao ouvido.

— Tudo o quê?

— Contei-lhe que, estando eu na quinta e o padrinho no Porto, a menina fora para o convento. Que foi por ocasião do Saldanha andar por cá e que deixara ficar em Braga um tal alferes, que inquietou a menina; porquanto enfim, como eu disse à rainha, quando a gente é nova o coração é o coração, o sangue ferve...

— Jesus, meu Deus! que mulher esta! — exclamou Maria Clementina, corando.

Roberta não atendeu à interrupção, e continuou:

— Que depois a viu em casa do Sr. Domingos Pedral, e que na noite em que o tal alferes tinha de partir para Lisboa, foi falar com a menina ao jardim do Sr. Pedral, onde a menina estava. Asneira, como eu disse à rainha, em que se eu lá estivesse, a não deixaria cair. E logo então com tanta infelicidade, que ao saltar o muro foi visto por um grupo de estudantes que dobrava uma esquina, e o mesmo foi verem-no eles que vê-lo toda a cidade, a qual já falava nestes amores há muito. No dia seguinte, a reputação da menina andava já por essas bocas do mundo; as delambidas das freiras puseram-se a fazer biquinhos à volta da menina para o convento. E eu e a quem contaram isto fomos buscar a menina para a quinta, porque, graças a Deus, a sobrinha do Sr. José Urbano não precisa dos favores de ninguém. Disse-lhe que o Sr. José Urbano chegara aqui a Braga espavorido, mas que depois de falar com a menina ficara manso como um cordeiro, e nunca falara mais nisto.

— Sabe, Roberta, que se o meu padrinho soubesse o que você fez havia de ficar muito satisfeito! Não viu como ele lhe ordenou que nunca mais falasse em tal?

— Pois sim; com esses escrúpulos ficávamos sempre nesta vida. A menina sem voltar à cidade, sem visitar ninguém, aqui metida.

— Bem me importa a cidade. Que canseira lhe dá isso a você? Eu já lhe disse que não me distraio aqui?

— Ora deixemo-nos disso. Os passarinhos cantam muito bem, as flores são muito bonitas; mas, vindo o Inverno, nem passarinhos nem flores. Depois sempre quero ver como a menina se diverte. E como o ano passado. Chorava, chorava...

— O ano passado estava doida. Já sabe que me curei daquela loucura.

— Diga-o a quem quiser, menos a mim. Olhem para onde ela vem com os seus esquecimentos!

— Mas que lucrou você em contar a essa senhora a minha história?

— À rainha...

— A rainha, seja lá rainha. Para quê?

— Pois quem lhe pode dar remédio, senão ela? Eu lá lhe disse:

Agora veja vossa majestade se isto deve ficar assim. Se os militares que a vossa majestade para cá nos manda vêm para manter a paz,

ou para meter a desordem nas famílias e fazer a infelicidade de meninas bem-educadas...

Como se chamava esse oficial? — perguntou a rainha, e eu bem vi que ela já estava interessada por a história.

— Olhe, eu só sei que ele era Filipe.

— E disse-lho! valha-me Deus!

— Disse, disse... Era o que faltava se eu me punha com biocos.

— Filipe de Rialva?! — perguntou a rainha assim com mostras de o conhecer...

— Tanto não posso dizer a vossa majestade; eu só sei que ele é Filipe.

A rainha não perguntou mais nada dele.

— Mora daqui longe essa menina?

— É ali logo.

— Pode lá ir uma carruagem?

— Indo pela banda de cima, estou que pode.

— Ela estará amanhã só?

— De todo só. Porque não esperava que o padrinho viesse de Braga.

— Vou ficar hoje em casa do visconde de P., sabe onde é?

— Perfeitamente, majestade, é logo ali — e apontei para o sítio.

— Amanhã, a esta mesma hora, esteja lá para me guiar no caminho. Vá com Deus.

Eu desviei-me da carruagem, que desapareceu num abrir e fechar de olhos.

Quando cheguei a casa e vi o Sr. José Urbano, fiquei atarantada de todo, porque me lembrei que já não podia ir buscar a rainha. Passei a noite muito triste, e nem dormi, mas rezei muito a Nossa Senhora.

Hoje de madrugada, vendo partir o padrinho para a cidade, fiquei tão contente, que por pouco não me deu o sono. Boa te vai. Olha agora se eu adormecia nesta ocasião, estava bem servida! E levantei-me logo, e quando foram horas pedi à menina que me deixasse ir a Braga comprar linho, mas fui ter com a rainha, que já estava à minha espera. Pelos modos parece que também madruga, porque ainda não era meio-dia! Depois ela... a rainha... fez-me entrar na carruagem. Oh! Eu bem não queria, mas não houve de

quê. Hem? Que lhe parece? desta poucas se gabarão! Não é assim? Ora aqui tem como a rainha aqui veio ter.

Mas julgue como eu ficaria quando vi o Sr. José Urbano à janela. Credo! Fiquei sem pinga de sangue, e por pouco não caí redondamente no chão. Decerto me valeu o meu padre Santo António. Também olhe que uma aquela assim como esta poucas vezes acontece à gente. O que me admirou foi o padrinho não a conhecer. Agora, quando a vir em Braga, é que há de ser bonito. O major, esse logo vi que a conheceu; porém ela fez-lhe sinal, que eu bem reparei. Mas como veio o major cá ter...? E como se arranjaram com o jantar? É verdade, ó menina, quem fez aquela sopa, que... santo nome de Deus! por pouco me não punha a boca em carne viva! Onde aprendeu a menina a cozinhar aquilo?»

Maria Clementina sorriu-se a esta referência à açorda do major. Mas naquele momento achava-se possuída de veemente desejo de estar só, e por isso, voltando-se para Roberta, disse-lhe:

— É necessário ir tratar do chá do padrinho, que ele não tarda por aí. Vá; depois conversaremos.

Roberta retirou-se murmurando:

— A rainha nesta casa e eu na carruagem da rainha! Quando me lembro!

Maria Clementina ficou outra vez só. Outra vez se deixou arrebatar pelos devaneios da sua fantasia. Ficar só é a suprema felicidade em situações como a sua. Escuta-se melhor o que murmura o coração agitado, percebem-se todas as íntimas vibrações dos misteriosos sentidos donde procedem os afetos. Nas trevas, em que a imaginação de Maria Clementina se confundia, via raiar enfim um raio de luz. Não era pois ainda desesperada a sua situação. Seria possível desanuviar-se-lhe ainda o céu, para o qual já não olhava com esperança? Não seria ainda a resignação a única arma que lhe podia dar a paz do coração que perdera?

Tudo isto lhe propunha o pensamento, e entre estas questões vacilava aquele pobre coração, que julgava ter abafado todas as esperanças, e agora as via surgir de súbito umas após outras, a povoarem-lhe de novo a fantasia, mais inquieta que nunca, e a seduzirem-na com o esplendor do seu brilho, com o vivo das suas cores.

Como é ilusória a placidez dos vinte anos! O fogo latente alimenta uma iminente erupção. Ó transparente máscara de sisudez posta

nestes lindos rostos de mulher, como ocultas mal os risos inquietos que se agitam por debaixo! pensai, pensai, sonhai, imaginações juvenis; pulsai, amai, corações virginais; a vida na vossa quadra é isto. Não há gelo que apague o fogo que vos escalda; e, se o sufocais com gelo, funde-se em lágrimas e a paixão rebenta mais forte.

Deixemos Maria Clementina entregue aos seus pensamentos de amor, acompanhem-na as imaginações dos leitores, mais capazes de as seguirem aí, e vamos nós a outro ponto, onde o desfiamento desta narração nos chama.

CAPÍTULO VII

O ENCONTRO INESPERADO

Ao separar-se do major, perto da quinta onde devia pernoitar a senhora de Lisboa, a que este chamara D. Joana, disse-lhe ela, estendendo-lhe a mão:

— Então ficamos nisto, major?

— Pela minha parte prometo cumprir quanto Va Exa me ordene.

— Não diga ordene, por quem é. Eu peço só...

— Não é o mesmo que ordenar?

— Bem, major, não insistamos em galanteios. Combinamos então o major em colher informações de família. Eu em sondar o coração de Filipe.

— Eu posso dar a Va Exa informação nesse ponto.

— Como?!

— Filipe falou-me nesta inclinação, e confessou conservar da pequena uma ideia muito superior à de todos quantos amores tem experimentado. Mas Va Exa está resolvida...

— A evitar que Filipe cometa uma deslealdade. Que quer, major? meteu-se-me na cabeça fazer do meu filho um perfeito cavalheiro...

— E não lhe será muito difícil o empenho na execução, minha senhora. Mas adiante. Va Exa e Maria Clementina serão tudo, menos o fruto de alguma antiga árvore genealógica.

— Olhe, major, eu não tenho o defeito de me esquecer que o meu pai era um negociante da capital; e se o pai de Filipe não julgou desonrar-se aliando-se com a minha família, eu renegaria a minha procedência, se adotasse esses preconceitos. Ora agora, para o mundo, que para desculpar uma ação boa precisa de a explicar por uma ideia interesseira, ficarei absolvida dizendo-se que os capitais de José Urbano sossegaram os escrúpulos aristocráticos, que, como sabe, eu nunca tive.

— Bem, minha senhora. Agora, que recebi as suas instruções, retiro-me e até à vista.

— Conto com a sua aliança?

— De vida e de morte.

E o major despediu-se de D. Joana Rialva com a galanteria de um perfeito militar; e montando a cavalo partiu em direção a Braga.

Momentos depois estava D. Joana no salão do visconde de P.... onde a aventura da estrada ainda era comentada com alegria. D. Joana contou ao seu modo o que lhe sucedera na visita que acabava de fazer, inventando uma história de uma família desgraçada, que a exoneração de um emprego público reduziu à miséria, e agradeceu a Filipe o haver-lhe fornecido a ocasião de reparar um mal.

— E Va Exa visitou essa família? — perguntou Filipe — se é que a mãe não exige que a trate por majestade também.

Nova hilaridade das senhoras do salão.

— Visitei, e voltarei ainda a vê-la. Assim lho prometi. Já agora quero tomar a sério o papel de rainha. Imaginei que devia levar a felicidade àquela família que assim recorreu a mim. Parece que andou aqui a mão da Providência. E tu, Filipe, terás também o teu papel em tudo isto. Preciso da tua coadjuvação para secundar os meus projetos.

— De todo o coração, minha mãe, lha prometo.

— Reclamo já a tua companhia para a visita que tenciono fazer-lhe.

— Da melhor vontade... prometo.

— E nós todas vamos também — exclamaram algumas senhoras.

— Não vai nenhuma. Eu quero continuar a ser suposta rainha, e 2 o riso das meninas não mo permitiria.

— Prometemos estar serias.

— Não creio na promessa. Desta vez irei eu só com Filipe...

E, combinando nisto, passou-se a conversar noutros assuntos, a discutir toilettes, a planear projetos de passeios, voltando-se de vez em quando ao objeto que evidentemente mais preocupava D. Joana.

O dia seguinte foi de grande alvoroço para Braga. Todos os nossos conhecidos, à exceção de Maria Clementina e de Roberta, andavam envolvidos naquele mare magnum de povo, e tomando parte no

tumulto e agitação, em que a chegada da sua majestade lançou a população de Braga.

Deixemos porém passar este dia, pois que não nos compete tomar parte naqueles regozijos, e juntemo-nos às personagens desta história no dia seguinte a esse para seguirmos a série de acontecimentos que formam o entrecho desta narração.

O carro, que já uma vez havia conduzido D. Joana à quinta de José Urbano, corria agora com ela e Filipe de Rialva pela estrada de Braga na mesma direção. O major encarregou-se de conservar na cidade o proprietário da quinta, porque a visita evidentemente não se destinava a este.

Rialva fazia notar a sua mãe as belezas do caminho, e exaltava os encantos da província do Minho com entusiasmo de artista.

— Deve Va Exa concordar que é uma aprazível província esta. Os campos são jardins, os montes são cômoros de verdura, parece que se sente tudo cantar e sorrir.

— E efetivamente esta gente do campo é essencialmente amante da música. Ainda não cessámos de ouvir cantar.

Naquele mesmo momento uma fresca e suave voz aldeã cantava num campo:

Aquele que tanto amei

Esqueceu o meu pensamento,

Como o rio esquece as rosas

Que retratou um momento.

— É uma acusação de infidelidade — disse D. Joana, fitando no seu filho um olhar malicioso, que este não percebeu.

— Mas que bonita voz a da cantora! Parece-me que ainda em S. Carlos não se ouviu tão sonoro timbre.

Mais adiante uma lavadeira cantava num ribeiro, vizinho à estrada:

O amor que me juraste

Bem cedo o vi acabar,

Foi fumo de lavareda

Que já se desfez no ar.

— Outro queixume. Parece-me que a cada passo se ergue uma voz a acusar a inconstância do coração.

— É porque só os corações infelizes é que cantam; a alegria e a felicidade são mudas.

Ao voltar um ângulo do caminho era outra rapariga que fiava à porta, cantando:

O teu amor era falso,

Teve pouca duração,

Mas deixou mágoas eternas

No meu pobre coração.

— É singular! — disse D. Joana com certa intenção. — Parece de propósito; sempre a mesma poesia. Nem que nos perseguisse uma voz como a da consciência a acusar-nos de alguma culpa de

inconstância. Ora dos dois, quem com mais alguma probabilidade poderá ser acusado disso, não serei eu decerto. Se fosses tu, Filipe?...

— Quem sabe, minha mãe? — respondeu Filipe com uma seriedade que não estava em harmonia com o tom jovial em que D. Joana lhe fizera a observação.

— Ah! quem sabe? Ninguém senão tu e a Providência, que talvez esteja falando pela boca desta pobre gente. Só me admira que fale no Minho para emendar o mal feito em Lisboa.

— E se fosse o mal feito no Minho?

— No Minho? mas... ah? sim, tu estiveste alguns meses aqui. Então, Filipe, por acaso inspirar-te-iam estas belas paisagens alguns capítulos do romance? porque mo não contaste? Sabes que tudo quanto escreves e contas me excita sempre interesse; pois nem te lembras que até os teus trabalhos académicos eu gostava de ler? Nem aos de matemática perdoava: não os decifrava, mas entendia-os. Não sei se me admites este paradoxo.

— Eu sei, minha mãe, avaliar o seu muito afeto, mas que quer? O conceito elevado que Va Exa na sua indulgência materna faz de

mim, lisonjeia-me tanto, causa-me tal orgulho, que recuo perante a ideia das confissões que lhe podem lançar a mais leve sombra na imagem que a sua muita bondade formou de mim.

— Deve ser bem grave a culpa cometida, que assim te está causando remorsos.

— Ainda não pude avaliar toda a extensão e gravidade dela.

— Porquê?

— Porque não pude saber ainda as consequências que resultaram.

— E se eu exigir que ma confies?

— Basta que lhe diga, que essas cantigas populares que nos têm acompanhado, podem considerar-se, como Va Exa disse há pouco, a voz da minha consciência ou dos meus remorsos.

— Remorsos! Repara que são a consequência de um crime. Por acaso...

— Pelas convenções sociais não me pode ninguém chamar criminoso; mas por um outro código, pelo código da consciência, eu sou acusado.

— De que crime?

— De ter feito nascer uma paixão, prevendo quase que ela teria de morrer sufocada, prognosticando-lhe o seu nenhum futuro.

— E que motivos tens para julgar nela mais sincera essa paixão do que o era em ti? Vaidoso! Imaginas que ninguém te poderia aceitar a corte sem morrer de amores por ti?

— Por um lado tem razão no que diz; mas um pressentimento...

— Bem. A coisa não passa de um pressentimento? Pois nesse caso oponho-lhe um outro pressentimento meu. Já nem sequer pensa em ti essa em quem pensas ainda tanto. E o mais natural. Tranquiliza os teus escrúpulos; mas parece-me que não te seria demasiado lisonjeiro o convencimento desta verdade. Ora diz-me: tu ainda a amarás?

— Julgo que não, minha mãe. Eu sinto-me tão volúvel!

— Mas como tu dizes isso! que ar de remorso! Nunca te acusaste com tanta contrição do teu rompimento com a Alberta dos Prazeres, com quem estiveste quase esposado. Ó Filipe, dar-se-á que o teu coração entre deveras nisso?

— Quero acreditar que não, minha mãe. Seria uma calamidade.

— Porquê?

— Va Exa permite-me que fale francamente?

— Ordeno-te.

— Pois bem. É porque se eu me sentisse deveras apaixonado, podia estabelecer-se entre mim e Va Exa um conflito, do qual, fosse o resultado qual fosse, eu sairia sempre com feridas que não sarariam nunca, ou acabaria por lhe não obedecer; e se o amor fosse verdadeiro, sofrendo por ele, eu venceria a paixão, e nunca me perdoaria a desobediência.

— E qual a razão porque julgavas inevitável um conflito? Essa mulher era indigna de ti?

— A sociedade em que Va Exa vive é de umas exigências ridículas, mas a que se costumam a obedecer os que a frequentam. Conveniências sociais. A mulher a quem me refiro era filha de um negociante de Braga.

— Não te sabia desses preconceitos heráldicos tão arreigados!

— Em mim? Engana-se, minha mãe, se eu fosse só... Mas sabe que lhe não quero dar desgosto...

— Se me não engano, achamo-nos em frente da casa da família que vamos socorrer.

Efetivamente a carruagem parou diante do portão da quinta de José Urbano, e o boleeiro, apeando-se, puxou o cordão da sineta, cujo ruído se fez ouvir ao longe, despertando os latidos dos cães, fiéis guardadores daqueles jardins.

Passados tempos o portão abriu-se, e Roberta apareceu, depois de perguntar de dentro quem era, com voz um pouco resolvida; ao dar com os olhos na carruagem, deu um salto, como se a picasse uma víbora.

— Vossa... — ia exclamar a pobre velha atónita.

— Psiu! — disse D. Joana, pondo o dedo na boca e com um sorriso benevolente.

Roberta calou-se, mas, ao ver saltar Rialva do carro, fez um novo movimento de surpresa.

— Agora é o outro. Pelo que vejo eram grandes fidalgos ambos. Rialva, que conheceu logo em Roberta a velha da estrada, procurou tomar-se ouvido dela, dizendo à mãe, ao ajudá-la a descer:

— Se vossa majestade se quiser utilizar do meu braço...

D. Joana sorriu, e, saltando junto de Roberta, perguntou-lhe em voz baixa:

— Onde está a menina?

— Deve andar pela quinta. Eu vou chamá-la.

— De modo nenhum. Iremos ter com ela.

— Como vossa majestade quiser; nesse caso eu vou adiante.

— Também não. Se me quiser antes fazer o favor de me preparar um copo de água chalada...

— Com todo o gosto. Mas se a vossa majestade se engana no caminho?...

— Melhor, mais tempo gozaremos da quinta.

E tomando o braço de Filipe, D. Joana desceu as escadas que conduziam à quinta.

— Sabe, minha mãe, que para um empregado demitido é esta uma magnífica vivenda? — disse Rialva, admirando o bom aspeto de quanto o rodeava.

— Restos de um bem-estar passado — respondeu D. Joana, entranhando-se num a rua orlada de roseiras todas enfloradas.

— Que deliciosa habitação! — exclamava Rialva a cada passo.

— Sigamos na direção donde nos chega o sussurro do cair da água.

Rialva atrasara-se de D. Joana alguns passos de distância, tendo-se demorado a colher um botão de rosa que se pendurava num a das ruas...

Preparava-se a apressar o passo para alcançar a sua mãe, quando viu esta levantar pé ante pé, e com a mão nos lábios como a recomendar-lhe silêncio.

Filipe parou.

D. Joana chegou-se a ele e disse-lhe baixinho:

— Devagar, muito devagar. Dorme alguém ali adiante. Quero preparar-te um belo espetáculo. Devagar!

E os dois caminharam tão de manso, que mal se escutava o estalar da areia da rua e de uma só folha seca que o vento destacava das árvores.

— É agora — disse D. Joana, desviando-se para deixar patente ao seu filho a vista do largo junto a uma pequena cascata, no qual

penetraram.

Rialva olhou e estremeceu de surpresa.

Reconhecera Maria Clementina adormecida.

A mãe e o filho permaneceram silenciosos perante aquele espetáculo.

Quem o poderia conceber tão belo!

Languidamente recostada no banco rústico que existia ao lado da cascata, conservara Maria Clementina uma posição naturalmente artística, na qual lhe sobressaíam todas as formas elegantes e corretas daquele corpo flexível e delicado.

O braço direito, dobrado sob a cabeça e um pouco descoberto, exagerava pela flexão as curvas graciosas e suaves do seu regular contorno; o esquerdo, pendente ao longo do corpo, permitia observar uma mão encantadora. Não era destas pequeninas mãos, galantes como as de uma criança, e que se abrangem num a só das nossas; reconhecendo a graça desses modelos, confesso que me produzem mais sensação as mãos como as de Maria Clementina. Algum tanto compridas e estreitas, cobertas por uma pele alvíssima e transparente, sob a qual se desenhava uma complicada rede de

veias azuladas, tinham estas mãos assim o que quer que seja de distinção e encanto, que atrai as vistas, que as fixa, que as fascina.

Eu, a respeito de belezas femininas, não sou partidário ardente do galante, do mignon, como os franceses dizem; prefiro-lhe o ar de dignidade e grandeza que se lê em certos tipos, temperado pelo que possui de brandura todo o rosto de mulher verdadeiramente bela. A cabeça de Maria Clementina, um pouco inclinada para trás, descobria, em toda a sua vantajosa forma, o colo, cuja transição para a face e para os seios se fazia por curvas tão disfarçadas e brandas, que a vista insensivelmente deslizava por elas e perdia-se a divagar naqueles lábios, que a respiração entreabria, pousava amorosamente nas suas graciosas comissuras, que se elevavam num quase impercetível sorriso, nas pálpebras, que pareciam denunciar o fulgor dos olhos que mal encobriam; ou baixava ardente como insinuando-se por entre o corpilho do vestido, que subia até o pescoço, avaro das belezas que ocultava, e como fascinada por aquele movimento cadenciado e um respirar tranquilo.

— É ela — disse afinal Filipe, olhando para a sua mãe e ainda comovido por sentimentos encontrados que o dominavam.

— Eu sei! — respondeu D. Joana, continuando a sorrir.

— Sabe?!

— Bem vês que te trouxe aqui.

— Mas... como foi isto?

— Pediam justiça, enviaste a queixosa para mim. Eu prometi fazê-la. A isso venho.

— A fazer justiça?

— Sim.

— E o ofendido é...

— E ela e o culpado és tu. Não to diziam há pouco os teus remorsos, Filipe? Ao partires para Lisboa deixaste comprometida a reputação desta menina.

— Pois acaso...

— Viram-te descer o muro do jardim...

— Oh! meu Deus...

— Desde então a sociedade escrupulosa obrigou-a a procurar esta solidão. Deves supor se lhe terão sorrido os dias passados aqui. E no entretanto tu esquecia-la na capital...

— Oh! minha mãe... juro-lhe...

— Não jures, Filipe; ora que vais tu jurar? Confessa, é melhor; e arrepende-te, que é mais nobre.

— Eu sou um miserável, minha mãe.

— Que nome tão feio! Agora cais-me num outro extremo. E preciso emendar o mal feito.

— E como?

— De uma maneira possível.

— Pois quer...

— Então que é? Hesitas em fazer justiça, quando não hesitaste em cometer a culpa...

— E consente...

— Ordeno, se ainda podem ter para ti valor as minhas ordens.

— Mas essas são para mim uma bênção do Céu, creia-me! — exclamou Filipe, apoderando-se da mão da sua mãe e beijando-lha com efusão.

Um movimento de Maria Clementina deu a conhecer que ela despertava, enfim, do seu sono tranquilo ao rumor do diálogo, que se travara entre D. Joana e o seu filho. Esta correu ao encontro de Maria Clementina, ocultando por este movimento a presença de Filipe.

— Va Exa aqui! — disse Maria Clementina sobressaltada ao abraçar D. Joana.

— Estava a gostar de a ver dormir...

E depois de a beijar afetuosamente, D. Joana afastou-se, descobrindo assim a figura de Filipe, que se conservara imóvel a distância.

Maria Clementina, dando com os olhos nele, estremeceu, exclamando:

— Oh! meu Deus.

— E meu filho — disse D. Joana, beijando-a na cara com uma carinhosa solicitude.

Maria Clementina vacilou, deixou-se cair no banco em que estivera sentada, e pelas faces, que passavam de uma súbita palidez a um intenso rubor, deslizaram as lágrimas que lhe inundavam os olhos...

Nisto assomava na extremidade de uma das ruas a velha Roberta com o copo de água e chá, que D. Joana lhe pediu.

Esta correu a encontrá-la para lhe encobrir a turbação dos dois.

— Agradecida pelo incómodo que teve. Agora faz-me um favor? Ajuda-me a cortar um ramo de japoneiras? — E aproximando-se de Roberta, acrescentou a meia voz:

— Deixemos sós os dois; este é o tal alferes...

— E este! — disse Roberta, olhando para Filipe com os olhos espantados e com certa indignação. — E logo foi a ele que eu...

— Está bom, deixemo-los, que tudo se há de arranjar.

— Deveras?

— Comprometo a minha palavra.

— É a palavra real... — disse Roberta.

— Tem razão... não volta atrás — terminou, sorrindo, D. Joana de Rialva.

E D. Joana, conduzida pela velha, foi efetivamente cortar um ramo de camélias, com grande orgulho de Roberta, que toda se desvanecia em estar colhendo flores para sua majestade.

Filipe e Maria Clementina ficaram. Esta, vendo afastar-se D. Joana, levantou-se para segui-la; mas viu diante de si Filipe ainda imóvel e atencioso, e as forças faltaram-lhe, deixando-se cair de novo.

— Ainda poderei esperar de si a minha absolvição, Maria? — disse Filipe aproximando-se da donzela.

— Pois eu já o acusei? — respondeu timidamente Maria Clementina.

— Acusa-me a consciência.

— De que o acusa então? De me ter mentido?...

— Não, que lhe não mentia quando lhe disse que a amava...

— Então? De me ter esquecido?

— Também não. Podia eu esquecê-la?

— Não sei. Mas de que o acusa a consciência? Diga.

— De não ter sido eu próprio que há mais tempo tivesse vindo oferecer-lhe a reparação do mal que lhe fiz.

— Do mal? Pois sabe se me fez mal?

— Sei. Soube-o agora... da minha mãe.

— Entendo. E vem oferecer-me uma reparação?

— Era o meu dever, mesmo quando...

— É uma generosidade. Mas ouça-me — disse Maria Clementina, levantando-se e caminhando para Filipe, com uma resolução que contrastava com a sua timidez de há pouco. — Eu não posso aceitar um sacrifício.

— Um sacrifício...

— Olhe, Filipe, um ano de solidão faz-nos pensar com madureza. Há um ano receberia com alvoroços de alegria as palavras que me disse. Hoje não. Sou culpada para com o mundo. Que me importa! Sou inocente para com a minha consciência. Mas quando mesmo esta me acusasse, acredite que não me moveria a aceitar de si isso que 3 chama o cumprimento de um dever. Deveres! Quem lhos impôs? A sociedade? Eu não lhe pedi que advogasse a minha causa. Eu? Bem vê que não. Tranquilize os escrúpulos da sua consciência; se é ela que o impele a esse passo, desista de obedecer-lhe; eu absolvo-o de toda a responsabilidade. Obrigada, Filipe, mas bem vê que não devo aceitar.

— E se a voz da consciência se harmonizar neste caso com a do coração?

— E quem mo há de assegurar? — disse Maria Clementina, voltando à sua anterior confusão.

— Incrédula? Exigir provas é renegar a persuasão do amor. Sabe porque há um ano me acreditava e hoje duvida?

— Porque se passou um ano! E que ano, Filipe! que experiência colhida nestes doze meses passados a sós com o meu pensamento e com o desprezo dos outros...

— Do desprezo, pois acaso...

— Oh! Não julgue que lhe falei nisto como uma arguição. Não era o que mais me fazia sofrer esse desprezo; esquecia-me dele. Outra causa movia as minhas lágrimas.

— E era?

Maria Clementina calou-se embaraçada.

Filipe aproximou-se dela, e tomando-lhe a mão insistiu:

— O que a fazia chorar então, Maria?

Maria Clementina levantou os olhos húmidos de lágrimas e com um sorriso angélico respondeu suspirando:

— E pergunta-mo? Chorava, chorava de saudade.

— Pois lembrava-se de mim?...

— Duvida, e quer que acredite no seu amor!

— Se eu era indigno de tanto! E agora...

— Agora?

— Por que mudou de pensar?

— Por que mudei? Eu mudei! E julga que posso deixar de acreditar; julga que me restam forças para resistir a uma tentação! Devia pedir-lhe misericórdia, mas... Nem sei... Olhe, que exige de mim? que diga que o amo?... Pois sim, amo-o, amo-o. Que mais quer? É a minha perdição talvez.

— E a sua salvação, minha filha — disse D. Joana, que se aproximou de Maria Clementina e a apertou nos braços.

Nisto ouviu-se tocar a sineta do portão.

CAPÍTULO VIII

EXPLICAÇÕES — NÃO HÁ JUSTIÇA

COMO A JUSTIÇA DE SUA MAJESTADE

Os sons vibrantes da sineta interromperam de chofre as carinhosas efusões de D. Joana e Maria Clementina, que se olharam como se perguntassem uma à outra — quem será?

Em seguida novos e mais rápidos sons se fizeram ouvir, ecoando pelo jardim, indicando que quem tangia a sineta queria ser ouvido e tinha pressa de transpor o portão.

— Quem será — disse Maria Clementina — que tão apressado se mostra?

— Deve ser — respondeu D. Joana — seu padrinho e o major, que ficou de estar aqui com ele por estas horas. Filipe conservar-se-á por enquanto aqui fora; a menina quer-me acompanhar ao encontro dos recém-chegados?

Maria Clementina cedeu o braço a D. Joana, que, apoiando-se nele, caminhou na direção do portão.

— Vamos trabalhar no seu futuro; quero dispor tudo antes de partir.

— Pois quando parte?

— Depois de amanhã.

— Já? Tão cedo.

— Assim me é indispensável. Mas em breve a tomarei a ver em Lisboa. Não é verdade?

— Em Lisboa?... — disse Maria Clementina, corando.

— Sim, e bem junto de nós. Sempre desejei ter uma filha. Dou graças por me deparar uma tão boa.

— Oh! minha senhora — exclamou Maria Clementina, não podendo conter o seu reconhecimento e apoderando-se-lhe da mão, que beijou comovida.

— Vejo que me aceita por mãe... Obrigada.

— E é a senhora que me diz obrigada? A mim, que pela primeira vez conheço a ventura que há em ser filha!

— Pobre menina. Mas vamos, não nos sensibilizemos, que estamos próximos ao último ataque decisivo.

Esta observação foi sugerida a D. Joana pela vinda de José Urbano, que na companhia do major se aproximava delas.

— Que agradável surpresa! Va Exa aqui?

— E verdade, Sr. José Urbano. Espero que me perdoará esta invasão da sua propriedade.

— Oxalá que ela se reproduzisse.

— Mas veja que não me retiro sem paga! — acrescentou, mostrando-lhe o ramo de camélias que colheu.

— E na verdade só agora que começo a conhecer o preço dessas flores...

— A benevolência do proprietário anima-me a confessar-lhe que as minhas intenções vão mais longe. Premedito um roubo de mais valor.

— Va Exa?

— É verdade, e receio não lhe encontrar tão boas disposições de mo perdoar como agora.

— Deveras! — respondeu José Urbano, sorrindo.

— Vou fazer-lhe a confissão dele, se me quiser ouvir.

— Com a melhor vontade. Quer Va Exa entrar?

— Aceito. Venha, major.

— Pois também entro na confidência?

— Não o dispenso.

Maria Clementina deixou-se ficar um pouco atrás, enleada e confusa, porque previa do que se ia tratar.

D. Joana aproximou-se dela e disse-lhe a meia voz:

— Poupo-lhe o dissabor de assistir ao processo; dentro em pouco lhe comunicarei a sentença.

Maria Clementina retirou-se.

José Urbano, D. Joana e o major entraram no salão.

José Urbano tinha um ar prazenteiro, o major puxava o bigode com certo embaraço, D. Joana meditava um plano de campanha.

Sentaram-se todos.

— Sr. José Urbano, eu não sou partidária dos rodeios. Costumo ir direita ao fim. O roubo que eu lhe premedito fazer é nada menos que o da sua sobrinha.

— De minha sobrinha! — repetiu José Urbano, entre sério e risonho, como se esperasse a explicação destas palavras.

— E verdade. Queria pedir-lha para filha.

— Como?!...

— Imagine, Sr. José Urbano, que eu tenho um filho por quem sou doida, perdidamente doida, e que concebi que era Maria Clementina a mulher que lhe podia dar a felicidade que eu ambiciono para ele.

José Urbano olhava estupefacto para D. Joana, como se não tivesse compreendido.

— Então diz Va Exa que...

— Que lhe peço a mão da sua afilhada para...

— Mas um projeto tão pouco meditado...

— Talvez menos do que julga.

— Menos do que julgo.... — disse José Urbano com manifesta intenção. Seja assim; mas o que Va Exa me pede não pode realizar-

se.

— Que diz, Sr. José Urbano?! Não posso acreditar que me negue a satisfação de obter o que lhe peço, porque já considero sua sobrinha como minha filha muito amada.

— Não duvido; mas Maria Clementina, que é um anjo, não pode casar com o filho de Va Exa, porque se opõem a isso... circunstâncias e melindres que é necessário respeitar.

E José Urbano carregou de tal maneira o rosto, que parecia indicar à sua interlocutora que não continuasse a falar-lhe naquele assunto.

D. Joana, porém, pareceu não atentar nisso, e, mostrando-se risonha, continuou, dizendo:

— Parece-me compreender, Sr. José Urbano, que tem receio do meu filho não ser digno da sua sobrinha, nem capaz de a fazer feliz.

— Não é isso, minha senhora — interrompeu José Urbano, com vivacidade. — São motivos particulares, que dizem respeito a uma pessoa da minha família, que já não vive e a quem muito amei.

— Mas — disse D. Joana — se não há desonra para sua sobrinha no enlace dela com o meu filho, porque me recusa a sua

mão? Dar-se-á que a destine para outro mais digno que o meu filho?

— Não destino, não. Enfim — disse José Urbano, um pouco enfadado — acabemos com isto. Para Va Exa conhecer a razão da minha negativa, era necessário contar-lhe a minha e a história da minha irmã, que não vive há muito e a quem amei extremosamente. Essa história cansará a paciência de Va Exa e do Sr. major, que desejo poupar...

— Conte, conte — disse D. Joana — que nos dará com isso muito prazer. Não é assim, major?

— Decerto — respondeu este — porque estou ansioso de a ouvir.

O rosto de José Urbano empalideceu e mostrou-se anuviado de tanta tristeza que causou profunda impressão em D. Joana e no major.

— Seja como querem — disse por fim José Urbano, depois de ter estado algum tempo silencioso, e como que invocando as recordações do passado. — E doloroso avivar feridas que desejo cicatrizadas, mas não tenho outro meio de acabar com isto. Ouçam:

«Quando a minha mãe morreu, tinha eu vinte anos. Foi em 1818. Até aí, vivera eu como rapaz.

De pequeno senhor da minha vontade, eu não sabia o que eram sujeições e constrangimentos. A minha mãe era uma santa mulher, que vivia absorvida entre as suas devoções e as suas economias. Os pequenos haveres em bens rurais, que o meu pai deixara ao morrer, eram por ela tão bem administrados, que nunca a menor sombra de privações nos veio amargurar a vida.

Quando morreu, achei-me eu à testa da família. A minha mãe tinha-me dito pouco antes: «Tenho-te deixado gozar a tua vida de rapaz, porque bem sabia que dentro em pouco terias de renunciar a ela. Vê se compreendes o teu dever. Deixo-te uma irmã de oito anos.»

Aterrou-me ao princípio esta responsabilidade, e o novo encargo fez-me pensar seriamente. Obedeci a minha mãe; desde o dia da sua morte, abandonei a companhia dos meus companheiros de prazer e votei-me de coração ao trabalho. Sentia-me recompensado com a alegria que experimentava quando podia dar um vestido novo a minha irmãzita.

Cedo as minhas ambições começaram a crescer. E sempre a mesma história. Já me não contentava com os modestos, mas

continuados, proventos que tirava do meu negócio de cereais. Queria lucros mais visíveis.

O Brasil começou-me então a sorrir com as suas promessas de riquezas, com que a tantos atrai. Não descansei mais enquanto não realizei o meu intento. Regulei com um negociante meu amigo uma mesada a minha irmã, e deixei-a em companhia da Roberta, que foi ama de nós ambos, e parti.

Seria curiosa e rica de experiência a história da minha vida no Rio de Janeiro, se o contá-la me não afastasse do fim que tenho em vista. Basta que diga que trabalhei! Trabalhei deveras. Não .me fazia hesitar qualquer trabalho, por penoso que fosse. Recusava apenas as empresas menos honestas.

Tive que sofrer e muito. Estive no Brasil por ocasião da guerra da independência. Basta que diga isto. Mas a minha perseverança valeu-me e não me deixou soçobrar. No fim de seis anos, aumentava consideravelmente a mesada a minha irmã. No fim de oito, podia-me dizer rico. Mais um ano no Brasil, e voltarei para Portugal, disse eu comigo.

Não havia dia em que não pensasse nisto com entusiasmo.

Por meados de 1833, andava eu tratando da liquidação, quando, ainda me lembro bem, recebi de Portugal uma carta tarjada de preto. Abri-a a tremer. Era do negociante meu amigo, participando-me que a minha irmã, que havia tempos se achava incomodada, morrera no dia 23 de Julho de 1833, apesar de todos os socorros da medicina.

Não posso dizer como fiquei quando li esta carta. Caí em tal abatimento, que os médicos agouraram mal da minha vida. Aconselharam-me ares pátrios. Mas eu já não tinha coração para voltar aqui; ao mesmo tempo, a minha vida no Rio de Janeiro era-me insuportável. Terminei a liquidação do meu negócio, e fui viajar.

Percorri a Europa; durante quatro anos, vivi vida errante e aventureira. No fim deste tempo, conheci que estava cicatrizada a chaga do meu coração, começaram a crescer em mim uns veementes desejos de voltar à minha terra. A mesma saudade me chamava. Não pude resistir-lhe. Entrei em Portugal em 1837. Quando avistei a casa onde eu nascera e onde vivi com a minha irmã, senti uma profunda comoção interior. Vir encontrá-la vazia, sem aquela linda menina, que eu deixara de dez anos a brincar, que viera à janela ver-me dobrar a esquina quando eu parti, para a não

tomar a ver! E, pensando isto, eu parei em frente da casa a olhá-la e sem forças que me levassem mais adiante. Quando de repente — que ilusão aquela, meu Deus! — a mesma janela se abriu, e ela... a minha irmã, tão pequena como eu a deixara, se encostou ao peitoril, olhando-me exatamente como me olhava dantes.

Eu não pensei no impossível da visão. Acreditei nela. Corri, corri como um louco, e bati à porta, gritando:

— Abre, Roberta, abre... A minha irmã ainda está viva!... Eu logo vi que não podia ser.

Roberta veio-me abrir a porta a tremer. Não sei como ela me reconheceu nem o que me disse. Eu estava alucinado.

— Deixa-ma ver, deixa-ma ver! Para que me tinham dito que ela morrera?

Não posso dizer como corri e o que se passou; lembra-me que dentro em pouco tempo eu abraçava e beijava uma bonita criança de dez anos, julgando beijar minha irmã. E ela também me abraçava, sorrindo e a chorar... a pobre pequena. Porém, a ilusão passou; a razão voltou-me, reconheci que havia nisto tudo um engano. Mas a semelhança era tanta! Um ar de tristeza se apoderou

de mim; e voltando-me para Roberta, que chorava a um canto, perguntei-lhe:

— Quem é esta menina, Roberta?

— E sua sobrinha, filha da sua irmã.

Dei um salto, como se aquelas palavras me atravessassem o coração. Um relâmpago terrível me iluminou o espírito; ia a passar das carícias talvez a alguma crueldade, quando aquele anjo, ouvindo as palavras de Roberta, exclamou:

— Ai, pois, é este o meu tio! e saltou-me ao pescoço, beijando-me com meiguice. Desarmou-me; desatei a chorar, e não pude deixar de a apertar ao coração.

Passados poucos instantes, Maria retirou-se para ir buscar flores, disse ela, e eu fiquei só com Roberta. Voltou-me o ar sinistro que aquela criança me havia conjurado, e disse a Roberta que me contasse a história da minha irmã. A história era curta.

— A infeliz foi enganada por um infame, que, abusando da sua inocência, fora a causa do seu infortúnio e da sua morte.

— E era assim que vigiavas pela irmã que eu te confiei, Roberta?

A pobre mulher respondia-me chorando.

Mas a voz da minha consciência acusava-me mais do que a ela. Eu é que não devia ter abandonado a irmã, para satisfazer ambições desmedidas. Agora, cumpre-me chorá-la e proteger-lhe a filha melhor do que a protegera a ela. Pobre criança! Quem podia deixar de querer-lhe? Ela reproduziu-me as venturas que eu julgava perdidas para sempre. Nela cri renascer minha irmã. E por isso a amei. Amei-a logo e cada vez mais! E veja como parece a sorte perseguir-me; durante meses que tive de passar no Porto, por pouco a não ia sacrificando, e lhe causei, sem querer, um mal irremediável! Está terminada a história de Maria Clementina.

A sorte infeliz da minha irmã era muito notória, para que eu pudesse viver feliz na minha terra. Vim por isso para Braga, deixando Barcelos, onde nascera, com vivas saudades.»

— Barcelos! — exclamou o major, que havia momentos não podia dissimular a sua agitação.

— Sim — respondeu José Urbano — julgava ter já dito que tinha sido em Barcelos que eu nasci. Agora, já vê Va Exa a razão porque eu há pouco lhe dizia que a proposta que se dignou fazer era

impossível. Maria Clementina é filha ilegítima e eu não conheço o pai.

— Não conhece? — perguntou D. Joana com interesse.

— Nunca me puderam dar sinais dele. Em Roberta encontrei sempre uma reserva, nesse ponto, que me fez julgar ser recomendação da minha irmã. Sei apenas que era um militar, um dos muitos que por aqueles tempos (foi em 1832) cobriam o reino. Era vida de guerra a de então... algum aventureiro, que nunca mais se lembrou da vileza que cometera, nem talvez mesmo ao cair no campo atravessado por uma bala inimiga.

— Sua irmã chamava-se...? — perguntou o major com voz alterada.

— Maria Luísa — respondeu José Urbano.

O major não se pôde vencer. Olhando para Maria Clementina, que passeava então no terraço adjacente, exclamou, juntando as mãos:

— Justo Deus! pois eu tinha uma filha?

Esta exclamação do major fez estremecer José Urbano, que empalideceu. D. Joana ergueu-se também sobressaltada.

— Sr. José Urbano — disse o major, comovido — o militar, o aventureiro, o miserável que acusou, sou eu; não ficou atravessado por uma bala no campo de batalha, mas por muito tempo o conservou num leito de doença, e quando se ergueu foi seu primeiro pensamento a mulher que verdadeiramente amara; disseram-lhe que tinha morrido, mas nunca ele soube que lhe ficara uma filha. Ai, se o soubesse! Eu, que tantas vezes me atormentava na minha solidão vazia de afetos... Se eu suspeitasse que existia na terra aquele anjo! — E o major juntava as mãos, olhando para Clementina.

José Urbano conservava-se mudo e taciturno.

— Quando mesmo Maria Clementina não tivesse achado um pai — disse D. Joana — não julgue que eu desistiria do meu pedido, Sr. José Urbano. Mas agora parece-me que cessam da sua parte todos os escrúpulos.

José Urbano ergueu a cabeça e, fitando o major, disse:

— Ainda bem, major Samora, que só nos reconhecemos na idade em que se apagaram os fogos da juventude; ainda bem.

— Então, é a ambos que peço a mão de Maria Clementina para o meu filho... — disse D. Joana; seja esta união a que faça desvanecer a nuvem que parece meter-se entre os senhores. Deem as mãos como amigos. Vamos.

O major ficou quieto, e José Urbano caminhou para ele com as mãos estendidas.

— Acredito, major, que foi leviano, mas não foi vil. A minha irmã mandar-me-ia perdoar.

Os dois apertaram as mãos.

Dentro em pouco tempo, eram tudo abraços na sala de José Urbano.

A um sinal de Joana, Maria Clementina entrara em casa, com o coração alvoroçado e as faces tingidas de rubor.

Filipe, que entendeu também o sinal da sua mãe, seguia a pequena distância. Quando Maria Clementina entrou, D. Joana foi-lhe ao encontro, e tomando-a pela mão levou-a junto do major.

— É de justiça que seja para o major o primeiro abraço — disse D. Joana.

O major tremia ao abrir os braços a Maria Clementina, e a custo exclamou:

— Minha filha!

Maria Clementina olhava com estranheza.

José Urbano disse-lhe, comovido, apontando para o major:

— Podes abraçá-lo, Micas, é teu pai... Filipe entrou neste momento.

Maria Clementina achava-se nos braços do major, desfeita em lágrimas, mal compreendendo ainda o que se passava.

Samora, que não se fartava de a abraçar, disse, meio a rir meio a chorar, para Filipe, que o olhava estupefacto:

— E o complemento daquela minha história; eu tinha uma filha... Era esta... este anjo.

E desprendendo-a dos braços, acrescentou:

— Como vamos ser felizes todos!

José Urbano aproximou-se de Filipe, e disse-lhe:

— E tem fé que a tomará feliz?

— Quanto a puder fazer um amor verdadeiro.

— Ora não desanimem então.

Imaginem as efusões mútuas que se seguiram.

Ao entrar Roberta na sala, o major foi-lhe ao encontro, exclamando:

— Roberta ! Lembra-se ainda do alferes Clemente Samora?

— Santo nome de Deus! Que nome foi dizer! — exclamou a velha, olhando para seu amo com ar de mistério e susto.

— Saiba que ele vive ainda, e que encontrou sua filha, a que abraço agora...

— Quê?... pois então... E verdade que tem avultações. Mas... santo nome!... Santo... então?

— Então, este dia é um dia de ventura. Achei minha filha, e exatamente na ocasião de encontrar também um filho no melhor rapaz do exército.

— Oh! major!

Os dois militares apertaram as mãos afetuosamente.

— Ah! pois já está tudo arranjado? — exclamou Roberta, exultando de contente.

— Tudo, graças ao seu expediente, Roberta. Pode ufanar-se de ter feito a felicidade dos seus amos.

— Como? — perguntou José Urbano.

— Ora como? — disse Roberta — indo a fonte limpa. Quem pode...

— Psiu ! ... — disse D. Joana, olhando-a com mistério.

— Ah! pois ele não sabe ainda? — murmurou Roberta, olhando para seu amo com ar de mistério. — Não importa; eu não posso deixar de bradar: Viva a sua majestade a rainha!

A saudação foi jovialmente acolhida.

Do mais que se seguiu, deixo-o à imaginação do leitor concebê-lo.

D. Joana partiu no dia seguinte para Lisboa.

O major Samora, Filipe, José Urbano e Maria Clementina seguiram-na passados oito dias.

O casamento fez-se na capital, onde os noivos ficaram residindo na companhia do major, que remoçava com o inesperado sucesso, e

recebendo visitas amiudadas de José Urbano, que reside ainda em Braga. Roberta vive na firme persuasão que foi a rainha D. Maria II quem interveio no casamento dessa menina, e toda ufana repete muitas vezes, com grande prazer de José Urbano.

— Aqui está quem deslindou este negócio todo. Não fora eu, que ainda hoje estaríamos como dantes: eu nem sei o que seria. Não há justiça como a justiça da sua majestade.

AS APREENSÕES DE UMA MÃE

CAPÍTULO I

Não me consta que tenha existido mãe tão extremosa, e talvez tão excessivamente indulgente, como era a Sra. D. Margarida, de Entre-Arroios, na época em que, voltando eu de uma pequena digressão pela província do Minho, tive a fortuna de ser recebido como hóspede em casa desta senhora, a meio caminho do Porto a Braga, um quarto de légua afastada da estrada principal.

Era uma época de crise para a fidalga, como por lá lhe chamavam todos os vizinhos, esta a que me refiro. Dias antes tinham as cortes decidido — e qual é a casa rica de província que não tem o seu pequeno parlamento? — que o menino Tomás, o qual então contava quinze anos feitos, seguisse estudos em Coimbra.

Discutia-se, porém, ainda acaloradamente a escolha da faculdade.

O abade, egresso do convento de Santo Tirso, jovial como uma anacreôntica, gordo como o primeiro prémio de uma exposição agrícola na secção — gado suíno — votava pela de teologia; o doutor, homem de emaranhados discursos recheados de cujos e

supraditos e rábula por amor da arte, insistia na de jurisprudência; — e o médico, original de curtas falas, mas, em compensação, de bem compridas pernas, que dizia parada a ciência desde os seus bons tempos de Universidade e parecia querer-nos dar a entender que escutara então dela a última palavra, antevia um futuro brilhante para o jovem morgado na carreira clínica; mais generoso do que nenhum, apoiava este projeto de lei com a promessa da sua livraria, curioso museu de antiquário, coberto de uma camada de pó semi-secular, e na qual a traça imperturbável prosseguia lentamente todos os dias uma obra de destruição.

A faculdade de Matemática era a única não representada; e os três membros deste erudito congresso, em tudo tão divergentes, viam-se só unânimes ao reconhecer que ela não merecia, de facto, entrar em linha de conta.

— No nosso país, um matemático — dizia o doutor, concordavam o médico e o abade, e eu quase estive tentado a concordar também — não tem uma posição segura e definida. Os nossos governos encomendam as estradas aos enxurros, e as pontes fazem-se quando os ventos derrubam os trocos das árvores através das correntes dos ribeiros.

E o coro entoava um anátema às estradas, às pontes e ao governo.

Isto era em 185...

A Sra. D. Margarida, essa fazia dos matemáticos uma ideia horrorosa, pouco superior à que formava dos lobisomens, para que tomasse a peito defender a ciência de Newton e de Laplace da excomunhão lançada contra ela por este sapientíssimo triunvirato.

E todos os dias se reproduziam de parte a parte os mesmos argumentos; — todos os dias, como nos tribunais, a discussão percorria sucessivamente seus diferentes graus: começando pela argumentação pausada e agradável, passando à réplica tumultuosa, em seguida, confundindo-se em acaloradas vozerias, e terminando, enfim, pelas mais aguçadas alusões e as mais descompostas diatribes. Os contendores todos os dias se retiravam vermelhos, suando, resfolegando como touros no circo, a Sra. d. Margarida adiava a sessão para a noite imediata e o menino Tomás, causa inocente de tantas iras, continuava dormindo sossegadamente sob os tetos paternais, apesar dos quinze anos feitos.

Recomendado à dona da casa por um seu amigo íntimo de Braga, mereci a honra de ser imediatamente posto ao corrente da questão e, o que mais é, convidado para intervir nela. Quis recusar-me a

esta lisonjeira prova de consideração, mas debalde o tentei; e afinal reconheci que bem necessária seria a minha intervenção, pois via os litigantes cada vez mais longe de se encaminharem a uni acordo.

Convocou-se portanto nova reunião para o dia seguinte ao da minha chegada, que se efetuara no fim da tarde de um magnífico dia de Julho, e depois de aturada conversa com a minha atenciosa hospedeira, na qual ela me pôs ao alcance de todas as suas tribulações domésticas, tais como: — a impertinência das criadas, o arejo das batatas, o vinho que se lhe azedara, um muro que tinha desabado — consegui, após várias tentativas infrutuosas, dar-lhe as boas-noites. Retirei-me para o quarto que me fora indicado, pensando comigo mesmo como tão depressa me achava envolvido num negócio de família, de não pequena gravidade, e árbitro dos destinos de uma criança, que nem sequer tinha ainda visto.

A janela do aposento onde pernoitei dava para um bem provido pomar, glória da Sra. D. Margarida, que se ufanava de possuir as mais deliciosas laranjas e os mais saborosos pêssegos de toda a província; e destes últimos, bem gratas recordações efetivamente me ficaram!

A noite estava belíssima. Era uma destas abafadas noites de estio em que somos, quase irresistivelmente, levados para a contemplação do espetáculo do céu, sem nuvens nem estrelas, e da terra inundada por um luar magnífico de reflexos surpreendentes.

Apaguei a luz, e, encostado ao peitoril, esqueci-me durante horas a olhar para o que via diante mim, e a pensar não sei em quê, se é que pensar se chama àquilo.

Desta contemplação fui afinal despertado por o ruído de uma janela que se abria cautelosamente. Movida assim a minha curiosidade, pus-me a observar o que se passava.

A posição era favorável a esta inocente espionagem. Uma rápida descrição topográfica do lugar o mostrará claramente.

A casa de Entre Arroios, edificada nos princípios do século passado, conservava ainda, apesar das sucessivas mudanças que o espírito de reforma de D. Margarida lhe havia introduzido, o aspeto pesado e quase lúgubre das construções daquela época do nosso país.

A fachada principal ostentava, heraldicamente combinadas, as armas da família, tidas pela gente do lugar como uma das principais glórias da sua terra. Duas largas pilastras de granito corriam, livres

de oca e de argamassa, ao longo desta fachada, desde a sólida cornija que sustentavam em floridos capitéis, até aos alicerces sobre que se apoiavam os pedestais enegrecidos. Para a parte posterior prolongavam-se os corpos laterais do edifício em alas paralelas, abrangendo por esta forma um espaço quadrangular, onde um dos ascendentes de D. Margarida plantara o pomar a que já me referi e que com tanta dignidade sustentava nos mercados a boa fama da horticultura minhota.

Subindo três degraus de pedra já meio gastos pelo uso e transpondo uma porta envidraçada, entrava-se do pomar, por o corpo central na casa, para a sala de jantar; no mesmo correr eram a cozinha e despensas e para outro lado o salão das receções solenes, ordinariamente fechado.

No andar superior eram os quartos de D. Margarida, os quais abriam para uma ampla varanda de bem torneados balaústres, onde vegetavam em vasos de louça as flores prediletas da senhora; era também aí a sala dos serões familiares, e finalmente o quarto de Tomás. Este ficava situado num dos ângulos do quadrilátero e imediato ao corpo lateral do edifício que fora destinado para capela.

Durante as devastações que o país sofrera nas sucessivas guerras civis dos últimos períodos da nossa história, a casa de Entre Arroios não fora mais do que as outras respeitada, e os estragos que, no resto da habitação, tinham já sido cuidadosamente reparados, conservavam-se ainda visíveis no pequeno templo, onde havia muito se não exercia por isso o ofício divino.

As janelas que deste templo deitavam para o pomar, uma das quais ficava muito próxima e subjacente à do quarto de Tomás, mostravam ainda os grossos caixilhos de ferro despovoados de vidros, e já em parte atacados pela ação corrosiva do tempo.

Finalmente, do lado esquerdo, em simetria com a capela, prolongava-se um pequeno pavilhão, originariamente destinado para alojar os hóspedes, que, recebidos e gasalhados na casa de Entre Arroios com proverbial cordialidade, ficavam, contudo, como por um natural e delicado pudor de ménage, um tanto afastados do seio íntimo da família, não a constrangendo assim a alterar os hábitos domésticos, que, e na vida de província principalmente, nunca se sacrificam sem dolorosa violência.

Foi neste pavilhão que me prepararam aposento, e de lá, oculto pelas folhas de uma laranjeira ao alcance do meu braço e através

delas, podia eu pois descobrir toda aquela parte da casa que, por mais vezes habitada, não era, como esta, tão oprimida pela exuberância da vegetação.

Foi pois desta situação vantajosa que me dispus a averiguar a causa do ruído, proveniente, ao que parecia, do lado exatamente oposto àquele que eu ocupava.

Não havia dúvida. Uma das vidraças do andar superior abria-se vagarosamente. Era a do quarto de Tomás.

Ora, segundo o que me tinham dito dele naquela noite, desculpando-lhe a ausência, Tomás achava-se algum tanto incomodado e deitara-se mais cedo do que o costume. Seria pois aquele movimento filho do delírio da febre?

Foi o meu primeiro pensamento e tive tentações de excitar o alarme; mas, ponderando melhor, resolvi-me a expectar.

Já então estava convencido, e depois tenho mil vezes confirmado a observação, que não há, de ordinário, gente mais importuna do que as pessoas chamadas serviçais.

Passado assim algum tempo, vi uma forma escura desenhar-se no vão da janela, crescer, crescer e, com grande terror meu, erguer-se

sobre o parapeito como tentando precipitar-se.

Não sei como pude reprimir um grito de susto: a ideia de suicídio fez-me arrepiar os cabelos.

Cedo porém, e com uma presteza que deixava suspeitar não ser a primeira vez que executava a manobra, o vulto, firmando-se nos lavores salientes da ombreira e daí num cano de ferro que descia do telhado ao pátio, junto ao ângulo da parede, transportou-se para o jazente da janela do templo, que lhe ficava próxima mas em plano inferior ao do quarto.

Depois, segurando-se aos varões de ferro dos caixilhos vazios, deixou-se resvalar até encontrar com os pés uma fenda ou desigualdade, não sei se natural se artificialmente praticada na parede, e, enfim, por uma evolução, que a sombra projetada pelas árvores me não deixou perceber, cedo tocava a relva, com tanta felicidade e prontidão que, sem hesitar, abandonei a ideia primeiro sugerida, por me parecer tal ginástica muito aperfeiçoada para um sonâmbulo ou febricitante.

Aquela sombra, ou antes aquele corpo, desde que se viu em terra, parou como escutando se tivera sido pressentido; afastou-se alguns passos e voltou-se de novo, passando em revista todas as janelas

com escrupulosa atenção; porém esquecendo-se neste exame exatamente da única, que o havia traído, a do meu quarto, o qual talvez julgava desabitado. Satisfeito, ao que parecia, com estas observações, entranhou-se no pomar e cedo se perdeu por entre as árvores.

A sortida noturna deu-me que pensar. Sem dúvida, era este o herói de quem todos se ocupavam em Entre Arroios, e talvez mais herói do que me parecera quando a senhora D. Margarida me desenhou o seu retrato, com o defeito comum aos retratos feitos por todas as mães, que, desconhecendo geralmente as vantagens do claro-escuro, nos pintam seus filhos sem uma única sombra que lhes dê relevo às feições.

Aos quinze anos, uma excursão tão extravagante da casa materna tem já de ordinário uma causa, que não exige grande penetração, nem grandes esforços de inteligência para ser reconhecida.

Não me demorei por tanto tempo a desenvolver este problema, que resolvi pela fórmula geral. Mas o que me fez maior sensação foi que, por esta façanha, Tomás mostrava-se-me menos criança do que o queriam fazer aqueles que, sem o consultar, lhe andavam a discutir o futuro, destinando-lhe, um a cadeira abacial, outro a banca

de advogado, outro a clássica mula de médico; e eu pensava comigo mesmo que muito bem poderia acontecer, chegada a ocasião de levar a efeito qualquer das resoluções em que assentavam, se tal hipótese era admissível, que todos fossem embaraçados por um obstáculo muito natural e não previsto, o da vontade de Tomás, a qual, a julgar pelo que vira, não se parecia dever ser demasiado maleável.

Jurei não deixar escapar esta observação e aproveitá-la para me conduzir no dia seguinte, visto a minha assistência ser reclamada pela assembleia, e conservei-me de atalaia, águardando o regresso do filho pródigo, o qual se efetuou pelas duas horas da noite e com a mesma agilidade e destreza que eu já admirara.

Contente com a minha involuntária descoberta, e mais adiantado talvez do que ninguém na vida íntima do protagonista desta história, abandonei o meu posto e deitei-me a dormir um sono agradável.

Pela manhã, acordei em sobressalto, sonhando que era obrigado a executar a manobra de ginástica que presenciara na véspera.

CAPÍTULO II

Quando abri a janela, ainda o Sol não havia despontado no horizonte. A manhã estava tão amena e tão belo panorama se ofereceu aos meus olhos, assim que os estendi ao longe pelos campos, que não pude vencer os desejos de explorar aqueles pitorescos lugares, apesar de ver ainda hermeticamente fechadas as janelas do quarto da senhora de Entre Arroios.

Servindo-me pois de uma saída particular, que havia no pavilhão, independente do resto da casa, desci ao pomar e aproveitando-me do momento em que o dragão deste novo jardim das Hespérides, um respeitável indivíduo da espécie Lineana: canis familiaris, saboreava as delícias do sono matutino, abri a porta da comprida gradaria, que formava o quarto lado da área consagrada a Pomona, e achei-me na quinta.

Os bens pertencentes à casa de Entre Arroios são extensíssimos, e naquela época uma exuberante vegetação dava aos campos tão agradável aspeto, tanta vida e frescura, que fazia realmente prazer

entranhar-se a gente por aquelas extensas avenidas, e perder-se no meio das copadas devesas, ainda quando se corresse o risco de faltar a um almoço como costumavam sair das cozinhas de Entre Arroios. Depois de muito caminhar pude atingir enfim os limites da quinta e, verdadeiramente fatigado, sentei-me num pequeno muro tosco e coberto de hera, que ficava sobranceiro a uma destas tortuosas e estreitas ruas, que em mil direções atravessam as nossas aldeias e a cujo aspeto, monotonamente uniforme em todas elas, anda de ordinário mais ou menos ligada uma recordação da nossa vida passada.

Aí jogos, alegrias, perfumadas memórias de uma esquecida infância, nos reverdecem na imaginação, volteiam em tomo de nós, como um enxame de borboletas brancas ao agitarmos a balseira, onde pousavam embriagadas nos nectários das flores.

O nosso pensamento, à semelhança de um vaso metálico, ressoa por muito tempo, quando, embora de leve, percutido; como ondas sonoras, as nossas recordações, movidas por uma palavra, por um som, por uma flor, por um perfume, sucedem-se, dilatam-se cada vez mais vastas, cada vez mais suaves, até se desvanecerem numa confusa imagem do passado, de formas indefinidas e vagas, mas

por isso mesmo mais belas, mais inebriantes ainda, num quase sonho, delicioso e grato como o murmúrio que termina o som, como o crepúsculo em que desmaia o dia, como o Outono que sucede à estação dos florescentes verdores.

E assim eu me deixava então enlevar pela reminiscência das passadas cenas, que tão profundamente me fazia esquecer tristezas e alegrias presentes.

Nós caminhamos sempre na vida entre duas visões; uma precede-nos esplêndida e brilhante, como a luminosa aparição que dirigia no deserto a marcha do povo hebreu; outra segue-nos, formosa e pálida, como as virgens ideias dos cantos escoceses. São a esperança e a saudade. Com os olhos naquela, quase chegamos a olvidar inteiramente a existência da última; mas que uma sombra extinga, obscureça sequer, a auréola que na primeira nos atrai e seduz, e a segunda surgirá, como surgem as estrelas, quando a chama do Sol desmaia no extremo ocidente.

Destas ideias, destes sonhos por onde me arrebatava a fantasia, evocou-me o ruído de uns passos ligeiros e leves, que de momento a momento se fazia mais distinto.

Nada de estranho poderia ter o facto, visto serem estas as horas em que de todos os lados da aldeia partiam os operários para o trabalho; contudo um inexplicável movimento de curiosidade me fez debruçar sobre o muro em que estivera sentado, águardando a chegada da pessoa que parecia avizinhar-se.

Não esperei muito tempo para conhecer a causa do ruído que me preocupava; cedo vi no princípio da estreita rua, que as árvores dos campos carairos guarneciam de um toldo de verdura, assomar uma gentil forma feminina com os trajes elegantes das lavradoras do Minho, e sustentando na cabeça, no mais perfeito equilíbrio, uma vasilha a trasbordar de leite mungido de pouco.

Era uma rapariga que parecia contar de treze para catorze anos. Os cabelos desatados saíam-lhe em madeixas abundantes por debaixo de um lenço escarlate, disposto em volta da cabeça com artístico e indescritível desleixo; outro da mesma cor se lhe cruzava no seio, cujas formas começavam a desenhar-se em curvas graciosas; a cintura tão delicada e flexível, que, ao vê-la, involuntariamente se imaginava a requebrar-se nas ondulações de uma valsa — era sem constrangimento apertada num estreito colete de fustão azul-escuro; a saia de pano preto descia-lhe até ao meio da perna; as mangas

amplas e compridas da camisa de linho, alvo como a neve, vinham apertar-se-lhe nos punhos, ocultando aos olhos o puro contorno dos braços, que, não obstante, uma pequena e bem modelada mão deixava adivinhar. O fogo nos olhos, rosas nas faces, a alvura do leite no colo descoberto, onde realçava um fio de formosas coralinas, assim se adiantava esta risonha visão, que me vi tentado a tomar pela deusa da madrugada.

Com grande espanto meu, ela olhava-me de longe sorrindo e na aparência decidida a dirigir-me a palavra. Não tendo, como é de crer, motivos para me recear da aparição, conservei-me imóvel, absorvido agradavelmente a contemplá-la. Mas afirmando-se melhor em mim, quando a distância de me poder falar, a gentil rapariga fitou-me uns olhos espantados, baixou-os imediatamente, corou a ponto de rivalizar com a pequena rosa que trazia ao peito e apressando o passo, como ansiosa por fugir às minhas vistas, apenas murmurou, ao passar e sem erguer os olhos, a singela saudação, usada pela gente do campo: — muito bons-dias. Apesar da voz quase sumida, com que estas três palavras foram pronunciadas, afigurou-se-me de uma melodia encantadora.

Respondi-lhe simplesmente ao cumprimento, abstendo-me, como de um sacrilégio, de acrescentar uma única frase, que se semelhasse a galanteio. Tal era a atmosfera de virginal castidade que me parecia envolver esta poética criatura.

Segui-a com a vista enquanto pude, até que a vi desaparecer numa das voltas do caminho, no mesmo momento em que aparecia o Sol, por detrás da colina caraira, dando-me a entender que era tempo de voltar a casa, para não ser logo no primeiro dia inexato à hora do almoço, que tão cuidadosamente me comunicara na véspera a senhora de Entre Arroios.

Abandonei pois este lugar, onde experimentara tão vivas impressões morais, para procurar aquela outra espécie de impressões, cuja fisiologia melhor que ninguém estudou, porque melhor que ninguém as experimentava, Brillat-Savarin, o médico-gastrónomo.

Na sala do almoço encontrei já a senhora de Entre Arroios, ocupando o trono, que, como chefe de família, de direito lhe pertencia. Era uma destas antigas cadeiras de couro lavrado, guarnecida de reluzentes tachas amarelas, a qual, atento o seu peso, só quase por antífrase se poderia chamar um dos móveis da

casa; nossos avós as inventaram para se sentarem, assim como nós inventámos as modernas para fingir que nos sentamos.

Numerosas gerações da nobre família de Entre Arroios tinham conhecido e acatado esta cadeira histórica, que tivera já a honra, disse-me a Sra. d. Margarida com um movimento de justa vaidade, de ser ocupada um dia inteiro por um arcebispo de Braga, durante uma excursão pela diocese.

D. Margarida saudou-me com o mais amável dos seus sorrisos e dirigiu-me duas graças benevolamente maliciosas, sobre o meu passeio em jejum, terminando por me colocar à sua direita, em frente de um magnífico chocolate que deveras me deleitou.

Com a curiosidade, que é de prever, pedi notícias do bijou da família. O Tomasinho, disse-me a Sr.ª D. Margarida, passara mal a noite e exigira que ninguém lhe entrasse no quarto, por causa de uma intensa dor de cabeça, que lhe costumava dar muitas vezes.

— Ah! muitas vezes?

— A cada passo.

— E há muito que sofre dessas... dores de cabeça?

Há coisa de alguns meses a esta parte é que ele se começou a queixar. Isto há de ser do Sol...

— Também creio, minha senhora. O Sol faz muito mal e em certas idades sobretudo. E que diz a isso o doutor?

Eu sempre gostei de ver os médicos explicarem certas coisas.

— O médico — respondeu-me D. Margarida — diz que aquilo é força de sangue, e até propôs uma sangria.

— Ah! e o seu filho minha senhora?

— Não quis ouvir falar em semelhante coisa.

— É que talvez então se achasse melhor.

— Efetivamente, passou algum tempo mais aliviado, mas depois voltou-lhe.

— E hoje?

Levantou-se pela manhã muito cedo e saiu. Diz que lhe fazem muito bem estes passeios.

— As dores de cabeça?

Sim; pois é toda a sua doença.

— Decerto que devem fazer.

Quando acabava de receber estas informações, para mim bastante significativas, a porta da sala abriu-se e o menino Tomás entrou em cena.

— «Falai no ruim, olhai para a porta» — foram as palavras com que a senhora de Entre Arroios saudou o recém-chegado, para quem lançava uns olhos a trasbordarem de amor maternal.

Tomás beijou com afeto a mão da mãe e inclinou-se cortesmente diante de mim, depois que a Sr.ª D. Margarida me apresentou com todas as formalidades.

Um primeiro olhar sobre Tomás me fez logo simpatizar com ele.

Era ainda imberbe, algum tanto pálido, com uns lânguidos olhos castanhos, que se pressentiam talhados para contemplações poéticas, os cabelos negros naturalmente anelados e compridos, a cara espaçosa, a boca de uma expressão melancólica; tudo naquela fisionomia revelava sentimentos nobres e generosos, elevados brios, talvez uma excessiva sensibilidade, e um espírito fácil em impressionar-se; graves defeitos para quem desejar viver em paz neste mundo.

Os vestidos singelos, mas elegantes, faziam sobressair-lhe a estatura airosa e bastante desenvolvida para a idade que ele tinha. Conhecia-se haver crescido e vigorado ao ar livre dos campos.

Enquanto eu prosseguia neste meu rápido exame, reparei por acaso num a rosa vermelha, que Tomás trazia descuidadamente na mão.

Era em tudo semelhante à que vira ao peito da pequena leiteira.

Seria uma coincidência? Que admirava?

Numa terra e numa estação em que as rosas nos surgem espontâneas debaixo dos pés, que significação podia ter o facto?

Contudo, o que eu já sabia de Tomás levava-me a conceder mais algum peso à pequena circunstância que observara.

Travei com ele uma conversa banal, sobre mil coisas em que se costumava falar, quando se não quer dizer nada.

No fim do almoço a senhora de Entre Arroios improvisou entre nós um passeio, ao qual lamentava não poder acompanhar-nos, porque não lho permitia o governo da casa, de uma exigência mais que despótica — frase dela.

— Vão, vão passear! Mas olha lá, Tomás, cautela com o Sol, e não vás para o lado dos lameiros: a humidade pode fazer-te mal. Olha, sabes? não seria mau ires mais enroupado; a manhã está fresca, e o que livra do frio, livra do calor.

E com estas e idênticas recomendações, das quais a muito custo Tomás conseguiu livrar-se, sujeitando-se a umas, iludindo outras conforme pôde, saímos ambos para observar o plano de divertimento que nos traçara a Sra. d. Margarida.

Durante o passeio, Tomás mostrou-se agradável, e às vezes jovial. Falámos em vários assuntos, e em todos pude reconhecer nele bastante cultura intelectual, contra o que era de esperar, atendendo à vida isolada que passava ali.

Quanto porém aos seus sentimentos, Tomás mostrava-se pouco comunicativo, e se às vezes eu tentava mais a fundo sondar aquele carácter, que me parecia, a muitos respeitos, digno de estudo, tornava-se subitamente mais reservado ainda, como se pressentisse as minhas intenções.

Afinal decidi-me a atacá-lo mais de perto.

— Sabe, Sr. Tomás — disse-lhe depois de uma hora de passeio — que admiro as suas compatrícias?

— Sim?! — foi a única resposta monossilábica que pude obter. Não desanimei contudo e prossegui:

— Esta manhã, pelo menos, vi uma que me pareceu um verdadeiro modelo de artista.

— Deveras? — respondeu-me no tom de voz mais indiferente que se pode conceber.

Deveras — continuei eu — e foi justamente daqui mesmo.

Havíamos de facto chegado ao sítio donde eu, como cortesão em antecâmara de monarca, águardara o despertar do Sol.

— Ah! daqui?

Pareceu-me descobrir mais algum interesse nesta interrogação de Tomás.

— Ao que pude julgar, era uma leiteira das imediações. Bonita rapariga, palavra de honra! — dizendo isto, fitava os olhos nos dele, que momentaneamente se abaixaram.

— Havia de ser a Paulina disse com um ar de indiferença mal representada; e mudando de conversa: — O senhor é do Porto?

Fiz-me desentendido.

— Paulina? é um nome poético. E da terra essa rapariga?

— Julgo que sim... É, mas...

Eu não o deixei continuar.

— Não a acha galante?

Esta pergunta visivelmente o contrariou. Um movimento quase impercetível dos lábios, uma ruga que mal se desenhou na cara, e o rubor desmaiado que por momentos lhe invadiu as faces mo denunciaram.

— Assim — respondeu-me de um modo seco; e afastou-se alguns passos, ostensivamente para cortar uma vara de um castanheiro vizinho, mas na realidade com o fim de interromper a conversa, que lhe desagradava.

Pela minha parte, já sabia o que desejava; e como ainda ia perdendo terreno nas boas graças de Tomás, do que não tinha desejos, aceitei a diversão, fui ajudá-lo no ingénuo passatempo, em

que ele fingia entreter-se, e assim nos divertimos durante alguns minutos.

Passado tempo, e a uma proposta sua, seguimos caminho para casa. Tive ocasião de lhe dirigir de novo a palavra.

— Que projetos forma relativos ao seu futuro?

— Projetos?

— Sim; a que carreira se destina?

— Ah! não sei bem. Dantes falavam em me mandarem para Coimbra. Talvez que essa ideia esquecesse.

— O que talvez estimaria.

Fitou-me com desconfiança, respondendo:

— Pode ser — e depois continuou: — Contudo era a vontade do meu pai e se a minhamãe o exigir... Sabe que nunca lhe pude desobedecer em coisa nenhuma?

Tinha na voz uma sensível comoção ao dizer isto; se o sentimento filial, se outro, o dominava então, não o pude saber.

— Pelo que ontem ouvi dizer a sua mãe e a alguém mais da companhia — continuei — julgo que esses projetos se discutem de

novo atualmente.

— Deveras? porque não mo terão dito? — e calou-se preocupado por um pensamento que parecia mortificá-lo.

— Não há no Porto uma escola onde se estude também? — perguntou-me em seguida.

— Conforme. Para que estudos se inclina mais?

Encolheu os ombros em sinal de completa indiferença, e prosseguimos no nosso caminho silenciosamente.

Chegámos enfim à porta da gradaria que fechava o pomar, onde nos encontrámos com o médico, personagem esguio e descamado, que poderia servir de exemplar para estudos de osteologia seca. Uma mumificação progressiva quase lhe permitia já livre passagem através dos varões de ferro e inutilizava o uso da porta, que, apesar disso, Tomás se apressou em abrir-lhe, mais por delicadeza que por necessidade.

— Bons-dias, meu pequeno cliente — disse ele, dirigindo-se a Tomás e enviando-me ao mesmo tempo uma cerimoniática reverência.

Um sorriso de inofensiva zombaria se deslizou nos lábios de Tomás, ao contemplar o doutor.

— Então já de volta da sua excursão clínica, doutor Madrugada?, bem esforços faz por desmentir a vita brevis, que sempre traz na boca.

— É preceito higiénico que observo religiosamente; deito-me às oito horas para, às quatro, me levantar. Isto auxilia a boa distribuição dos humores e a cocção das matérias pecantes.

O aspeto do doutor não era muito lisonjeiro à teoria, ou tudo naquele corpo era matéria pecante: pois de facto dir-se-ia ter passado todo ele por uma cocção verdadeira.

— E as suas dores de cabeça? — acrescentou voltando-se para Tomas.

— Vão-me sendo infiéis e ameaçam deixar-me, as ingratas.

— Ruinzinho! Isso já podia estar fora. — E voltando-se para mim: — Ora diga, uma cefaleia com um fundo pletórico, devida evidentemente à confluência dos humores para a cabeça, coisa própria da idade, qual o tratamento racional que exige? Salta aos olhos dos leigos.

Apesar disso não saltou aos meus, o que me granjeou uma reputação duvidosa na mente do ilustre adversário das matérias pecantes, de cuja algaravia eu não pudera perceber palavra.

— Não há que ver — respondeu ele por mim, e com azedume — a sangria, a sangria e só a sangria.

Depois, dirigindo-se a Tomás:

— E como está a mamã?

— Vai ver — disse este, abrindo a porta da sala de jantar, onde havíamos já chegado.

Depois de uma luta de delicadezas e recíproca troca de zumbaias entre mim e o médico, consegui fazê-lo entrar adiante e penetrámos na sala.

Justamente naquele momento acabava a senhora de Entre Arroios de pregar aos criados o seu duodécimo recado, tarefa que, sob o nome de canseiras de casa, encetava pela manhã para terminar à noite.

CAPÍTULO III

À nossa chegada desanuviaram-se as feições contraídas da senhora de Entre Arroios; desceu uma oitava ao tom da voz e adiando para mais tarde a explosão das suas justas iras, justas deviam de ser, saudou o médico com o epíteto mais amável que lhe ocorreu, passando a informar-se, como alma caritativa que era afinal de contas, dos clientes mais pobres do Hipócrates campesino, os quais ela tantas vezes com cuidados, mais poderosos do que as drogas medicinais, lhe auxiliava a curar.

Eu no entretanto dirigia-me com Tomás para a janela, onde, para dizer alguma coisa, me pus a exaltar a paisagem, realmente bela, que se gozava dali.

Tomás parecia escutar-me com prazer; fez coro comigo e, com mais ardor do que eu, exprimia o seu entusiasmo por as belezas do campo.

— Pode acreditar — disse-lhe no discurso da conversa — que ontem, ainda que extenuado pelas fadigas da jornada, passei

algumas horas absorvido na contemplação de toda esta cena fantasticamente iluminada pela claridade de um magnífico luar de Julho?

Estas palavras, pronunciadas sem intenção, produziram em Tomás um efeito, que, antes de as concluir, eu já notava e que me não foi difícil explicar.

Vi-o estremecer e olhando-me de um modo especial:

— Ontem? a que horas? — perguntou-me, com não disfarçada curiosidade.

Mentir não me era fácil.

— Depois da ceia... Das onze horas para a meia-noite.

— E donde? de que janela?

— Dacolá! — e apontei para o pavilhão.

Os olhos de Tomás seguiram essa direção, daí voltaram-se na do seu quarto e, depois de curta reflexão mental, fitou-me um olhar tão fixo, que, sem saber bem porquê, desviei o meu. Traí-me.

Ele também me havia sondado.

Corou um pouco e depois, como se abraçasse uma súbita resolução, perguntou-me com notável vivacidade:

— E que viu?

Adivinhei logo o sentido da pergunta, mas fingi ignorá-lo, respondendo:

— Todos estes mil efeitos, que nos surpreendem e que não sei descrever; contrastes admiráveis de sombra e luz...

— Só?

— Pois que mais?

Eu achava-me num a posição falsa, e que não poderia sustentar por muito tempo, pois confesso não serem grandes os meus talentos para dissimular.

— Então, além disso, não viu mais nada? — insistia Tomás — nem acolá? — e apontava para a janela do quarto.

A interpelação era muito direta desta vez, para lhe resistir; desde que o vi lançar assim as canas na mesa, julguei melhor imitá-lo.

— Alguma coisa, é verdade, mas... também viu? — acrescentei a meia voz.

— Se era eu mesmo.

— Ah!

Soube então quanto nos vale esta interjeição em casos apertados. Ganha-se tempo com ela, sem arriscar um passo que possa comprometer-nos.

— É verdade; que quer? — continuou Tomás, como se tivesse pressa de me explicar o seu procedimento. Eu também amo a natureza. Extasio-me ao respirar de noite o ar embalsamado dos bosques, sob um teto de verdura, através do qual se descobrem, se escondem, cintilam e resplandecem as estrelas, parecendo refletir-se na terra nesses milhares de insetos que das asas luminosas despedem fogos, tão fugitivos como os pensamentos a essa hora nos atravessam o espírito. Às vezes, acredite, chego a imaginar que de todos os lados me surgem as formas vagas e vaporosas que idealiza a poética imaginação do nosso povo e que imprimem nas singelas narrações dos campos, nas canções entoadas à hora das ceifas, ou junto do lar, um encanto indefinível. Talvez me julgue criança se lhe disser que um dos meus maiores prazeres nesta vida é, num a noite como a de ontem, na espessura das devesas, donde escute o murmurar de um ribeiro vizinho e veja desenhar-se no

chão, em formas fantásticas e movediças, a folhagem que os raios da lua a custo podem atravessar, numa noite assim ouvir contar uma dessas histórias de fadas, que em pequeno tanto me entretinham e ainda hoje me deleitam, e mais já tenho perto de dezasseis anos!

— Mas contadas por quem, essas histórias? — perguntei, talvez impertinentemente.

Tomás hesitou em responder e murmurou não sei que palavras ininteligíveis, terminando por estas:

— Pouco importa. É uma questão secundária essa.

— Perdão; mas não penso eu assim — acrescentei, decidido a não me contentar com uma resposta tão evasiva. — Compreendo que possa encontrar nisso grande prazer e até, para lhe falar verdade, era esse um passatempo que me não desagradaria de todo, concordo; mas exigiria que os narradores fossem de duas classes apenas; ou uma destas velhas, que parece terem sido criadas só para narrarem contos e que o tempo respeita já com o fim de transmitir suas memórias às gerações que surgem; ou então, e melhor ainda, uns lábios femininos, uma voz com o timbre dos

quinze ou vinte anos, que muita vez chegue a fazer-nos esquecer do conto para só nos lembrarmos da contadora.

Os mesmos sinais de impaciência, que por mais de uma vez havia oferecido a fisionomia de Tomás, de novo se lhe manifestaram, mais profundamente que nunca, e, como se me tivesse compreendido, continuou, dizendo:

— Eu não tenho contudo a liberdade de satisfazer estes desejos, a não ser da maneira que viu ontem.

— Um tanto arriscada.

— Pode ser. Mas o receio exagerado que a minha mãe tem ao ar da noite — e acentuou estas palavras sorrindo — fez-me perder a esperança de obter a sua permissão para satisfazer em mim este capricho, se não é uma verdadeira necessidade; mas capricho ou necessidade em todo caso incompreensível para ela. Eis o motivo porque me sirvo de um estratagema, um tanto singular e talvez ridículo.

— Diga antes perigoso.

— Ora! parece-lhe?

Se o que me dizia Tomás era verdade, não era contudo ainda a verdade inteira; — pressentia-o. Dei, apesar disso, à minha fisionomia um ar de convencimento, que me pareceu tranquilizá-lo.

Apressou-se em tomar a questão em tom jovial, rindo-se das suas próprias façanhas acrobáticas e esforçando-se por se mostrar mais criança do que era efetivamente, para tirar toda a importância à cena da véspera.

Houve enfim uma pausa na nossa conversa, que permitiu nos chegasse aos ouvidos o fim do diálogo travado entre D. Margarida e o doutor, o qual até ali nos passara desapercebido.

— Pobre homem! — dizia a senhora de Entre Arroios, profundamente compungida — e deu-lhe assim de repente?

— De um momento para o outro. Ainda esta manhã, quando a filha partiu para a vila, estava ele de perfeita saúde.

— E não dá esperanças?

— Hum! aquele... Receio que em poucas horas entroixe e parta.

— Pobre Paulina!

Estas palavras exerceram em Tomás, distraído até então, um efeito mágico.

Ainda bem não tinham saído dos lábios de D. Margarida, já ele, abandonando subitamente o lugar onde nos achávamos ambos, estava no meio dos dois, sobremaneira inquieto, e podendo a custo perguntar à mãe:

— Que é? que aconteceu?

Se ainda fosse mistério para mim o segredo de Tomás, ser-me-ia neste momento revelado, tal era a expressão da sua fisionomia. A minha atenção achava-se naturalmente atraída para a cena.

— Olha, não sabes, Tomás? — respondia D. Margarida, suspirando — o pai da Paulina, a leiteirita dos Casais, conheces?

Tomás não pôde reprimir um movimento de impaciência, que o denunciava.

— Sim, sim, e depois?

— Diz agora o doutor que, quando vinha, o encontrou expirando, com um mal que lhe deu de repente.

— É possível?!

— Infelizmente.

— E... a filha?

— Julgo que ainda o ignora, pois tinha já partido para a vila, como costuma todas as manhãs.

Tomás olhou para o doutor, que, lendo uma folha do Porto, abanou silenciosamente a cabeça, em sinal de confirmação.

— É preciso lá ir — foram as primeiras palavras de Tomás, depois de um instante de reflexão.

Por única resposta a Sr.ª D. Margarida dirigiu-se para o gabinete. Tomás deteve-a.

— A mãe não espera hoje ninguém para jantar?

— Sim, mas...

— Irá logo então; agora deixe-me ir só.

E, sem esperar outra resposta, encaminhou-se rapidamente para a porta e saiu da sala.

Ao passar por baixo da janela onde eu ainda me conservava, presenciando toda esta cena, o nome de Paulina, saindo-lhe dos lábios, chegou-me distintamente aos ouvidos.

CAPÍTULO IV

A senhora de Entre Arroios viu-o sair, sem tentar impedi-lo e, abanando lentamente a cabeça, murmurou comovida:

— Pobre filho! tem o coração de um anjo!

O médico, sem despegar os olhos da folha, fez ouvir um ininteligente monossílabo com pretensões a partícula afirmativa.

D. Margarida conhecia o doutor e por via de regra não o procurava em momentos de expansão e de sentimentalismo; por isso preferiu dirigir-se a mim e recostando-se ao parapeito da janela, donde eu observava ainda Tomás, que já se perdia por entre os desvios das avenidas, continuou:

— Não faz ideia, Sr. D... como aquela alma sensível se aflige, quando algum infortúnio sucede que ele não possa remediar.

— O seu filho tem nobres sentimentos, minha senhora; pude-o avaliar agora e suspeitava-o, desde que trocámos as primeiras palavras esta manhã.

— Meu pobre Tomás! E lembrar-me que, talvez bem cedo, tenha de me separar dele!

— Uma ausência momentânea é compensada de sobra pela alegria da volta!

— Da volta! mas quando entre nós e essa volta estão ainda anos e quando se tem uma saúde tão delicada como a de Tomás!

— Oh! minha senhora, isso são temores de mãe. A constituição do Tomasinho é até vigorosa, e senão o doutor que o diga.

— Pois sim! e aquela melancolia?

— Eu achei-o jovial.

— Ai, enganou-se. Está assim um momento e ele aí começa a entristecer, a entristecer, a entristecer, que me corta o coração só em olhar para ele.

— Que quer, minha senhora? São coisas dos quinze anos. As recordações de Va Exa não lhe dizem nada a este respeito?

— Sei ao que se quer referir: mas não vejo fundamentos... Vivemos aqui isolados...

— Por isso mesmo, minha senhora. Há coisas que o coração nos ensina, ainda quando longe dos objetos que lhas possam fazer lembrar. Quanto mais...

— E quer saber? — acrescentou em tom de mistério a senhora de Entre Arroios, inclinando-se ao meu ouvido — vou confiar-lhe um segredo, que a ninguém ainda disse e que espero a ninguém há de dizer também.

— Pode crê-lo, minha senhora.

— Tomás é poeta! — continuou ela, baixando ainda mais a voz e quase com uma expressão de terror.

— Ah! não vejo nisso grande mal; e até, para lhe falar a verdade, minha senhora, eu já o suspeitava.

— Sim? e pensa...

— Penso, minha senhora, que os poetas são almas privilegiadas, que Deus criou para entoar seus louvores, quer os cantos se lhe elevem nos templos como o incenso dos turíbulos, quer se derramem, como o perfume das flores, por toda a natureza.

— Mas aqui todos me dizem que os poetas são uns loucos, extravagantes, e que o seu fim nunca é bom!

— Vossa Excelência gosta de flores?

— Muito!

— E que lhe dizem delas também essas pessoas?

— Nem sequer falam em semelhante coisa, que eu saiba.

— Pois os poetas, minha senhora, são as flores da humanidade.

A senhora de Entre Arroios pareceu refletir nestas palavras, e respirou enfim como se se visse livre de um pesadelo.

— O senhor também é poeta?

Foi a pergunta que em seguida me fez.

— Não tenho essa fortuna, minha senhora.

— Mas entende de versos?

— Leio-os com prazer.

— Ora então espere.

E saiu da sala.

A Sr.ª D. Margarida apresentara-se-me agora sob um aspeto novo, em que não pude deixar de admirá-la.

Até ali vira nela encarnado o tipo, não direi ridículo, mas vulgar e prosaico da dona da casa, que eleva à altura de questões diplomáticas as pequeninas misérias de uma vida doméstica, deslizada das sete horas da manhã às dez da noite, sem nenhum acidente sério, que viesse alterar-lhe a monótona serenidade. Agora, porém, via-a transformada, purificada pelo amor de mãe, que lhe fazia vibrar o coração em harmonia com os mais delicados sentimentos, e dotava-lhe a inteligência de uma penetração superior à esfera acanhada das suas habituais ocupações e educação incompleta.

Como o sopro de vida que no seio da crisálida a faz, num momento dado, voar borboleta, o amor materno operava nesta criatura, que me parecera vulgar, uma metamorfose que às vezes a tornava num ser verdadeiramente superior.

A senhora de Entre Arroios voltou à sala, trazendo na mão um pequeno papel dobrado, que ao passar pelo doutor, o qual naquele momento começava a leitura de um segundo periódico, teve o cuidado de ocultar com uma espécie de temor quase infantil.

Chegando junto de mim passou-mo para as mãos, dizendo:

— Tomás esqueceu isso um dia de manhã sobre a mesa do quarto. Encontrei-o, quando o arrumava, li-o e não entendi bem. Como ele depois nunca pareceu dar pela falta, resolvi guardá-lo. Isto foi há perto de três meses, justamente pelo tempo, e é isto que me dá canseira, em que ele começou a ter aquelas dores de cabeça, que o perseguem tanto. Pois pode acreditar que de então para cá não passa uma noite sem que eu me ponha a ler este papel, e o caso é que nalguns pontos já pude entendê-lo melhor.

Eu desdobrei o papel e li as seguintes estâncias, escritas com uma letra rápida e como por uma mão convulsa, mas sem uma única emenda: adivinhava-se, ao vê-la, que fora escrita com rapidez num instante de inspiração:

Flor dos campos, flor singela,

Para quem guardas tuas cores?

Deus criou-te entre verdores

Só para os campos enfeitar?

Desconhecem-te a beleza

Outras flores que ta invejam.

E as brisas, se te bafejam,

Não o sabem revelar.

— Ora repare — disse, interrompendo-me a senhora de Entre Arroios — porque me parece que esta flor, de que aqui se fala, não é bem uma flor.

Sorri-me à observação, e continuei:

Há tanto que corro os prados

Por sobre viçosas relvas!

Tantas flores pelas selvas,

Tantas no monte encontrei!

Há tanto! e porque só hoje,

Alva cecém da campina,

Quis a minha ingrata sina

Que te encontrasse? Não sei.

— Vê, não lhe parece estranho? — ponderou de novo a senhora de Entre Arroios — mas leia, leia.

Não sei. O peito agitado

Os seus segredos não revela.

Se o ver-te foi minha estrela,

Se é sorte pensarem ti...

Pensarei, sim; tua imagem

Há de seguir-me incessante,

Em ti só, flor vicejante,

Pensarei, já que te vi.

Novo gesto de D. Margarida; eu continuei:

À noite nos árvoredos,

Onde formas vaporosas

Vagueiam misteriosas,

Irei procurar-te, a sós,

De manhã quando no oiteiro

Surja a chama matutina

Já o teu nome...

Havia aqui um espaço deixado em branco e completava a estância: Repetirá minha voz.

— Tenho-me matado para ver se adivinho o nome da flor, que aí falta, mas não vejo.

Eu que, como o leitor deve supor, não encontrei grande dificuldade em completar o verso, disse, sorrindo-me para a senhora de Entre Arroios:

— Preciso seria que primeiro assentássemos se, como Vossa Excelência disse há pouco, esta flor é bem uma flor — e preparava-

me para continuar a leitura, quando se abriu a porta de par em par, e deu passagem à figura rubicunda e esférica do abade, que saudou a assembleia com o seu habitual:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Amém — respondeu a Sra. D. Margarida, enquanto que, apertando-me o braço com vivacidade, tacitamente me instava a esconder o fatal papel revelador do delito poético de Tomás.

Este sentimento de delicado pudor, que inspirava àquela mãe o ocultar dos olhos dos seus prosaicos convivas os devaneios literários de uma imaginação de quinze anos, devaneios cujo sentido, quase enigmático, ela própria mais adivinhara do que compreendera, tinha o que quer que era de tocante, que me comoveu.

Apressei-me pois a esconder o papel, como se partilhasse também dos mesmos tenores, e respondi ao abade, que me havia dirigido não sei que pergunta, que por insignificante me esqueceu já.

O médico havia neste momento acabado de se pôr em dia com os acontecimentos europeus.

Depois de esvoaçar por todas as nações do mundo civilizado, aquele pensamento repousava agora, talvez, a ponderar nos destinos do Grão-Sultão e da Porta.

O abade odiava os jornais políticos, como odiava todas as coisas cujo uso não se remontasse ao antigo sistema governamental, de que era, e se confessava, aferrado partidário.

Entre ele e o médico, que militara no cerco do Porto, e fora ferido num ataque às linhas, ao saltar um muro para observar o espetáculo de mais de longe, ferida que provavelmente hoje lhe valerá uma pensão vitalícia, havia constantemente hostilidade súpita, que se traía nas mais pequenas coisas e que a menor faísca fazia rebentar em terríveis explosões, as quais só o ânimo pacificador de D. Margarida conseguia apaziguar.

— Quid curas, doctor? — disse o abade, aproximando-se do antagonista com afabilidade felina.

O doutor, com os olhos no chão, as pernas cruzadas e os beiços fazendo tromba, parecia calcular mentalmente a área do pavimento da sala; às palavras do abade levantou a cabeça.

— Oh! reverendíssimo! pensava agora numa importante medida, que atualmente se discute nas câmaras: é relativa aos morgados.

Uma tosse seca e significativa foi a resposta do reverendo egresso.

— As câmaras! — continuou, acentuando a palavra com ênfase — era de uma vez um dragão de cem cabeças... Não sabe o que diz a fábula?

— Sei só o que diz a história — respondeu o doutor, já um pouco desabrido.

— Que muitas vezes é fabulosa — redarguiu o abade, saboreando com delícia uma pitada.

D. Margarida, pressentindo a tempestade iminente, acudiu a interrompê-los.

— Sabe, Sr. Fr. Domingos, que temos hoje uns ovos de recheio, que espero há de apreciar?

— Ovos de recheio! Deveras? Oh! minha rica senhora D. Margarida; semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt, com mais razão do que a honra, o nome e os louvores de Dido, que afinal de contas... não se lembrou de apresentar a Eneias ovos de

recheio. Ah! ah! ah! — acrescentou, rindo-se ainda mais pela promessa dos ovos, do que pela graça que dissera.

— E hoje, meus senhores — continuou D. Margarida — havemos de acabar de decidir a respeito do Tomasinho. Aqui está o Sr. D... que nos ajudará com o seu conselho.

O médico que naquele momento limpava os óculos, colocou-os de novo sobre o nariz e olhando para mim diretamente, como ainda até aqui o não tinha feito, perguntou-me:

— O senhor é formado? Tem algum curso?

— Não, senhor — respondi imediatamente.

Pareceu-me que no seu conceito desci cinquenta por cento, depois da resposta... Voltou-me as costas sem cerimónia, e, com a familiaridade que lhe dava uma convivência de longos anos, tirou do bufete um par de ameixas secas e foi saboreá-las para a janela.

O abade encarregou-se de continuar a inquirição começada.

— Mas vossa senhoria — disse-me ele com voz melífica — tem seguido alguns estudos?

— Possuo leves rudimentos de alguns.

— Cultiva a literatura?

— Aprecio-a imperfeitamente.

— Quem são os seus autores favoritos?

— Encontro sempre grande dificuldade em responder a uma interpelação desse género. Não sei. Admiro tanto Balzac, como Walter Scott, como Alfred de Vigny; extasio-me com uma das mais arrojadas estrofes de Byron, de Vítor Hugo ou Musset, tanto como me extasio com um dos sentimentais poemas de Lamartine.

Respondi com a maior ingenuidade e vi a estupefação desenhar-se no rosto do abade a cada um dos nomes que ia pronunciando, para ele mais indecifráveis que os do festim de Baltasar. Quando cheguei ao último carregou o sobrolho e preparou-se para falar. Escutei.

— Que disse? Lamartine? Não é um jacobino? Parece-me que tenho ideia de...

Não pude responder com receio de perder a gravidade.

Vendo o meu silêncio, continuou:

— Sim, não tem que ver, é o próprio; um dos vermelhos, um pedreiro-livre, dos tais senhores da égalité! — e acentuou

sarcasticamente a sílaba final. — Com que então... admira isso?

Aqui abriu a caixa de rapé, fungou uma abundante pitada, assoou-se e, depois de soltar um suspiro ab imo pectore, voltou-me as costas, murmurando não sei que verso de Virgílio ou de Horácio, que provavelmente não me lisonjearia muito se fosse ouvido.

Neste momento a Sra. d. Margarida anunciou a chegada do terceiro conviva. Era o Dr. Teófilo, personagem exótico, cujos olhos pardacentos, como que envergonhados de se verem tão feios, fugiam um do outro, confinando-se no ângulo mais externo de umas escalavradas órbitas.

O Dr. Teófilo, acalentando de há muito as mais fagueiras esperanças na mão em segunda mão da senhora de Entre Arroios — trocadilho da sua lavra, muito festejado pelo autor — cada dia inventava novas finezas, sem nunca atinar com aquela que esperava lhe havia de valer a entrega da praça e da guarnição.

Desta vez trazia pendente da mão esquerda uma trouxa que prometia grande surpresa para o dessert, ocasião escolhida sempre por ele para as suas ofertas amorosamente ambiciosas.

— Já era retardatário ao que veio — exclamou o doutor, ao encarar com os outros dois frequentadores dos jantares de Entre Arroios.

— A justiça é sempre a última a chegar — resmungou o médico, explorando de novo, e com igual sucesso, o bufete, que exercia sobre ele uma manifesta atração.

O Dr. Teófilo, imperturbável por índole e por cálculo profissional, respondeu amavelmente:

— Onde a ciência e a religião existem, não se faz esperar a justiça.

O doutor era uma espécie de mediador plástico, perdoem-me os filósofos se rebaixo o termo, entre os dois elementos heterogéneos do abade e do médico.

A Sra. d. Margarida, à imitação dos fabricantes de instrumentos de física, que entremeiam o ouro entre a prata e a platina, na construção de certas lâminas, para podê-las sujeitar à ação do calor, servia-se do doutor para que a soldadura do abade e do médico não rompesse também no calor da discussão.

Era a vez do advogado se dirigir a mim.

— E como vai o hóspede?

— Belíssimo! — disse o doutor, pronunciando esta palavra portuguesa como se tivesse necessidade de ser italiana.

D. Margarida, no ânimo de quem eu havia conquistado terreno, depois da nossa rápida conversa, encetou ao meu respeito uma apologia, que a modéstia me obriga a calar, e que teve um efeito exatamente contrário ao que talvez a boa senhora esperava. De facto o doutor, ao notar o fogo com que a D. Margarida fazia o meu panegírico, mostrou-se inquieto: olhou para mim de um modo particular, depois para ela, depois de novo para mim, e, como sem consciência do que fazia, aproximou-se da mesa e bebeu até à última gota um copo de água que encontrou à mão. Caso realmente extraordinário na sua vida, porquanto o doutor nunca pudera concordar com Píndaro a respeito das excelências da água.

Percebi que o ciúme aguilhoava o coração do erudito intérprete do Digesto.

Que popularidade! Em poucos minutos conseguira tornar-me antipático aos três comensais de D. Margarida!

Mas o meio-dia chegara enfim, hora consagrada desde tempos imemoriais em Entre Arroios à solenidade gastronómica a que se dá o nome de jantar.

No campo o meio-dia adivinha-se independente de relógios. Um silêncio mais profundo, um não sei que particular na luz do Sol, uma cor uniforme que parece tingir a paisagem, no-lo anunciam. Depois temos a voz do estômago, esta poderosa voz mais real do que a do sangue, a qual os romancistas contudo admitem como facto incontroverso. O estômago quer aos seus hábitos, como víscera burguesa que é; uma vez afeito a comer ao meio-dia, exaspera-se quando lhe tardam e agitando-se no abdómen dá a conhecer à economia as suas necessidades imperiosas.

Foi a razão pela qual o abade, escutando o apetite, este irmão mais novo da fome, jovial como criança, mas cujo humor se azeda com a idade, se aproximou da janela, contemplou os ares, e, voltando-se, soltou estas palavras, que vieram dar a razão dos bocejos continuados do médico, das suas frequentes visitas ao bufete e dos suspiros, melodiosamente melancólicos, do doutor:

— Isto deve ser meio-dia.

— Há de ser — disse D. Margarida — vou mandar tirar o jantar; Tomás provavelmente janta mais tarde.

Estas palavras foram acolhidas com geral satisfação.

E o jantar veio para a mesa; rompeu a agradável orquestra de garfos e facas, para muito boa gente mais harmoniosas do que as melhores partituras de Bellini ou Donizetti; e todos empreendemos, como aliados, uma batalha cujos destinos não podiam ser duvidosos.

O médico e o abade esqueceram por um pouco a recíproca antipatia; contudo esta afabilidade diminuía na razão direta do apetite. À sopa, eram quase amigos, ao cozido tolerantes apenas; mas quando chegou o prato de meio, já os primeiros assomos de hostilidade começavam a transparecer. Um frango guisado foi o pomo da discórdia.

Eis o caso:

A entrada triunfal da ave de Marte fora saudada com verdadeiro entusiasmo, e, depois de a admirar em globo, cada um em detalhe a admirava no prato.

— Excelente molho! — disse o abade, embebendo nele enormes fatias de pão-trigo, galicismo gastronómico que, seja dito de passagem, causa delícias a muitos severos puritanos.

— Eu sou partidário dos molhos — exclamou o doutor, seguindo o exemplo dado pelo vizinho.

O médico, para contradizer, disse-os anti-higiénicos; mas não ficava atrás dos antagonistas na gloriosa cruzada contra este inimigo dos estômagos humanos.

— A história dos molhos — acrescentava o abade, limpando ao guardanapo os beiços besuntados — anda a par da civilização. Os heróis de Homero desconheciam o verdadeiro molho; Virgílio fala-nos da carne assada no espeto, veribus que trementia figunt; scilicet viscera, mas nunca em molhos. Anacreonte...

— O abade podia muito bem empreender uma obra em que provasse...

— Os molhos? É a obra que estou empreendendo. Eh! eh! eh!

— Não; porém que a florescência dos estados prendia nos aperfeiçoamentos dos molhos — terminou o médico, sorrindo.

O doutor, que previu tempestade, tomou a palavra:

— Mas de facto, há aqui uma fusão de substâncias, que formam um todo delicioso.

— É o gosto do cravo, da pimenta, do açafrão, da salsa, do alho; tudo e não é nada disto — parafraseou o abade.

— E um verdadeiro sistema constitucional — disse o médico, que tomava posse do seu temperamento; e acrescentou: — O absolutismo, a predominância de um elemento único é sempre mau em molhos, como em política. — Grave imprudência!

O abade tremeu.

O doutor concedeu uma risada de aprovação à burlesca comparação do médico.

Isto acabou de transtornar o egresso:

— Bem me parecia, doutor, que vós outros avaliais as coisas em política pelas leis de gastronomia! Bom é tudo aquilo que satisfaz o estômago.

— Sem causar indigestão — respondeu o médico, com imperturbável sangue-frio.

A cólera do abade subia ao seu auge. Estava fulo.

— O vosso sistema de molhos em política, doutor, tem só o inconveniente de encher o governo de nódoas.

O abade, superior à sua época, manejava já então o calembourg, em que muito pouco se falava ainda por cá.

Como ninguém se rira do gracejo, acompanhou-o ele de uma gargalhada fradesca, de grau superior à homérica.

D. Margarida, inquieta pela ausência prolongada de Tomás, não dava fé da tempestade, que se aglomerava sombria, nem pensava em intervenção.

Ensaiou-a o doutor e, enchendo os copos:

— Vá — exclamou — à saúde da fusão dos partidos e dos...

O abade não deixou de concluir.

— Também o doutor!

Isto fez-me lembrar o tu quoque de César.

O doutor sentou-se desanimado.

Frei Domingos perdera de todo a cabeça; os olhos injetados caíram sobre mim; não lhe escapei, inocente vítima que era!

— Falta o senhor lá, o que me disse que preferia aos poetas antigos as poesias de... Robespierre ou não sei que outro herói.

D. Margarida compreendeu enfim a necessidade de intervir e não lhe foi difícil.

— Abade, eis os ovos de recheio.

Foi água que caiu na fervura.

Tudo serenou e cedo os ovos foram, no rigor da palavra, absorvidos.

O resto do jantar correu sem outra novidade, a não ser a saudação geral que vitoriou a surpresa do doutor, a qual, desta vez, consistiu num a dúzia das decantadas frigideiras de Braga, a mais apetitosa conceção dos pasteleiros da augusta cidade Cesária.

CAPÍTULO V

Acabado o jantar e dita a oração de graças, a senhora de Entre Arroios, depois de nos dar as boas-tardes do estilo, chamou a atenção dos circunstantes, pedindo que se passasse a discutir o futuro de Tomasinho.

O médico, depois de fazer uma última provisão de ameixas secas, que ele sustentava serem estomacais, deu o assentimento; imitou-o, em ambas as coisas, o abade, apesar da mútua animadversão, e contentando-se o doutor de se prover de palitos, passámos todos para o salão contíguo, que era o lugar de honra da casa e escolhido pela Sra. d. Margarida de propósito para aumentar a solenidade do acto.

A senhora de Entre Arroios tomou a cadeira da presidência; todos se sentaram, só eu, que, preocupado pela súbita doença do pai de Paulina, tinha pouca vontade de entrar na discussão, me conservei um pouco de lado, sem que ninguém se lembrasse de me chamar,

nem a senhora de Entre Arroios, a qual provavelmente me quis facilitar a oportunidade de terminar a leitura da poesia de Tomás.

O aposento em que nos achávamos era uma vasta sala retangular, forrada por um papel de cor escura que, absorvendo os raios luminosos, lhe dava um aspeto sombrio e triste, apesar das duas amplas janelas de peitoril, que abriam sobre o pomar; por cima do fogão de lousa artisticamente cinzelado, pendia um espelho de moldura dourada, mas já em parte enegrecida pelo tempo; toda a mobília era pesada e antiga; o tapete que forrava o pavimento revelava longos anos de serviço nas cores, meio desbotadas e no fio da urdidura já nalgumas partes descoberto. Numa das paredes laterais, caraira à porta por onde entráramos, notava-se, em caixilho cuidadosamente conservado, um retrato a óleo de grandeza natural e de correto desenho.

Representava um velho de nobre fisionomia, vestido com a farda da marinha portuguesa e em cujo peito se divisava, distintivo de lealdade e valor, uma pequena fita azul em fivela de prata.

Era o retrato do pai de Tomás, velho militar, que havia combatido sob o comando de Napier, e voltara à terra onde nascera coberto de

anos e de cicatrizes honrosas, para procurar no seio da família uma morte sossegada.

A pintura era de um discípulo de Vieira portuense, amigo íntimo do velho marinheiro e o seu hóspede durante uma viagem que fizera pelo Minho. Não quisera o artista perder a ocasião de reproduzir com o pincel um desses tipos de soldado do mar, que de dia para dia mais se vão perdendo na nossa terra, outrora berço e escola de navegadores.

D. Margarida tinha para com este retrato uma veneração quase supersticiosa. Amara extremamente o marido; porém, como de ordinário acontece entre caracteres de força desigual, este amor fora nela misturado com um sentimento de respeito, que ainda conservava pela memória dele.

Aquele olhar grave e severo, tão perfeitamente reproduzido na tela, parecia ainda exercer sobre a senhora de Entre Arroios a mesma influência que exercera em vida.

Se, por acaso e involuntariamente, fazia chorar o pequeno Tomás, já não ousava erguer os olhos na presença deste retrato, como se temesse encontrar-lhe mais severidade na expressão: mas se, pelo contrário, alguma coisa acontecia que fizesse sorrir o filho — se as

carícias lhe estancavam as lágrimas, olhava-o, esperando quase vê-lo sorrir também. De pequeno costumara Tomás a vir todas as manhãs saudar a imagem do pai; e dir-se-ia estranhar que este lhe não retribuísse a saudação em bênçãos.

Neste momento a mãe carinhosa parecia invocar a memória daquele que lhe fora tão caro para que velasse pelo interesse do filho; na presença deste retrato, sob os olhares melancólicos daquela nobre figura, que se dissera contemplá-la ainda com amor, a pobre senhora achava-se mais forte; era este o templo onde a sacerdotisa recebia a inspiração que lhe iluminava o espírito: fora deste recinto a senhora de Entre Arroios sentia-se apeada do pedestal, e despojada de não sei que auréola que a circundava ali.

Desde que nos viu todos dispostos a escutá-la, disse-nos que enfim se achava decidida, ainda que com o coração despedaçado, a cumprir a vontade do marido, o qual sempre revelara desejos de que Tomás seguisse os estudos; que julgava ser a idade a que chegara o filho aquela em que convinha pensar na realização deste projeto, e que por isso pedia aos seus amigos, os quais folgava ver ali reunidos, que assentassem por uma vez qual das carreiras conviria ao Tomasinho e quando se deveria marcar o dia da partida.

E, ao dizer isto, a voz trémula e lacrimosa da pobre mãe revelava uma profunda comoção.

Houve silêncio na sala.

— Então? — continuou ela, conseguindo dominar o sentimento — que decidem? O que deve estudar o Tomasinho?

— A medicina.

— A jurisprudência.

— A teologia.

Bradaram a um tempo o médico, o advogado e o abade.

— Jesus, Maria! mas... concordem numa coisa. Ele não há de estudar tudo isso. A sua opinião, dada por essa forma, de nada me vale. Decidam-se por uma.

— Pela jurisprudência.

— Pela medicina.

— Pela teologia.

Repetia o coro.

— Valha-me Deus — dizia a senhora de Entre Arroios, toda aflita.

O advogado continuou:

— A jurisprudência, Sr.ª D. Margarida, é o sustentáculo da sociedade!

— A medicina, minha senhora — replicou o médico — é a âncora da humanidade!

— A teologia é o esteio da religião! — disse pela sua vez o abade, em tom de oráculo.

— E disso tudo que é que se tira? — exclamou a mãe desesperada.

— O que se tira? — balbuciou o abade.

— Pois que se há de tirar? — redarguiu o médico.

E ambos pareciam repetir silenciosamente a si mesmos a pergunta, sem atinarem com a resposta desejada.

— Tira-se, minha senhora — respondeu enfim o advogado, que era homem para estes apertos — que a jurisprudência é a mais nobre das profissões, a ciência mais útil, o mais valioso conhecimento. O jurisconsulto é um benemérito da pátria e da humanidade, cuja o devera glorificar e render-lhe preito; — quem

mais útil do que ele, já, quando instituindo leis que devam regular os povos, já, quando...

Eu estava resolvido a conservar-me mudo espectador deste conciliábulo, que tinha muito de soberanamente ridículo; porém a perspetiva das legiões de já quandos que antevira no discurso do orador, e um olhar expressivo da senhora de Entre Arroios fez-me mudar de resolução, e decidi-me a intervir.

— Dá-me licença?

O doutor parou, visivelmente contrariado.

O humor dos outros membros do conselho não me foi, ao que pude julgar, mais favorável; para eles era um intruso e atrevido.

— Não sabemos se... foram as palavras que acolheram a minha intervenção, ao passo que, olhando para D. Margarida, os três pareciam emprazá-la tacitamente a conter a minha ousadia. A senhora de Entre Arroios mostrou porém desta vez uma firmeza nela pouco vulgar e que espantou os eloquentes oradores além de toda a medida.

— O Sr. D... — disse ela — é um homem de bem e digno de toda a minha confiança. Julgo que a opinião dele merece ser escutada,

visto que há tanto tempo os senhores discutem esta matéria sem que ainda fosse possível aproximá-los de um acordo, que desejo, e a que, de qualquer maneira que seja, hoje é preciso chegar. Fale, Sr. D.... a qual das opiniões se inclina?

— A nenhuma, minha senhora.

Sensação na assembleia: eu não cedi a palavra. — E peço a V Ex — continuei — que de maneira nenhuma suponha que intervenho com o intuito de me pronunciar a respeito de uma carreira que possa convir a Tomasinho. Conhecendo-lhe as inclinações, pela natural penetração de mãe, melhor do que nós o poderá V Ex decidir. Mas nem eu penso que se trate aqui de uma criança incapaz de julgar por si das próprias conveniências e aptidões. O filho de V Ex tem quase dezasseis anos, e é ainda uma inteligência adulta; parece-me por isso extravagante que se esteja agora aqui talhando um futuro, talvez já concebido bem diferente pela principal pessoa interessada. Eu voto que, em vez de nos consultar, consulte V Ex diretamente a Tomasinho.

Estas palavras levantaram uma celeuma tal na assembleia, que me não foi possível ouvir a resposta de D. Margarida.

— Que extravagância!

— Que singular opinião!

— Pois um menor...

— O senhor é tão criança como ele.

— Onde se ouviu semelhante coisa?

— Quae te dementia cepit!

Esta era do abade.

— São doutrinas perigosas.

— Subversivas.

— Anti-sociais.

— Republicanas.

Outra do reverendo.

— Mostra ignorância do código.

— Uma criança senhora sua!

E a vozearia era já tal, que fazia estremecer a sala.

Em vão tentava defender-me, em vão D. Margarida se esforçava a pedir silêncio; a irritação fazia bramir os três argumentadores,

ligados excecionalmente contra o inimigo comum, que, por graça especial, tinham encarnado na minha pessoa.

Durava e prometia perpetuar-se esta algazarra infernal, quando a porta do salão se abriu violentamente e Tomás apareceu no limiar, fazendo de súbito, e como por encanto, cessar todo o ruído.

A cena era de um efeito teatral.

Tomás, mais que nunca excessivamente pálido, com os lábios trémulos, e os olhos como pisados de chorar, parou por algum tempo à entrada da sala e correu com a vista os circunstantes, que todos permaneceram mudos debaixo do olhar daquele que momentos antes tratavam de criança. Naquela fisionomia enérgica tinham pela primeira vez reconhecido o homem.

A expressão do pai acentuava-se profundamente nas feições do filho. A senhora de Entre Arroios, vendo-o, juntou as mãos e elevou os olhos ao retrato do marido. Dir-se-ia que acreditava num a aparição.

Tomás entrou para a sala.

— Sei do que se trata; — disse com voz alterada — agradeço o incómodo que têm tomado pela minha causa, meus senhores;

porém dispenso tal intervenção.

E voltando-se para a mãe:

— Minha mãe, o meu destino está nas suas mãos. A mãe sabe que tudo quanto de si me vier eu o receberei, como costumo receber as suas bênçãos, de joelhos e com gratidão. — E ajoelhando diante dela beijou-lhe afetuosamente a mão.

As lágrimas saltavam pelas faces da pobre senhora.

Tomás ergueu-se e, enxugando os olhos também, continuou:

— Mas não falemos por agora nisto. De uma coisa mais grave lhe vinha falar, mãe.

Eu quis deixar o quarto e consegui que os outros fingissem imitar-me.

— Não, não, fiquem — exclamou Tomás, detendo-nos com um gesto — o que eu tenho a dizer a minha mãe não me envergonha; antes estimo tê-los por testemunhas.

— Jesus, meu filho! que tens tu, que me assustas?

— Não é nada — disse Tomás cada vez mais dominado por uma comoção desconhecida; e depois continuou: — É que o seu doente,

doutor, acaba de me expirar nos braços. Paulina está órfã.

Passado um momento de silenciosa hesitação, acrescentou com voz lenta e firme:

— E Paulina é desde hoje minha desposada.

CAPÍTULO VI

Não sei de coisa alguma que pudesse determinar nesta ocasião um espanto igual ao que produziram as palavras de Tomás. A mais viva surpresa se desenhava no rosto dos circunstantes. Eu mesmo, que tinha motivos para menos do que os outros me maravilhar, não pude reprimir um gesto de admiração, ao ouvir aquelas poucas palavras pronunciadas com voz tão segura, que bem denunciava a resolução inabalável que as ditara.

A senhora de Entre Arroios olhava para o filho, como se ainda lhe parecesse um sonho o que tinha ouvido, e desejasse assegurar-se da realidade.

— E uma dívida sagrada, minha mãe — continuou Tomás — contraí-a junto do leito de um moribundo, e sobre a cabeça de uma órfã; contraí-a invocando o nome daquele que parece dacolá olhar-me e compreender-me — e apontava para o retrato do pai; depois continuou mais baixo: — Contraí-a inspirado pelo amor.

Estas últimas palavras explicaram melhor a D. Margarida o acontecido; mas a revelação assustava-a, sem talvez bem saber porquê. A pobre senhora escondeu a cabeça entre as mãos, murmurando com voz sumida:

— Jesus, meu Deus! — E assim se conservou alguns minutos.

Tomás não despregava os olhos da mãe, como se das primeiras palavras que ela pronunciasse lhe dependesse a vida.

O resto das personagens desta cena, entre as quais me incluo também, não se sentia à vontade.

Tudo se devia decidir entre a mãe e o filho. Há nas famílias acontecimentos em que toda a intervenção de um estranho é inconveniente.

Nenhum de nós ousava falar e conservávamos a imobilidade de um quadro vivo.

No fim de alguns minutos, D. Margarida ergueu a cabeça. Impressionou-me o ar de nobreza e de resolução que se lhe lia no gesto. Era uma nova metamorfose desta mulher singular.

— E promessa sagrada, meu filho — disse ela — há de cumprir-se.

E fitou os olhos no retrato do marido, como se daí lhe viera a inspiração.

— Ó minha mãe! — exclamou Tomás, ajoelhando diante dela.

D. Margarida susteve-o com a mão.

— Não sejamos todos crianças, Tomás. Escuta, que não consinto sem condições.

— Não preciso sabê-las para me sujeitar a elas.

— O Sr. D... — continuou D. Margarida, olhando para mim — disse-me ter de partir amanhã já para o Porto; hás de acompanhá-lo; e daí tu próprio escolherás a carreira que mais te agradar seguir.

— Amanhã? já!

— É preciso. A vontade do teu pai é tão sagrada como a tua promessa, filho. É tempo de a cumprir: e há mais que o devera ter feito.

— Seja... mas...

Tomás hesitou ao continuar; a mãe porém adivinhou o resto; atraiu-o a si, estreitou-o nos braços, e, beijando-lhe a cara com o maior carinho, disse-lhe a meia voz:

— Descansa; ela será minha filha.

Estas palavras fizeram rebentar as lágrimas a Tomás.

— Oh! obrigado; o coração dizia-me que a mãe me não havia de querer mal por isto.

— Querer-te mal, filho! — E depois, afastando-o:

— Não é verdade, Sr. D.... que nos fará o obséquio de acompanhar Tomás?

— Tudo em que a puder servir, minha senhora.

E de novo recaímos em silêncio.

Os convidados apressaram-se em abandonar esta casa, onde respiravam uma atmosfera de constrangimento.

À noite todos na aldeia sabiam do ocorrido, e cada qual comentava ao seu modo a criancice de Tomás, como eles diziam, e a leviandade da mãe. Outros viam na resolução de D. Margarida, em mandar viajar o filho, um meio de desfazer as dificuldades; porque era impossível que esta paixão despropositada, pensavam eles, resistisse a uma ausência de anos.

De mim não sei que disseram, mas é de crer, atendendo a que os propaladores dos boatos eram os três meus afeiçoados, que não fosse muito cristãmente tratado.

Ficando sós, a mãe, o filho e eu, não rompemos o silêncio, que se manteve durante horas; todos talvez pensando no ocorrido, e todos à porfia evitando a menor alusão que pudesse recordá-lo.

Tomás despediu-se às nove horas da mãe, que o beijou com o afeto costumado. Dispunha-me também a deixar a sala, quando um sinal da senhora de Entre Arroios me obrigou a ficar.

Tudo revelava nela uma serenidade de espírito que me fazia pensar. Depois de assegurar-se de que ninguém escutava, D. Margarida sentou-se junto de mim e perguntou-me:

— Então que lhe parece tudo isto?

— Para lhe falar a verdade, minha senhora, conquanto receie que este acontecimento seja talvez funesto ao futuro do seu filho, não posso deixar de admirar-lhe a nobreza de carácter.

— Está como eu. Pode crê-lo? Isto que a outra mãe traria a desesperação talvez, quase que me dá júbilo. Contudo reconheço

que é um passo grave, e preciso impedir que tenha graves consequências.

— Eu julgo ter compreendido os projetos de V Ex.

— Talvez não — disse ela, quase sorrindo.

— Uma ausência demorada amortece certos sentimentos, e faz esquecer promessas que num momento de exaltação...

— Não o espero, e se por acaso meu filho se esquecesse, cumpriria a mim lembrar-lho; e eu lho lembraria, acredite. Se foi loucura, tanto pior, que tem de ser escravo dela.

— Mas Paulina mesma, talvez...

— Esquecer Tomás!

Havia tanta candura neste brado de vaidade maternal, que não tive coração para continuar a exprimir-lhe as minhas dúvidas.

— Não, não; o meu desígnio é outro — continuou ela — mas por enquanto é secreto. O que lhe peço é que use de toda a sua influência com Tomás para o decidir a partir para o estrangeiro. Que vá estudar a França, à Inglaterra, à Alemanha, onde quiser e o que

quiser, mas que saia do reino e se demore por fora. Quatro, cinco a seis anos. E essencial.

— Não posso compreender com que vistas...

— E o meu segredo — disse ela, sorrindo. — Promete?

— Tudo quanto desejar, minha senhora. Reconheço em V Ex uma superioridade...

— Nada de lisonjas, se não quer perder a minha confiança.

— V Ex deve ter notado que é a primeira vez que lhe falo assim; é porque há pouco ainda comecei a compreendê-la e a admirá-la.

— Bem; façamos aliança. Mas, antes, quero perguntar-lhe uma coisa: que me diga o que lhe parece mais para recear nesta resolução de Tomás?

— Receio que aquela paixão seja nele uma das muitas ilusões de uma idade tão tenra como a sua; e que cedo...

A senhora de Entre Arroios interrompeu-me com um gesto de impaciência e negação.

— Cedo não; tarde, tarde, que é pior! Olhe, aí vai o que eu penso: Tomás ama sinceramente Paulina, acredito-o. Esta paixão,

longe dela, aumentará talvez. As cenas que a santificaram, numa alma como a dele, deixam vestígios que o tempo não desfaz. O meu filho, verá, há de voltar-nos tanto ou mais amante do que partiu. Mas depois? Paulina pode satisfazer-lhe ao coração, e enquanto o coração reinar, Tomás será feliz. Porém, quando chegar a vez da inteligência? e olhe que há de chegar também; como poderá a pobre rapariga bastar àquela cabeça, que eu já suspeitava, e agora vejo claramente ser toda de fogo? Creia-me, Sr. D.... a infelicidade destas ligações desiguais está toda aqui.

— Estou inteiramente de acordo, minha senhora, e admiro tanta penetração.

E dizia a verdade. Esta mulher, como as aparições de certos contos de fadas, de momento para momento assumia aos meus olhos maiores proporções. Ela, que na véspera me parecera vulgar no meio de quase ridículas tribulações da vida doméstica, que já momentos antes admirara quando, incitada pelo amor maternal, se esforçava em penetrar o sentido das expressões vagas e figuradas de uma poesia amorosa; agora surpreendia-me pela profundeza de vistas com que antevia no futuro os sentimentos do filho; a mãe, cujos dotes vinham todos do coração, previra que a inteligência não

se satisfaz só com sentimentos e, na desigualdade de educação de Tomás e Paulina, encontrava a causa da futura infelicidade de ambos.

E que tentava ela para evitar o mal? E o que não pude saber então, baldados os esforços que fiz para o adivinhar.

Depois de mais algumas palavras, trocadas entre ambos, a senhora de Entre Arroios levantou-se, e, estendendo-me a mão afetuosamente, disse com um sorriso:

— Vá dormir, Sr. D.... que eu vou pensar no futuro do meu filho.

Não me foi muito fácil conciliar o sono. O ânimo, sobressaltado pelas cenas que tinha presenciado, mal me permitia o repouso.

No dia seguinte levantei-me cedo. Desci à sala, onde já encontrei D. Margarida fazendo preparativos para a partida de Tomás.

Exigências, a que não podia faltar, me obrigavam de facto a partir naquela manhã para o Porto, bem mais depressa do que contava, e, direi até, do que desejava.

A senhora de Entre Arroios mostrava-se preocupada, mas não aflita. A despeito das leves rugas que lhe sulcavam a cara, entrevia-se-lhe um fundo de serenidade na fisionomia, que me fez julgar que a noite

fora fiel desta vez à sua fama de boa conselheira. Ao ver-me, D. Margarida exclamou:

— Que pressa de nos deixar Sr. D.... são seis horas e já erguido!

— E porque não há de antes dizer Va Exa que foi para gozar por mais tempo da sua companhia que assim madruguei?

— Por que é tão lisonjeiro que me custa a acreditar. Passou bem a noite?

— Otimamente. Va Exa é que, se me não engano, dormiu pouco.

— Não dormi nada.

— E aproveitou ao menos a vigília?

— Espero que sim.

Tomás juntou-se connosco. As faces abatidas, os olhos vermelhos, as feições decompostas, denunciavam que ele também não havia dormido.

À vista dos preparativos da partida não pôde reprimir um suspiro. Depois de cumprimentar a mãe, dirigiu-se à janela para ocultar as lágrimas que lhe vieram aos olhos.

D. Margarida saiu igualmente comovida.

Eu reuni-me a ele.

— Deve-lhe ser custosa esta separação?

Abanou a cabeça afirmativamente. A comoção impedia-lhe o falar.

— São alguns anos de provação — continuei — para depois apreciar melhor a ventura.

— Alguns anos! Como diz isso! E que hei de eu fazer durante esse tempo?

— O estudo o distrairá.

— O estudo! Pois julga que, assim como estou, poderei entregar-me a algum estudo sério?

— E porque não?

— Se soubesse... Pano com o desespero no coração.

— Não diga desespero; pois não tem a esperança no futuro?

A senhora D. Margarida terminara enfim os preparativos de jornada, sem que a menor omissão se pudesse notar à sua previdência maternal. E quanta resignação lhe não fora precisa!

Passámos à sala do almoço e cada vez a tristeza a tornar-se maior! Fazia lembrar um destes dias de Inverno em que a escuridade cresce, cresce cada vez mais, até rebentar a chuva.

A mãe e o filho surpreendiam-se por vezes, olhando um para o outro, com os olhos arrasados de lágrimas.

Enfim o momento chegou.

Tive eu de anunciá-lo; de outro modo quando chegaria?

— Vamos? vi-me forçado a dizer.

Um olhar, dolorosamente expressivo, trocado entre os dois, seguiu-se a esta palavra.

— Adeus, meu filho! — disse a senhora de Entre Arroios, desfalecendo-lhe a voz.

O resto imaginai-o como a experiência vo-lo terá mostrado, se não sois privilegiados do destino.

Um abraço prolongado, em que mãe e filho se cobriram de lágrimas e beijos, anunciou aquela primeira separação.

— Então, então, Tomás, mostra-te homem — dizia a senhora de Entre Arroios, sufocada em choro — isto é uma criancice. Dentro em

poucos anos voltarás e... hás de ser feliz, prometo-te.

— Adeus, mãe, adeus. Pense em mim e lembre-se de... de Paulina.

— E qual é a mãe que se não lembra dos seus filhos?

Tomás desprendeu-se-lhe afinal dos braços e dirigiu-se comigo, que não partia também sem saudades, para a próxima estação das diligências do Porto.

Da casa de Entre Arroios avistava-se, numa grande extensão, o caminho que seguíamos ambos, e assim, a cada passo, parávamos na carreira para que Tomás lançasse mais uma vez um olhar de despedida àquelas janelas, com as quais tantas recordações deixava, e donde a mãe lhe enviava o último adeus.

Perdemo-las enfim de vista e por largo tempo caminhámos silenciosamente ao lado um do outro.

O caminho que seguíamos, estreito e orlado de silvas, conduziu-nos a um pequeno largo, coberto de relva, no centro do qual se elevava um cruzeiro de pedra. Frondosos carvalhos assombravam este lugar solitário e imprimiam-lhe um aspeto verdadeiramente pitoresco. Quando nos aproximávamos, pareceu-me divisar no pedestal da

cruz um vulto, que a meia obscuridade, que se conservava ali, me não deixou reconhecer logo. Tomás, com os olhos abaixados, não atentara nele. Mais perto percebi esta forma mover-se, atraída, ao que parecia, pelo ruído dos nossos passos; ao ver-nos, ergueu-se subitamente e reconheci-a.

Era Paulina.

Se na véspera já admirara a figura graciosa da pequena leiteira, tingida com o rubor da modéstia, mais me surpreendeu desta vez a sua fisionomia, verdadeiramente bela, desmaiada pela palidez do sofrimento. Os cabelos soltos, as mãos juntas, nas faces vestígios de lágrimas recentes, assim naquele lugar e aos pés da cruz, recordava uma dessas virgens cuja fé e martírios valeram tantas páginas de verdadeira poesia aos anais da religião cristã.

Tomás, como se escutasse uma voz interior, elevou nesse momento a cabeça e contemplou com amor a aparição.

Paulina, rápida como o relâmpago, correu para ele e cingiu-o com os braços, cuja alvura, pouco vulgar no campo, mais realçava ainda sobre o escuro dos vestidos de luto.

A minha presença não reprimiu este acesso de violenta paixão.

— Sei tudo! — disse ela, sufocada pelo choro. — Sei tudo, Tomás! — Olha, até aqui amei-te com um amor de criança, mas agora — acrescentou, desviando-lhe da cara os cabelos com movimentos quase febris — agora, hei de amar-te como uma mulher, adorar-te... como escrava.

E, unindo os seus lábios aos dele, confirmou esta singela confissão por um ardente beijo.

— Paulina! — disse Tomás quase em delírio.

— Mas para que partes? — continuou Paulina em tom de voz repassada de meiga exprobração.

— Era vontade do meu pai.

— E eu, Tomás, que farei eu só aqui? — disse a pobre rapariga, afastando brandamente de si a cara do amante e olhando-o com expressão de saudade inquieta.

— Então, Paulina, queres tirar-me o ânimo de...

Estas palavras operaram súbita transformação em Paulina. Estremeceu, como se acordasse de um sonho importuno, ergueu a cabeça, enxugou os olhos com as mãos, e afastando para trás as

negras tranças, disse com um sorriso forçado e a voz abafada e trémula:

— Não, parte, pane! — E, como receando comover-se de novo, desprendeu-se por gracioso movimento dos braços de Tomás, e desapareceu.

— Paulina! — exclamou Tomás, como tentando segui-la.

— Deixe-a partir! — disse-lhe eu — não tornará menos amarga a despedida, prolongando-a.

— Oh! meu amigo — murmurou Tomás, apertando-me a mão.

Era a primeira vez que me concedera este título que nunca depois me negou.

Dentro de alguns minutos partíamos silenciosos para o Porto, sentados um ao lado do outro num dos lugares da diligência da manhã.

CAPÍTULO VII

Tomás demorou-se pouco tempo no Porto. Indiferente a tudo, desde a sua partida de Entre Arroios, facilmente se resolveu a embarcar para Paris, quando, cumprindo a recomendação de D. Margarida, o animei a seguir ali um curso qualquer, demorando-se com esse fim os anos que lhe fossem necessários. Dentro de um mês, acompanhei-o a bordo de um navio que partia para o Havre de Grace.

Tomás parecia deixar em Portugal as esperanças de felicidade. Ao despedir-se de mim, o seu desalento era completo.

Escrevi à senhora de Entre Arroios a dar-lhe pane do acontecido, e relatando-lhe até à menor particularidade a partida do filho.

Recebi em resposta uma carta, na qual ela, depois de me agradecer exageradamente este pouco que eu tinha feito por Tomás, me dizia que, achando a casa de Entre Arroios insuportável, depois da partida do filho, resolvera fazer uma excursão durante a ausência dele, para iludir saudades. Não sabia ainda para onde iria, e que

tempo demoraria na viagem, e por isso me avisava que não lhe escrevesse, antes de primeiro receber carta sua.

Esta carta nunca chegou. Negócios particulares me impediram de voltar a Entre Arroios, e as minhas próprias canseiras, reunidas à ação do tempo, foram combatendo em mim cada vez mais a memória das cenas que, no curto espaço de três dias, eu presenciara, e que me tinham feito participar dos sentimentos de uma família pouco antes para mim desconhecida.

De Tomás nada mais pude saber do que da sua mãe.

Depois de uma carta, ainda repassada de saudades, em que me noticiava sua chegada a Paris e a resolução que tomara de seguir o curso na faculdade de medicina, enchendo o resto a falar-me de Paulina, não soube mais notícias dele.

Alguns portugueses chegados de Paris, a quem interroguei, não o tinham visto, ou davam-me ao seu respeito informações inexatas.

Assim se passaram seis anos.

Um dia, chegando a casa, recebi uma carta que me viera pelo paquete; trazia o carimbo de Saint-Nazaire.

Abri-a, ignorando quem me escrevia, tão remota, confesso-o, me andava já a ideia do pequeno Tomás, em quem me habituara quase a não pensar.

Contudo, a carta era dele, e concebida assim:

«Meu caro D...

Com razão me deve supor uma criatura bem desagradecida.

Nem eu sei como justificar-me do conceito. Contudo não me chame volúvel, não pense que os fulgores de Paris puderam ofuscar na minha memória as cenas da pátria, e principalmente as últimas, que num momento decidiram do futuro da minha vida inteira. Não julgue, se não quer ser injusto também. Ainda a saudade me fala delas, e a esperança me faz palpitar o coração, mostrando-me próxima a época de ver realizados aqueles meus antigos sonhos — sonhos que nunca me abandonaram, felizmente. Não lhe tenho escrito, não me pergunte porquê, que mal lho poderei dizer. Não me absolverá sem penitência? A esperança faz parte da bagagem do pecador; eu não desanimo.

Estou em Saint-Nazaire. Não me foi possível partir, como desejava, neste paquete, o que espero fazer para o seguinte.

Conto, pois, abraçá-lo dentro em pouco, convidando-o desde já a acompanhar-me a Entre Arroios, para assistir à inauguração da minha felicidade.

Paulina espera-me. A minha mãe tem-me escrito e informado, mês por mês, do viver de toda a minha gente em Entre Arroios. Os dias continuam a correr-lhe ali naquela santa placidez em que eu fui criado e onde só vejo a minha felicidade, se nisso não consiste a felicidade de todos.

Adeus; breve conversaremos mais.

P. S. — Que cabeça a minha! Ia-me esquecendo participar-lhe que me formei em Medicina. Satisfiz a vontade do meu pai. Pude relacionar-me com algumas das principais capacidades literárias e científicas de Paris, e acho-me um pouco pior de uma impertinente doença que daí trouxe — a poesia. Adeus, adeus; hei de falar-lhe com mais vagar das minhas viagens pela França, e de outras ainda mais do meu gosto, por um mundo menos real.

Seu afeiçoado,

Tomás de Avelar.»

Esta carta trouxe-me novamente à recordação todas as cenas passadas em Entre Arroios.

Seis anos tinham decorrido, os seis anos que D. Margarida marcara à ausência de Tomás. O que se passara durante esse tempo e o que se ia passar agora?

Tomás via eu, com verdadeiro prazer, que se não esquecera em Paris da sua desposada de Entre Arroios.

Mas o que sobretudo me maravilhou foi o ter D. Margarida escrito ao filho por todos os paquetes, descrevendo-lhe a vida de Entre Arroios, a qual correra, segundo me dizia Tomás, com a placidez costumada.

Logo não havia ela, como me tinha dito, abandonado a aldeia. porque não me escreveria então?

Por mais que pensasse, não me foi possível encontrar explicação satisfatória, e não pensei mais nisso.

Passado um mês, entrava Tomás no meu quarto e apertava-me nos braços com verdadeira alegria.

Algumas alterações sofrera nele a fisionomia durante os anos que vivêramos separados. O rosto perdera a expressão infantil que tinha ainda em Entre Arroios, quando pela primeira vez o conheci; era agora uma face mais varonil, mas tão nobre e inteligente como dantes.

— Então, mon cher docteur — disse-lhe eu — ei-lo de volta? e sem que toda a sua ciência, ao que parece, tenha conseguido curá-lo de uma doença de coração com que partiu.

— Venho pior, muito pior respondeu-me sorrindo.

— Deveras? Pois confesso que receei nos aparecesse curado. Receio bem pouco lisonjeiro para o meu carácter. Isto não é questão de carácter. São mistérios do coração que eu desculpo e respeito quase.

— Seja o que quiser. Agora vamos a saber: está disposto a acompanhar-me a Entre Arroios?

— Da melhor vontade.

— Partimos amanhã?

— Hoje que queira.

— Seja hoje.

Passámos o dia juntos. Contou-me a sua vida em Paris, vida exemplar para um rapaz daquela idade; seus felizes sucessos na Escola de Medicina, onde fora reputado entre os melhores, e as suas pequenas fortunas literárias, como afrancesadamente ele dizia.

Tomás voltava com uma instrução sólida, uma superioridade de vistas, um gosto apurado, que me fizeram lembrar dos receios da senhora de Entre Arroios.

Como poderia, de facto, esta inteligência satisfazer-se com o espírito inculto de uma rapariga aldeã, depois de saciados os primeiros ardores da paixão?

O plano de D. Margarida piorara a situação, ao que me parecia, exagerando a desigualdade.

Dei a entender isto mesmo a Tomás, ele sorriu:

— Sossegue — respondeu-me vi lá por fora muitas mulheres a quem o espírito havia estragado, alienando-as aos gozos de família para me inquietar por tão pouco.

Conquanto reconhecesse algum fundo de verdade nestas palavras, as minhas apreensões não se desvaneceram totalmente.

Estivemos à noite no teatro, onde pude admirar ainda melhor a extensão e variedade dos conhecimentos artísticos de Tomás.

Saindo do teatro, introduzimo-nos num coupé e por aquele mesmo caminho que, seis anos antes, seguíramos em direção oposta e com bem diversos sentimentos, dirigimo-nos para Entre Arroios.

Ao romper da manhã avistávamos os telhados das primeiras casas da aldeia.

O teto elevado de Entre Arroios, com a sua alta claraboia, não tardou também a despontar no horizonte.

O olhar de Tomás brilhava neste momento, o sangue afluía-lhe às faces, palpitava-lhe o coração com violência.

— Conheço-vos! conheço-vos dizia ele árvores da minha infância! Conheço-te, berço dos meus primeiros anos e que espero serás o descanso dos últimos. Nenhum monumento, nenhum espetáculo grandioso das capitais que percorri me fez esquecer de vós, testemunhas da minha ventura e dos meus primeiros sonhos de amor. Oh! meu amigo! continuou apertando-me a mão — sou

verdadeiramente feliz. Parece-me que deixei aqui a minha vida, e que a adquiro de novo ao respirar estes ares conhecidos, estes perfumes férteis em memórias de outros tempos.

E emudeceu, caindo em lânguida contemplação.

Estas cenas também me recordavam o passado; e o passado mostra-se-nos sempre através de um véu de saudades.

A aldeia, como todas as aldeias, sofrera poucas mudanças no espaço de seis anos.

As mesmas árvores, as mesmas sebes, os mesmos ribeiros e pontes, tudo fazia reviver em Tomás a memória dos primeiros anos.

Apeámo-nos para melhor gozar destas cenas, que tanto nos impressionavam.

Ao chegarmos ao lugar onde Paulina ultimamente nos aparecera, Tomás parou a contemplar o humilde cruzeiro com um fervor quase religioso.

— Lembra-se? — disse-me, sorrindo.

— Como se fosse agora!

— Tem razão. Ao chegar aqui parece-me impossível que tenham já passado seis anos da minha vida! E como se acordara de um sonho de momentos.

Continuámos no nosso caminho até o portão da quinta de Entre Arroios; ao levantar o braço para tocar a sineta, as forças abandonaram-no e deixou-o pender como exausto por esforço prolongado.

A comoção dominara-o completamente.

Toquei eu. Respondeu-nos a voz conhecida dos mesmos cães. Seguiram-se-lhe os passos trôpegos de um velho criado, o mais antigo na casa de Tomás, e companheiro do pai nas tormentas do mar e na refrega dos combates. Hoje imitando Cincinato, deixara a espada pela enxada, que o bom homem pensava, com o poeta, ser:

Morgado e não pena dos filhos de Adão.

Ao encarar-nos, o velho hortelão fez um gesto de surpresa e levou a mão ao chapéu para nos cumprimentar; mas afirmando-se melhor em Tomás, reconheceu-o, e arrojando a incrível distância o chapéu que já empunhava, gritou abrindo os braços:

— Ai o Sr. Tomasinho!

E esquecendo toda a etiqueta, levantou-o ao ar, como lhe fazia em criança. Tomás correspondeu com efusão ao cumprimento.

— Minha senhora! minha senhora! — bradou o velho. — Aqui está o senhor...

A mão de Tomás interrompeu-lhe as palavras. Ele meditara uma surpresa.

Mas que era preciso para avisar o coração de mãe?

A porta da casa abriu-se e, com uma agilidade superior à sua idade, D. Margarida percorria num momento a avenida que a separava de nós e caía nos braços do filho.

Eu, que naturalmente nem fora ainda notado, vi então avançar-se não menos alvoroçada, porém mais tímida, a poética aparição do cruzeiro, Paulina. Vestida ainda à camponesa, porém com um gosto e elegância pouco vulgares, parecia-me uma dessas pastoras ideais que sonhava a poesia do século de Luís XIV, sonho tantas vezes contado em idílios, sonetos e madrigais.

Não direi que Paulina fosse mais bela do que quando a deixáramos, mas o que havia era um não sei que particular naquela fisionomia, que me impressionava, sem poder dar a razão disto.

O sangue dos vinte anos, que animava agora em mulher a criança de então, explicava muito, mas não me explicava tudo.

Em vez de saltar, como outrora, ao colo de Tomás com uma confiança toda infantil, parara interdita, trémula, contemplando-o com ar apaixonado, invejando talvez aqueles beijos que D. Margarida lhe roubava, mas não ousando disputar-lhos. Esta, porém, depois de dar expansão ao próprio júbilo, abriu o coração a sentimentos menos egoístas e pôs em prática o que eu considero como a décima quinta obra de misericórdia: reunir os que se amam. Assim, depois de um último beijo, a boa mãe tomou pela mão Paulina e impeliu-a para os braços de Tomás, dizendo simplesmente:

— Ei-la.

Tomás pareceu fascinado pela beleza da sua desposada. Talvez que experimentasse ao vê-la a mesma impressão que eu já sentira. Não foi com a antiga confiança, antes com um sentimento de respeito que a cingiu ao seio e a beijou na cara, beijo que, apesar de tudo, não deixou de a fazer corar excessivamente.

O resto desta cena adivinha-se, que eu sou tão incapaz de descrever as alegrias da volta como as tristezas da partida.

CAPÍTULO VIII

Satisfeitos os primeiros transportes do amor materno, D. Margarida concedeu-me atenção, e mostrou-se para comigo tão afetuosa como dantes.

Desculpou-se, como pôde, de me não haver escrito e não tocou nosseus projetos de viagens, evitando habilmente falar-me nisso, quando eu para ali tentava dirigir as minhas investigações.

Tomás veio encontrar algumas mudanças nos hábitos da casa.

Faltava ali o abade, que havia um ano tinha morrido de ataque apoplético, consecutivo a uma indigestão de lagosta. Pobre homem! vivera para o estômago e o ingrato sacrificou-o! Era destino! Ele pertencera a um mosteiro de Beneditinos, célebres por um invento gastronómico.

Melhor que ninguém aprendera ali a preparar a decantada farinha de S. Bento, substancial gulodice, com que os bons monges de Santo Tirso aplacavam, segundo diz a lenda, as iras estomacais de

um monarca português e, segundo o bom senso afirma, as iras, não menos temerosas, das suas próprias vísceras monásticas.

Seja-lhe mais leve a terra do que lhe foi o último banquete.

Notava-se também a falta do doutor Teófilo, que, desesperando de levar a efeito o consórcio com D. Margarida, dirigia atualmente as suas amáveis atenções a uma rica brasileira das proximidades, nutrindo o amor com mandioca e banana.

O médico era dos três o único presente e, se não receasse abusar da força da conceção do leitor, pedir-lhe-ia que o imaginasse mais magro ainda do que quando pela primeira vez lho apresentei. Empregava ele os maiores esforços para não falar diante de Tomás em assuntos de medicina. Renovava de algum modo a fábula do estatuário e ...

…on le vit frémir le premier

Et redouter son propre ouvrage

…que obra sua dizia ele ser a formatura de Tomás.

A aldeia não ficou pouco surpreendida quando, passados dias, se anunciou o próximo casamento de Tomás com Paulina...

Julgava-se já isso coisa esquecida. A nova estalou pois no meio do círculo como uma bomba, e conjuntamente, em frase vulgar, estalou uma castanha na boca a muitos pais e mães de família, produtores e expositores de jeunes filies à marier, nesta pequena exposição de Entre Arroios.

O médico, visivelmente contrariado, informou-se logo se Tomás tencionava persistir na aldeia, depois de tomar novo estado. Tomás respondeu que sim, porém, como para o acalmar, acrescentou que não estava disposto a exercer a clínica, a não ser gratuitamente aos pobres.

O nosso Esculápio não morria de amores por esta parte da clientela e por isso louvou excessivamente a caridade do novo doutor e esquecendo até o habitual laconismo, citou, no ardor do entusiasmo, Hipócrates recusando os presentes de Artaxerxes, facto da vida do médico de Cós que o bom homem, lá para com os seus botões, julgava redonda parvoíce.

A família de Entre Arroios passou a viver uma vida toda anterior e a gozar de uma serenidade que me deliciava.

Paulina mostrava-se terna, sensível e ingénua como dantes. Tomás parecia idolatrá-la. Ao serão, enquanto ela trabalhava em costura e

a Sr.ª D. Margarida, cuja vista cansada já lhe não permitia essas folias, dobava medas com os movimentos regulados de um autómato, Tomás, sentado em frente delas, descrevia, até os mínimos pormenores, a sua vida em Paris. A mãe escutava-o encantada. Por vezes as duas mulheres suspendiam o trabalho, para seguirem a narração nos pontos mais interessantes; por vezes D. Margarida trocava com Paulina, a quem votava uma afeição verdadeiramente maternal, um olhar e um sorriso, cuja significação eu não podia decifrar.

Conservei-me nesta casa até o casamento de Tomás, que se efetuou passados quinze dias.

Foi um facto notável na aldeia.

Não se falou noutra coisa por muito tempo senão no jovem doutor, e na fidalga, conduzindo pela mão ao altar a Paulina, vestida ainda com os costumes do lugar, apenas mais artisticamente dispostos que os das outras raparigas, em quem esta particularidade, compensada pelas maneiras modestas da noiva, longe de lhe atrair invejas, antes parecia despertar simpatias.

A senhora de Entre Arroios andava nesse dia visivelmente satisfeita.

— E os seus receios, minha senhora? — disse-lhe eu, num momento que estivemos sós.

— Cuida que os perdi já? — respondeu-me sorrindo.

— Pois acaso?...

— Receio como dantes.

— Então...

— Acabe.

— Mal compreendo a alegria de Va Exa neste momento, porque...

— Pareço-lhe uma mãe desnaturada; não é isso?

— Não digo tanto, mas...

— Com o tempo falaremos.

E riu-se.

Na tarde deste mesmo dia, que era um domingo, percebendo que havia alegria suficiente naquela casa para que a minha ausência pudesse ser muito sentida, despedi-me dos noivos e da senhora de Entre Arroios e montei a cavalo para o Porto.

Ao sair de uma encruzilhada ouvi atrás de mim passos de cavalgadura. Voltei-me; era a tradicional mula do médico, com o seu descarnado senhor, cujas pernas retesadas e divergentes lhe davam aparência de um ípsilon voltado.

— Então já de partida, meu caro? — exclamou de longe, ao avistar-me.

Esperei-o e caminhámos a par pela estrada.

E verdade. Deixei a felicidade a substituir-me. Espero que se não queixarão da troca.

— Então sempre casou o Tomasito? Eu não pude assistir; tive um recado com pressa. E então que me diz de toda esta história?

— Digo que Tomás fez a sua felicidade.

— Ora não me venha com isso. A rapariga não tem nada do seu, e aquele rapaz podia aspirar a um bom casamento.

— Bom em que sentido?

— Essa é boa! Olhe que isto de casar é uma coisa séria.

— Não duvido e nem julgo que o Tomás o fizesse a rir. O doutor sabe tão bem como eu os pormenores deste casamento...

— Romances! O que me admira é a D. Margarida! Nunca esperei dela...

— Ora, meu caro senhor, isso não é assim. A mãe e o filho tiveram muito tempo para pensar nisto. Não foi um passo inconsiderado.

— Mas se eu lhe digo que D. Margarida não tem a cabeça no seu lugar!

— Ah! não sabia!

— Pois é facto. Não me dirá o senhor o que ela fez durante cinco anos?

— O que ela fez?

— Sim; debalde penso nisto. Quebro a cabeça e não acho nada!

Sorri-me da ingenuidade da confissão.

— Então não acha nada?

— Nada.

— E quebra a cabeça?

— É verdade.

— É mau sinal — não pude deixar de observar a meia voz.

— Mas o senhor não me diz o que fez D. Margarida? — teimava ele.

— Mas o que havia ela de fazer? O que dantes fazia.

— E aquela viagem!

— Que viagem?

— Uma viagem de cinco anos.

— Ah! pois D. Margarida...

— Um mês depois do pequeno partir, saiu também da terra com a Paulinita e lá andaram cinco anos... sabe Deus por onde.

— É singular! mas ela disse-nos que...

— Se eu lhe afianço que ela não tem o juízo no seu lugar!

Nisto chegámos ao ponto onde nos devíamos separar. O doutor despediu-se de mim, firmemente convencido de que a família Entre Arroios não era forte em senso comum, e que aliás abundava nele.

Conquanto eu não adotasse absolutamente esta opinião, nem numa nem na outra parte, não podia deixar de refletir no carácter

excêntrico da senhora de Entre Arroios e na causa deste segredo, que ela parecia querer manter a respeito da sua viagem; segredo que só a sua muita tática e o isolamento em que vivia a família lhe poderia assegurar por muito tempo.

Cheguei ao Porto com as melhores disposições, e em breve deixei de pensar no carácter e mistérios da senhora de Entre Arroios, os quais me satisfiz em explicar por um dos muitos caprichos de mulher; explicação que, à semelhança de muitas teorias em ciência, deixava o facto na mesma obscuridade.

Tomás, todo absorvido pela sua felicidade, não me escreveu por muito tempo. Nem tive, durante um longo período, notícias de Entre Arroios.

Um dia apareceu-me finalmente uma carta de Tomás, na qual ele se dizia extremamente venturoso; só lamentava não me ver ao seu lado e pediu-me que o visitasse em breve.

Não me foi possível aceder então ao convite.

Pouco tempo depois recebi segunda carta. Os mesmos protestos de felicidade e lastimava que não houvesse nas imediações ninguém

com quem se conviver. Havia aí um parágrafo que me deu que pensar; era assim:

«...e agora o Inverno aproxima-se. Já mo andam a anunciar estas pesadas nuvens de mau agouro, que obscurecem a cada passo a limpidez do céu. Confesso-lhe que me assusta um pouco esta perspetiva. Com o Inverno vêm as noites compridas. Não me dirá no que as hei de passar aqui?»

— Noites compridas? — disse eu comigo ao ler, e lembraram-me as apreensões da senhora de Entre Arroios.

A estas seguiram-se outras cartas, nas quais Tomás me falava largamente de assuntos de literatura, de artes e de ciências. Eram verdadeiras expansões de um homem de talento que de ordinário se vê obrigado a sufocá-las.

Na última deixava-se entrever vagamente a ideia de uma próxima viagem ao Porto.

Estes sintomas começaram a inquietar-me, quando passados dois meses recebi uma pequena carta de D. Margarida, que continha estas palavras apenas:

«Meu caro Sr. D...

Olhe que os meus receios começaram a realizar-se. Convido-o a que venha examinar o meu doente e talvez a presenciar a cura.

Sua dedicada, Margarida de Avelar.»

Esta carta, quase enigmática, excitou a minha curiosidade e foi com o mais vivo interesse que nessa mesma tarde tomei bilhete nas diligências e parti para Entre Arroios.

A primeira pessoa que encontrei foi Tomás, passeando numa alameda vizinha com um livro na mão.

Ao ver-me deu quase um grito de surpresa e abraçou-me com efusão. A minha presença parecia satisfazer nele uma necessidade.

Apresentou-me logo à mãe, que, ao cumprimentar-me, sorriu e me fez sinal de não falar a Tomás na carta que eu recebera dela.

Paulina também me acolheu com agrado e, contra o que eu receava, pareceu-me intimamente satisfeita.

Era bela como sempre. Tomás mostrava-se em extremo afetuoso para com ela. As vezes contemplava-a numa tácita adoração e

quase em êxtase, mas um suspiro vinha quase sempre terminar esta contemplação silenciosa.

Seria Prometeu ambicionando o fogo do céu para animar a estátua? A senhora de Entre Arroios, nestes momentos, olhava-me com um sorriso, como de vaidade satisfeita.

Ela via naquele suspiro realizada a sua profecia; mas eu avaliava muito bem a boa índole desta excelente senhora e a grandeza do seu amor maternal, para acreditar que isto lhe causasse o menor prazer, se ela não tivesse algum meio, meio que em vão tentei descobrir, para evitar-lhe as consequências.

Tomás saiu comigo, a instâncias da mãe e de Paulina, que ambas mostravam bastante empenho em que empreendêssemos este passeio.

Só com Tomás, que se despediu da sua mulher com um beijo afetuoso, eu tentei sondar a profundidade da doença, como lhe chamava a senhora de Entre Arroios.

— Vejo que se realizaram todos os seus votos; pode enfim dizer-se feliz.

— Sim: extremamente feliz.

— Não tem nada que o penalize?

— Nada. — Respondeu, em tom mais baixo e suspirando.

— Seja franco. Tem alguma coisa?

— Por que diz isso?

— Porque o acho preocupado. Triste quase.

— Oh! É engano.

— E quer que lhe diga o que o preocupa?

— Mas...

— Ouça e fale depois.

— Pois diga.

— Há de permitir-me a franqueza.

— Exijo-a.

— Um pouco rude.

— Não lhe admito outra.

— Não tem direito para tanto, porque também a não usa comigo.

— Prometo-lha depois de ouvi-lo.

— Seja, e aí vai o que eu penso; se vou cometer uma indiscriminação, perdoe-ma. O senhor casou por paixão e paixão violenta, que se não desvaneceu em seis anos de ausência. A sua mulher é bela, como poucas, extremosa e afável; possui um coração formado para simpatizar com o seu; saberá consolá-lo nas penas, exultar com as suas alegrias, receber e compreender as efusões de sentimento, mas...

— Mas? — interrogou Tomás, com olhar de inquietação.

— Mas uma alma como a sua, Tomás, é mais exigente.

— Não, não e.

— Ouça. Há momentos em que isso lhe basta, em que essa reciprocidade, essa harmonia de sentimentos lhe parece a suprema ventura; bem sei. Mas há outros em que a inteligência aspira a encontrar-se com uma inteligência que o aprecie; ambiciona voar, engrandecer-se, elevar-se e não quereria achar-se só no espaço, desejaria outra para marcharem unidas, e essa outra não pode ser a de Paulina.

— Podia, se...

— Se se dessem circunstâncias que se não realizaram.

— Há um fundo de verdade nisso que diz — respondeu Tomás — mas creia ainda assim que sou menos merecedor de exprobração do que lhe parece talvez. Sim, é certo; lamento às vezes que Paulina não tivesse recebido uma educação superior, não por ambicionar quem possa satisfazer-me a vaidade de ser compreendido, apreciado, como diz; de estranhos pouco me importaria isso, mas por desejar ser em tudo compreendido por ela, tornar mais íntima esta identificação das nossas existências. Não lhe parece menos egoísta este sentimento assim?

— Por certo.

— E depois, sabe o que me consola? É que esta necessidade de efusões é fictícia; as únicas verdadeiras e irresistíveis são as do coração. Eu creio que ele sobrevive à inteligência. Alguns médicos chamaram-lhe o ultimum moriens; assim o considero também referindo-lhe a vida dos afetos. Com a idade as exigências do coração duram ainda, enquanto as da fantasia amortecem e acabam por se extinguir. Isto em mim é uma crise que há de passar; Paulina é a única mulher que podia realizar neste mundo a minha felicidade.

— Acredito, mas isso não tira que a desejasse animada pela luz da educação.

Tomás ficou um pouco pensativo.

— Prometi ser franco — disse suspirando — hei de sê-lo. E uma verdade.

— Bem dizia a sua mãe. A cabeça domina agora o coração.

— Minha mãe!

— Há seis anos que previra isto mesmo.

— Ela? E verdade que certas palavras vagas, certos olhares me davam a entender... e contudo eu próprio o duvidava ainda.

— Ânimo! É preciso vencer esse sentimento.

— Hei de vencê-lo custe o que custar. Mas quando penso que aquela voz se perdeu para a música, aquela inteligência para a poesia! ... que aquele gosto, naturalmente delicado, se não exerce em lides dignas dela!... quando me lembra de que aquele espírito, criado para voar, se não eleva por falta de asas...

— Agora recordo-lhe o que me disse quando chegou a França, lembra-se? — o espírito aliena às vezes a mulher da vida de família.

— Oh! mas Paulina... — e interrompendo-se subitamente. — Vamos para casa. É pecar contra Deus ser tão exigente, quando se é tão feliz.

Caminhámos muito tempo silenciosos e quase tristes.

Ao aproximarmo-nos do pomar, uma vaga harmonia chegou aos nossos ouvidos; eram os sons de um piano.

D. Margarida introduzira esta inovação em Entre Arroios depois que Tomás voltara de França, apesar de que só ele em casa tirava o instrumento do silêncio em que dias inteiros se conservava, encostado à parede da sala principal, onde eu já uma vez me encontrei com o leitor.

Ao ouvir os primeiros sons do piano, Tomás mostrou-se impaciente.

— Ao que me parece, minha mãe recebeu visitas durante a nossa ausência. Que impertinência!

Mas, à medida que nos aproximávamos, as notas do instrumento tornavam-se mais distintas. A execução revelava uma mão conhecedora. Tomás parou a escutá-las.

— Meu Deus! — exclamou surpreendido — quem pode tocar tão divinamente!

De facto, quanto mais perto, mais sensível se tomava a mestria com que as teclas, ordinariamente mudas, eram movidas então, produzindo verdadeiros milagres de execução.

Uma voz feminina cedo acompanhou as harmonias do instrumento; cantava uma destas toadas melancólicas que nos comovem até o fundo da alma.

Tomás apertou-me violentamente o braço, em que se apoiava.

— Escute! — e depois acrescentou a meia voz, e como para si mesmo:

— Paulina, se cantasse, devia cantar assim! Entremos.

Eu tive um sentimento de tristeza ao obedecer a este convite. Esta mulher, quem quer que fosse, ia talvez exercer na imaginação de Tomás uma influência funesta para Paulina. De facto, reparando para ele, ao abrir a porta do salão, vi-o excessivamente agitado.

Entrámos.

A sala estava muito escura. Os últimos raios de um sol de Janeiro a custo podiam já atravessar as cortinas de fina garça que guarneciam as janelas.

Apenas me foi possível reconhecer D. Margarida, sentada ao lado do piano e parecendo não dar pela nossa chegada, absorvida como estava na contemplação da cantora.

Esta, voltada com as costas para nós, mostrava ser ainda jovem. As tranças negras, artisticamente penteadas, realçavam sobre o vestido branco, em que se viam realizados os mil caprichos da moda. A música parecia enlevá-la. Mostrava-se dominada pelos sentimentos que a canção exprimia. Cantando tristezas, a voz tinha modulações que revelavam lágrimas, e para o desespero era o grito partido do coração; para saudades dir-se-iam as notas maviosas da ave do crepúsculo, para esperanças o trinado das que anunciam alegres a madrugada.

A voz desta mulher fascinava!

Parámos à porta, a ouvi-la; a canção não se interrompeu e a letra tornou-se-nos inteligível. Fora semanas antes escrita por Tomás, num dos seus momentos de exaltação, e em breve esquecida depois, como a tantas outras acontecia. Ao ouvir assim exprimir pensamentos que concebera, e palavras que havia escrito, Tomás adiantou-se pouco a pouco para a cantora. As pernas vacilavam-lhe,

a palidez aumentava, parecia sob a influência de uma fascinação poderosa.

Eu fiquei imóvel e inquieto por ele e por Paulina, cuja felicidade futura antevia ameaçada.

Tomás chegou junto desta cantora desconhecida, justamente quando ela acabava de entoar, com uma comoção mais profunda do que até aí e que se lhe denunciava no ligeiro tremor de voz, os últimos versos da canção, que diziam assim:

Mais vida! Meu Deus, mais vida!

Que a chama ainda arde violenta!

E a alma, de viver sedenta,

Outros sonhos concebeu.

Ainda as derradeiras notas vibravam no espaço, já um grito de surpresa, um grito inexprimível lhe interrompia as harmonias, e Tomás recuava, exclamando:

— Paulina!

A cantora, que efetivamente não era outra senão Paulina, afastou violentamente a cadeira em que estivera sentada e lançou-se nos braços de Tomás.

A senhora de Entre Arroios chorava de comovida.

— Paulina, sim, Paulina — dizia a gentil menina, cobrindo o marido de beijos. Paulina, que te compreende, que sempre te compreendeu, meu pobre poeta, meu quase mártir! Aspiravas dar expansão à tua inteligência e receavas fascinar-me; mas tu não sabes que é à chama do teu espírito que eu me alento? Querias elevar-te às regiões onde a fantasia te chamava, e receavas despenhar-me da altura, mas ignoras que há muito eu te sigo aí, que estou contigo onde te julgavas solitário? Pois sabe-o agora, quero dizer-to assim, com os meus lábios unidos aos teus, quero gravar-to no peito, quero... ser digna de ti. Os versos que de noite confiavas às brisas, os cantos que a paixão te inspirava, recolhia-os eu no coração, repetia-os de manhã como a oração matinal; a melodia que encantasse teus ouvidos guardava-a na memória, para a reproduzir mais tarde, para a extrair em notas sonoras deste piano, companheiro inseparável dos meus sonhos de felicidade, confidente das minhas esperanças no futuro; as paisagens que te

agradavam pedia ao craião que as reproduzisse; os livros que de preferência escolhias lia-os e meditava-os na tua ausência, para me encontrar contigo também nas regiões do pensamento, para neles descobrir o caminho do teu espírito, como há tanto conheço o do teu coração, para um dia, entre beijos, te dizer como hoje, como agora te digo: Tomás, os teus pensamentos são os meus, as tuas aspirações são as minhas! Em qualquer direção que elas te apontem, eu te acompanharei. Partamos!

E o entusiasmo animava as feições de Paulina, que parecia inspirada.

— Isto é um milagre do Céu! — disse Tomás, dominado pela comoção.

— Não, não, Tomás. É um milagre de uma santa, é o milagre de tua... da nossa mãe!

— Da minha mãe!

— Não, meu filho — disse, banhada em lágrimas de alegria, a senhora de Entre Arroios, apontando para Paulina — é o milagre da inteligência dela.

— Minha mãe! Paulina! Oh! isto é de enlouquecer!

Eu aproximara-me da senhora de Entre Arroios com um movimento de admiração. Compreendera enfim o mistério.

Os cinco anos de ausência de D. Margarida estavam explicados.

Tomás parecia duvidar ainda da realidade do que se passava neste momento. Temia ainda um desengano depois da alucinação.

— Tu és Paulina?!... — dizia ele, contemplando a sua mulher.

A dúvida era fundada.

Paulina, a gentil camponesa, oferecia agora sob novos trajes, cuja elegância e gosto mostravam que não desprezara o estudo da toilette enquanto cultivara os dotes naturais do espírito, novo aspeto à sua beleza.

Vendo-a, todos a diriam criada de pequena num desses mimosos ninhos de rendas onde vivem a infância as mais delicadas mulheres, que surgem depois borboletas, fracas em vigor, mas fortes pela fascinação que exercem.

Tomás caía de surpresa em surpresa. Paulina levou-o ao seu pequeno gabinete de estudo, no lugar mais remoto da casa, elegante santuário por ignorado até então. Aí tudo o extasiou. A história dos seus poéticos amores ali renascia inteira; já em versos,

que perdera ou deixara incompletos, já em mimosos desenhos, onde o lápis reproduzira os sítios mais queridos dos dois, todos aqueles onde se prendia uma recordação e uma saudade; em flores, em retratos, em mil pequenos nadas, com que se escreve a história de uns amores e que de futuro no-la recordam fielmente.

Enquanto Tomás e Paulina se esqueciam assim em amenas recordações, eu ouvia da senhora de Entre Arroios uma mais exata explicação do milagre.

Logo depois da partida de Tomás, D. Margarida, obedecendo ao pensamento que tivera desde que lhe fora manifesta a paixão do filho, chamou Paulina para junto de si e fez-lhe compreender a necessidade de se elevar pela educação até à altura de Tomás, para assegurar a felicidade do seu porvir. A inteligência de Paulina, esclarecida pelo amor, compreendeu e aceitou com efusão o oferecimento da senhora de Entre Arroios.

Foram viver para Lisboa, sem o comunicarem a Tomás, que pela astúcia de D. Margarida continuou a receber cartas, pouco verdadeiras, datadas de Entre Arroios.

D. Margarida não se poupou a despesas para tomar Paulina perfeita nas artes e nas línguas. A inteligência natural da pobre menina, o

ardor com que se votava ao estudo excederam toda a expectativa e surpreenderam os mestres. Em Lisboa corria-se com avidez para as soirées, aliás raras, onde Paulina cantava.

A tarefa que D. Margarida começara, tendo só em vista a felicidade do filho, completou-a com todo o amor do artista que se revê na sua obra.

Dentro em cinco anos Paulina era digna de Tomas.

A senhora de Entre Arroios não quis revelar a metamorfose da pequena leiteira, que para todos se conservou mistério. Era um bem desculpável amor-próprio, que desejava fazer sentir assim mais a necessidade da sua obra.

— E ainda, quem sabe? — dizia ela, e eu admirava ainda neste ponto a sua penetração — quem sabe se Tomás sentiria então a mesma alegria que sentiu agora? Ele amava Paulina tal como lhe aparecera havia seis anos; se a visse outra, se a visse mudada, talvez interiormente sentisse certo desgosto. Hoje era outra coisa. Viu como ele aceitou a transformação? E depois, aqui para nós — continuava a boa mãe com um sorriso espirituoso — de vez em quando não são de todo más estas metamorfoses entre casados.

Avivam a luz, que se amortece. Espero que não seja esta a última de Paulina, e a seguinte há de ser ainda mais poderosa. Verá.

— Outro mistério, Sr.ª D. Margarida? De que última quer falar?

— Não temos mistério nenhum, homem. A última é a que é de esperar. A metamorfose da esposa em mãe.

Nisto entravam na sala a nova Paulina, como lhe chamava a senhora de Entre Arroios, e Tomás, o qual se mostrou esta noite mais espirituoso que nunca.

Ele tinha razão. A inteligência de Paulina só precisava de asas para voar ao lado da sua. Era um espetáculo interessante vê-los agora librarem-se no espaço e pairarem nas mais elevadas regiões, e D. Margarida, permita-se uma comparação que então me ocorreu, como o inventor dos primeiros aeróstatos, vendo-os cá debaixo subir, orgulhosa da sua obra.

Passei alguns dias ainda com esta família, regenerada quase, e, ao partir, trazia mais saudades do que nunca.

Tomás é feliz ainda hoje. Agora escreve-me poucas vezes, e não se lembra de que são compridas as noites de Inverno.

Paulina satisfaz-lhe às ambições de glória, como às ambições de amor. Se às vezes aspira a um espaço mais vasto para escrever seu nome, algumas páginas dos seus escritos inéditos aparecem nas colunas dos jornais da época e são geralmente admiradas. Mas cedo se desengana, que esta glória é menos real do que a primeira, e volta contente à sua feliz obscuridade.

D. Margarida é venturosa; descansa hoje a inteligência de seis anos de esforços. É nas crises que toda a grandeza do seu carácter se revela; agora entretém-se já um pouco a apoquentar os criados e encarrega-me de dar parte às leitoras do nascimento de um menino, que ela sustenta ser a cara do pai.

Eu, pela minha parte, quando nos embates continuados da vida me sinto desanimar, vou passar oito dias com a família de Entre Arroios e venho curado.

OS NOVELOS DA TIA FILOMENA

CAPÍTULO I

A tia Filomena era uma pobre mulher que eu conheci noutro tempo, muito enrugada, muito magrinha, com uma coluna vertebral como a do homem das cortesias do método Castilho; queixo e nariz prolongando-se-lhe em promontórios agudos e a fazerem lembrar os crescentes sob os minaretes das mesquitas; olhos abertos para o mundo, somente quanto bastava para lhe descobrir as vaidades, e a cabeça incessantemente animada por um movimento convulsivo, que, junto ao sorriso contínuo e quase irónico que se lhe estampara nos lábios, dava à fisionomia de ordinário meditativa da velha não sei que vislumbre de filosofia cética, que impressionava quantos a viam.

Os hábitos da tia Filomena atingiam o sublime da parcimónia.

Uma sociedade inglesa de temperança não hesitaria em lhe conferir diploma de súcia honorária, se deles tivesse notícia.

A voz estava em flagrante antagonismo com o nome melodioso, que predileções, provavelmente maternas, lhe tinham dado na pia

batismal.

De facto a tia Filomena — a culpa não era sua — faria corar de vergonha o rouxinol, seu harmonioso homónimo, se isto de corar não fosse esquisito atributo da espécie humana.

Eu não posso comparar o timbre daquela voz a ruído algum conhecido na natureza; em mim produzia o mesmo desconsolado efeito que me causa aos nervos o roçar do metal agudo sobre uma mesa de mármore polido.

Ouvindo falar algum tempo a tia Filomena, ficava-me a doer o peito, e o pulso subia a um algarismo em que começava a revelar aspirações a febre.

Se me obrigassem a viver com ela muito tempo, estou que morreria ético.

Um dia falei nisto a um médico e ele explicou-me o fenómeno por uma palavra inexplicável.

Chamou-lhe uma idiossincrasia.

Eu dei-me por satisfeito. A coisa não era para menos.

Quando eu, com a minha idiossincrasia, conheci a tia Filomena, gozava a mulher de uma reputação que, a falar a verdade, não se podia dizer das mais lisonjeiras.

A gente da vizinhança — as vizinhanças na aldeia compreendem-se num circuito de três léguas de raio — teimava a pés juntos que ela mantinha sinistras relações com os espíritos ruins, que aos sábados não faltava às soirées do diabo; e enfim que era a pobre velha nem mais nem menos do que uma ladina e famigerada feiticeira.

Punge-me ter de arquivar aqui, forçado como sou pela veracidade de cronista, que a origem principal de semelhantes boatos a fui encontrar na parte bela e amável do sexo do qual a tia Filomena era um espécimen de avariado.

A beleza e a juventude fazem disto. As que as possuem, orgulhosas dos seus dotes sedutores, invejam-se e odeiam-se mútua e cordialmente; ao mesmo tempo que desprezam e caluniam as desfavorecidas nesse ponto pela nem sempre muito imparcial natureza.

Consideração suavemente consoladora para as leitoras feias, que não incorrem pelo menos num destes pecados.

Foi efetivamente a uma conversa de raparigas que eu devi a revelação da íntima correspondência entre a tia Filomena e os espíritos das trevas.

Disse-mo Luisita, tomando certo ar de misteriosa seriedade, tal como a natureza do assunto o reclamava.

Luisita era uma galante rapariga dos arredores.

O diminutivo com que a designo aqui, e que era o adotado por todos, vale mais do que qualquer minuciosa descrição.

Nós, os peninsulares, não empregamos indiferentemente as variedades de diminutivos que possui em abundância a nossa língua.

Entre uma mulher a quem chamamos Luisita e outra que nos valeu a mais doce denominação de Luisinha, vai uma diferença considerável: diferença de tipo, diferença de hábitos, diferença de carácter.

Uma será meiga, ingénua e sensível, quase sempre loura e alva, corando à menor palavra que lhe dirigirdes, baixando os olhos confusa, se a fitardes um momento; pronta a chorar de saudade, e tendo não sei que de triste até nas mais intensas alegrias. Na outra,

pelo contrário, encontrareis certa petulância e travessura, que arrostarão com os vossos olhares mais impertinentes, um rosto provocador, risos prontos e francamente joviais, movimentos vivos, respostas fáceis e naturalmente epigramáticas; uma zombaria a cada galanteio; a cada fineza, uma reflexão que vos desconcerta, e revelando sempre, até por entre lágrimas, um fundo inesgotável de contagiosa alegria.

Tal era Luisita. Tal a conheci eu naquele tempo. Tinha ela então dezoito anos; era baixa, trigueira, de olhos negros e engraçados; ninguém passava por ela na estrada que involuntariamente se não voltasse depois para a seguir com a vista. Adivinhava-o e lisonjeava-se com isso. Subitamente voltava-se também para surpreender em flagrante os numerosos contempladores, e poucas vezes podia reprimir uma risada, se conseguia perceber que os mortificara com a descoberta.

O rosto dela era o mais gracioso conjunto de imperfeições que pode perturbar a cabeça dos menos predispostos para influências de tal ordem.

A natureza folga, de vez em quando, de pregar destas pirraças aos profundos conhecedores da arte, que imaginam ter descoberto as

verdadeiras leis do belo, nas suas variadas manifestações. Apresenta-lhes uma dessas figuras de mulher que não resistem à análise, incorretas e repreensíveis segundo as regras da arte e, a despeito de todas as teorias e sistemas, mau grado todos os princípios fundamentais de estética ou de plástica, inspira-lhes com elas as mais endiabradas paixões que podem transformar o juízo destes absolutos legisladores da coisa menos legislável do mundo.

Impressionados ao seu pesar, como os severos apreciadores de música, de mal consigo mesmo quando, em contradições com os seus sistemas a priori, se deixam entusiasmar pelos inspirados defeitos de Verdi, os tais artistas filósofos são então de uma inconsequência que me delicia.

É para ver como estes frios analistas, sempre prontos a pretender encontrar em certas combinações de curvas, certo contraste de cores, certa proporção de diâmetros, a razão de ser da beleza e a causa única das sensações que ela inspira, param confundidos diante de uma dessas sedutoras irregularidades, que, despedaçando os moldes acanhados onde julgavam conter o poder criador do belo, lhes revela a cópia de recursos de que, nas suas

felizes infrações desses imaginários códigos, a natureza dispõe ainda, a ocultas da pretensiosa arte.

Diante de tão misteriosas sínteses, que de uma maneira desconhecida assim profundamente nos afetam, é que a análise, destruindo tudo, à força de tudo querer decompor, se mostra pequena e incompleta.

Mas estava eu falando de Luisita, que mal suspeita por certo ter servido de tema a considerações desta ordem.

Simpática rapariga aquela! Misto de ruindade e de candura, de timidez e de astúcia, carácter caprichoso e às vezes impertinente sobre um fundo de inexcedível bondade, agradava-me por isso mesmo. A bondade excessiva, sempre incoerente consigo, as abnegações completas, aproximam-se demasiado da perfeição angélica; são muito isentas de cor terrena, para nos inspirar outro sentimento que não seja o da veneração. Interessam-nos mais estes caracteres, que parece tocarem por um lado no céu sem de todo se desprenderem da terra, por onde justamente se acham em mais íntima relação connosco.

Lado frágil e vulnerável, que maiores simpatias nos desperta. A avezinha que todos nós mais amamos é a que, ferida na asa, não

eleva voos a grande altura do solo.

Ao menos eu por mim declaro-me mais sujeito a ser impressionado por estes caracteres mistos de mulher e de anjo, e às vezes até com os seus ressaibos de demónio.

Fazem-me lembrar — porque o não direi? — as felizes combinações que a cada passo realizam os confeiteiros, associando como corretivo a adstringência de um ácido à excessiva e às vezes enjoativa doçura das massas de pastelaria.

Perdoem-me o comezinho da comparação e deixem-me continuar.

Dizia eu que fora de Luisita que obtivera as primeiras informações sobre a vida escandalosa da tia Filomena.

E por sinal que ia ficando de mal comigo ao divisar-me nos lábios, ao passo que falava, um sorriso de incredulidade.

— O senhor ri-se? — disse-me ela com um gesto de contrariedade e uma ruga de mau humor a sulcar-lhe a cara, o que lhe dava à fisionomia a mais adorável expressão de cólera feminina que se pode imaginar — é dos tais que não acredita em feiticeiras?

— Se acredito! Tanto que ando enfeitiçado.

— Anda? — continuou ela, tomando já um aspeto todo risonho por aquela extrema mobilidade de feições que possuía, a par de igual mobilidade de carácter — vire o casaco do avesso; dizem que é remédio pronto.

— Do avesso trago eu o coração, a julgar pela desordem que sinto cá dentro.

— Sim? Então quem lho voltou?

— Olhe que não foi a tia Filomena, isso lhe juro eu. Há feiticeiras na terra, mas são de outra casta.

— Vamos então a saber. Conte-nos isso. Quem são essas feiticeiras? — disse a minha gentil interlocutora a provocar um cumprimento que pressentia.

Saboreei um prazer de deuses em lhe não dar esse gosto e respondi-lhe:

— As feiticeiras são estas árvores, estas flores, estas campinas e montes, estas tardes e madrugadas, que tão enfeitiçado me trazem que não há tirar-me daqui.

Ela compreendeu porém a tática e respondeu-me com uma gargalhada provocadora.

CAPÍTULO II

Esta cena passava-se na tarde de um domingo e no largo onde se reunia para dançar, rir, cantar e falar de amores, a parte jovem da população; e para rezar, dormir e falar do passado e das vidas alheias, a outra porção mais favorecida de anos e menos de descuidosa alegria.

Deste lugar, situado na encruzilhada dos quatro principais caminhos que atravessavam a aldeia, estendia-se a vista, do lado ocidental, numa série extensa de várzeas e de campinas divididas em quarteirões, regulares como os tabuleiros de um jardim, por longas fileiras de choupos que as vides, enleando-se-lhes nos ramos, guarneciam com pendentes e viçosos festões.

A diferente qualidade ou vigor de plantação e o diverso grau de cultura desses numerosos campos em que se repartia a planície davam a cada um deles uma aparência particular, quebrando agradavelmente a ordinária monotonia dos terrenos pouco acidentados.

A natureza empregara na tela os mil cambiantes da cor verde, própria às paisagens campestres, e, por um segredo de colorido que a arte mal pôde ainda imitar, soubera introduzir, na pintura em mosaico dessas vicejantes alcatifas, no meio de uma uniformidade aparente, a mais aprazível variedade.

Aqui e além elevados castanheiros, frondosos carvalhos ou oliveiras verde-pálidas formavam pequenos bosques em volta de uma ou de outra habitação isolada, como para ocultar o mistério de alguma existência obscura que se deslizasse ali e concentrar no seio da família o grato calor dos lares domésticos que alimenta e vigora os mais afetuosos sentimentos do coração humano.

Cada uma dessas habitações solitárias, assim envolvidas na sombra dos olivais, dos soutos ou das devesas, assim recatadas e discretas, como aquelas pessoas naturalmente pouco expansivas que se calam com as alegrias e experimentam no gozá-las em silêncio a mais casta voluptuosidade, me parecia encerrar um poema inteiro de íntimas felicidades. A cada uma delas associava a minha imaginação, obedecendo a não sei que irresistível necessidade de fantasiar, uma vida de tranquilos e inefáveis prazeres, cuja só conceção me deleitava.

E como para que às comoções agradáveis que toda esta cena despertava, não faltasse certa melancolia, que se insinua nos nossos mais delicados sentimentos, lá estava, a suscitar-ma, junto da igreja paroquial, o cemitério da aldeia, sem a magnificência dos mausoléus, mas com a poesia da tristeza; sem longas ruas assombradas por cedros e ciprestes, mas abundantes em rosais sempre floridos, que, balouçados pelo vento, cobriam de pétalas desfolhadas as campas mais humildes e obscuras, onde nem sempre a amizade depusera sequer a devida homenagem de uma flor.

Mais longe, começava o terreno, em suave declive, a elevar-se como nos degraus sucessivos de um extenso anfiteatro e sempre tão rico de vegetação, tão revestido de árvores e de relva, que dava ao país naquele ponto a pitoresca aparência de um vasto cabaz a transbordar de verdura e de flores.

Nesta graciosa corrente de pequenas colinas, que circundavam a planície, divisavam-se as povoações vizinhas, como pequenos pontos brancos dispersos ou amontoados, por entre os árvoredos da encosta.

De cada uma delas começava já então a erguer-se o fumo dos lares em colunas densas e tortuosas, que cedo se misturavam, difundiam, rasgavam em mil pequenas nuvens irregulares, dissolvendo-se por fim numa atmosfera de vapores, que pouco a pouco, como em transparente cendal, envolvia toda a paisagem.

Mais distante, ainda no extremo do horizonte, desenhavam-se em grandes sombras, vagamente contornadas sobre o claro do céu, iluminado àquela hora pelos últimos raios do Sol no ocaso, cordilheiras de remotas serras que, tingidas por a uniforme cor azulada das paisagens longínquas, mais pareciam pesados cúmulos de nuvens surgindo ameaçadores do ocidente.

Quase sempre as coroavam altas neves, onde o Sol, refletindo-se, produzia surpreendentes efeitos de ótica, simulando fantásticos palácios de pórfiro e pedrarias. Daí se precipitavam as torrentes, que pouco a pouco, descendo nos vales e enleando-os nas malhas de uma rede complicada de arroios cristalinos, trocavam a primitiva impetuosidade, ao despenharem-se, como cataratas, em fragosas ribanceiras, por um sereno deslizar entre silvados e relvas, que apenas denunciava um confuso murmúrio.

Se, depois de ter assim contemplado este panorama risonho e aprazível, voltássemos os olhos para o lado do oriente, reconheceríamos um desses contrastes a que é tão afeiçoada a natureza nos países onde mais inesgotável se mostra nos seus recursos de artista; uma dessas rápidas mutações de cena que deleitam, variando de momento para momento as impressões que produzem.

De facto, a perspetiva era deste lado mais limitada, ainda que absolutamente não menos bela.

Logo a pequena distância começava o terreno a assumir uma rápida inclinação, perdendo ao mesmo tempo a amenidade e vigor da vegetação dos vales para revestir a severa e melancólica beleza das paisagens alpestres.

Na base desta colina, tão diversa das que do lado oposto parecia sorrirem-lhe envolvidas nos seus vistosos mantos de folhagem, vinham expirar as últimas oliveiras, já pálidas e débeis, como se o vento das montanhas lhes consumira o vigor. À cor viçosa da relva sucedia pouco a pouco o verde sombrio das giestas e do tojo; suas tristes flores amarelas aos variegados matizes com que se adornam os campos; às sombras densas e impenetráveis das devesas, as

sombras enganadoras dos pinhais; o gemer melancólico das rolas, o grito rouco dos gaios, os alegres gorjeios que ressoam nos vales, e o cheiro ativo das resinas, aos brandos aromas das flores do prado.

Ao topo deste monte, em toda a extensão do qual nenhum vestígio de cultura e animação interrompia, por espaços sequer, o aspeto selvagem e de completo isolamento que nele imediatamente nos impressionava, conduzia, descrevendo longas sinuosidades, um caminho íngreme e quase intransitável, comprimido entre elevadas paredes desse terreno argiloso de cor ensanguentada, donde raro brota uma planta, ou nasce sempre estiolada e débil, desfolhando-se ao menor sopro de aragem que por momentos a agite.

Iminente a esse caminho, no qual em pleno dia penetravam apenas os raios de um pálido crepúsculo, e a mais de meia encosta do monte, existia a casa da tia Filomena, que não desdizia, na sua aparência de miséria e tristeza, da paisagem que lhe servia como de fundo de quadro.

Fora esta casa solitária no meio de um pinheiral sombrio, que, contrastando fortemente com a amenidade da perspetiva caraira, onde tudo era vida e cultura, me atraíra a atenção e dera lugar ao

diálogo no qual a personalidade da pobre mulher começava a ser discutida, não demasiado lisonjeiramente para ela.

A conversa travada entre mim e Luisita pouco a pouco se generalizou; e tão popular era o assunto, que todos tomaram parte nela, interrompendo as danças, dando tréguas às violas, e sacrificando-lhe até os trocadilhos amorosos com que mutuamente se mimoseavam os namorados.

A minha incredulidade aumentou o ardor e vivacidade das insistências; longe por isso de aproveitar à pobre Filomena, antes a ia prejudicando.

— E ver, é ver — dizia uma morena, apertando debaixo da barba o lenço escarlate, que com o movimento da dança se lhe havia desatado — logo que veio para ali aquela bruxa, foi um morrer de crianças como nunca se viu.

— E os carneiros do ti Zé da Nora, que em menos de quinze dias lhe morreram todos, mirrados como um torresmo? — acrescentava outra, levando aos dentes, alvos como o marfim, uma laranja que começava a descascar.

— E os pregos que lançou pela boca fora a tia do João dos Moinhos?

— Ora! nem que ela lançasse pregos! isso pode lá ser! — disse, simulando ceticismo, um rubicundo mocetão de vinte anos, que alimentava para estas coisas no fundo da alma a mais fervorosa crença.

— Não? pois pergunta-o ao Sr. doutor, que saiu de casa dela a benzer-se e a dizer que não era aquilo doença de médicos.

— E verdade, é verdade. E foi lá o Sr. abade fazer-lhe os exorcismos.

— Qual? o novo?

— Não, o antigo, que Deus haja. O novo sim, olha, olha o outro!

— Esse bem se fia nestas coisas.

— Assim Deus me perdoe, como ele me parece bruxo.

— Estás doida, rapariga!

— Eu digo isto. Pois não veem como fala de mano a mano com ela?

— Se fosse bruxo, não faria as esmolas que faz — redarguiu Luisita, obedecendo aos seus bons instintos.

— Nanja eu que lhas quisesse.

— Que dizes tu, mulher, que dizes? Ora o Senhor te não castigue.

— Amém. Mas então para que conversa ele com a tia Filomena, sabendo de que casta ela é? Como lá diz o outro: «Quem não quer ser lobo..

— Ele sabe lá se ela é bruxa!

— Pois não lho dizem todos, e não repara que nunca ouve missa, e nem sequer vai à igreja?

Eu vi Luisita quase disposta a tomar a defesa da tia Filomena. A contradição irritava-a e instigava-a a reagir com toda a força da sua natural impaciência.

Uma das circunstantes, porém, trouxe novo artigo de acusação contra a velha Filomena, e conseguiu reunir de novo as opiniões que a questão do reitor havia dividido.

— Sabem vocês, a minha capa nova? Fui-a encontrar toda às tesouradas depois de uma terça-feira em que passei pela tia Filomena lá em baixo nas presas.

— Credo! e tomaste a trazê-la, rapariga?

— Deus me livre!

— E não cozeste o bruxedo?

— Ainda não. Como é que isso se faz?

— É preciso ferver toda a roupa numa panela que ainda não tenha servido, e barrá-la muito bem com lodo e...

— Não — acrescentou uma outra — antes lançam-se na água sete pedras de sal, com a mão esquerda.

— Isso é depois...

— Não, senhora, é antes.

— Vem-me ensinar a mim, que o vi fazer à Joana do Viúvo, quando lhe embruxaram o sobrinho.

— Sim, mas também a Joana não diz as palavras que dizia a Rosa do Emídio, e sem elas não se faz nada, ah!

— Se não diz essas, diz outras.

— E que palavras são? — perguntou a proprietária da capa enfeitiçada.

— As da Joana são assim:

Tarrenego espirito imundo.

Vai-te para os fogos eternos,

Lá no fundo, bem no fundo,

Das profundas dos infernos.

Água quente da panela

Ferva esta roupa bem cedo,

Fervida seja com ela

A bruxa com o seu bruxedo.

— Como é o resto?... A bruxa com o seu bruxedo... a bruxa com o seu bruxedo — repetia a rapariga, vasculhando em vão a memória para achar o resto da cantilena imprecatória da Joana do Viúvo — vedes, não me lembra, mas é assim uma coisa.

— Mas há de ser dito com um ramo de alecrim bento na mão, fazendo três cruzes no ar a cada verso.

— Isso já se sabe.

Outra aventurou do lado o seguinte alvitre:

— Diz que também o que é muito bom contra as feiticeiras, diz que é hortelã verde do monte.

— Ora isso é para matar saudades. Quando o nosso Zé foi para o Brasil, minha mãe coseu-lhe hortelã no forro do colete, porque o pobre rapaz, coitadinho, ia esmorecido de todo.

— Eu cá do que sempre uso é de figas de azeviche — opinou outra, exibindo, como prova do seu dito, um dos objetos mencionados.

— Sim, que não chuparam as bruxas o pequeno da Tomásia e mais tinha no pescoço uma figa que lhe dera a madrinha.

— O pequeno da Tomásia morreu de uma febre.

— Boa febre! Pois não se viu a olhos vistos! Podiam-se-lhe contar as marcas que lhe deixaram as feiticeiras. Tinha o corpinho todo sarapintado de nódoas roxas, que era mesmo uma pena vê-lo.

— Eu desde que uma tarde, era já ao lusco-fusco, vi rondar a tia Filomena, com pés de lã, em volta da casa de Tomásia, logo me deu uma pancada no coração.

— E eu que tantas vezes lhe disse: — Tomásia, tu tem cautela com o teu filho! — Não sei o que me dizia o que tinha de suceder.

— A rapariga também era desmazelada — observava outra, mantendo a conversa no tom de maledicência em que já ia afinada. — Deixava andar sozinha aquela criança, ainda a engatinhar, em termos de lhe acontecer alguma desgraça. Quantas vezes a fui eu tirar da ribanceira e quase a rolar por ela abaixo?

— Não, eu sempre digo que há mães também!

— Depois então é que é o gritar: Ai o rico filho da minha alma! como ela gritava, que era até uma vergonha.

— Ora, uma vergonha sim! isso é bom de dizer, mas coitado de quem os tem!

— E como o outro que diz: aquilo sempre é sangue do nosso sangue.

— Mas então que olhem por eles; não é só quando morrem que...

— A gente, enquanto eles têm saúde, nem bem sabe o amor que lhes tem; depois é que tudo são aflições.

— Isso lá é assim, é.

— Malditas bruxas — diziam algumas vozes, como se fora um estribilho de canção.

— Nessa mesma noite em que morreu o pequeno, foi que elas apareceram ao Luís do Canha.

— Ai, então apareceram-lhe as bruxas alguma noite?

— Pois não o sabias, mulher?

— Eu não!

— Admira! Tanto se falou nisso.

— Mas então que foi? Eu não sei de nada.

— Foi uma noite em que o Luís do Canha veio mais tarde da cidade, e não encontrou companhia. Era num sábado. Ao passar nos Telheiros, pareceu-lhe ouvir o barulho de lavadeiras a bater a roupa nas presas. O rapazinho, admirado de que se lavasse àquelas horas, parou um pouco e pôs-se a olhar para baixo.

— E que viu? — perguntaram-lhe em coro umas poucas de 1 vozes com uma inflexão em que se revelava o mais vivo interesse.

— Muitas sombras assim como fumo a correr de um lado para o outro, à roda, à roda, como folhas secas em dia de ventania. E logo umas risadas e umas vozes que chamavam por ele: — Luís! Luís! onde vais tão tarde? espera, espera, ouve um recado. — O pobre rapaz sentiu que se lhe arrepiavam os cabelos da cabeça e deitou a correr com toda a pressa que pôde.

E aquelas risadas a persegui-lo. Ele a correr, e as vozes a chamá-lo; depois apareceram-lhe umas sombras negras, altas como gigantes, que fugiram a esconder-se por entre as árvores, fazendo um barulho como o do vento nos pinheirais, e umas luzinhas a aparecer e a desaparecer. Quando passou nos moinhos, viu à beira do riacho assim como um corpo morto, embrulhado num pano branco e a gritar: — Ai quem me acode! ai quem me acode! — E assim o

seguiram e perseguiram, até que o rapazinho, chegando ao pé da igreja, disse: — Valha-me Nossa Senhora do Amparo! valha-me Nossa Senhora do Amparo, minha madrinha! — Tudo então desapareceu.

— Credo! — disse uma das ouvintes, benzendo-se — se fosse isso comigo... eu sei lá?... já tinha morrido de susto.

— Pouco faltou ao Luís, que andava parecia enterrado em vida.

— Bom dinheiro gastou o pai para lhe tirar o mau-olhado.

— Foram todos a pé ao Senhor de Matosinhos, com uma vela do tamanho do rapaz, e só então é que ele ficou bom.

— Santo nome de Jesus! nunca vi terra tão azada a bruxas como esta nossa!

— E o homem da Teresa dos palheiros? aquilo é feitiço ou não é feitiço?

— Que feitiço? que feitiço? — exclamou uma gorda rapariga que tinha motivos pessoais para não simpatizar com a tal Teresa dos palheiros — que queriam vocês que ele fizesse com uma mulher daquelas?

— Então que tem a mulher, criatura?! Tu também'

— Isso; perguntem-no a mim, que há de ser preciso. Ora já viram!

— Mas diz lá o que tem?

— O pobre do homem a trabalhar como um moiro, e ela a gastar-lhe tudo em roupinhas e gibões.

— Isso é feitiço que nos espera a todos — disse o principal tocador de viola da aldeia, apertando uma cravelha do instrumento, e experimentando nas cordas, irritantemente melodiosas, o grau de afinação.

Estas palavras, consideradas ofensivas pela parte feminina do auditório, suscitaram uma discussão em que foram postos em paralelo os defeitos e qualidades dos dois sexos, de ambos os lados com apaixonada parcialidade.

CAPÍTULO III

O vento que soprava do lado do monte trouxe-nos neste momento aos ouvidos bem distinta, apesar da distância, a voz da tia Filomena, com aquele timbre particular e penetrante que já lhe conhecemos.

Chamava pelo seu gato preto, magro quadrúpede que a junta de inspeção do exército, de que fala a Gaticânea, excluiria por incapaz do serviço militar.

Este gato era um gravíssimo indício da criminalidade da tia Filomena. Sempre que eu o via, regozijava-me interiormente por se terem apagado havia muito as fogueiras do Santo Ofício. Se elas ainda existissem, não sei eu se a tia Filomena, com semelhante fama e com semelhante gato, haveria escapado ao processo de torrefação com que naqueles infelizes tempos se apurava a fé.

— Então, visto isso — perguntei à Luisita — aquele gato é o diabo?

— Cruzes! — exclamou ela, como corretivo ao feio nome que eu não hesitara em proferir, e depois acrescentou: — e não o diga a mangar, é ver como esse mafarrico anda em guerra aberta com os outros gatos e dá cresta de quantos pilha.

— Ah! pelo que vejo, o diabo ocupa-se agora em baixos mesteres. Voltou-se contra os gatos! Que decadência!

— Está a brincar?

— Não, falo sério. Ora diga, a menina acredita deveras que o diabo lhe dê para embirrar com os gatos? Quem a persuadiu de semelhante coisa?

Não sei. Vejo que não crê no que lhe digo. Pois faz mal.

— Mas vamos cá, a tia Filomena então...

— Para quê se não quer acreditar?

— Quem lhe disse que não quero? Eu só desejava que mostrasse a razão porque ela é bruxa.

A rapariga fez um gesto de impaciência.

— Bem sei que me vai dizer que ela é feia e velha... Ora aí está o que eu não posso admitir...

Estas palavras granjearam-me uma estrondosa gargalhada.

— Então acha-a bonita e nova? E diz que não está enfeitiçado! Ah! ah! ah!...

— Valha-me Deus! Não é isso. O que eu não admito é que as bruxas sejam feias. As que me enfeitiçam são outras.

— Ai, isso é cantiga? — E, tomando um ar comicamente sisudo, continuou: — Ora, mas fique sabendo que a tia Filomena, em certas noites, berra de maneira que se ouve no povoado.

— Histórias! Afinal há de ser o pavão da quinta das Cerdeiras.

Luisita encolheu os ombros expressivamente e prosseguiu sem mais resposta:

— Acende-se às vezes em casa dela, lá por altas horas, um lume vermelho...

— Que faria se fosse azul! Aí está a justificação da boa mulher, vê? O lume do inferno é azulado; não sabe que é de enxofre?

Luisita olhou para mim, meia a rir-se meia despeitada.

— Como assim! Para que me hei de estar a cansar? Sabe que mais? Espere pelo sábado, ponha-se à espreita e verá bonitas

coisas.

— Lembrou bem; hei de observar uma noite a tia Filomena.

Nem a mangar diga isso.

— Digo-o muito a sério.

— Credo! Deus o livre!

— E depois hei de contar-lhe o que me sucedeu.

— Não, se tal fizesse, nada me contaria depois.

— E porque não?

— Porque estaria morto.

— Santo nome de Deus! que sorte tão negra! sempre tem coisas!

— E não se fia!

— Aposto até que a tia Filomena me há de dar de cear.

— Não diga isso, que até é pecado.

— Que mandamento ofendo eu?

— Vamos, agora falo a sério. Os senhores da cidade têm tolices e pode muito bem dar-lhe na cabeça essa extravagância. Olhe que

não é uma história o que lhe digo; a tia Filomena sai muita vez de noite e anda pelos montes feita numa luzinha, e de mês a mês vem visitá-la um homem de má catadura. Há quem o tenha visto; entra e sai logo.

— E então quem é esse homem?

— O demo ou coisa que lhe pertence; vem dar-lhe parte da grande assembleia de bruxas.

— Ah! reúnem-se mensalmente? É para discussão dos estatutos? O bom humor da minha interlocutora havia-se esgotado; fez um movimento de não dissimulada impaciência, encresparam-se-lhe os lábios num sorriso de generosa comiseração, e, depois de me fitar por alguns instantes, voltou-me as costas, deixando-me entregue à minha ímpia incredulidade.

Foi bem feito!

CAPÍTULO IV

Mas o caso é que tinham conseguido excitar-me o interesse pela tia Filomena, em quem até ali mal atentara sequer.

Eu tinha então vinte anos, e nesta idade não há imaginação tão de gelo que não medite o seu romance. Todos nós pagamos esse tributo à violência dos nossos sentimentos, à facilidade das nossas impressões e tendências que então sentimos para uma vida mais ideal, menos comprimida nos moldes estreitos da realidade.

Nem sempre esses romances se transportam aos livros, nem sempre se desenvolvem em capítulos, ou revestem uma forma literária qualquer; muitos são os que abortam, os que não recebem a encarnação da escrita; tanto pior para a literatura, que fica assim privada talvez dos seus mais perfeitos primores de arte.

Quer-me parecer que a literatura realizada até hoje seria apenas um fraco reflexo desta que, assim concebida um momento, se destrói em gérmen e não passa dos primeiros lineamentos embrionários. Porque nem sempre a improdução é prova de absoluta esterilidade.

— O que há de mais misterioso, de mais admirável e eternamente incompreensível para inteligências humanas — a conceção — é uma faculdade menos privativamente concedida do que se julga talvez; mas condições secundárias podem e vêm muitas vezes aniquilar-lhes os produtos logo à nascença, como um defeito de organização sacrifica ao primeiro desenvolvimento o gérmen de um futuro ser. Muitos que se pressentem as delícias e voluptuosidades da conceção não podem vencer as fadigas penosas do trabalho que executa e que reveste esses filhos da fantasia criadora da forma que os torna visíveis.

Em meu espírito laborava então esta necessidade de criar um mundo imaginário, onde vivesse mais à vontade do que no mundo real. Tal é quase sempre a origem de tantos romances escritos — e de mais ainda fantasiados apenas — que nos ocupavam as vigílias da juventude e às vezes refletem o colorido mágico nos nossos mais deliciosos sonhos.

Debaixo dessa poderosa influência é que eu via então as coisas, os homens e a natureza; eram essas ideias que me tinham acompanhado ao campo e me faziam perceber na sombra dos bosques, nos cambiantes das flores, nos indefinidos murmúrios das

brisas embalsamadas e da folhagem viçosa, mistérios de luz, de harmonias e de perfumes não sentidos por outros; invisível atmosfera de poesia e de ideal em que tudo parecia envolver-se aos meus olhos, que me fazia conceber um drama, depois de ouvir a narração de um suicídio; imaginar uma alegria, um poema talvez, ao saber da morte de uma rapariga de quinze anos; que me mostrava um Chatterton em cada escritor pálido; — uma Diana Vernon, em cada amazona a cavalo; — um Antony, em cada enjeitado; — uma Graziela, em cada filha de pescador; — uma Indiana, em cada crioula; em cada criada de servir, uma Genoveva; e até um segundo Quasímodo, num pobre sineiro que conheci na Sé do Porto. Feliz tempo aquele!

Via uma rapariga a chorar, um velho sentado, ao pôr do Sol, debaixo de uma árvore, um grupo de crianças brincando à borda de um regato, uma mãe amamentando o seu primeiro filhinho, um artista de blouse a ler nas horas de descanso à porta da oficina, uma costureira serandando à luz do candeeiro — eram outros tantos romances que imaginava; sempre romances, romances em tudo, por toda a parte. A dificuldade estava na escolha. Felizmente que nunca me meti a averiguar como filósofo porque chorava a rapariga, em que pensava o velho, o que diziam as crianças, o que ia no

coração da mãe, que livro lia o artista e os hábitos e vida íntima da costureira; talvez que, se me desse a esse trabalho, me reservasse a realidade bem desagradáveis desilusões; por isso o encarregava todo à fantasia.

Imaginem pois o efeito que as palavras de Luisita e das companheiras deviam ter produzido no meu espírito, assim predisposto para conceções desta ordem.

Passeios noturnos, gritos desentoados, visitas misteriosas, luzes avermelhadas, um casebre solitário, uma velha decrépita, um gato negro... que preciosidades!

«Ó pobre tia Filomena, que tiveste a desventura de, mal o imaginando talvez, te revestires de aparências românticas, és minha presa! já te não livras das garras do romancista, ávido de assuntos, sequioso de situações, guloso de tipos! Tens a imprudência de seres um tipo e julgas que hás de ficar assim ignorada e esquecida nas quatro paredes dessa miserável habitação; cá estou eu para te ir procurar, como o naturalista, arrancando da concha bivalva o inofensivo molusco e sujeitando-o à sua classificação. Vou eu também classificar-te. Quero saber a espécie e família da Fauna romântica a que pertences. E se fosses uma espécie nova!»

Isto pensava eu comigo mesmo, seguindo caminho de casa, ao passo que tomava vulto no meu espírito o projeto de uma visita à protagonista dos contos fabulosos que havia muito corriam na aldeia de boca em boca, assumindo cada vez maiores e mais imponentes proporções.

Outro qualquer, a quem esta mesma ideia tivesse preocupado, procuraria realizá-la da maneira mais simples, visitando de dia e sob o primeiro pretexto admissível a mulher que dera azo a tantas discussões e boatos; mas a fantasia, sob cujo domínio eu me regulava então, exigia mais. Exigia que a visita se efetuasse de noite, através de incómodos e perigos, à luz das estrelas, quando piassem todas as aves tristes, e se passassem tenebrosos mistérios.

Os meus hábitos de comodidades reagiam, é verdade, contra estas instigações da fantasia; mas não tão valorosamente que não ficassem vencidos afinal.

Eram pois onze horas da noite, quando, envolvido misteriosamente numa ampla capa, como os conspiradores no teatro, dei princípio a esta minha excursão romântico-artística, esforçando-me por não ser

observado, para não excitar curiosidades, sempre fáceis na aldeia e sempre desagradáveis para quem é objeto delas.

Ora a noite prestou-se voluntariamente à colaboração do romance; pois se houve noite escura, ventosa, abundante de nuvens que pareciam montanhas, de clarões sinistros, que semelhavam incêndios, de ruídos estranhos, que lembravam um pandemónio, foi aquela.

Pouco conhecedor ainda do terreno, tive ainda a mais a romântica felicidade de me extraviar e, depois de um quarto de hora de jornada, adquiri a consoladora certeza de que andava errado cada vez mais longe do lugar a que me dirigia.

No entretanto, o vento redobrava de violência; acumulou imensas nuvens sobre a minha cabeça e como se umas contra as outras as espremesse, à maneira de esponjas embebidas, vazou-as sobre mim com uma quase destruidora impetuosidade.

Debaixo de uma chuva daquelas, metamorfoseiam-se os países; os mais amenos revestem um aspeto medonho, tétrico; vales que, vistos à luz do Sol, fariam imaginar idílios e inspirariam poesias pastoris aos estros mais rebeldes, assumem nestes instantes as cores sombrias e carregadas que empregavam outrora os poetas

épicos para pintar a entrada das regiões infernais, onde, como complemento de educação, iam uma vez na vida os heróis das suas epopeias, como hoje vão a Paris os filhos-famílias de classes abastadas.

Naquela noite, para mim de húmidas recordações, tudo parecia mudado; revolviam-se torrentes impetuosas, onde momentos havia se deslizavam regatos: despenhavam-se cataratas, donde pouco antes caía apenas, sacudida pelo vento, a folhagem seca; profundavam-se lagos, onde verdejavam lameiros; e as águas, subindo, galgavam as pontes campestres, tomando-se em restingas, os outeiros em ilhas, e os passeadores noturnos, como eu, em náufragos ou em Robinsons Crusoés em completa incomunicabilidade com o resto dos viventes.

Imaginem pois minhas aventurosas manobras, para me guiar sem bússola através daqueles arquipélagos insidiosos, no meio daquelas sombras ameaçadoras e claridades pérfidas. Ainda hoje não sei porque milagre do instinto consegui encontrar-me, depois de muito molhado e enlameado, no fim da minha jornada e à porta da tia Filomena.

Obra da inteligência é que por certo não foi; a cabeça tinha abdicado e concedido plenos poderes às pernas que se não mostraram indignas de confiança.

Estas abdicações são às vezes mais profícuas do que geralmente se julga.

Achava-me enfim no antro da Sibila; a Circe ia apresentar-se aos meus olhos, rodeada dos indispensáveis utensílios da sua arte; em companhia dos animais, colaboradores natos de magias e esconjuros, e envolvida num a atmosfera de fumo exalado das fornalhas onde se destilam em retortas e alambiques filtros subtis que envenenam a alma, espécie de venenos de que os toxilogistas nada puderam ainda saber, e que não figuram em nenhum dos seus catálogos. A minha imaginação fazia-me esperar, senão absolutamente isto, pelo menos alguma coisa de análogo. O tipo de Norma, que Walter Scott imortalizou, embora apequenado por a influência despoetizadora deste século material, supunha eu ir encontrá-lo dentro da miserável casa, à qual, depois de muitos trabalhos e perigos, conseguira aportar.

CAPÍTULO V

A casa da tia Filomena — já que ela tinha a vaidosa pretensão de assim a denominar — era de umas dimensões que permitiriam a qualquer homem de menos que mediana estatura e nenhumas disposições ginásticas trepar da rua ao telhado sem mais auxílio que o dos braços e das mãos. A porta obrigava a curvarem-se os visitantes menos corpulentos que lhe transpusessem o limiar e a prestarem assim, numa reverência forçada, homenagem à hospitalidade, boa ou má, da inquilina. Há portas que valem um tratado de educação.

Janelas não tinha. Era luxo de arquitetura esse, que não merecera a aprovação do construtor. Por o mesmo processo de simplificação suprimira até a chaminé, confiando às inumeráveis fendas do telhado e das paredes o cuidado de dar ao fumo a conveniente saída. No seu entender, isto de chaminés era uma espécie de excrescência arquitetónica, que desviava a arte da pureza primitiva.

Outras muitas reformas introduzira na construção do edifício o artista, sempre em harmonia com as suas ideias simplificadoras, tendo só em vista o estritamente necessário e cortando pela raiz no supérfluo.

Era no século XIX, um fiel reprodutor da arquitetura das primitivas idades.

A chuva e o mau tempo tinham-me sugerido um excelente pretexto para reclamar a hospitalidade da tia Filomena.

Numa noite assim, nem uma bruxa poderia recusar-se a recolher qualquer viandante, surpreendido, como eu, pelas iras atmosféricas.

Bati por isso à porta e conheci, vendo-a ceder, que não estava fechada.

Contudo não recebi resposta.

À segunda tentativa não obtive mais satisfatórios resultados.

Decidi-me a entreabri-la cautelosamente até que por uma estreita fresta pudesse observar o interior do aposento.

A primeira tentativa foi baldada, pela quase completa obscuridade que havia dentro. Afazendo porém a vista ao ténue clarão que ainda

se espalhava do lar, pude enfim conseguir algum resultado.

A pequena área que compreendia o recinto e a simplicidade da mobília facilitaram-me o exame e cedo adquiri a certeza de que estava desabitado — a não ser que a inquilina, usando dos poderes sobrenaturais que lhe atribuíam, se tivesse metamorfoseado nalguma coisa invisível.

Como a chuva no entretanto redobrava, julguei conveniente aproveitar-me daquela porta aberta e entrar nos obscuros domínios da Sibila.

A sala assumia a múltipla função de quarto de dormir, casa de jantar, de trabalho, cozinha e estufa.

Aí se encontravam as insígnias deste complicado mester.

Via-se ao fundo, sobre carunchosos bancos de pinho, a miserável e esfarrapada enxerga, recoberta apenas de uma manta, cuja primitiva cor poderia ser objeto de longas discussões académicas; sobre o lar e rodeado de brasas amortecidas, um púcaro de barro negro, como o que se fabrica nos arredores do Porto, substituía, com algum desapontamento da minha pane, todas as imaginadas retortas, cadinhos e alambiques; caraira à cama, uma avantajada

caixa de pinho assumia as importantes atribuições de mesa de jantar, segundo o fazia crer a boroa de milho negro meia partida, a toalha dobrada, a bilha de água e o serviço de louça, pela maior parte inválido, que a guarneciam.

Duas cadeiras mancas, de aspeto tristonho e, como um veterano mutilado, ricas talvez só de recordações passadas, uma roca ainda rodeada de estopa grosseira, um sarilho desguarnecido e, junto à porta, velhos e ferrugentos utensílios de folha de Flandres, onde vegetavam cidreiras, armadas, salva, erva da nossa Senhora e outros símplices de medicina caseira, completavam quase todo o inventário.

Junto do borralho dois pequenos pontos luminosos de fulgor fosfórico e sinistro me atraíram a atenção. Eram os olhos do gato negro, que, fitando-me, parecia espiar-me os movimentos com suspeitosa curiosidade.

No meio desta humilíssima e despretensiosa mobília, uma só coisa me impressionou.

Sobre o prateleiro — tosca tábua de pinho firmada em dois longos pregos introduzidos na parede e elevado por a tia Filomena à categoria de despensa e aparador — divisava-se, ao lado de alguns

objetos indispensáveis ao seu limitado trato culinário, uma fileira de pequenos embrulhos, de dimensões quase uniformes e cujo papel acetinado contrastava tanto com o aspeto da miséria daquele recinto como um diamante que se pregasse nos andrajos esfarrapados de um mendigo.

Do exame desses volumes, uns já amarelados, outros conservando ainda toda a alvura e nitidez do papel de boa fabricação, coligia-se haverem sido ali dispostos em épocas sucessivas.

A minha curiosidade pôs-se a fermentar à vista deles.

Valor, pelo menos estimativo, devia o conteúdo, qualquer que fosse, ter para a possuidora, que tão cuidadosamente o resguardava com aparente solicitude, da qual nenhum objeto mais se lhe mostrava merecedor; mas por outro lado, aquela desassombrada negligência com que os deixava expostos às vistas, desafiando a curiosidade, que é tantas vezes prelúdio ao desejo da possessão, esta casa abandonada de noite, esta porta nem sequer cerrada, contrariavam as minhas conjeturas; a não ser que a tia Filomena confiasse demasiado na sua pouca popularidade e na repulsão que inspirava, para temer visitas importunas, sobretudo àquelas horas da noite.

O que seria e donde viera aquilo? — perguntava eu a mim próprio, sem de mim próprio receber resposta.

Evidentemente não fora da caixa da tia Filomena que tinham saído as belas folhas de papel velin que envolviam os misteriosos conteúdos.

Tive tentações de me aproximar, para os sujeitar a um exame mais minucioso; porém — confessarei aqui uma puerilidade minha — os olhos do gato fizeram-me recuar. Não sei que a sangue frio se possa cometer uma ação repreensível, quando um gato nos olha assim. Afinal de contas, é uma testemunha. Que importa que revele o segredo; mas sabe-o e sempre que vos vir, rosnará lá consigo — rosnar é o termo próprio — o que quer que seja pouco lisonjeiro ao vosso carácter.

Não deve ser um martírio horrível vermo-nos de tal forma compreendidos por um gato e quase na sua dependência?

A mim pelo menos aqueles dois olhos imóveis e observadores incutiram-me respeito, não tive forças para arrostar com eles.

Mas onde estaria a estas horas a tia Filomena?

Luisita havia-me falado de uns célebres passeios noturnos, em que ela se transformava em luminária; e numa noite daquelas, a falar a verdade, a coisa tinha pouco de natural e explicável pelas razões ordinárias que determinam os nossos actos. Não se poderia dizer que a tia Filomena não tivesse dado motivos justificatórios da reputação que havia granjeado.

Enquanto eu fazia estas considerações e completava o meu exame sobre o interior da habitação, onde já começava a penetrar em grossas gotas a chuva que lhe desabara no telhado, chegou-me aos ouvidos um ruído particular que vinha de fora.

Antes que eu tivesse tempo de meditar o plano de qualquer apresentação conveniente, a porta abriu-se... mas em vez da tia Filomena que eu esperava, entrou, juntamente com uma rajada de vento, que avivou a chama no lar, um homem todo embuçado num comprido gabão de saragoça, com longas botas de montar e chapéu de abas largas derrubado sobre a cara. O aspeto, celeridade de movimentos e repentina aparição deste homem tinham de facto alguma coisa extraordinária que logo me fez reconhecer nele o personagem suspeito, cujas visitas tão gravemente desacreditavam no conceito público a tia Filomena. Em todo ele se revelava certo ar

de mistério e um quase receio de ser surpreendido que imediatamente me impressionou.

Como por instinto, recuei e, envolvendo-me nas sombras do mais escuro canto da sala, observei, sem ser observado.

O homem, sempre rápido e cauteloso, aproximou-se do prateleiro onde a longa fileira, dos tais embrulhos se .achava disposta e parou alguns instantes, como que a enumerá-los.

A ideia que neste momento me passou pelo espírito foi pouco lisonjeira para o misterioso personagem que de um modo tão inesperado se havia introduzido na mesma casa onde, também não pouco estranhamente, eu me encontrava àquelas horas.

Imaginei-o um ladrão e agourava mal do destino dos tais objetos assim deixados em absoluta indefensão pela possuidora.

Mas, no momento em que já estava meditando a maneira de intervir para me opor a esta repugnante infração das leis de propriedade, o homem, depois de sacudir lentamente a cabeça e encolher os ombros — sinal inequívoco de profundas reflexões mentais — tirou do bolso um volume em tudo igual aos já existentes e, pousando-o

ao lado deles, saiu da sala com a mesma presteza com que o tinha visto entrar.

Isso acabou de me surpreender. Eu já não estava muito longe de crer piamente nas revelações de Luisita e abjurar, na presença desta cena misteriosa, a minha antiga incredulidade.

Os espíritos fortes sofrem em casos assim abalos formidáveis. Eu achava-me em tais disposições de ânimo que já imaginava encontrar o que quer que era sobrenatural nos sons que naquele momento produziam: o vento pelas fendas inumeráveis da casa, a água a ferver sobre o lar, o respirar ruidoso do gato, e o cair cadenciado da chuva, filtrada através do telhado.

CAPÍTULO VI

Momentos depois, novamente escutei o ruído de passos, mas desta vez vagarosos e trôpegos, e as minhas vistas, seguindo a direção da porta, encontraram, destacando-se no fundo escuro do limiar, a figura pálida e macilenta da tia Filomena. Trazia na mão direita um pequeno lampião, que era provavelmente ao que se reduzia a tão comentada luzinha do monte. Achava-me na presença da bruxa do pinhal!

A divindade descera enfim ao templo.

A posição que eu continuava ocupando, envolvendo-me numa quase completa escuridão, evitou que a tia Filomena me descobrisse logo ao entrar.

— Isto é um dilúvio! — dizia ela consigo, fechando a porta. — E agora a lenha assim molhada vai-me sufocar com o fumo.

E aproximando-se do lar, deixou cair do avental, que trazia sobraçado, um montão de lenha miúda, que provavelmente andara

toda a noite apanhando no pinhal.

O gato, vendo a sua senhora próxima de si, soltou um grunhido surdo, e, curvando desmesuradamente o dorso, começou a espreguiçar-se com voluptuosa languidez.

— Olá, Fusco! — disse a tia Filomena, batendo-lhe amigavelmente na cabeça. — Então estás com frio, meu velho? Deixa que te vou acender uma fogueira que nem para um magusto.

E enquanto escolhia a mais seca lenha da regaçada que pudera obter nas suas explorações, a velha, com a tal voz de que eu já falei, pôs-se a cantar — cantar aquilo! — uma cantiga usada nos arredores e cuja letra extravagante e até burlesca, conhecida talvez de muitos dos meus leitores, dizia assim:

— Donde vens, ó velha?

— Venho do eirado.

— Que trazes na cesta?

— Bacalhau salgado.

— Ai, oh! ai, que eu morro,

Que estou para morrer,

Nos teus braços, linda,

Bem pudera ser,

Bem pudera ser,

Ó meu bem.

E este em prolongava-se numa nota indefinida, nasal, monótona, rouca, desafinada e melancólica, que nem eu posso descrever o efeito que me produzia.

A ária, a cantora, o lugar, as meias trevas que ali reinavam, o adiantado da noite, e a tempestade lá fora num crescendo furioso, tudo concorria para me impressionar desagradavelmente.

E no entretanto estava dando tratos à imaginação para descobrir a maneira mais conveniente de fazer junto da tia Filomena a minha apresentação em forma.

A cantora continuava sempre na mesma toada e estribilho.

Depois levantou-se para avivar com os dedos a luz do lampião, que suspendera num prego da parede. Quando de novo ia entregar-se

ao trabalho interrompido, deu de repente com os olhos em mim e involuntariamente recuou por um movimento de surpresa.

Fui por isso constrangido a apresentar-me.

— Tia Filomena — disse adiantando-me — a noite surpreendeu-me no pinheiral e com a noite a trovoada; passei por aqui, vi a porta aberta, umas brasas no lar e não pude resistir-lhes. Peço desculpa...

Enquanto eu falava, a tia Filomena medira-me com os olhos de alto a baixo e imediatamente se lhe desvaneceu no rosto a primeira expressão de espanto, que se manifestara ao ver-me.

Foi já com a voz cheia de segurança e de completa impassibilidade que me respondeu:

— Fez bem; era uma imprudência meter-se assim ao caminho. Aquilo nas azenhas está um mar. E para quem não conhece os sítios, tanto pior. O que eu sinto é ter tão má casa para o receber.

Em seguida, foi a um canto procurar a menos manca das duas únicas cadeiras que possuía, estendeu-lhe em cima uma velha, mas lavada toalha de linho, e, oferecendo-ma, acrescentou:

— Faça o favor de se sentar e perdoe.

— Obrigado, tia Filomena, não se incomode pela minha causa. Continue no seu trabalho. Estava a escolher a lenha, peço-lhe que continue.

— Então, se me dá licença... E que, vê o senhor? — prosseguiu ela, deitando-se de novo ao serviço — esta lenha assim húmida levanta um fumo que sufoca a gente. É preciso primeiro chegá-la ao ar do lume para a secar. Não tem dúvida, que por hoje pouca me é precisa já. Sabe o senhor? Cá a gente prepara depressa os seus cozinhados, não temos vagar para temperos. Uma fervura faz um caldo, um cinzeiro coze um ovo, um tijolo quente assa uma sardinha ou uma febra de bacalhau. Eh! eh! eh! É que nós também não tínhamos tempo para mais. Não se vive para cozinhar, cozinha-se para viver. Não é assim? Lá os senhores foram criados noutra educação, não admira. A desgraça está quando se nasce pobre e se tem gostos e vaidade de rico. É a perda da criatura.

E, fazendo esta reflexão, a velha, que aliás não mostrava primar em laconismo, calou-se por algum tempo, parecendo absorvida por um pensamento doloroso.

— Mas, tia Filomena, o seu sistema de fazer provisão de lenha é que me não parece dos melhores — disse-lhe eu passado tempo. —

Não lhe era preferível para isso a luz do Sol à desse lampião que nada ilumina?

A tia Filomena meneou a cabeça ao ouvir-me.

— O senhor diz bem. Mas não sabe que de dia estão todos estes caminhos por aí cheios de rapaziada, que me não deixa em sossego. Crianças, coitadas! Mas quando se tem sessenta e quatro anos, como eu, a paciência vai fugindo e nem sempre se ouvem com a humildade que Deus manda as injúrias, mesmo que venham da boca das crianças. Melhor é fazer por não ouvi-las. De noite deixam-me ao menos em paz. Se todos têm medo de mim! Vê o senhor? Por coisa nenhuma do mundo, pessoa destes arredores quereria entrar, como o senhor entrou, na casa da tia Filomena, e então a que horas! Logo que vi aqui gente, conheci que era de fora da terra.

— E donde provém esse medo?

— Ora! pois não sabe que me chamam a bruxa do pinhal? Eh! eh!

Havia neste riso um fundo de tristeza, que me compungiu.

— Contudo, tia Filomena, faz mal em deixar assim desamparada esta casa; da mesma maneira que eu entrei, outros o podem fazer...

— Que entrem; não serei eu que lhes feche a minha porta. Nunca a fechei em tempos mais felizes, quando me podia recear dos maus; hoje, seria uma loucura.

— Mas olhe, tia Filomena: vou dizer-lhe uma coisa.

— Diga.

— Quando eu me aproximava, pareceu-me ver sair daqui alguém que, pela figura, mostrava ser um homem corpulento e de aspeto suspeitoso — disse eu, não querendo revelar ainda de todo a cena que presenciara.

Ao ouvir estas palavras, a tia Filomena desviou os olhos na direção do prateleiro e fixou-os por algum tempo na fileira dos pequenos embrulhos que me tinham já por vezes atraído a atenção.

— Ah! mais outro! — disse ela a meia voz, ao passo que se lhe desenhava nos lábios um sorriso amargo e quase sarcástico — continuam! eles se cansarão. — E voltando-se para mim: — Viu sair há muito esse homem?

— Haverá alguns minutos.

— Só eu o não hei de ver um dia? queria dizer-lhe... — E de repente, como fugindo à corrente de pensamentos que a arrebatava, continuou em tom muito diverso: — Sempre está um tempo! Louvado seja Deus! Parece que arrebentou alguma nuvem. O senhor há de vir muito molhado. — E, acto contínuo, apalpando-me a roupa, acrescentou com uma exclamação de surpresa pouco melodiosa: — Santo nome de Jesus! vem num lago! chegue-se aqui mais para junto do lume!

— Deixe, tia Filomena, deixe; isto não me faz mal nenhum.

— Que diz? Há lá coisa como a roupa molhada no corpo? — E um reumatismo certo. A água é inimiga dos ossos — acrescentou ela em tom aforístico. Eu observei-lhe:

— Pois olhe, tia Filomena, hoje usam os médicos lá por a cidade mandar tomar aos doentes banhos de chuva, até para moléstias dos ossos, se me não engano.

A tia Filomena encolheu os ombros.

— Isso... os médicos de hoje! Olhe, senhor — continuou ela, avivando pelo meu respeito a labareda no lar — eu bem sei que sou uma ignorante; mas toda a minha vida vi tratar as bexigas com

agasalho e chás para fazer suar; porque, vê o senhor? com o suor saem cá para fora todos os maus humores e o veneno que anda na massa do sangue. Pois, senhores, não mandou o médico da minha terra, o Senhor lhe perdoe, abrir as janelas e arejar o quarto de um pobrezinho que estava com bexigas! Em termos de elas se assanharem, que foi afinal o que aconteceu. Por isso dizem... Eu cá, olhe, vê aquelas panelas? Aí está a minha medicina. A gente há de morrer quando tiver os seus dias contados e os médicos não servem senão para fazer uma pessoa gastar dinheiro.

Este ceticismo médico da tia Filomena era talvez o único ponto pelo qual ela se podia dizer uma pessoa da sua época. Ainda assim, com uma diferença importante, é que nela esta descrença sobreviveria ao menos, creio eu, aos prelúdios da mais insignificante indisposição.

— Mas, tia Filomena — disse-lhe eu aproximando-me do fogo — Deus manda-nos olhar pela nossa saúde e então...

— É fazer por não estar doente, é fazer por não estar doente, porque depois o remédio é entregarmo-nos nas mãos do Senhor. Sai para acolá, Fusco — acrescentou ela, desviando o gato, que se lhe viera roçar voluptuosamente pelo vestido; e daí a pouco:

— Quer o senhor um chá de cidreira?

— Agradecido, tia Filomena.

— Olhe que ainda tem que ir para longe.

— Pois sabe onde eu moro?

— O senhor é o hóspede que chegou há dias à quinta do senhor beneficiado; não é?

— Exatamente.

— Logo me pareceu. Não sei como se meteu ao caminho com uma noite destas.

— Fui à caça e...

A velha pôs-se a olhar em roda significativamente e fez-me compreender que tinha dito uma tolice. Andar à caça com uma simples vara de castanho, um longo capote e àquelas horas, era de facto uma esquisitice inexplicável. Emendei o melhor que pude o desacerto, acrescentando:

— Enviei a arma para casa por o criado e, persuadindo-me que conhecia melhor os caminhos, perdi-me.

— A caça é um mau divertimento — disse a tia Filomena, dispondo o braseiro para a operação culinária. — Já têm sucedido muitas desgraças por causa dela. Um tio meu, que Deus tenha em glória, aliás muito bom cristão e temente a Deus, ia fazendo uma morte por via da caça. Muitas vezes lho ouvi eu contar, quando era pequena. Andava caçando ele e um primo, que depois foi para o Brasil, e lá casou — e por sinal que não encontrou a felicidade que esperava; era já quase noite, e tinham-se separado um do outro, quando meu tio, ao atravessar uns campos, julgou ouvir o rumorejar de folhas nuns silvados vizinhos e, suspeitando ser caça escondida, preparou a espingarda e aproximou-se; mais perto, pareceu-lhe ver por entre as folhas bulir uma coisa escura, e ainda que pelo adiantado da hora não pudesse bem afirmar-se, não teve dúvida que seria alguma ave e, fazendo pontaria, preparava-se já para disparar: quando viu sair detrás do silvado, onde se escondera para lhe meta um susto, o primo que lhe gritou: — Ai, João, que me matas! — O meu tio deixou cair logo a arma e ficou como morto. Pois desde então nunca mais o viram caçar. E muitas vezes dizia, ainda me lembro bem, que nem com armas vazias era prudente brincar; porque o demo é capaz até de carregar uma tranca.

Passado algum tempo de meditativo silêncio, a velha acrescentou:

— E depois que mal nos fazem os passarinhos do Senhor? — E dizendo isto, estendia na pedra quente do lar duas sardinhas que deviam constituir a parte principal da refeição da noite.

— A tia Filomena tem razão; mas também que mal nos faziam as pobres sardinhas que se vão agora tostar nesse brasido e que já exalam daí um cheiro que me faz crescer água na boca?

— Apetecem-lhe?

— Convidam.

— Estão às suas ordens.

— Agradeço, mas a tia Filomena tem-nas para a ceia e eu não quero...

— Graças a Deus que ainda ali estão mais. — E, sem esperar nova observação da minha parte, estendeu ao lado das duas já meio assadas outras curvas e azuladas, que pareciam, segundo a frase das vareiras, ainda a saltar vivas.

E dentro de alguns minutos achava-me eu ao lado da tia Filomena, participando da sua mais que sóbria refeição.

Não há nada para aumentar a intimidade entre duas pessoas como um repasto em comum.

O estômago é um grande conciliador; tem um poder persuasivo tal que poucos corações lhe resistem, quando ele prega a concórdia — o que sempre faz estando satisfeito. Cedendo pois à familiaridade que pouco a pouco entre nós se estabelecera, perguntei à tia Filomena pormenores do seu modo de viver atual.

— A minha vida conta-se como um Padre-Nosso rezado. Fio, apanho lenha e farrapos e com isso vou vivendo. Não é preciso muito para uma mulher da minha idade se sustentar, e por isso...

— E está há muito nesta terra?

— Há cinco anos.

— Até aí onde residia?

Em vez de me responder, pôs-se a olhar para mim daquela maneira particular às pessoas abstratas, que nos dá a conhecer, sem ilusão possível, a nenhuma atenção que prestaram à pergunta.

— Veio de longe para aqui? — insisti eu.

— De muito longe.

— Admira como nessa idade ainda se resolveu a mudar de terra. De ordinário há raízes a prenderem-nos aos lugares onde nascemos e onde passámos os nossos primeiros anos, e é sempre doloroso cortar pelas raízes.

— E, é, mas...

Há reticências que são mais definitivas do que um ponto final. Tudo está em lhes dar cena modulação, como aquela que eu ouvi neste momento à tia Filomena.

Percebi que por esse lado se me fechara a porta a indicações ulteriores e tomei outra direção.

— Então é esta toda a sua morada?

— Como vê. Aqui durmo, aqui janto, aqui trabalho e aqui hei de morrer.

— Quem sabe?

— Sim, quem sabe: diz bem o senhor. Mal pensaria eu há seis anos que tão longes terras me tinham de guardar os ossos.

A melancolia da observação conseguira até disfarçar aos meus ouvidos o timbre desagradável daquela voz.

Pus-me a olhar para esta mulher por algum tempo em silêncio. Suspeitava que ela devia ter sofrido no passado, mas havia naqueles lábios uma espécie de enérgica constrição, que me tirava a esperança de poder extrair de lá o menor segredo, se segredo houvesse.

Levantei-me e comecei a passear no quarto. Ela conservou-se sentada, de braços cruzados, balanceando o corpo com vagaroso movimento e como sem consciência da minha presença ali. Parei, com intenção, diante do prateleiro que tanto me excitava ainda a curiosidade.

Esta tática da minha parte não me valeu porém mais satisfatórios sucessos.

— Tia Filomena! — exclamei enfim ex abrupto, impacientado já com tanta indiferença.

— Senhor?

— Este papel vem de longe?

— Que papel?

— O destes pequenos volumes.

— Ah!

Pareceu-me alguma coisa embaraçada com a pergunta e respondeu, suspirando:

— Nem eu sei...

— São por certo objetos da cidade; encomendas, não!

— Talvez...

Olhei para ela, fingindo uma surpresa que estas hesitações e respostas ambíguas me tivessem causado; ela acrescentou:

— Da cidade vêm, mas... não encomendados.

Na maneira porque pronunciou aquele — encomendados — adivinhava-se um pensamento oculto, que não pude porém determinar.

— Aí tens, Fusco — disse ela em seguida, dando ao gato os restos da nossa modesta refeição. — Vá, hoje podes regalar-te.

Depois, chegando à porta, continuou:

— Felizmente que já lá vai o mau tempo. O vento virou ao norte.

Maneira muito delicada de dar a entender que iam sendo horas de terminar a minha visita.

Aceitei a advertência.

— Tia Filomena — disse-lhe eu — é tempo de me retirar; mas não posso consentir que a minha visita lhe fique sendo pesada. As suas posses não são grandes, consinta-me por isso que eu remunere...

A tia Filomena fez um gesto com a cabeça, respondendo:

— Eu sou de uma família pobre, mas na qual se ensinava às crianças a não vender a hospitalidade. — E depois, sorrindo, acrescentou: — São costumes de soberba que trouxe para a desgraça. Muito boas-noites, meu senhor, e Deus o guie.

— Mas, tia Filomena...

— Adeus, adeus. E olhe se vai cair, tenha cautela.

Não havia que lutar da minha parte; correspondi-lhe às boas-noites e pus-me a caminho de casa.

CAPÍTULO VII

Bonito! — dizia eu comigo mesmo enquanto ia vencendo o K melhor que podia as sucessivas dificuldades que parecia de momento para momento surgirem-me debaixo dos pés. — Passo uma hora na presença desta mulher enigmática, suspeito-lhe um segredo, vejo que há na existência dela um mistério, e retiro-me sem ter penetrado este carácter, sem haver decifrado este enigma. Quando hei de eu ser observador?

A balda dos rapazes naquele tempo eram estas aspirações a profundos conhecedores do coração humano. Deus perdoe a Balzac, que foi o autor involuntário dessa mania, que afinal de contas não passava de impertinente. Todo o adolescente imberbe se considerava talhado a molde para analista do coração, e colocava-se diante de qualquer pessoa com o sobrecenho contraído, o olhar fixo e o ar gravemente sisudo que caracteriza o observador pur sang.

Dessa época data o uso imoderado das lunetas, não reclamadas por defeitos visuais, mas como emblema de espírito analítico e investigador.

Um suposto estudo de caracteres era o que mais tempo absorvia aos rapazes nas universidades e nas academias. Pospunham-se, com grande desespero dos professores, os Laplaces, os Savignys, os Says, os Richerands e os Hufelands, ao Balzac, George Sand e a todos os romancistas da escola filosófica.

Eu andava um pouco imbuído do mal da época; para que hei de negá-lo? Não obstante nunca ter sido dos mais crentes nesses tais olhares, com privilégio de estiletes, que vos vão direitos ao coração, para desalojar debaixo da mais impercetível prega onde se aninhara o vosso sentimento predominante, a mola oculta do vosso carácter; adotara contudo também as minhas teorias a tal respeito, tão boas como outras que ouvia expender nas mesas de mármore e no seio da atmosfera asfixiante dos nossos botequins. Por vezes até cheguei a querer realizá-las na prática.

Aí porém é que me esperavam grandes desilusões, que foram pouco a pouco abalando o aparatoso edifício da minha ciência do coração humano.

De cada vez que ensaiava o poder perscrutador do meu olhar nas menos dissimuladas criaturas do Senhor, chegava a resultados realmente pouco de animar, verdadeiros disparates que devera registar aqui para instrução e experiência dos leitores. Porque sabido é que os disparates também encerram instrução.

Uma das minhas derrotas mais completas acabava de experimentá-la na presença da tia Filomena; e o mau humor que resultara daí seguira-me até casa, onde cheguei depois da meia-noite.

Deitei-me descontente comigo e incapaz de tudo que não fosse adormecer. Quando porém me dispunha a realizar esta única aptidão racional que sentia naquele momento, uma visita me impediu.

Junto do meu quarto dormia o filho morgado da hospitaleira família que me acolhera em casa; este rapaz, meu antigo condiscípulo e em quem a tal bossa da análise do coração humano possuía também um desenvolvimento extraordinário, era ainda a mais sujeito a insónias; e por isso, percebendo-me no quarto, vestiu à pressa o robe-de-chambre e veio visitar-me.

— Então ainda agora?! — disse ao entrar e com maneira de admirado. — Que diabo fizeste tu até estas horas numa terra

selvagem como é o meu pátrio ninho? Aposto que os olhos de alguma patrícia...

— Adivinhaste. A causa da minha demora foi uma patrícia tua — de adoção pelos menos.

— Ainda Luisita?

— Não; e desde já te previno que te não dês ao trabalho de querer adivinhar, porque nada consegues.

— Porque nada consigo! Mas se eu me sinto habilitado para te fazer inventário completo de todas as mulheres em circunstâncias de se apanhar por causa delas um reumatismo para o resto da vida?

— Ainda assim.

— É singular!

— Olha, não quero abusar da minha posição. A mulher por quem me sujeitei aos rigores desta endiabrada noite foi a tia Filomena.

— Quem é a tia Filomena?

— A bruxa do pinhal.

— Estás a gozar?

— Venho de casa dela, onde ceei.

— E que diabo foste lá fazer?

— Estudá-la.

— Ah! e então? — disse o meu amigo com um tom de voz que mostrava achar de sobra justificada a minha excentricidade por um motivo daqueles.

— O resultado da empresa fez-me lembrar de quando dantes, nos nossos tempos de estudante, me sentava à banca com firmes tenções de me pôr ao facto da lição do dia seguinte, e afinal, sem bem saber como, ia-me deitar, deixando a pobre intacta, como a procurara.

— Pois olha, eu já estudei essa mulher e tenho o meu juízo formado a respeito dela.

— Ora pois, vamos lá a ver isso. Mal sabes como eu estimo sabê-lo. Começa.

O meu amigo acendeu um charuto, recostou-se na cadeira, elevou os pés à altura do fogão e expôs-me assim o resultado do seu estudo:

— O coração do homem...

— Perdão — disse eu interrompendo-o — poupa-me a dissertação sobre o coração do homem em geral e limita-te ao da tia Filomena em particular, que já é bastante.

— Seja. A tia Filomena — continuou ele — ficou definida por mim depois de alguns momentos de observação. Regra geral, quando às aparências da miséria vires associadas as precauções da riqueza, a desconfiança que acompanha a possessão, a reserva do egoísmo, acredita que uma única solução pode ter o problema do carácter do indivíduo em quem se observa esta, deixa-me assim chamar-lhe, antinomia de manifestações.

— Chama-lhe o que quiseres e continua — disse eu bocejando.

— O sentimento que nele predomina — continuou o meu amigo — deve ser de natureza a bastar a si mesmo para a sua satisfação total, a tirar de si os meios de a realizar. Não aspira a irradiar-se; pelo contrário, tende à concentração; não é o farol que transmite em roda de si a luz a distâncias longínquas, é o revérbero que reflete os raios do foco para o foco donde partiram. O orgulho deleita-se em observar com o olhar de águia tudo quanto lhe fica inferior; a glória folga de ver o reflexo do seu esplendor nos rostos extasiados; o

amor é um som que reclama um eco... mas há um sentimento que dispensa o concurso, que busca a solidão, que intencionalmente semeia em volta de si as aversões — é a avareza...

Eu nesta passagem adormeci e não sei por isso até que ponto o meu amigo levou à evidência aquela suposta qualidade da tia Filomena.

Sinto-o por não poder registar aqui uma bem elaborada dissertação metafísica, que só poderia pecar em exatidão e mais nada.

CAPÍTULO VIII

Não foi porém impunemente que arrostei na véspera com a intempérie de uma noite ultra-romântica.

Na manhã do dia seguinte acordei rouco, a ponto de julgar prudente não sair de casa.

Ao meio-dia encontrei-me com Luisita, por aquele tempo empregada em não sei que serviço campestre na quinta onde eu residia.

— Bons-dias, Luisita, — disse-lhe eu — vê o resultado da feitiçaria? Estou rouco. O bruxedo atacou-me a garganta.

— Que quer dizer?

— Que visitei ontem à noite a tia Filomena...

— Ora!

— Palavra de honra, e até me deu de cear com a melhor vontade deste mundo.

— É impossível que se atrevesse...

— Posso jurar-lhe.

— E que viu lá? — perguntou a rapariga, fitando-me aterrada.

— Ora o que vi? A casa de uma pobre mulher que vive a mais santa vida deste mundo, ela e o seu gato, animal de hábitos caseiros, muito amigo do borralho e que para diabo me parecia bem morigerado.

— Então não viu o cabo da vassoura?

— A falar verdade, tanto não reparei; mas também, se isso é prova de feitiçaria, aposto que nem a Luisita se salva?

Ela riu-se.

— Olhe: quer então que lhe diga o único objeto menos natural que descobri em casa da tia Filomena?

— Foram as cartas?

— Não. Ela não costuma dar partidas.

— Foram...

— Foram uns embrulhos de papel fino e do mais fino, postos em carreira sobre um pobre prateleiro de pinho. Eram, pode dizer-se, a única riqueza da casa.

— Ah! pois não sabe o que isso é?!

— Eu não.

— São os novelos!

— Os novelos?

A expressão da fisionomia com que Luisita acompanhou aquela palavra foi tal que, não obstante eu não lhe compreender bem a verdadeira significação, não pude deixar de pela minha parte manifestar quase igual estupefação.

— Mas que novelos?

— Que novelos? Os dela. Pois não sabe que as bruxas têm todas uns novelos?

— Ah! não sabia. E para que querem elas isso?

— É que todo o seu poder está ali e quando morrem...

— Ah! então as bruxas também morrem?

— Morrem, sim, que dúvida.

— E então que fazem elas quando morrem?

— Deixam os novelos às pessoas que mais estimam.

— E é boa ou má a herança?

— Deus nos livre dela.

— E por quê? morre-se também?

— Nada, não senhor.

— Então?

— Fica-se sendo feiticeiro e...

— E acha isso mau?

— Está a brincar?

— Eu pela minha parte não se me dava e Deus queira que a tia Filomena se lembre de mim no testamento.

— Que diz, que diz; não repara que está dizendo um pecado?

— É ver como a tia Filomena lhes quer, aos tais novelos, que tão resguardados os traz.

— Se neles está todo o seu condão.

— Mas, por outro lado, sai de noite e deixa-os assim tanto à vista que tentam os mais escrupulosos. Eu confesso que se não fosse o gato...

— Quem se atreveria a tocar-lhes? Não que só a vista deles faz tremer.

— Eu não tremi.

— Ora! se os senhores são hereges!

Esta reflexão tapou-me a boca.

Luisita deixou-me para ir contar às amigas que a tia Filomena tinha uns novelos, que eu os vira e que só de os ver ficara sem fala, a ponto de ainda me achar rouco; e à semelhança das vizinhas de que fala o La Fontaine, as ouvintes divulgaram a história de maneira que, pouco tempo depois, me voltou aos ouvidos debaixo da seguinte versão e tão transfigurada, que me custou a reconhecê-la.

A tia Filomena tinha uns novelos — isso era ponto incontestado. Uma noite, passeando eu pelos campos, fora atraído para casa dela por um cantar de sereias e por uma corça da alvura da neve; a corça andava, andava, e eu, cego com tanta beleza ia-a seguindo por montes e vales, por abismos e ribanceiras, como se tudo fora planície, até que à entrada da casa o canto das sereias transformou-se de repente numa surriada infernal e num frenético bater de palmas, que atordoava; a corça metamorfoseou-se ao mesmo

tempo num gato preto que me saltou ao gasnete e logo um bando de feiticeiras começou a dançar em volta de mim uma valsa diabólica. Eu caí logo a dormir, já se sabe, e elas então a envolverem-me com o fio dos tais novelos e com uma pressa que metia medo. Era porque antes da meia-noite devia a tarefa ficar pronta e eu todo envolvido no fio, e a servir de núcleo àquela espécie de monelho. Então seria a morte certa, e elas poderiam à vontade sugar-me o sangue, do qual, pelos modos, tinham grande apetência.

Mas, por felicidade minha, no momento em que davam uma volta ao fio — alguém dizia até ser a penúltima — soou a meia-noite e o encanto terminou. O fio partiu com um estampido que parecia de uma bomba, houve o fumo e cheiro de enxofre do estilo, o gato preto fugiu por a trapeira, as feiticeiras desapareceram feitas em morcegos, a tia Filomena caiu redonda no chão e eu achei-me num pântano, metido em água até ao pescoço e sem fala!

Um pobre homem que passava tirou-me do atoleiro, mas quase em perigo de vida. O que ninguém dizia era quem tinha sido esse pobre homem que passava; razão pela qual não pude manifestar-lhe o meu eterno reconhecimento, como fora do meu dever. Alguns

acrescentavam ainda, à laia de moralidade, que o motivo destas minhas desventuras fora a incredulidade que professara na véspera a respeito de bruxas e feitiços. À pessoa de cuja boca recebi esta edição, correta e aumentada, da minha aventura noturna, tentei debalde fazer compreender toda a escandalosa falsidade dela. Quando negava, respondiam-me, sorrindo, que a memória não conserva estas coisas, sem que por isso elas deixem de ter existido. Contra tal modo de argumentar, não valiam objeções.

Cumpria-me pois resignar com o papel que me tinham distribuído naquela espécie de mágica de grande aparato e revestir-me das romanescas aparências de Roberto de Normandia, de endemoninhada memória.

Não era feio e tornava-me no herói da terra; porém custou-me haver assim involuntariamente concorrido para aumentar a má reputação de que havia muito gozava a tia Filomena, a qual desde então ficou sendo universalmente odiada em todas aquelas freguesias circunvizinhas.

Passaram-se quase duas semanas de continuado inverno, durante as quais raras vezes saí, e essas apenas para casa do boticário, onde me divertia a ouvir da boca dele, como novidades, coisas que

tinham já envelhecido antes de eu partir da cidade; bem como profundas considerações suas sobre o destino das nações europeias. Este boticário era um decidido amante da ordem, e professava por os perturbadores do equilíbrio político um ódio francamente cordial. Eram dignas de se ouvir as expressões virulentas e as frases acerbas de que se servia então.

Em matéria de revoluções pensava que as piores eram as que procediam de baixo para cima. À de França chamava-lhe um escândalo de sangue e de horrores; em relação ao poder temporal do Papa dizia: que o melhor era não bulir no que está quieto; lá os seus homens eram Palmerston, Palmela e o general Concha, este — por acabar com a patuleia — palavras suas. Falava vagamente na dificultosa questão do Oriente, a qual, segundo ele, se poderia resolver por um plano que nunca pude conseguir que me revelasse; a respeito da Polónia, muitas vezes lhe ouvi dizer: assim o quiseram, assim o tenham, frase sibilina que igualmente nunca desenvolveu.

Meses depois dos sucessos que vou narrando, indo visitá-lo, encontrei-o muito entusiasmado com o engrandecimento das raças latinas, ao qual, à semelhança de grandes capacidades políticas,

filia ainda hoje todos os acontecimentos e que, segundo ele, é o pensamento reservado de Napoleão. Palmerston, que para este seu entusiasta ainda vive, promete sério apoio, sem o qual nada se faria, impondo só, como condição, a anexação da Dinamarca à Inglaterra.

Esta última novidade, cujo interesse político os leitores devem apreciar, e na qual o homem depositava a mais fervorosa crença, viera-lhe, disse-me, de origem fidedigna.

Não sei se me será fiel a memória para poder reproduzir aqui na íntegra o substancioso diálogo travado desta vez entre mim e este sábio diplomata.

— Verá! verá! — dizia-me o homem, aviando dez réis de farinha de linhaça a um freguês. — O ponto está que eles queiram. As raças latinas hão de tomar o lugar que lhes compete.

— Não duvido.

— É certo. Napoleão III disse que havia de deixar assinalado o seu império por essa grande obra.

— Mas como entende o senhor o engrandecimento das raças latinas?

— É que tudo isto há de vir a formar três grandes impérios: a França com a Bélgica e a Holanda; a Itália governada toda pelo Papa; e Portugal, ao qual se há de dar a Espanha e restituir o Brasil.

— Bonita combinação! E para quando será isso?

— Não sei; mas fala-se em que Napoleão disse ao seu ministro: Meu duque...

— Que duque era esse?

— Um dos ministros...

— Adiante.

O meu interlocutor pelos modos fazia duques natos a todos os ministros.

— Meu duque, o ano que vem há de presenciar grandes acontecimentos. — Real Senhor! — respondeu o ministro — saiba vossa majestade que aqui estamos nós para cumprir as suas ordens. E então o imperador, batendo-lhe no ombro, disse-lhe: — Conto convosco!

— É importante essa notícia, mas que pensa disso Palmerston?

— Palmerston escreveu uma nota ao embaixador em Paris, na qual lhe dizia: «My lord. A Inglaterra não corta as asas às legítimas aspirações dos povos, enquanto elas não espezinham os seus direitos de nação livre. Sede prudente e deixai marchar o progresso, Deus vos guarde.»

— E o embaixador em vista disso...

— Em vista disso, limitou-se a reclamar a anexação da Dinamarca, por causa do equilíbrio.

— E consegue-a?

— Decerto que sim. Eles não querem descontentar o velho lord. De uma vez, no conselho de ministros em Paris, houve quem dissesse, falando de Palmerston: Ora deixem lá o bom do homem; daquela idade só mete medo a crianças. E sabe o senhor o que disse o imperador?

— Eu não.

— As velhas raposas, meus senhores, são as mais ardilosas e atrevidas.

E comunicando-me esta profunda sentença de Napoleão III, que não sei porque via privativa lhe chegara ao conhecimento, o meu

interlocutor, piscando os olhos, assumia um ar de completa aquiescência, que devia lisonjear Palmerston, se o tivesse observado.

Nisto interrompeu o discurso de polícia transcendente, para pesar meia onça de raspa de veado, e onça e meia de óleo de rícino, e depois continuou:

— Muito se há de ver em pouco tempo! O latim há de deixar de ser língua morta.

— Ah! pois ainda viremos a falar latim!

— Decerto. Isso depois é questão de anos. Em França já se estão organizando os estudos dos liceus nesse sentido.

— Não será então mau irmos desde já recordando o há muito abandonado Novo Método!

— Abandonado? Não por mim que nunca dei de mão ao estudo dos clássicos latinos.

Era esta outra corda sensível do pobre homem; supunha-se um profundo latinista, não obstante as continuadas silabadas com que deixava a escorrer sangue a língua de Cícero e de Virgílio. Desculpe-se-me a ambiguidade da expressão.

Depois passou a convencer-me dos erros de palmatória que tinha cometido o general Mac-Clelan nas campanhas da América; falando de Garibaldi, chamou-lhe um troca-tintas, e a respeito do México, disse-me, abanando a cabeça com ar ponderoso: Eles hão de pagar o que fizeram aos cristãos. — Como se vê, da latitude do México por diante começava a reinar grande cerração nas ideias do nosso diplomático.

Foi na instrutiva conversa deste ilustre pensador que passei algumas horas dos quinze dias chuvosos e escuros que sucederam ao da minha visita à bruxa do pinhal.

CAPÍTULO IX

Uma tarde, em que o aspeto do céu se mostrava já mais favorável, e uma extensa zona de púrpura, prenúncio certo de favoráveis reformas meteorológicas, tingia todo o Ocidente, onde o Sol acabava de mergulhar-se, dei maior latitude ao meu passeio, estendendo-o até o ponto principal de reunião das raparigas. Fui-as encontrar juntas em grupo, voltadas para o lado do monte e aparentemente empenhadas numa discussão, que prometia ser interessante.

Aproximei-me.

— Nada, nada — dizia uma, como em conclusão dos argumentos que extensamente acabara de expender — aquilo foi decerto coisa que lhe sucedeu.

— Esperem, esperem — exclamava outra, fazendo o gesto de quem procura alguma coisa na reminiscência — a última vez que eu a vi foi... foi... ora deixem ver... foi há seis dias, lá em baixo nas

azenhas. Bem me lembra. Ia muito amarela e mal se podia arrastar. Pareceu-me até que gemia.

— E que lhe disseste? — perguntou Luisita, interessada com as palavras da companheira.

— Eu?! Se mais pudesse, mais corria. Arrenego tais encontros! Olhem os meus pecados!

— E há muito que eu não vejo a luzinha pelo monte.

— Nem eu.

— Nem eu.

Disseram, umas após outras, várias vozes.

— Há de haver oito dias que a mim me disse a ti Rosa do Aidro que a mulher tinha decerto a espinhela caída — acrescentou, com ar de quem comunica uma importante novidade, a mais trigueira das preopinantes.

— Aí temos outra! Bem sabe a ti Rosa também o que são espinhelas caídas! — disse com mau humor a primeira que falara.

— Não, não sabe; que ela não tem o primo endireita em Fiães, sim.

— E anda a outra sempre a encher os ouvidos à gente com o seu primo endireita. Nem que nunca se visse um endireita senão aquele!

— Olhem! olhem! Põe-te agora a dizer mal dele também!

— Grande endireita, que deixou ficar mouco o nosso António, depois de ganhar com ele um par de moedas.

— Sim? pois olha que nem os médicos da cidade têm que lhe dizer.

— Credo! credo! Santo nome de Jesus! Nem que fosse algum doutor de capelo!

Enquanto as duas continuavam discutindo a ciência ortopédica do primo da ti Rosa do Aidro, prosseguia o resto das circunstantes no assunto primitivo.

— O que eu posso dizer é que há muito não vejo sair fumo da casa dela.

— A mulher morreu decerto ou está para isso.

— E se se fosse ver? Também para a deixar assim... — disse Luisita, como a aventurar uma opinião que não tinha firmes tenções

de sustentar.

— Vá lá quem quiser, nanja eu — respondeu imediatamente uma mocetona de constituição atlética.

— Ir lá?! Fazer o quê? Então vocês julgam que se vai assim sem mais nem menos a uma casa daquelas?

— Perguntem ali ao senhor — dizia outra, designando-me com o gesto.

Estas palavras fizeram-me dar mais atenção à conversa.

— Quem lá entrasse tinha logo o gato preto a saltar-lhe ao pescoço.

A referência a esta evolução ginástica do gato preto acabou de me demonstrar que se tratava da tia Filomena.

— Então que há de novo? — perguntei, aproximando-me. — De quem falavam?

— É que pelos modos — respondeu-me uma das do grupo — andam agora os demónios no pinhal.

— Fazendo o quê?

— Para levarem a alma da bruxa.

— De qual bruxa?

— Da tia Filomena.

— Aí voltam as preocupações! Mas que sucedeu à tia Filomena?

— Há muito que não sai de casa e que se lhe não vê fumegar o telhado. Aquilo ou está morta ou para breve.

— E então ninguém tem ido ou mandado ver?

— Quem?

— Não que o que lá for não volta.

— Ora, sempre é levar muito longe a superstição! Visto isso, há de se deixar morrer assim uma pobre velha ao desamparo?

— Deixe lá; aquelas têm por si outros poderes. Não precisam do socorro da gente.

— Pelo que vejo não há aqui ninguém que queira ir ao pinhal saber da tia Filomena?

Ninguém respondeu.

— Pois bem, nesse caso vou eu.

— Olhe o que faz! — disseram algumas vozes, em tom de advertência.

— Ainda não escarmentou? — murmuravam outras.

Luisita chegou-se a mim e, apertando-me o braço:

— É demais! Isso é desafiar o Senhor.

— Ora adeus, Luisita.

— Não vê...

— Vamos. Quando for velha há de gostar que lhe chamem também bruxa e que a deixem morrer de fome e ao desamparo?

— Mas...

— Pois olhe, Luisita, se tem muito receio, reze por mim. Eu gosto de ser recomendado aos santos por uma boca tão bonita.

Luisita não deu palavra mas conheci-lhe no gesto que ficava agourando grandes desgraças da minha excursão ao pinhal.

CAPÍTULO X

Acompanhado dos responsos e comentários das circunstantes, pus-me pois a caminho da casa da tia Filomena, cuja sorte me estava profundamente inquietando.

A noite aproximava-se, e uma nebrina densa, levantando-se dos vales, ia, a pouco e pouco, circunscrevendo em volta de mim o horizonte e estreitando-me num círculo cada vez mais cerrado de espessos nevoeiros.

O grupo das raparigas, que me seguiam com a vista quando eu começava a subir a colina, cedo se me encobriu debaixo deste véu de vapores impenetrável; circunstância que devia mortificar profundamente todas aquelas curiosidades femininas, ansiosas por gozar de longe do espetáculo que, com grande risco do corpo e da alma, eu lhes proporcionara.

Depois de ter andado alguns minutos, e quando subia já por um pedregoso e alcantilado caminho de cabras, desenvolvendo todos os meus recursos ginásticos para não rolar com uma avalanche até

ao fundo da ribanceira vizinha, pareceu-me perceber o ruído dos passos de alguém que, a pequena distância, me precedia.

Apressei-me para poder alcançar quem quer que fosse e concluir em companhia o resto da minha excursão. Em breve me foi dado consegui-lo.

A pessoa que assim caminhava adiante de mim era o pároco da freguesia, jovem sacerdote que eu mal conhecia ainda, mas cujas maneiras afáveis e delicadas e seriedade superior aos seus anos me tinham feito já simpatizar com ele. Vendo-me, parou a esperar-me.

— Por estes sítios! Agradam-lhe também os passeios dos montes?

— Não foi para passear que vim até aqui, mas para socorrer uma pobre mulher que a cega superstição desta gente ia talvez deixar morrer ao desamparo. E quem sabe se ainda chegarei a tempo.

O reitor olhou para mim, perguntando-me:

— Refere-se à tia Filomena?

— Exatamente, a ela mesma.

— Então ofereço-lhe companhia, eu também me dirijo para lá.

— Também?!

— É verdade. Todas as sextas-feiras essa pobre mulher me procurava. Faltou-me esta semana, esperei-a ontem debalde e por isso pus-me a caminho hoje, por igualmente recear alguma desgraça.

— Mas não é uma bárbara crença a deste povo?

— Então que quer? A ignorância é sempre supersticiosa.

— Mas... e perdoe-me dizer-lhe isto, senhor reitor; não poderiam algumas palavras da sua parte desvanecer essas abusões?

O reitor sorriu melancolicamente.

— E pensa que as não tenho dito? Há apenas dois anos que vim para esta abadia. O meu predecessor era, pelo que pude saber dele, um santo homem, esmoler e honrado, mas de uma superstição grosseira, eivado de erros e de preconceitos que a falta de instrução e nenhuma cultura de espírito tinham feito pulular. Era ele o primeiro a acreditar em todas as tradições de duendes e de almas penadas e a usar de esconjuros, amuletos e ervas contra feitiços. Na residência deparou-se-me uma abundante coleção desses objetos,

com que o bom do homem julgava prudente munir-se contra os ataques dos maus espíritos e das feiticeiras. Faça ideia de como devia andar a imaginação desta gente quando um pároco, que residia aqui havia perto de dezoito anos, lhe dava tais exemplos. Nos primeiros dias em que assumi as funções paroquiais, percorrendo os papéis do meu antecessor, encontrei entre outros documentos não pouco curiosos, nos quais ele registava várias observações criticas a respeito dos seus paroquianos, um que mais que todos me interessou. O conteúdo era, pondo agora de parte a ortografia muito sua, pouco mais ou menos o seguinte:

«Em Agosto de 50 veio residir para esta minha paróquia, escrevera ele, uma velha mulher que diz chamar-se Filomena — nome pouco de gente cristã e batizada. Vinha miseravelmente vestida e foi viver para uma pequena casa do Pinhal. Ainda não procurou sacramentos e é de poucas falas. Logo que ela aqui chegou, começaram a morrer crianças de um modo nunca visto. Ficavam roxas e chupadinhas que fazia dó. Depois deu a mortandade nos carneiros, que caíam nos campos, como tordos. Bem se vê que a mulher é suspeita. Pelos modos, ouve-se por altas horas em casa dela gritos agudos, e de noite corre fadário nos montes feita numa luzinha. De vez em quando, vem visitá-la um homem de má catadura. Tudo faz

crer ser ela bruxa refinada. Há tempo, falando-lhe, ouvi-lhe palavras sacrílegas. E ovelha que já não espero salvar.»

Assim terminava o original apontamento do pobre cura, o qual, como é de crer, me excitou mais interesse ainda do que simples curiosidade. Indaguei de várias pessoas relativamente a Filomena e pude então reconhecer como se tinham já arreigado nestas imaginações incultas as ideias supersticiosas do pároco. As informações que me foi possível colher representavam-me de facto Filomena como um ente sobrenatural, em relação íntima com os espíritos maléficos e dotada de poderes extraordinários para evocar as almas dos mortos em pecado e outros absurdos semelhantes.

Quis desvanecer esses preconceitos, combati-os como pude; consegui apenas ser daí por diante olhado com suspeita pelo povo, que via na minha incredulidade uma espécie de heresia. Decidi-me a procurar a tão falada tia Filomena. O que fui encontrar, procurando-a, deve supô-lo o senhor, que, pelo que vejo, mostra conhecê-la também. Uma desgraçada e nada mais. — Filomena veio de longe para aqui. O motivo desta emigração foi uma desgraça de família, que ela me revelou sob o sigilo da confissão.

Quando chegou a esta terra, trazia a pobre mulher no coração o desespero, e nos lábios a blasfémia que o delírio lhe arrancava.

Se não tivesse encontrado um pároco sem preconceitos, que compreendesse as causas daquele estado doloroso, que tentasse sanar as feridas, ainda gotejantes de sangue, daquele coração aflito, a cura seria fácil. Mas o desprezo de que se viu rodeada exacerbou-lhe os padecimentos e, cada vez mais entregue ao infortúnio, ia perdendo até os sentimentos religiosos, que por tanto tempo tinham sido seu único e eficaz auxílio. Uma epidemia de garrotilho que fez mil vítimas nas crianças e não sei que moléstia que por aqueles tempos grassou no gado, chegando a sacrificar rebanhos inteiros, vieram concorrer para arreigar estas superstições, que tão amarga tornaram a sorte, já mal-aventurada, da pobre Filomena. Quando pela primeira vez lhe falei, senti-me desanimar; confesso a verdade, tão desesperada a vi, que julguei ter chegado tarde: pareceu-me que seriam baldados todos os esforços para chamar de novo à comunhão das ideias cristãs aquela pobre alma abatida pelo infortúnio. Enganei-me todavia; consegui-o em pouco tempo e hoje é uma das mais religiosas criaturas da minha freguesia.

— O que não evita continuar a ser olhada pelo povo como bruxa e cruelmente odiada.

O reitor notou, sorrindo:

— E o melhor da história é que nem todos me poupam também; aqui onde me vê, tenho adquirido a minha reputaçãozinha de feiticeiro ou coisa parecida.

À verdade desta observação servia de testemunho a conversa que eu ouvira dias antes às raparigas do lugar a respeito do reitor.

Tínhamos enfim chegado à porta da humilde habitação da imaginária bruxa, quando perguntei ao meu companheiro o que ele conjeturava dos pequenos embrulhos de papel a que Luisita chamara os novelos da tia Filomena.

Ouvindo esta pergunta, o jovem reitor olhou para mim tristemente e, com uma voz reveladora de verdadeira comoção, respondeu-me:

— Isso resume quase toda a história desta mulher. E um ente singular e tão digno de respeito e estima como de compaixão.

Foi o único esclarecimento que obtive.

Entrámos enfim no quarto da tia Filomena.

CAPÍTULO XI

Era já noite fechada; a última claridade do dia desmaiara a pouco e pouco no ocidente, apenas agora tingido de uma uniforme cor de violeta. Do lado oriental, começava a surgir a Lua por detrás dos pinheiros, que se desenhavam em negro sobre o fundo de nuvens em que o astro difundira um colorido inimitável. A única porta da habitação da tia Filomena ficava voltada para este lado e os raios do luar, penetrando por ela, davam a todo o recinto um aspeto indefinível de tristeza e de pavor.

Parámos no limiar escutando se algum ruído nos advertia da presença da solitária velha, cuja vida tão desfavoravelmente comentada estava sendo em toda a aldeia e os seus arredores.

Reinava o mais completo silêncio.

— Saiu talvez — disse eu, enquanto que outra coisa bem diversa me pressagiava o coração.

— Saiu ou... quem sabe? — respondeu-me o reitor, expressando nesta hesitação o mesmo triste pressentimento que eu tivera.

Demos alguns passos dentro da sala. — O mesmo silêncio.

— Tia Filomena! — exclamei então, erguendo a voz.

Ninguém me respondeu.

Guiados pelo luar, chegámos ao fundo do quarto, onde sabíamos estar situado o leito da pobre mulher.

Então pudemos distinguir uma forma alvacenta, como de corpo inanimado, que involuntariamente nos fez recuar de terror.

Vencemos porém este primeiro movimento de repulsão e aproximámo-nos.

Era ela! a tia Filomena regelada, hirta, com os braços pendidos fora do leito, os olhos abertos, a vista fixa, imóveis e contraídos os lábios, e as faces mais emaciadas e pálidas que nunca!

— Que desgraça! — exclamou o jovem reitor, juntando as mãos. — Pobre mulher, morta, morta assim!

Palpando-lhe o peito, julguei sentir ainda bater-lhe frouxo e compassado o coração.

— Morta ainda não — disse ao reitor, comunicando-lhe a minha descoberta — parece-me perceberem-se-lhe ainda uns restos de vida prestes talvez a abandoná-la de todo.

Como para confirmar a verdade das minhas palavras, a mísera fez um movimento e, com voz sumida, perguntou:

— Quem é que está aqui?

— E o senhor reitor — respondi-lhe, curvando-me sobre o leito.

— Ah! pois veio?! — disse a pobre mulher, em cujo rosto percebi desenhar-se uma expressão de suprema felicidade. — Ainda bem, ainda bem! Onde está ele?

— Estou aqui — disse o reitor com a voz presa pela comoção que experimentava.

Filomena agarrou-se-lhe à mão.

— Como foi bom em vir! Não me deixe, enquanto não estiver morta, não? Tenho tido medo de me ver só. Como é triste ver-se a gente morrer só, só!... sem amigos, sem ninguém que chore, sem ninguém que console! Nunca pensei que chegaria a isto, meu Deus!

— Sossegue. Aqui nos tem. Mas não há de morrer ainda.

— Morro, morro, eu sinto que morro e ainda bem que assim é. Viver como tenho vivido há anos é pior, muito pior. Eles pensavam que a feiticeira... como sempre me chamavam, coitados! não sofria por se ver assim aborrecida e desprezada; ai, se sofria! se soubessem a minha vida toda! ... — E depois, interrompendo-se, apertou com violência a mão do reitor, bradando como sufocada: — Senhor reitor, ai, senhor reitor, a sua bênção depressa, eu sinto que vou morrer. Sinto, sinto!

E erguia-se com a contração enérgica da última agonia.

O reitor, após uma fervorosa oração, elevou os olhos ao céu e abençoou a moribunda, que na aparência se diria já cadáver.

De repente ainda meia erguida e sustentada por nós ambos, e com olhar vago, as mãos juntas e os lábios desmaiados e trémulos, ela começou murmurando uma prece, cujas palavras não pude perceber. O reitor observava-lhe os movimentos com um gesto de compaixão e em voz baixa rezava também as orações da agonia.

A meia claridade que reinava no aposento, refletindo-se naquele triste grupo, aumentava-lhe o aspeto lúgubre e melancólico, e infundia no ânimo não sei que íntimo e religioso pavor.

Passados alguns instantes, em que eu só podia ouvir o respirar ansiado da agonizante e o murmurar das orações do reitor, aquela elevou a voz e interrompendo-se a cada passo, extenuada pelo esforço, começou dizendo como em delírio:

— Era o meu dever; não era, senhor reitor? Olhe, ele aí está todo. — E apontava para os objetos do prateleiro. — Não lhes toquei... Se vier... diga-lhe... que eu cumpri o meu juramento... mas que lhe perdoei... Já agora...

Calou-se por algum tempo; depois com a voz cada vez mais sumida, acrescentou com aquela carinhosa meiguice só das crianças e dos doentes conhecida:

— Deitam-me para baixo? deitam?

Ajudámo-la a deitar.

— Assim — continuou ela — obrigada. Ai, sinto-me tão fraca... parece-me que vou dormir. Se me apagassem aquela tocha? Não sei para que a acenderam.

Coloquei-me diante da porta, para encobrir aos seus olhos a claridade da Lua, que parecia incomodá-la.

— Ora agora, não façam ruído, porque tenho sono e bem conheço que vou dormir... bem conheço...

Fechou os olhos por algum tempo, abrindo-os logo depois angustiada.

— Ai, não estou bem! Por quem são, virem-me, virem-me para o outro lado.

Voltámo-la como ela desejava.

— Ah! — disse depois, suspirando profundamente. — Agora sim... estou bem!

Estava morta.

O reitor caiu de joelhos junto daquele pobre leito abandonado de todos.

Deste recinto que os boatos da aldeia faziam habitado por espíritos malignos, acabava de subir ao Céu a alma de uma santa criatura.

A impressão que me causou toda esta cena manteve-me imóvel e silencioso, fitos os olhos naquela mulher que se finara e no sacerdote que murmurava ao lado dela, e quase soluçando, as orações mortuárias.

Pouco a pouco um tumulto de vozes e passos apressados, que havia já alguns instantes me chegava confusamente aos ouvidos, veio distrair-me a atenção. Por as frestas da porta, que o vento tinha cerrado, percebia-se um clarão avermelhado, que, projetando-se na parede caraira e no leito onde jazia o cadáver, dava ainda, se era possível, à cena mais sinistra aparência.

O sussurro ia-se de momento para momento fazendo mais distinto. Era evidente que procuravam a casa da tia Filomena.

Receoso de que as ideias supersticiosas do povo e a aversão que lhe inspirava a suposta bruxa o conduzissem a algum acto de violência, ao qual a minha demora, decerto interpretada para mal, servisse de pretexto, corri para a porta com o fim de evitar, se fosse possível ainda, a profanação de umas cinzas.

Nesse mesmo instante porém reconheci a voz de Luisita, exclamando:

— E aí.

E imediatamente a porta abriu-se com violência, penetrando logo no interior o clarão de muitos archotes acesos, sustentados por criados de libré, cuja figura e trajo não eram conhecidos na aldeia.

Ainda eu não voltara a mim da surpresa que o inesperado da cena me produzira, quando vi sair dentre a multidão, que parecia afastar-se com respeito para lhe dar passagem, uma mulher elegante, distintamente vestida e que pelas formas e vivacidade de movimentos supus ser ainda jovem. Encobria-lhe as feições um comprido véu de cor escura, mas não tão discretamente que lhe não denunciasse a beleza ainda que deixando muito a adivinhar.

Entrou na sala com passos rápidos e agitada; e, encontrando-se de frente comigo, disse-me, juntando as mãos e com um gesto em que se reconhecia uma não simulada ansiedade.

— Ainda vive?

— Está morta — respondeu o reitor, em pé junto à cabeceira do leito; e na inflexão de voz com que pronunciou estas palavras julguei reconhecer não sei que tom de severidade, que me impressionou.

Esta notícia pareceu fulminar a desconhecida.

Levou as mãos ao seio e soltou um gemido, tão profundamente expressivo de dolorosa angústia, que me fez subir as lágrimas aos olhos.

Depois, como cedendo a atração irresistível, correu ao leito, apoderou-se de uma das mãos regeladas da morta e, pousando-lhe os lábios, caiu de joelhos, bradando entre soluços, que lhe sufocavam a voz:

— Minha mãe! oh! minha pobre mãe!

O meu espanto era completo. Olhei para o reitor. Vi-o imóvel e mudo, presenciando com gesto austero e impassível esta cena comovente.

Quem era pois esta mulher, a chorar assim junto do cadáver da infeliz que tão esquecida vivera, mais aborrecida do que estimada, e tanto ao desamparo vira aproximar-se-lhe a hora da agonia final?

— Minha mãe — continuava a pobre senhora ainda de joelhos — agora que eu vinha receber as suas bênçãos, agora que eu me julgava feliz, que esperava enxugar-lhe as lágrimas e obter o seu perdão... para que me castiga assim, morrendo sem me perdoar?

— Perdoou-lhe! — disse o reitor com voz firme e austera.

A recém-chegada ergueu os olhos para ele, mas, como se compreendesse a severidade daquele olhar, que parecia desafiar o seu, baixou-os imediatamente, perguntando lacrimosa e trémula:

— Viu-a morrer?

— Assisti-lhe até ao último suspiro.

— E ela... falou-lhe de mim?

— Havia-me contado a sua história.

— Disse-lhe...

— Tudo.

— E perdoou-me?

— De todo o coração.

— Mas ignorava que eu havia enfim conseguido merecer-lho, esse perdão que tantas vezes lhe implorei.

— Mais grato será a Deus.

— Ó minha mãe! pobre mãe! Se eu te escutasse ao menos as últimas palavras. Quero vê-la. Como aqui está escuro! Uma luz, uma luz.

Um dos criados aproximou-se com o archote. A jovem senhora desviou então o véu que a encobria até ali, patenteando o rosto,

verdadeiramente deslumbrante de beleza, e naquele momento as lágrimas mais faziam realçar.

Fitando os olhos no aspeto macilento e decomposto da mãe, soltou um grito dilacerante, e, cobrindo o rosto com as mãos, desatou em soluços que comoviam o coração de quantos os escutavam.

— Jesus, meu Deus! O que fizeram seis anos de infortúnio! Oh, desgraçada de mim! Pobre mãe! — continuou ela, cobrindo de beijos aquelas faces já frias. — Como não sofreste para assim envelhecer em seis anos! Seis anos! Aqui, só, neste monte, nesta casa, tão mal abrigada, tão mal vestida! Mas... Jesus, meu Deus... acaso... — e pôs-se a olhar em volta de si com a vista perturbada.

O reitor, que pareceu compreender aquela interrogação muda, segurou-lhe no braço e, encaminhando-a para junto do prateleiro, onde se divisavam os misteriosos volumes de que tenho falado, disse-lhe, apontando para eles:

— Olhe. A sua infeliz mãe morreu pobre e desamparada.

A aflita senhora, olhando para os objetos que lhe designava o reitor, fez-se pálida e pareceu prestes desfalecer.

— Meu Deus! Ai, meu Deus! — bradou, torcendo as mãos — a minha culpa foi pois tamanha que merecesse este castigo?

O reitor mostrou-se comovido, ouvindo este grito de não fingido desespero, e pela primeira vez se desarmou da fria insensibilidade, que eu até então estranhara nele.

— Perdoou-lhe, senhora. Sossegue. E se o que ela havia tanto desejava para lhe estender os braços de mãe se realizou enfim, confie que do Céu, onde está, o saberá, como o poderia saber na terra, que para sempre deixou.

A filha da tia Filomena, depois de mais uma vez abraçar o cadáver da mãe, chamou os criados, que entraram no aposento. Junto com eles vinha Luisita, cuja curiosidade pudera enfim abafar os supersticiosos terrores.

— Procurem pousada na aldeia — disse-lhe a senhora, dominando ainda a custo a comoção — e mandem-me alguma mulher que queira ficar hoje comigo aqui.

Espanto entre a criadagem.

A senhora continuou:

— Aqui, junto do corpo da minha querida mãe.

E, dizendo isto, corriam-lhe as lágrimas pelo rosto abaixo.

— Fico eu, senhora — disse Luisita, adiantando-se e chorando também.

D. Margarida — que tal era, como depois soube, o nome da senhora — viu estas lágrimas, e recompensou-lhas com um beijo afetuoso!

O bom coração de Luisita ganhara neste momento uma grande vitória sobre a sua má cabeça.

Os criados voltaram à aldeia, comentando cada qual ao seu modo o sucedido.

Eu vim para casa só. O reitor ia retirar-se comigo, quando D. Margarida lhe disse com voz triste:

— Quer ouvir o resto da minha história, senhor reitor? Preciso da sua absolvição e dos seus conselhos.

O reitor anuiu.

CAPÍTULO XII

Eram seis horas da manhã do dia seguinte, quando me vieram acordar, dizendo-me que era procurado.

— Por quem?

— Por o senhor reitor.

Apressei-me a descer à sala, onde efetivamente o reitor me estava esperando.

— A que devo a felicidade desta visita?

— Reclamo os seus serviços.

— Estou à sua disposição.

— Trata-se de umas exéquias solenes à tia Filomena; coisa, a falar a verdade, tão rara na aldeia, que me vejo embaraçado para lhe dar expediente. Não tenho conhecimentos na cidade e portanto...

— Deixe isso ao meu cuidado. Escrevo a um amigo meu, muito visto nestas coisas e que espero que sairá bem do negócio.

— Então acompanha-me à residência para alguns esclarecimentos e mais almoçará comigo?

— Às ordens.

Vesti-me e segui o reitor.

A residência não ficava distante; demos aviamento ao necessário. De lá mesmo escrevi uma carta a um amigo do Porto, encomendando-lhe os aprestes para as exéquias, e após subi para o quarto do reitor, quarto modestamente mobilado, sem trastes de luxo, mas com uma simplicidade que revelava bom gosto.

Numa só coisa desdizia este quarto dos hábitos singelos de vida do jovem sacerdote; era na livraria, bastante fornecida e seleta e que, pela desordem em que a vi, conjeturei não gozar de prolongados remansos.

Junto à cabeceira do leito e ao lado do velador encontrei, ainda aberto, o Génio do Cristianismo. Outros livros porém, menos ortodoxos, cobriam a mesa, as cadeiras e até o pavimento. Fácil me foi descobrir a um lado o Jocelyn, mencionado pela cúria no Index

librorum prohibitorum junto dele, o Eurico, de igual imoralidade; mais além, os Lusíadas — não obstante o seu escandaloso amálgama de religiões; sobre o Paradise lost, o pagão do Homero; ao lado dos Mártires, a Eneida; de envolta com a Crónica de S. Domingos e a Vida do Arcebispo, a História dos Girondinos; a Guerra dos trinta anos, em contacto íntimo com os Anais da propagação da fé; o Memorial de Santa Helena, ao pé da Imitação de Jesus Cristo, e o Teatro de Vítor Hugo, de Schiller e de Garrett, não muito longe dos Sermões de Vieira, das obras de Fénelon e da Nova Floresta de Bernardes.

O reitor, vendo-me a examinar a biblioteca, corou e disse-me com certo enleio:

«-Ainda me não pude desfazer de antigos hábitos. Leituras dos meus primeiros anos e dos tempos de rapaz, pouco próprias talvez hoje. À batina só fica bem o breviário.

— Não se justifique para comigo, porque não lhe admito a culpa. O breviário de per si nem sempre é bom conselheiro. Haja vista o seu predecessor, que pelos modos não tinha cometido esse pecado que parece estar a pesar-lhe na consciência.

O reitor sorriu.

Sentámo-nos à mesa para almoçar, e no entretanto disse-me o reitor com expressão de sentida melancolia:

— Vai saber a história da Filomena. Quer ouvi-la?

Fiz-lhe sinal de que o desejava.

— É muito curta. Esta desgraçada mulher vivia a oito léguas daqui com uma filha única, que lhe ficara da idade de seis anos, quando o marido, morto numa dessas lutas civis que assolaram o reino, a deixou na mais triste e indefesa viuvez. Os sacrifícios que fez a pobre mãe para evitar a miséria, que temia menos por si do que por a tenra criança de quem era o único amparo, foram imensos e só talvez bem compreendidos por quem, como nós outros párocos, vive em contacto com esta infortunada gente, para a qual cada dia, cada instante de vida é uma vitória ganha sobre a adversidade. Trabalhava de noite e de dia; à luz do Sol, como à luz da lâmpada; nas longas e frias noites de Inverno, como nas formosas noites de Estio; sempre curvada à mesa do trabalho, sempre vergada sob o peso de tão dolorosa cruz! Assim passaram muitos anos daquela existência de amor e de abnegação, assim se exauriram as forças e o vigor daquela mãe extremosa; e o resto de vida que lhe não absorvia o trabalho, consumia-lho a maternidade,

difundia-se nos mil desvelos e carícias com que rodeava o berço da inocente; — com os adornos de afetos, já que lhe escasseavam os da riqueza, que para ela só invejara. A filha crescia, sorrindo no meio da miséria e desconhecendo-a; ignorância feliz dos primeiros anos, comparável à da flor, que desabrocha à borda do abismo. Vivia dos sacrifícios e abnegação da mãe, e de tão pequena vivera deles, que desaprendera a apreciá-los, por essa involuntária ingratidão dos filhos, que mais parece uma lei a que obedecem os afetos humanos. Crescia em idade e em formosura a ponto de ser o enlevo dos habitantes do lugar. Aos dezoito anos, fascinava; falava-se dela léguas ao redor. Foi a desgraça da mãe, que então se revia ainda em tanta beleza, à semelhança dessas crianças imprudentes que se debruçam na corrente, fascinadas pela limpidez que lhes reflete o céu.

O filho de uma rica família das proximidades viu a inexperiente rapariga, apaixonou-se por ela, confessou-lhe o seu amor, soube fazer-se correspondido e um dia... Margarida desaparecia de casa. Espalhou-se a nova na aldeia; a mãe esteve quase louca, muito tempo correu como perdida por todos os lugares, encontravam-na de noite e de dia; às vezes adormecida de cansaço nos marcos das

estradas; até que depois a perderam de vista na aldeia e disseram-na morta.

Foi então que veio para aqui com o desespero no coração, alucinada a ponto de blasfemar; por isso o velho reitor, como já lhe disse, a julgou possessa. A crença espalhou-se, a coincidência de certos sucessos parecia justificá-la; e esta desgraçada mãe, só digna de compaixão, viu-se repelida, odiada e desprezada de todos!

No entretanto a filha, que cedera à sedução, inquieta pela sorte da mãe, procurava-a. Soube do seu desaparecimento da aldeia, enviou emissários para averiguarem o lugar da sua nova residência, se é que ela ainda existia. Foi feliz em tais pesquisas. Vieram da parte da filha procurar Filomena, trazendo-lhe cartas dela; a pobre mãe, cujo coração todo se alvoroçava só de vê-las, rejeitou-as sem sequer as ler, dizendo: — que nunca essa malfadada voltasse para junto de si enquanto não tivesse purificado pelas bênçãos da Igreja o erro da sua juventude. — Esta obstinada recusa, fundada num arreigado sentimento de honra e decoro, dilacerava o coração das duas!

O amante de Margarida era de nobres e generosos sentimentos; mas, sujeito à vontade de uma família cheia de preconceitos de

nobreza e das distinções hierárquicas, nem ao menos ousava falar-lhe num a união, que ele também cordialmente desejava.

Margarida quis acudir à miséria da mãe enviando-lhe algumas somas de dinheiro. Filomena rejeitou-lhas, dizendo que antes quereria morrer de fome do que viver de vergonha. A filha propôs-lhe abandonar o amante, voltar para junto dela e trabalhar para lhe sustentar a velhice; repeliu igualmente a oferta, com a mesma pertinaz firmeza com que tinha rejeitado as outras.

Isto há de lhe parecer talvez um mal entendido rigor, mas verá que se baseava no afeto profundo que alimentava o coração.

Margarida recorreu então a um piedoso expediente. Sabendo que Filomena saía a miúdo e que nunca se dava ao trabalho de fechar a porta da pobre casa, mandava todos os meses um criado de confiança a espiar o momento em que ela estivesse fora, para lhe remeter os socorros pecuniários. Era quase sempre de noite que isto se efetuava, pois Filomena, para evitar os insultos com que a perseguiam, raras vezes saía de dia. Este homem entrava-lhe então em casa, pousava o dinheiro de Margarida sobre um prateleiro que havia na sala: eram os embrulhos de que me falava ontem.

— Os novelos da tia Filomena, como me dizia Luisita. Adiante.

— Filomena suspeitava a procedência da remessa e por isso nem lhe tocou. Quatro anos sucessivos, mês por mês, se renovou a oferta; enfileiravam-se os pequenos rolos de dinheiro que o mensageiro religiosamente depunha no lugar costumado e Filomena nem ao menos sabia a quanto montava já a soma assim acumulada. O criado, que estranhara esta abstenção da velha, comunicou tudo ao amo. Este porém, para não afligir Margarida, recomendou-lhe segredo e ordenou-lhe que continuasse de igual forma a cumprir a sua missão. As somas sucediam-se e Filomena, que tantas vezes lutava com a necessidade, deixava-as no mesmo sítio em que as encontrara.

Quando a conheci, contou-me tudo. Os instintos religiosos, renascendo nela, aumentavam-lhe mais ainda os escrúpulos e firmavam-na nas suas resoluções. Se alguma vez eu lhe falava em perdoar à filha, a pobre mulher respondia-me, soluçando:

— Isso me diz há muito o coração, senhor reitor, mas, se eu o fizesse, a infeliz vinha-se-me lançar nos braços e esse homem, que a ama ainda, esquecê-la-ia em breve e com ela as promessas que lhe jurou. Ele não é mau. E se, para que eu perdoe, souber necessária a reparação, tarde ou cedo lha dará.

Eu não confiava muito nisso, mas como teria alma de tirá-la desta crença?

Os socorros que recusara à filha recebia-os com humildade das minhas mãos. Sabia da repugnância que lhe tinham na aldeia, e nunca por isso de dia ali desceu mais. Quis obrigá-la a ir à missa, não o pude conseguir. Havia no carácter desta mulher um misto de firmeza e timidez notável! — Essa gente, coitadinha — dizia ela muitas vezes — não assistiria com fervor à missa se me vissem ao seu lado. — E contudo afligia-se por ser privada de assistir ao santo sacrifício.

Lancei mão de um expediente. Há aí por detrás do monte uma pequena capela abandonada há muito. Um dia na semana lá ia eu celebrar missa só para a pobre mulher. O meu ajudante, que era o sacristão, é talvez o único homem na aldeia que não participa já da opinião do público a respeito da tia Filomena. Coitada! não pôde ver na terra realizado o seu mais ardente desejo! Quando expirava, corria a filha aos seus braços a dar-lhe alvoroçada a notícia de que as orações de tantos anos tinham sido ouvidas. Fora enfim recebida como esposa pelo homem que motivara estas desgraças. Por morte

do pai e atingindo a maioridade, ele não quis retardar muito tempo a realização do desejo de ambos.

O fim já o não ignora. A filha inconsolável quer satisfazer para com a mãe a dívida contraída, por meio de umas exéquias solenes na igreja paroquial. O dinheiro acumulado e intacto das sucessivas mesadas, que enviou a Filomena e que monta à quantia de novecentos mil réis, vai ser distribuído pelos pobres da freguesia, sendo eu o encarregado da distribuição.

Aí tem a história da tia Filomena, de cujo sigilo fui remido por a filha, que, divulgando-a, pretende justificar a memória da mãe, tão caluniada em vida. — E, erguendo-se da mesa do almoço, o reitor acrescentou:

— Era uma santa!

CAPÍTULO XIII

Esta história divulgou-se: mas não fui eu que a contei. Luisita, cuja crença nos feitiços da tia Filomena ficara muito abalada depois da triste cena a que assistira, foi, como já disse, a única que ousou passar a noite com a filha da defunta. Como é de crer, não era para dormir que aí se achavam as duas. Conversaram, e D. Margarida, simpatizando com a sua jovem companheira, contou-lhe toda a história. No dia seguinte Luisita, um pouco por vontade de falar, um pouco com o desejo de desvanecer as más opiniões da aldeia a respeito da tia Filomena, pôs-se à obra, e dentro em pouco era o facto de todos sabido.

Fez-se justiça, ainda que tardia, a Filomena, e já corriam todos para a casinha do pinhal, como para uma ermida de Senhora aparecida. Duas velhas beatas disputaram, quase a murro, a posse do gato, que no resto da vida se tornou o mais benquisto da aldeia. A fantasia popular, tão fecunda em inventar lendas milagrosas como traças de Satanás e dos seus adeptos, referia agora virtudes da tia

Filomena que deixavam a perder de vista as antigas façanhas de feitiçaria que lhe atribuíam.

Também me ri muito com o meu amigo da sua espantosa ciência do coração humano.

Aquela monumental dissertação era de uma solidez de alicerces formidável, só tinha o pequeno defeito de ser completamente inexata.

Oito dias depois faziam-se esplêndidas exéquias à tia Filomena; assistiu toda a gente do lugar. Foi coisa ali nunca vista.

Após, fez o reitor a distribuição das esmolas, colhendo as bênçãos dos pobres, que choravam de alegria.

À porta da igreja encontrei Luisita a limpar os olhos, comovida pelo facto edificante que presenciara.

— Então, Luisita — disse-lhe eu aproximando-me — e os novelos da tia Filomena?

A engraçada rapariga levantou para mim os olhos mal enxutos, sorriu melancolicamente e não deu resposta.

— Abençoados novelos — acrescentei eu — que deram para tecer tantas camisas aos pobres!

UMA FLOR ENTRE O GELO

CAPÍTULO I

No tempo em que comecei a ir ao teatro estavam muito em moda os dramas em cinco actos com o complemento de uma farsa.

As plateias, os camarotes, as galerias e até a fleumática orquestra, depois de carpirem, com não fingida sensibilidade, as infaustas e tenebrosas aventuras do herói ou da heroína do primeiro dos espetáculos exibidos, acalmavam o sobressalto nervoso, que de tão continuados sustos lhes ficara, rindo, a bandeiras despregadas, à custa do velho iludido, tipo predileto da veia cómica de então.

O amor extemporâneo de um velho, os seus ciúmes insofridos, os seus acessos de cólera quase epiléticos e a intriga combinada contra ele entre a ingénua, vítima principal dessa paixão incómoda; o amante preferido e o criado astuto que dirigia o enredo, tentado pela bolsa recheada do galã e pela mão nívea da lacaia, propícia aos amores da ama: — tal era de facto o eterno e inesgotável tema glosado, com mais ou menos variantes, pelos Plautos e Terêncios da época.

A moda viera não sei se da Itália se da Espanha, mas generalizava-se rápida e extraordinariamente.

Beaumarchais foi um dos que a seguiram em França e com extrema felicidade; outros modelaram por os dele esses tipos genéricos, sem os quais quase não se concebia comédia, e, por mais desgraciosos que lhes saíssem os arremedos, tinham a certeza de os verem bem acolhidos.

O nosso António Xavier não se pode dizer dos mais infelizes na tentativa; o seu Manuel Mendes, de popularíssima memória, bem mereceu os aplausos que o público tão generoso lhe prodigalizou.

Por muito tempo as plateias saboreavam estes acepipes teatrais, sem que da repetição se enfastiassem.

Eram já tão seus conhecidos os personagens que custou deveras a desabituá-las deles; como que se não entendiam com outros.

Queriam-se com o seu Pantalião ou Lançarote, tutor decrépito, desastradamente apaixonado por uma ingénua pupila, que só tinha a malícia indispensável para o enganar a cada momento; reviam-se na figura elegante dos Leandros e Florindos, cujos conceituosos requebros e pieguices amorosas escutavam com ouvidos

complacentes; as jovialidades e astúcias do criado, os seus diálogos equívocos com a lacaia, as suas arlequinadas e tramoias a bem da causa comum, tudo saudavam com a mais decidida e clamorosa simpatia.

A ação seguia entre aplausos contínuos o curso regular.

Cada esforço que o velho fazia para o bom êxito dos seus projetos amorosos pervertia-lho a fatalidade em desserviço deles, e na cena final, quase sempre a das escrituras, quando se preparava para dar a batalha decisiva que devia coroar-lhe a constância, não desmentida entre desenganos e reveses, todos, até o próprio tabelião, se conspiravam contra ele, o malfadado via, no meio de risadas gerais, passar a pupila para os braços do amante, que, nesse momento solene, deixava cair o nariz de papelão, valioso auxiliar da última façanha.

Entrava-se em explicações, patenteava-se à vítima a trama minuciosa da intriga e ela acabava por perdoar e, o que mais é, tomava à sua conta o moralizar o facto.

Redobravam os aplausos; o casamento final justificava os meios, nem sempre demasiado lícitos, empregados para o fazer vingar; os espectadores retiravam-se satisfeitos, e tendo por essa forma

afugentado as disposições para pesadelos e sonhos angustiosos que o drama lhes produzira, ceavam bem e dormiam melhor.

Ora sucedia já então um caso extraordinário comigo; era que, ao contrário da maioria, senão da unanimidade dos espectadores, não excetuando até os incursos no mesmo ridículo que se pretendia corrigir assim, dava-me para ter pena do velho em vez de me rir das suas tribulações.

A plateia conseguia suavizar as impressões penosas do drama com as jocosas peripécias de uma paixão... macróbia; a mim ficava-me uma melancolia interior, mais duradoura e sentidamente formada; a alucinação do veterano, à voz do que a proveniente da catástrofe do quinto acto.

Não obstante os acessórios caricatos de que autores e atores sobrecarregavam esses tipos, para os quais de tão inexorável severidade era a Tália da época, eu achava-lhes não sei que de interessante e, direi até, poético, que ofuscava tudo o mais, e não me deixava rir.

Rir, porquê? Não era antes para magoar e comover o drama psicológico que, através de episódios risíveis, se desenvolvia ali? A

história de uma paixão sem futuro, funesta ao coração que a alimenta, não é mais digna de lágrimas que de escárnio?

Debaixo das vestes de polichinelo, que o público iludido saudava de gargalhadas e apupos, eu não via mais do que um desgraçado; através da máscara truanesca do comediante parecia-me a cada passo divisar um olhar de tristeza que me vinha direito ao coração.

Que querem? Mau é que se façam dessas abstrações; o efeito é depois inevitável.

Experimentai por vós; não vos lembreis da casaca esguia, do calção engelhado, do sapato de monstruosa fivela, do impertinente rabicho da cabeleira, da colossal caixa do tabaco, todas as noites tirados do guarda-roupa do teatro para adornarem esses tipos, e auxiliarem o efeito cómico da produção — muita vez mais devido a tais acessórios do que ao sal que a temperava — não atenteis nas rugas profusa e burlescamente distribuídas pela mão exercitada do caracterizador; ou, melhor ainda, concebei, se podeis, aquela alma independente de todos os desfavoráveis acidentes corpóreos, e ao vê-la lutando com uma dessas paixões violentas, devoradoras, que são a sua máxima manifestação de vigor e de vida; e humilhada, ridicularizada, escarnecida, porque o corpo, que a subjuga,

envelheceu primeiro do que ela; porque regelou o sangue enquanto o espírito se inflamava em impetuosas lavaredas; porque se enrugou a cara, quando o coração se expandia com maior força de afetos; dizei depois, em consciência, se tendes ânimo para vos rirdes desse espetáculo!

E a prova de que o ridículo está todo nos acessórios, de que é mais para comover e impressionar dolorosamente do que para alegrar o fenómeno moral que em tese absoluta condenavam às risadas da plateia, é que, pouco tempo depois, via-se no teatro um amor de velho, com todas as exaltações, com todas as esperanças, com todos os receios e desesperos de um amor de rapaz, e, apesar das barbas brancas do amante ancião, ninguém se sentiu disposto a sorrir.

Para salvar do ridículo a Rui Gomes da Silva do drama de Vítor Hugo, bastaram as vestes negras e severas do fidalgo espanhol da corte de Carlos V, as armaduras de cavaleiro pendentes da sala de armas, a galeria de retratos de uma longa série de heróis seus antepassados; o amor não conseguiu apequenar esse vulto, que a velhice, o orgulho e a firmeza de carácter faziam terrivelmente

grande. E contudo não passava de um velho apaixonado o altivo rival de Hernâni.

Na sua presença, porém, os espectadores estremeciam em vez de sorrir; fácil lhes seria prever que essa mesma paixão, olhada ainda por outro aspeto, os poderia fazer chorar.

Por que não? Pois comove-nos o desespero impotente do cego, rodeado das magnificências da natureza, que pressente sem as poder gozar e para compreender as quais tinha alma superior do clarim arrebatado em ardor marcial, e que se ergue impetuoso para correr ao chamamento da pátria, esquecendo por instantes que o braço mutilado já não pode suster a espada, que tantas vezes gloriosamente brandiu; o desalento do poeta, cujos sublimados anelos o alheiam da vida real, que no seu positivismo o sacrifica, que morre como Chaterton, consumido pelo fogo do próprio génio, impossível de existir num a sociedade ainda não organizada para o conter em si; interessam-nos todas estas lutas, todos estes antagonismos, todos estes conflitos em que se desvanecem ilusões; assistimos atentos a todo o embate solene de afetos encontrados, simpatizamos com todas as aspirações reprimidas e instintos naturais subjugados por alheias resistências, e só havemos de ser

inflexíveis e só havemos de rir ao vermos aquele outro triste e doloroso combater da alma com o corpo; só nos não há de comover a mágoa, o desespero dessa jovem cativa, olhando através das grades de uma velha prisão o céu azul, os prados verdes e as flores perfumadas que a enamoram? Insultá-la-emos quando, como o rouxinol aprisionado, se despedaçar em delírio de encontro aos ferros que a retêm?

É uma grave injustiça. O espetáculo é mais dramático do que geralmente o têm querido fazer.

Há nos variados episódios da mitologia pagã situações comoventes que estas me fazem recordar. A cada passo, ali, o amante, no auge de uma paixão violenta, perseguindo como louco pelos desvios e recessos das florestas a ninfa fugitiva, no momento em que julga possuí-la, em que já estende os braços para lhe enlaçar a cintura e aproxima os lábios ardentes para oscular-lhe as faces, afogueadas de cansaço e de pejo, sente um estranho torpor adormentar-lhe os membros, um frio glacial circular-lhe nas veias e súbito o coração, ainda em alvoroços de amor, é comprimido pela rigidez do lenho que o invade; os braços, que agita aflito, alongam-se-lhe em ramos; os cabelos, que o horror levanta, transformam-se-lhe em folhagem e

vigorosas raízes, prendendo-o ao solo, tornam permanente a imobilidade que o susto começou. Mas os instintos de amor que o perdem não se apagam após a transformação; a nova árvore, conservando latente o fogo que lhe deu a origem, experimenta um doloroso estremecimento todas as vezes que a ninfa — outrora esquiva — vem agora recostar-se lânguida à sua sombra e, cheia de uma confiança mais para desesperar do que todos os passados terrores e apreensões, se entrega aí descuidada a gratos sonhos de amor.

Pobre alma namorada! A forma que reveste é agora a sua eterna condenação, nem de esperanças se pode nutrir, já, a triste! escravizada pela matéria, concentra o seu padecer, pois nem manifestá-lo lhe é dado.

O que deviam sentir esses malfadados heróis do variadíssimo poema mitológico, os mesmos desesperos, os mesmos desalentos, as mesmas angústias, sentem na realidade aqueles em quem a caducidade do corpo precedeu a do espírito, que, rico de aspirações juvenis, é vítima delas, porque até o revelá-las lhes é defeso.

E se o vaso já gasto estala então sob a pressão do forte impulso a que pretende resistir, nem ao menos comiseração há de inspirar o

que sucumbe assim? Dolorosos infortúnios estes!

As poucas cenas que se seguem esboçam ligeiramente a história de um desses malfadados de que o mundo se ri por hábito, como de outras tantas coisas sérias, que deviam merecer-lhe a compaixão e o respeito até.

Se a conseguir narrar, sem que um sorriso, obedecendo a esse hábito, apareça nos lábios do leitor, terei realizado o meu principal intento.

CAPÍTULO II

Não sei o nome da localidade onde o facto se passou. Lembra-me só que era no Outono, nessa quadra de melancolia, em que desmaia o azul nos céus, em que o verde das selvas empalidece e os ventos arrebatam em turbilhões rápidos, ao longo das avenidas, onde já rareiam as sombras, a folhagem seca, que crepita sob os pés do caminhante.

Corriam impetuosas nas levadas as águas que fertilizam os vales. A hora do crepúsculo fazia mais que nunca pensar. Com as primeiras nuvens do Sul, numerosos bandos de andorinhas intimidadas atravessavam os ares, procurando climas onde lhes sorrisse ainda a Primavera.

O sítio era ameno, próprio para se gozar dali esse belo espetáculo da natureza. Uma colina elevando-se graciosa do meio de uma amplíssima e vicejante bacia. No vale, que a cerca, tudo em mosaicos de verdura; prados extensos, veigas, devesas, choupais a banharem-se na água, arroios serpeando por entre a relva,

espraiando-se além em pequenos lagos, despenhando-se ruidosos dos açudes, e ora a esconderem-se por detrás de umbrosos cômoros, ora, patentes na planície, a retratarem as rosas, as últimas borboletas errantes, as nuvens e o rosto alegre das lavadeiras.

Pela encosta entrelaçavam os ramos vigorosos carvalhos seculares, cujo tronco rugoso e carcomido revestiam as heras e os musgos; de espaço a espaço, cortava o caminho um desses gigantes derrubados, nutrindo dos restos já sem vida a vegetação nascente que lhe rompia do seio; os olhares da corrente, ocultos por um denso tecido de fetos, de giestas e de tojos, denunciavam-se apenas pelo ruído da água, descendo no leito pedregoso; ouvia-se o rastejar do réptil, fugindo ao rumor das passadas, mas difícil seria igualmente percebê-lo entre as folhas soltas e crestadas que alastravam o chão.

Em cima, na planura onde conduziam os tortuosos caminhos que ladeavam a colina, erguia-se, de entre a espessura dos álamos sussurrantes, uma pequena capela, que, sustentando a cruz sobranceira às franças das mais elevadas árvores, parecia estender a todas as várzeas e povoados que domina dali a influência salutar e benéfica desse símbolo da redenção.

Quando, ao declinar da tarde, soavam do alto da torre lateral os toques da ave-maria, em todas as aldeias abrigadas junto à base da colina, nas mais pobres choupanas como nas mais fartas herdades do vale, nenhuma cabeça ficava por descobrir, nenhuns lábios deixavam de murmurar reverentes a saudação angelical; e se os ventos levavam o som harmonioso e plangente do pequeno sino até às longínquas cordilheiras de serras que, como indistintas massas azuladas, limitavam circularmente aquele horizonte vastíssimo, os serra-nos, dispersos com os rebanhos pelos pascigos, ou encerrados nas choças colmadas das montanhas, volviam saudosos as vistas para o ponto branco donde lhes chegavam aos ouvidos aqueles sons quase a esvaecerem-se e recordavam-se suspirando da devota romaria que todos os anos os levava ali, junto do altar da milagrosa Senhora da Saúde, sob cuja invocação fora levantada a capela.

As romarias! as romarias! gratas recordações, únicas talvez, daquela pobre gente da serra! As horas rápidas de gozo, que um só desses dias de festa lhes dá, compensam-lhes de sobra as continuadas fadigas da vida tão trabalhada e penosa. Em tomo à pequena ermida, onde cada ano afluem de tão longe essas piedosas peregrinações de devotos, parece esvoaçar de contínuo

uma turba de espíritos alados que nos segredam histórias de tantos amores, nascidos ali e ali santificados, junto ao altar onde as dádivas votivas dos menos esperançados se amontoam, a velar pelo seu destino e propiciar-lhes o céu.

De quantas incertezas, de quantas esperanças, de quantas alegrias e apreensões não sois vós sabedoras, despidas paredes desses templos singelos, onde faltam os ornamentos da arte e as sumptuosidades do culto, mas que as crenças populares engrandecem e as lendas tradicionais, que de velhos a crianças se transmitem, perfumam de poesia! Que de orações fervorosas, rude mas eloquente linguagem daquelas almas de crenças robustas, têm sussurrado no estreito recinto desses muros! que olhares de místico enlevo erguidos até à imagem do altar, à qual o grosseiro da escultura parece aumentar ainda o prestígio!

E não vos hão de fitar saudosas as vistas dos romeiros, rústicas ermidas, depositárias dos mais ardentes votos da sua alma? árvores que as rodeais, poderiam desconhecer-vos no horizonte ou confundir-vos com outras os olhos do pastor errante ou do lavrador curvado, quando o coração lhes diz que sois vós, vós que de longe

lhes acenais, com as ramas agitadas, como para os alentar no trabalho com a esperança de um outro dia de gozo?

A fantasia voa-lhes como as aves a ocultar-se na espessura desses bosques, onde com elas volteia namorada pelas mais solitárias moutas e pelas arborizadas margens dos ribeiros.

Destes lugares celebrados assim pela devoção e simpatia popular, poucos tão ricos de tradições piedosas como a colina em cujo cimo estava, como dissemos, erigida a capela da nossa Senhora da Saúde.

Cada família dos arredores tinha a sua lenda de milagres a referir-lhe. Uma romagem à Senhora no dia consagrado passava por a suprema medicina. Não havia mal que aquela intercessão não remediasse, ou fosse doença verdadeira ou, o que é pior, desses males de coração que ainda são mais pertinazes, que ainda fazem mais padecer. Diziam-no as inúmeras histórias que aos serões as velhas contavam às crianças para lhes robustecer a fé e algumas das quais tão singulares e miraculosas eram, que até do púlpito as repetiam os pregadores.

A fama estendera-se e tanto que de ano para ano aumentava a afluência dos ansiosos do benefício; muitos dos quais,

convencendo-se de que não menos capaz do milagre devia ser aquela atmosfera salutarmente vivificada por uma abundante vegetação, por ali se deixavam ficar, associando assim a higiene com as devoções.

Por isso, o viandante, que agora seguia as pitorescas veredas, pelas quais o monte era em diversos sentidos irregularmente cortado, via, em toda a extensão da encosta, a aparecerem-lhe e desaparecerem-lhe sucessivamente por entre a verdura casas de risonha aparência, dispersas ou reunidas em graciosos grupos, com as paredes alvíssimas, as portas verdes e os telhados vermelhos e cercados de bonitos jardins, tão recendentes de perfumes na Primavera, que aromatizavam em redor todos os caminhos.

A maior parte destas casas era habitada por uma população flutuante de valetudinários ou convalescentes que procuravam vigorar forças, respirando a pleno seio o ar purificado e livre das montanhas e dos bosques.

Pela manhã, quando as névoas começavam a dissipar-se e, por entre a folhagem das árvores, o Sol penetrava mais fomentador de vida e ia evaporar o orvalho que ainda rociava as ervas dos caminhos, viam-se subir a colina, a passos vagarosos e com

frequentes pausas, esses pálidos doentes, que pareciam renascer só ao receberem aquelas auras embalsamadas pelos perfumes das flores, e suavizadas pelos primeiros calores da manhã.

Era o velho quebrantado e trémulo, parando a meio caminho da ladeira que subia, a fitar o céu, como se de antemão procurasse decifrar o problema que em breve teria de resolver; o mancebo, inquieto e pensativo, de aspirações ardentes e subidas e em tão alto grau que no empenho de as realizar lhe faleceram as forças e no forte da luta sentia-se sucumbir; a virgem, meiga e melancólica, como uma das mais ideais criações ossiânicas, errante por entre as árvores seculares ou pendida à borda das correntes, escondendo uma lágrima ou simulando um sorriso, manifestações diversas na aparência e ambas denunciadoras tantas vezes de uma grande tristeza interior; a mãe, jovem e doente, em tomo à qual brincava um bando de crianças alegres e cheias de vida, ignorando, as inocentes, que todo o seu destino, que as suas alegrias ou as suas dores no futuro dependiam agora daquelas árvores, onde se balanceavam risonhas, daquelas virações que lhes açoutavam os cabelos soltos e anelados.

Assim pois o lutar da vida e da morte era o que por toda a parte se via. Contrastes de esperança e de desalento, antíteses de sorrisos e de lágrimas formavam a feição mais característica do quadro.

O cair das folhas, o desenflorar da relva, os gemidos das aves, e as sombras errantes que as nuvens projetavam pelos campos, tudo parecia harmonizar-se tristemente com o pensar interrogativo do velho, com o suspirar do mancebo, com as lágrimas da donzela e com o braço convulso da mãe, cingindo ao seio, num frenético movimento, as cabeças louras das crianças que lhe somam.

Era a vida a declinar; a consciência de um fim próximo a reprimir aspirações a um longo futuro de mais prazeres e gozos.

Vacilantes entre um passado risonho e um porvir tenebroso e incerto, entre a saudade do que foi e o medo do que há de ser, esses pobres desconfortados sorriam ainda, animavam-se, davam uns aos outros esperanças que não sentiam em si.

Às vezes desaparecia de entre eles um rosto conhecido, fechava-se uma casa.

Resolvera-se para esse o problema, terminara a incerteza. Ou o arrebatara a morte aos seus mistérios ou o restituíra a saúde às

suas alegrias. E, conforme uma ou outra dessas soluções, assim o desalento ou a esperança se divisavam por dias no rosto dos companheiros que ficavam.

Letras gravadas nos troncos das árvores atestavam as recordações saudosas dos que tinham passado ali. Os sovereiros e as faias eram os confidentes silenciosos de muita paixão secreta, de muita ilusão desvanecida, de muito coração despedaçado. Quantas lágrimas eles teriam sentido correr, ao receberem aquelas enigmáticas memórias de um ser ausente que chorava também ou, amarga ideia e quase sempre mais verdadeira, que se esquecia e por isso mesmo mais amado era ainda! Mistérios do coração!

Estas letras, destinadas a durar talvez mais do que a mão que as gravava, documentavam muita história triste, dramas ignorados, cujo último acto se representara nesses sítios, que assim conservavam dele os derradeiros vestígios.

Nas paredes caiadas da capela do monte o lápis reproduzira memórias iguais às que se viam gravadas nos troncos e outras menos concisas, que mais facilmente traíam o pensamento que as ditara.

Inscrições inumeráveis, irregulares, amontoadas, por vezes ilegíveis, cobriam-nas até à altura a que podia atingir o braço.

Frases cortadas, exprimindo muito, mas deixando ainda mais a adivinhar; confrontações de nomes, que denunciavam uma história inteira; dúvidas formuladas, indício de violentos e terríveis estados da alma; apóstrofes ímpias, ditadas pelo desespero; cânticos reverentes, inspirados pela resignação e pela fé... — de tudo se via ali. A elegia junto à ode; a saudade e logo após a esperança; o ceticismo que fazia estremecer e a crença consoladora, expressos por todas as formas, concebidos dos modos mais variados, narravam eloquentemente a história do coração humano nos mais solenes momentos da sua vida tumultuosa e apaixonada.

Era mais do que curiosa a leitura daquele álbum singular; era instrutiva e altamente filosófica.

Se se pudessem reunir todos esses fragmentos dispersos, completar as frases interrompidas, preencher as lacunas, adivinhar o nexo misterioso de certas ideias, aparentemente sem relação lógica que as fizesse dependentes, ter-se-ia instituído um profundo estudo psicológico e a mais perfeita análise dos afetos que dominam a existência do homem.

Por mais de um motivo se tomava pois curioso o lugar onde as exigências da narração me obrigaram a transportar imaginariamente o leitor.

CAPÍTULO III

Rompera alegre a madrugada de um dos mais belos dias do Outono. O orvalho gotejava ainda das folhas das árvores sacudidas pela brisa matinal, e as gotas límpidas e oscilantes pareciam metamorfosear-se em rubis, safiras e esmeraldas ao refratar os raios da luz solar.

Era encantador o aspeto da colina naquela manhã; semelhava a donzela que, brincando, desenfiou o seu colar de brilhantes e os soltou em desordem pelos cabelos, pelo seio e pelo regaço, donde, ao menor movimento, lhe rolam até caírem no chão.

Os primeiros calores do dia erguiam já dos vales o cendal de névoas que os envolvera, e, dissipando-as na atmosfera, temperavam de tintas mais suaves o azul-escuro do céu.

Sobrepostas às serranias que limitavam o horizonte, divisavam-se grandes massas de nuvens, cujos reflexos à luz oriental lhes davam a aparência dos altos gelos que coroam as cristas das montanhas.

Iludidas por estes simulacros de Primavera, as próprias plantas pareciam renascer. A seiva afluía-lhes de novo aos ramos despidos e, desenvolvendo-lhes os gomos, revestia-as de folhas, desabrochando-lhes os botões enfeitava-as de flores, e os insetos, surgindo uma vez ainda do letargo incipiente, adejavam em torno à corola humedecida que lhes patenteava os nectários.

Sorria a natureza ainda, mas havia o que quer que era meigo e melancólico naquele sorrir. Eram como as alegrias plácidas do enfermo, vítima de uma doença fatal, a quem a mais efémera remissão faz conceber os prazeres da convalescença, mas sem que o possa iludir.

Ameaças permanentes no meio desta tranquilidade geral eram, no horizonte, as nuvens, como águardando só por um sinal para invadirem o espaço, e um rumor longínquo e monótono que de vez em quando os ventos traziam aos ouvidos, como o grito de fera aprisionada — a voz profética do mar pregoando tormentas durante a bonança que momentaneamente reinava.

A vida do campo manifestava-se toda nas eiras e nos celeiros, onde se entesouravam as riquezas do lavrador.

Risos, cantares, vozerias confusas, com que por toda a parte na planície se acompanhavam os diferentes trabalhos das colheitas, chegavam, como mal distinto burburinho, ao alto da colina, onde em compensação reinava o silêncio solene e imponente, silêncio não absoluto, porque falam os bosques e as torrentes, porque falam as aves e os insetos; mas em que se não ouve a voz humana — o silêncio da solidão.

De facto a colina podia dizer-se deserta.

Era cedo ainda para o passeio matinal da pequena colónia de enfermos que a habitava.

O doutor Jacob Granada recomendava-lhes que evitassem os nevoeiros da manhã, e poucos ousariam infringir as ordenações do velho médico, que no tocante a execução dos seus preceitos dava provas de uma intolerância despótica.

Jacob Granada era um destes homens singulares que desde a primeira entrevista nos deixam uma impressão profunda e indelével, e cujo trato continuado, a não se lhe opor convenientemente uma vontade inflexível e uma grande força de carácter, tende a deixar-lhes um predomínio tal sobre os ânimos, que difícil é mais tarde

subtrair-se qualquer, que por algum tempo se lhe sujeitou, a tão poderosa influência.

Se o poder magnético, tal como o concebem os mais crédulos e ardentes apologistas da fantástica arte de Mesmer, fosse uma realidade e não uma simples criação de visionários, decerto possuiria Jacob Granada essa faculdade superior no grau mais elevado.

A inegável influência moral de caracteres como estes sobre os menos rijamente temperados explica, e até de alguma sorte justifica, a origem dessa singular doutrina, que a aura popular, favorável a todas as ideias novas e extravagantes, tão extraordinariamente propagou.

Em Jacob Granada auxiliava ainda a influência dessas qualidades morais um conjunto de caracteres fisiognomónicos que não podia deixar de ferir a imaginação menos sujeita a impressões desta ordem.

Os lineamentos predominantes da raça israelita, da qual a família dele originariamente procedia, desenhavam-se-lhe acentuados nas feições angulosas e expressivas, imprimindo-lhe um cunho de nacionalidade cuja interpretação não podia enganar.

Sobre a cara, estreita mas elevada, alvejavam-lhe em raras e desornadas madeixas as mais formosas cãs que ainda adornaram uma cabeça de ancião. Os lábios, delgados e deprimidos nos ângulos por contração habitual, denunciavam longos hábitos de reflexão e de reserva, que efetivamente lhe estavam na índole. No nariz havia completa e absoluta conformidade com o do tipo judaico, e os olhos pequenos, mas de uma vivacidade de fogo, exprimiam a inteligência e subtileza de espírito que um conhecimento ulterior não desmentia nele.

Era excessivamente magro e um tanto curvado pelas fadigas do estudo e pelo peso de sessenta anos de vida trabalhada por incessantes esforços físicos e intelectuais; não obstante, nunca deixara de observar os mesmos hábitos laboriosos, que eram já para ele imperiosa necessidade.

Ao romper do dia o jornaleiro encontrava-o nos caminhos com o vestido negro e singelo, no qual conseguia combinar certa severidade com um não estudado desalinho, e correspondendo sempre às saudações por uma frase invariável ou um simples e distraído movimento de cabeça.

Os cuidados de que Jacob Granada rodeava os seus doentes, ainda que salutares, pesavam como um jugo, impertinente até para os de ânimo mais dócil e submisso. Quem se confiasse à ciência do velho facultativo tinha de depositar previamente nas mãos dele toda a liberdade de ação e de pensamento durante o tempo porque se prolongasse a moléstia.

Exigia que o doente pensasse pela cabeça do médico, que não formasse uma só resolução sem expressamente lhe ser autorizada pelas prescrições regulamentares que para cada qual instituía.

A completa resignação da vontade própria na sua, a inteira abstenção de tudo quanto fossem perguntas ou objeções sobre o tratamento seguido, a cega observância dos preceitos, aparentemente mais insignificantes, que tivessem sido aconselhados por ele, eram as condições fora das quais se não encarregava de tratamento algum; e, à menor infração, declinava de si a incumbência, para nunca mais a assumir.

Este despotismo médico valia ao doutor Jacob uma clientela numerosíssima e inspirava uma confiança ilimitada na sua medicina.

Escutavam-no e obedeciam-lhe como a um oráculo e os mais ousados tremiam de contrariá-lo ou de lhe fazer sequer uma dessas

observações, às vezes tão absurdas, que todo o doente se julga autorizado para dirigir ao seu assistente.

As formas ásperas e sarcásticas com que Jacob Granada respondia às mais tímidas interpelações, nas quais via sempre uma tentativa de revolta, tiravam a vontade de as reproduzir.

Ora, para os homens que têm de viver com as multidões, este procedimento é sempre fecundo em resultados.

Apresentar-nos perante elas como dominadores, como espíritos fortes não dispostos à menor concessão, é de alguma sorte revelar-lhes a consciência da nossa superioridade e desarmá-las para a resistência; pelo contrário, encará-las tímidos, aceitar-lhes observações, respeitar-lhes repugnâncias, afagar-lhes tendências e simpatias, é fazer confissão de fraqueza, estender a cabeça ao jugo dos caprichos delas, o suficiente para nos desprestigiar e quebrar-nos as forças para o momento da ação.

Ou por índole ou por cálculo, havia Jacob Granada evitado o desprestígio e exercia sobre a sociedade que o rodeava um império absoluto.

Era por isso que os doentes daquela pequena colónia médica confiada à sua direção não tinham ainda ousado aventurar os primeiros passos sobre a relva húmida dos caminhos, não obstante o aspeto convidativo da manhã, e contentavam-se, limpando o vapor condensado pelo frio nos vidros das janelas, em olhar através deles, com os rostos descorados, para aquelas árvores que de fora os seduziam.

Desta escrupulosa observância de um dos seus preceitos higiénicos se podia convencer por os próprios olhos o inflexível doutor, que, ao contrário dos doentes e em oposição com as prescrições que instituía, havia muito passeava nas ruas irregulares e relvosas da alameda que circundava a capela.

Não obstante a satisfação que desta fiel obediência parecia dever resultar-lhe, não eram desanuviadas naquele momento as feições do velho médico.

Uma profunda preocupação de espírito revelava-se-lhe nas rugas mais acentuadas que lhe sulcavam longitudinalmente a cara, na maior contração dos lábios e na rapidez e irregularidade do andar, interrompido por pausas súbitas e movimentos impacientes.

Às vezes soltavam-se-lhe do peito, que se elevava em agitação febril, suspiros mal reprimidos; e os punhos cerravam-se-lhe em contrações nervosas; outras, um profundo desalento abatia-lhe a cara e os braços descaíam-lhe como desfalecidos ao lado do tronco.

De vez em quando parava, parecendo absorvido na contemplação de um objeto qualquer, como se nele descobrisse alguma coisa de misterioso e estranho que o confundia; abaixava-se rapidamente para apanhar uma flor cortada e esquecida no chão e logo depois arrojava-a de si com enfado visível; corria com ansiedade para a árvore, em cujo tronco divisava uma inicial aberta de véspera e cedo afastava-se dela, como se a observação o contrariasse. Qualquer pequeno ruído o fazia voltar em sobressalto; parava perturbado, depois, sacudindo a cabeça por um movimento cheio de frenesim, recaía mais profundamente ainda na turbação anterior. Palavras sem nexo, impercetíveis, incapazes de lhe trair o pensamento, saíam-lhe dos lábios e faziam-no estremecer, como se outro as pronunciasse.

Ora, para quem conhecesse ou julgasse conhecer o doutor Jacob, era muito para estranhar o seu estado extraordinariamente febril naquela manhã.

A impassibilidade profissional que a opinião comum se apraz em atribuir a todos os médicos, reunia de facto Jacob Granada um temperamento naturalmente apático, um sangue-frio nunca desmentido nos lances mais patéticos e comoventes.

Gozava entre os colegas de uma reputação de alma empedernida, que ele se não dava ao trabalho de desvanecer.

Viam-no sorrir no momento em que, sob os golpes vagarosos e intrépidos do seu escalpelo, os operados se estorciam em convulsões desesperadas; observavam-lhe as feições inalteráveis quando, à cabeceira do amigo agonizante, percebia no sucessivo decair do pulso e na decomposição do rosto o termo iminente de uma vida que se lhe supunha cara. Tinha sempre a mesma dureza de maneiras, a mesma franqueza, às vezes cruel, para com todos, qualquer que fosse a idade, o sexo e a condição. Não sabia de carícias para as crianças, de delicadezas para as mulheres, de afabilidades para os pobres, de contemplações para com os tímidos, de respeitos para a velhice. Todos eram doentes para ele e ele para todos médico e nada mais; mas o médico que diagnostica, que receita, que opera, e não afaga, não lisonjeia, não consola os doentes; que, sabendo-se necessário, não ambiciona tomar-se

desejado; que não recua no emprego de um meio salutar pela lembrança do padecimento que suscita; que vela pela saúde dos seus enfermos, mas zomba da sensibilidade deles.

Costumara-se a fazer o bem como o cumprimento de um dever de que a razão o convencera, mas supunham-no incapaz de experimentar aquela suave satisfação que de tal prática resulta às almas mais delicadas.

Vivia só, não conhecia um único parente, evitava relações íntimas, afugentava-se pela maneira glacial com que recebia as tentativas dos poucos que as procuravam.

Tinha sempre um sorriso de zombaria para os padecimentos morais, em cuja existência não acreditava.

Para ele tudo eram lesões, tudo órgãos alterados, tudo perturbações materiais. À medicina psicológica dos médicos espiritualistas devia os seus melhores epigramas. Não havia doença de poeta ou de amante platónico para a qual não formulasse.

Era um desapiedado adversário desse vaporoso fantasma que persegue atualmente as mais delicadas organizações femininas — o nervoso; ou o recebia com um sorriso de cético, ou instituía contra

ele uma ordem de meios curativos capaz de aterrar inimigos muito mais reais e palpáveis.

Inteiramente indiferente ao conceito público, não observava as modas em coisa alguma, não se justificava de arguições, nem recebia conselhos.

Finalmente, tinha a reputação de grande médico, mas de homem insociável e de verdadeira alma de mármore.

Era pois excecional aquela profunda inquietação.

Fundira-se o gelo daquele ânimo impassível?

Houvera enfim um estímulo que despertara essa sensibilidade, entorpecida até então?

Assim parecia.

Quem o visse agora pela primeira vez hesitaria em receber como verdadeiro o conceito que geralmente se fazia do seu carácter e que acabámos de esboçar aqui.

Não é dos temperamentos frios e impassíveis essa excitação febril, esse movimento sem causa, sem norma, sem pensamento

regulador que o agitava; antes se revelava em tudo isso uma poderosa sensibilidade, ou nova nele ou pelo menos ignorada.

Por muito tempo durou ainda o estado de inquietação e sobressalto, que tão excecionalmente revelava naquela manhã o fleumático doutor Jacob.

Corriam os momentos consagrados por ele de ordinário às tarefas clínicas, e, como se uma força irresistível o retivesse ali, prosseguia naquela marcha rápida e desordenada, só interrompida de vez em quando por gestos e movimentos mais desordenados ainda.

Mudando, porém, quase sem consciência do que fazia, a direção ao passeio, e encaminhando-se para um dos lados da capela que até então lhe ficara oculto, estremeceu e instintivamente recuou alguns passos, como se uma súbita e terrível aparição lhe surgira dali.

Depois, com os olhos fitos, os lábios entreabertos e o corpo inclinado, permaneceu em suspensão quase extática, e que formava notável contraste com a turbação anterior.

Quem assim lhe absorvera tão profundamente a atenção era uma mulher jovem, de estatura esbeltamente elevada e de formas airosas, realçadas por as amplas dobras de um vestuário elegante,

a qual naquele momento parecia atentamente ocupada em acrescentar, na parede da capela, mais uma inscrição, às tantas que existiam já.

A descoberta impressionaria Jacob Granada por ver nela uma flagrante infração de preceitos médicos, cometida por uma das mais rebeldes doentes da colónia?

Com dificuldade se convenceria que fosse essa a causa de tão extraordinária surpresa quem nesse momento lhe estudasse a fisionomia com alguma atenção.

De facto era notável a mudança.

O ar de sombria severidade que lhe era habitual desvaneceu-se como por encanto e um sorriso, fenómeno raro naquele rosto carregado, suavizando-lhe a dureza típica dos contornos, pela primeira vez o mostrou capaz de uma expressão de afabilidade e de brandura que ninguém conhecia nele.

No olhar havia chamas que contradiziam a frieza de que fazia ostentação, nos lábios uns visos de bondade a protestarem contra a velha reputação da rispidez que adquirira.

Era uma metamorfose completa.

A mulher que, sem o saber, se tornara o objeto deste silencioso exame e a causa talvez de uma profunda revolução naquele espírito que se julgava morto para as impressões violentas, continuava, no entretanto, escrevendo com uma rapidez que parecia querer acompanhar a dos pensamentos que lhe acudiam.

Afirmar-lhe, a beleza, mas desistir da tenção de a caracterizar, é o mais que pode fazer quem não possuir o segredo de certas fisionomias que nos impressionam, que nos entusiasmam por não sei que fatal influxo que parece irradiar-se delas. Está o mistério na palidez diáfana do rosto? No quebrar voluptuoso de uma vista cheia de languidez? No ondeado elegante de tranças negras e macias? Na inexprimível melodia de certas inflexões de voz? num arfar de seio prometedor de delícias? Quem o pode dizer? A influência sente-se; não explica.

O belo que a arte, em qualquer das suas manifestações, consegue realizar ainda se estuda, ainda de alguma maneira responde às interrogações analíticas do artista filósofo.

O pintor consegue pelo estudo entrever o mistério que faz grandes as obras dos mestres; o músico, o segredo de harmonia das mais sublimes composições da sua arte.

Mas o belo da natureza é mais independente dessas leis que a meditação sobre os grandes modelos pode descobrir e que há muito a arte formulou. Vemos aí a cada passo dissonâncias que agradam e arrebatam; combinações de cores em que a vista, mau grado as leis do colorido artístico, se repousa deliciada; fisionomias que seduzem, a despeito dos reverenciados moldes gregos, que a arte admira como a suprema manifestação da beleza humana e que a natureza infinitas vezes com felicidade despreza.

Descrever fielmente uma dessas belezas misteriosas, analisá-la feição por feição, é tentativa infrutífera.

Do todo é que procede o encanto, uma vista única o concebe, um estudo minucioso desconhece-o.

Pintam-se as flores, mas os perfumes subtraem-se ao pincel; ora a beleza feminina tem como as flores o aroma que inebria; a mais exata descrição não o pode reproduzir.

E a beleza de Valentina mais que todas, tão dependente como era da vida que a animava, seria palidamente concebida pela cópia mais fiel.

O que nela mais fascinava era de facto a quase cintilação daquele olhar eloquente, as caprichosas contrações dos lábios, os movimentos graciosos da cabeça, que ora inclinava lânguida, ora erguia com vivacidade nervosa, o rubor intenso e a profunda palidez que alternadamente à menor causa lhe invadiam as faces, todos estes efeitos de um carácter por natureza móvel, de uma sensibilidade extrema que a primeira observação revela, mas que páginas inteiras não bastariam para descrever.

Dir-se-ia a personificação de um capricho, mas de um desses caprichos que, se com exigências nos revoltam, com atrativos nos desarmam. Na volubilidade das feições, no arrojo do penteado, nas graças do vestir negligente, na leviandade com que tratava as coisas sérias e sisudez que lhe mereciam outras insignificantes e pueris, denunciava-se a todo o momento aquela índole essencialmente feminina.

Confiando-se aos cuidados médicos do doutor Jacob, era pois de prever que, por impulsos desse génio indomável, se revoltasse contra a vontade despótica que ele pretendia exercer sobre todos os seus doentes.

Efetivamente ninguém lhe tinha ainda mostrado uma tal insubordinação, mas também ninguém encontrara ainda da parte do médico israelita tão absoluta tolerância.

Só Valentina se atrevia a discutir com ele o valor de algumas prescrições, só ela abusava dos epigramas sobre médicos e medicina, que Jacob Granada de ninguém escutava impassível, como fervoroso crente que era na realidade da sua ciência.

O fanatismo médico que anatematizava Rabelais, Molière, Bocage e a turba menos famosa dos que todos os dias insulsamente lhes parodiam e parafraseiam os epigramas, despojava-se da sua severidade para acolher com um sorriso as alusões satíricas de Valentina, que fazia do seu ceticismo gala.

Esta condescendência excecional no doutor fora já detidamente comentada nos círculos onde se discutiam os sucessos mais notáveis daquele monótono, mas salutífero viver de aldeia.

Os espíritos mais malignos aventuravam insinuações, tanto mais jovialmente recebidas quanto menor era a plausibilidade delas.

Riam-se do engraçado da suposição como de um disparate irrealizável; mas a fama de inflexibilidade e dureza de Jacob

Granada nem de leve se sentia abalada pelo roçar destes gracejos que lhe voejavam em tomo.

Abriu-se uma exceção a respeito de Valentina. A natureza humana havia de revelar a sua fraqueza originária alguma vez.

Todas as invulnerabilidades são como as de Aquiles; há sempre um calcanhar que as atraiçoa.

Mas uma simples condescendência, um assomo de delicadeza para com uma mulher jovem e elegante, não contradiz uma reputação que mil provas solidamente firmaram.

As imunidades de que Valentina gozava acabaram por ser olhadas com o indiferentismo com que recebemos todos os factos consumados. Ninguém contudo se sentia com forças para repetir a experiência.

Um dos motivos de revolta mais frequentes em Valentina eram as ideias um pouco materialistas do seu facultativo.

Com grande espanto e quase terror dos que a escutavam, a cada passo se arvorava em defesa dos padecimentos morais, em cuja existência Jacob Granada parecia não acreditar.

— Desafio-o, meu caro doutor — disse-lhe ela uma vez, armando-se de um dos seus sorrisos mais provocadores — desafio-o a que me aponte com o dedo a lesão física que me trouxe aqui ou me diga ao ouvido a droga medicinal que me deve curar. Rio-me interiormente sempre que o vejo tomar-me o pulso, inspecionar-me a língua, auscultar-me o palpitar do coração e sentar-se para formular. Eu sei mais da minha doença do que lhe podem ensinar todos esses livros de grande formato que folheia até altas horas.

Creia-me, doutor, se quiser ser médico eminente, estude menos anatomia do coração ou espiritualize-a. Olhe que nem todos os padecimentos dele são aneurismas ou lesões semelhantes...

Estas palavras, que noutra boca teriam provocado uma explosão no génio irascível e intolerante do clínico, foram desta vez acolhidas com um sorriso singular, como até ali ninguém tinha ainda observado nos lábios do doutor, e seguido de um silêncio reflexivo, muito parecido a completa abstração.

Desde o momento em que pela primeira vez colheu este animador resultado, Valentina declarou-se emancipada da salutar mas pesada tutela do velho médico.

É assim que a vimos infringindo com todo o sangue-frio uma das prescrições do doutor, e ainda desta vez a tolerância excecional do ríspido facultativo para com ela não fora desmentida.

Não era com mudas estupefações e arroubamentos quase extáticos que Jacob Granada costumava receber os delitos desta natureza.

O facto, com outro qualquer, obrigá-lo-ia a romper num acesso de indignação, que mais se lhe coadunava com a índole do que aquele transportado enlevo em que ficara absorvido.

Um movimento inesperado de Valentina fê-lo enfim instintivamente recuar; a não ser isso, alheio a tudo o mais que o rodeava, o que o poderia chamar a si?

CAPÍTULO IV

Procurou então o abrigo das árvores, para dali, sem ser reconhecido, poder continuar a observá-la.

Valentina, ignorando-se espionada, entregava-se em plena liberdade ao trabalho de composição literária, no qual parecia empenhar todas as suas faculdades.

Ora escrevia com velocidade, como se a ideia, logo ao despontar, se modelasse imediatamente na forma desejada; outras vezes, interrompia-se e inclinava a cabeça, como se lutando interiormente com uma dificuldade imprevista; mas a impaciência natural daquele espírito não lhe permitia longa hesitação; afastava-se então da capela com gesto de enfado, para voltar de novo, forçando a vontade, que por instinto se revoltava contra toda a espécie de sujeição.

Jacob Granada não perdia um só desses movimentos: seguia-os com avidez.

Uma poderosa fascinação parecia ter-se apoderado dele.

Dir-se-ia arrebatado em êxtase do fervoroso culto.

Não seriam pois infundadas as inocentes alusões que a tolerância sem exemplo do velho doutor para com Valentina havia suscitado?

Rebentariam enfim os afetos daquele terreno árido? Agora, que as neves da velhice lhe branquejavam na cara, é que se derreteria o gelo que tanto tempo lhe pesara no coração?

Talvez ele próprio se interrogasse sobre a estranha comoção que o dominava, nova para os seus sessenta anos de vida isolada, e hesitasse em determinar-lhe a causa.

Recuava talvez naquele momento diante da explicação que a consciência lhe murmurava e queria iludir-se sobre a fatal influência a que cedia.

Grandes deviam ser os combates interiores que se travavam naquela alma forte de toda a vida acumulada durante uma juventude vazia de afetos.

O rosto recebia o reflexo dessa luta, assumindo alternadamente as mais diversas expressões; ora iluminavam-no os raios da esperança, outras vezes assombrava-o uma nuvem de desalento.

Preparava-se talvez mais uma vítima para o longo martirológio moral, menos que o outro celebrado em panegíricos, menos recompensado pela compaixão mundana; porque, quando a vista do sangue, o flagelar das carnes e o estalar dos ossos não fala aos sentidos da multidão, não há sentimentos para compreender provações, lágrimas para chorar infortúnios, às vezes não menos dolorosos.

Os mártires obscuros das paixões morrem contendo em si mesmo os instrumentos da sua tortura. É o próprio coração que cingem do cilício angustiante; é interior a lavareda que os consome; lá dentro se lhes prepara a cicuta que os há de abrasar. Por isso só almas delicadamente perspicazes lhes assistem ao suplício, só delas, e bem poucas são, podem esperar os lamentos e as simpatias; das outras, em vez de lágrimas, recebem muitas vezes os risos; em vez de alentos, motejos.

A multidão piedosa chora à vista das chagas sangrentas do Cristo, mas não compreende as intensas amarguras morais daquele espírito divino que via a negação das suas sublimes ideias de paz e de amor no suplício a que sucumbia; aflige-a a coroa da irrisão pelo pungir dos espinhos que a formavam; mas não suspeita que outra

angústia, mais acerba ainda, despertava no Mártir em quem a cingiram.

Almas martirizadas, padecei sofrendo, sucumbi sem um queixume; rir-se-iam de vós se vos lamentásseis.

Vossos infortúnios não são compreendidos; mais vale ocultá-los, como se tivésseis de envergonhar-vos deles.

Jacob Granada devia saber que tal seria o futuro daquela paixão — e era paixão o que sentia em si? — se um dia aquelas revelações, tímidas ainda, do coração comovido chegassem a pronunciar o segredo que ele mesmo tremia de suspeitar. O amor valer-lhe-ia uma condenação. Ceder-lhe — era perder-se; resistir — seria possível?

Jacob Granada lutava como um desesperado, porque tinha consciência do perigo. Mas a atração era poderosa, a fascinação enlevava-o, arrebatava-o.

A força com que resistia devia tomar mais impetuosa a queda, se afinal chegasse a fraquear.

Absorvido por estes pensamentos, agitando no espírito a tremenda questão que o preocupava, permaneceu imóvel a contemplar

Valentina, até que a viu caminhar, afastar-se, sumir-se por entre as árvores da alameda. Então, como se acordando sobressaltado de um profundo letargo, olhou em roda de si e correu, com uma ansiedade de alucinado, para o lugar onde observara essa encantadora visão.

Foi sob o domínio de um estranho desassossego que pôde ler as seguintes quadras, que aí encontrou escritas:

Fugi, andorinhas; em mais longes plagas

Buscai outras praias, florestas e céu.

Que é triste o bramido que soltam as vagas,

E um vento pressago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flores e estrelas,

Olhai: estes campos sem flores estão,

E cedo os espaços, à voz das procelas,

Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressai-vos, alados viajantes,

Em bandos ligeiros os mares cruzai.

Por Outros países, por selvas distantes,

Mais flores e aromas, mais luz procurai.

Deixai estes montes de neve coroados,

As selvas despidas, e as folhas sem cor,

As grossas torrentes e os troncos quebrados

E os vales cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina

As rosas voltarem com viço a florir,

E as serras, despidas da intensa neblina,

Virentes, formosas se virem surgir;

E quando deslizem na praia arenosa

Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar,

E das laranjeiras de copa frondosa

Caírem as flores no chão do pomar;

E quando fugirem, informes, pesadas,

As nuvens sombrias que se erguem do sul,

Correndo dispersas e em flocos rasgadas

Nos plainos imensos de um límpido azul:

Voltai; nova quadra de amores vos chama,

Dos climas distantes para estes parti;

Então tudo é vida, já tudo se inflama,

Há luz, há perfumes, faltais vós aqui!

Voltai, que de novo serão florescentes

As selvas, os prados, o monte, os vergéis;

Quietas as brisas, as águas dormentes

Nos lagos tranquilos de novo vereis.

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas

Ao vosso desterro, dos mares além,

Já quando no prado brotarem as rosas,

Talvez não reviva com as rosas também.

Ai, não, não revivo, que o vento do Outono,

Gemendo angustiado nas brenhas do vaie,

Convida-me ao leito do plácido sono

E as nénias entoa do meu funeral.

Eu morro! Na chama do sol que declina

Bem Sinto o presságio de um próximo fim.

Se um dia voltardes à nossa colina,

Õ doces amigas! lembrai-vos de mim;

Daquela que, triste, vagando no olmedo

O adeus da partida vos veio dizer.

Quem sabe das campas o oculto segredo?

Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida

Quebrando das noites a triste mudez;

À sombra dos cedros da escura avenida

Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

O doutor Jacob acabou de ler estas quadras, aparentemente ditadas por uma intensa melancolia e por o desalento quebrantador daquele espírito juvenil, e, como se quisesse obedecer a um pensamento fugitivo antes que a reflexão lho fizesse abandonar escreveu

imediatamente por baixo do último verso desta poesia, que não pudera ler com indiferença, as seguintes linhas:

«Voltarão as andorinhas e as flores e os sorrisos e as esperanças voltarão com elas. O desalento aos vinte anos! o desalento quando se é jovem e bela! Efémera ficção.

Enquanto se pode alimentar uma esperança, enquanto não é irrisório todo o fantasiar futuros, a desventura é uma nuvem passageira e através dela radia sempre a aurora de uma existência melhor. Lamentar infortúnios imaginários e ter os olhos fechados para os infortúnios irremediáveis que com uma palavra se fez nascer! Não. É preciso ao menos que o saiba. Mitigue-lhe o mal que a ilude o saber que há males maiores. Escute. Há um homem que a ama, que lhe votou o mais verdadeiro culto que ainda sentiu no coração. E este sentimento, de que se ufana por ser o mais puro, o mais sagrado de quantos tem alimentado, esta paixão, que devia ser a sua glória, causa o seu maior tormento. Desde que a confessasse, em vez de o respeitarem por a ter concebido tão elevada, tão nobre, tão ideal, condená-lo-iam ao desprezo e ao escárnio. Gloriando-se interiormente dela, o desgraçado não ousaria proclamá-la. A fatalidade persegue-o. Sufocar essa paixão que o

devora e sucumbir sem a esperança de que um dia o poderão lamentar!

A morrer por ela e o mundo a rir-lhe na sepultura, se suspeitasse a causa que o arrastou ali!

Ele não olha com saudade para as andorinhas que panem, para as flores que murcham, para o sol que declina; não as desejaria tornar a ver, nem que o viessem evocar da campa, quando gozasse já do único sono tranquilo que lhe resta agora dormir.

Este, sim, que é verdadeiro infortúnio! Peça à imaginação que lhe faça conceber essa tortura e, se tem um coração generoso, chore por ela; mas não procure conhecê-la, seria obrigada a rir e, rindo, a cometer uma impiedade.»

Acabando de escrever estas palavras, Jacob Granada abandonou aqueles sítios com a precipitação de um criminoso que se afasta do lugar do delito.

CAPÍTULO V

Dias depois escrevia Valentina a uma das suas amigas a seguinte carta:

«Minha querida:

Deves supor-me mona. Um silêncio de meses depois de partir para a aldeia autoriza um necrológio. Pois enganas-te; vivo, vivo como nunca vivi, como nunca supus que se vivia no mundo. Eu bem suspeitava que havia de existir algures uma outra vida melhor para mim do que a que passávamos aí; o contrário disto era dotar o autor da criação de um poder imaginativo inferior ao dos nossos romancistas, cujos planos de vida me agradavam mais; confesso-o. De facto existia. Tive a felicidade de encontrá-la. Estou salva!

Os ares livres, o cheiro balsâmico dos pinheiros, a pureza das águas, a sadia simplicidade da cozinha campestre, os hábitos regulares, vigílias moderadas, sonos convenientes, dirás tu, quase

disposta a fazer as pazes com a higiene, essa impertinente que nos amargurava a existência, clamando contra os nossos mais queridos passatempos e formulando absurdas regras de bem viver.

Não te iludas porém. Olha que nada disso me salvou.

Sentia-me definhar no meio dessa feliz combinação de circunstâncias salutíferas e não obstante o uso moderado que fazia das drogas medicinais.

Se eu bem sabia que a minha doença não estava no pulmão, não estava nos nervos, não estava no sangue, como eles dizem!

O doutor Jacob, esse talmud encarnado, que me fitou logo à primeira vez um olhar que parecia não dever encontrar obstáculo até o mais íntimo da alma, como se enganava também!

Queria reconstituir-me o sangue, dizia ele; esta agitação febril que me atormentava acalmaria depois; mas dizia-me isto tão distraído, que parecia não acreditar muito na opinião que formulava.

Sabes que mais? A respeito dos médicos, como de outras muitas coisas, os romancistas e dramaturgos tornaram-me o gosto muito difícil de contentar.

Onde está esse ideal do médico que sabe curar com uma palavra, com um gesto, sem ser por intermédio de um récipe, de umas pílulas ou de um xarope? O médico que aprendeu a calcular o valor de uma comoção de espírito, que faz uso conveniente das qualidades morais dos seus doentes? Em parte nenhuma. E eu que tinha a simplicidade de acreditar na verosimilhança dos lances curativos, deixa-me assim chamar-lhes, que observava nos teatros! Foi uma outra ilusão que perdi. Paciência.

Jacob Granada não forma exceção à regra.

É um homem abominável no seu positivismo este doutor! Para ele tudo são congestões, hipertrofias, inflamações, que sei eu?...

Seria capaz de sangrar um poeta no ardor de composição literária, a título de uma congestão cerebral.

Ora eu é que não podia aceitar para mim semelhante ideia de lesão. Repugnava-me.

Porque me interroga só o pulso? dizia-lhe; porque me não interroga o pensamento, a imaginação? Não sabe que tenho vinte anos? Não sabe que penso, que sonho, que concebo e que a diferença entre as minhas conceções e a realidade me pode fazer padecer? Não vê

que é toda afetiva a minha doença? Quer curar-me com ópio, com ferro, com tónicos e calmantes? Olhe o que faz. Não se lhe importe com o meu sangue, importe-se com o meu espírito, com as minhas fantasias, com as minhas crenças.

Complete a sua ciência. Os seus livros de medicina não lhe falam de uma doença que consiste apenas em anelos não realizados? Dê a isso um nome grego e terá feito então uma descoberta.

O velho médico ouvia-me calado. Ou não me entendia, ou pensava ainda na lesão orgânica de que à força me queria fazer presente, e nem atenção me dera.

Mas eu dizia-lhe a verdade; e a prova... Ouve:

Lembras-te daquelas heroínas dos contos de fadas que tanto nos entretinham em crianças? Eram umas princesas muito bonitas, muito ricas, muito sábias, mas vítimas de uma doença desconhecida. Vinham os médicos de todas as panes do mundo, visitavam-nas os sábios mais afamados, os cofres de el-rei, seu pai, traziam dos mais longínquos países as drogas medicinais que a ciência aconselhara; e ninguém lhe atinava com a moléstia, e nada lhe realizava a cura. A menina definhava-se a olhos vistos, já nem

sabia sorrir. Era uma cerração de tristeza aquela que nenhum raio de sol atravessava.

Um dia porém... Recordas-te do que acontecia? Era o ponto culminante do interesse. Chegava um pastor, um Adónis em beleza, desculpa-me a referência mitológica, de rosto imberbe, de cabelos louros, de sorrir angélico, e com um pomo silvestre, um ramo de flores do campo, ou com os sons rudes da sua flauta pastoril, fazia o milagre. Trazia o sorriso aos lábios da menina, o colorido às faces desmaiadas, a vida ao coração desfalecido... ai, ao coração sobretudo. Já ela erguia a cabeça, que até ali pendera em morbidez, já não procurava a solidão, já não aborrecia o mundo, os enfeites, as riquezas. Mas fora o pomo, o ramo de flores, os sons da flauta que produziram o fenómeno? Qual! Fora o mesmo portador, o pastor desconhecido que um oculto pressentimento trouxera ali. Amava, está explicada a cura. Restava inclinar-se do alto do seu trono para estender a mão agradecida ao simpático salvador, ajudá-lo a subir os degraus, e sentá-lo ao seu lado, trémulo de sobressalto e de amor, e... era uma vez um príncipe.

Eis a minha história também, feitas as devidas alterações no que diz respeito à beleza, à sabedoria e jerarquia da heroína. Pelo menos,

se não é ainda a minha história inteira, pane dela se realizou já.

Imagina que parti daí perdida. Parecia-me que tudo estava a findar para mim. Era um mal interior que me ralava, que me inquietava, que me impedia repousar. Impacientavam-me as distrações, sufocava-me a atmosfera das salas de baile e dos teatros, aborrecia-me a sociedade, sorria-me a ideia da solidão de um claustro. Tenho a alma morta, dizia eu comigo, como lhe há de sobreviver o resto? Olha que acreditava sinceramente que me tinha morrido a alma.

Suscitei apreensões nas minhas amigas. Lembra-me que me impuseste a medicina com desusada severidade. A medicina! Eu bem sabia o que ela viria fazer, mas obedeci. Ares! Ares! — exclamou ela — julgo que para se ver livre de mim, como de quem suspeitava poucas probabilidades de vitória. Ares! ares ! — repetiste tu e o coro das pessoas que se interessavam por mim. Foi-me forçoso condescender.

Dias depois rendia preito e homenagem à pouco tratável ciência do doutor Jacob Granada, atual superintendente da minha saúde.

Respirei a plenos pulmões o ar que me aconselhavam; rompi com os meus hábitos de indolência para saudar as madrugadas,

realmente bonitas, que se gozam daqui; soltei os cabelos às brisas salutares, embalsamadas pelos aromas dos campos, mas a vida da natureza, cujo contágio procurava, não se me comunicou. Era o mesmo desfalecimento, a mesma impaciência, a mesma inexplicável mobilidade.

Forçava-me a sorrir, a gracejar, divertia-me a educar convenientemente o carácter inflexível do meu facultativo; mas cá dentro tinha o mal que me pungia.

Uma manhã... atende agora, que chegou o momento solene; uma manhã impressionaram-me tão dolorosamente os sinais de decadência, que, não obstante a amenidão do dia, eu por toda a parte reconhecia o campo que, precisando de dar expansão àquela melancolia para que me não matasse, fiz versos.

Para outra vez tos enviarei; deixei-os escritos na parede de uma capela, único sistema de publicidade que está em voga por aqui. Despedia-me das andorinhas que eu via partir, e despedia-me para sempre porque um pressentimento me dizia que o Outono me seria fatal.

Quem me observava, enquanto eu escrevia? Não sei. Mas, dias depois, voltando ao sítio onde me acometeu este acesso literário de

desesperação, vi que alguém mo havia comentado. Li. Suspeitas o que era?

Uma declaração de amor. Sou amada, ouves? Compreendes? Amada e por um homem que não conheço. Há na sua existência um mistério; seu amor, que ele diz nobre, puro, com o qual se engrandece, de que se orgulha, não o pode revelar porque o mundo o condenara à irrisão. Tanto maior é a pureza dele, tanto maior seria o escárnio que atraíra sobre si se o revelasse. Aí tens um enigma; sabes decifrá-lo? Tenho pensado muito nisto e, olha, julgo que adivinhei.

É a história da princesa.

É algum pobre rapaz, entusiasta como um poeta, tímido como uma criança, mas de origem obscura e a quem aterra o meu apelido aristocrático.

Julga-me tão alta, tão elevada nos meus pergaminhos, que me riria do seu amor como de uma irreverência censurável.

Concebes uma loucura assim? Os soberbos são eles que, nobilitados pela inteligência, nem por causa do amor a sujeitam ao que julgam uma humilhação!

O meu interessante incógnito! Se soubesse com que vontade eu rasparia os meus pergaminhos nobiliários para escrever neles aquela declaração de amor!

«Alma de sensitiva, cujos delicados instintos têm vigorado na solidão destas devesas: imaginação exaltada pelo contemplar das estrelas, que parece cintilarem aqui mais animadas, e dotadas de não sei que inteligência para nos compreender; ele, a ingénua criança, treme do mundo que não conhece, receia manchar a alvura das suas penas de cisne na lama em que patinham esses gansos que lha invejam!

Como se o amor não fosse a corrente límpida que lhe havia de restituir a nitidez! Incrédulo! Ama-me e desconfia de mim! Ele que me salva... porque estou salva, disse-to, e por ele, por ele só! — ele, que me salva, julga que me envergonharia do seu amor! Oferece-me um culto reverente, sincero, apaixonado, ideal, e teme que eu desvie a cabeça do incenso que me inebria! O mundo! o mundo! pois repara-se lá no mundo quando se ama? Se as harmonias do coração nos arrebatam, pode lá ouvir-se o sussurrar da multidão!

Vais julgar-me louca se te disser que o amo.

É verdade; não o conheço, não suspeito sequer quem seja; mas imagino-o. Deve ser belo; porque a alma pura tem reflexos de que depende o que há na beleza de mais ideal.

Triste de quem os não percebe, fere-os uma cegueira que os pode encaminhar ao precipício; deve ser belo, assegura-mo a candura daqueles sentimentos, o ideal daquele amor.

Sei que o amo, adivinho que o hei de amar. Por isso estou salva; por isso te disse que vivia como nunca, como nem sabia que se vivesse.

Estava cansada de galanteios, precisava de amor.

As flores artificiais das salas de baile iludem-nos por momentos, mas a ausência de perfume atraiçoa-as e logo se patenteia a arte que as teceu; mas as flores, como a violeta, em vão se ocultam na relva das campinas, denuncia-as o aroma que exalam e são essas as que nos seduzem.

Sabe-lo também como eu, tu, a quem não iludem as adulações dos bailes.

Estes elegantes de casaca, de cabelos frisados, de luva branca, que se meneiam, que se torcem, que envergam, e adejam, como importunos mosquitos, em volta das nossas cadeiras, sibilando-nos

insulsas galantarias; que nos falam no tempo ao ouvido, para se darem aparências de intimidade; que nos fazem o favor de uma risada da moda a cada sensaboria que pronunciamos; esses leões terríveis que, carregando o sobrolho, imaginam ter fascinado uma mulher...; ninguém lhes pode querer mal, coitados, mas também quem os poderá tomar a sério?

Aí está explicada a minha isenção até o dia em que recebi esta prova de um misterioso amor.

Compreendes como se pode amar por inspiração, não é verdade? Não te rirás desse sentimento que a leitura daquelas linhas me inspirou, pois não?

Então digo-te mais; digo-te que o animei. Ontem mesmo, em seguida às suas palavras escrevi estas que formulam um convite, o qual espero me não será rejeitado. Submeto-as à tua censura.

— Quem possui sentimentos que na sua consciência o nobilitam não pode envergonhar-se deles. Se eu fiz nascer o mal, tenho o direito a conhecê-lo. E não possui a liberdade de recusar-se à confissão inteira quem não hesitou ao exprimir as primeiras queixas. Preciso um nome. Não sei de distâncias que prevaleçam quando a correspondência de afetos trabalha por anulá-la: rio-me dos

preconceitos que o mundo respeita; e quando um sentimento é verdadeiramente nobre, tenho faculdades para lhe apreciar a nobreza e sensibilidade bastante para lhe não poder ser indiferente.

Fiz mal escrevendo isto? Pode ser, mas não me arrependo. Quero alentar essa alma tímida que me votou um culto desinteressado, mostrar-me aos seus olhos tal qual sou e... — porque não direi tudo, a ti que és a minha melhor confidente? — quero amá-lo. Se o meu amor lhe pode dar a ventura, hei de torná-lo venturoso.

Espero que em breve te comunicarei o resultado da minha entrevista. Julgo-a inevitável.

Diz-me se tens os mesmos pressentimentos da tua

Valentina.»

CAPÍTULO VI

A noite estava tépida e tranquila, como se fora uma noite de Estio. Os raios de luar esplêndido, internando-se pela espessura das árvores, desenhavam no chão das alamedas ornatos irregulares, que apenas um ligeiro tremor agitava.

Os últimos clarões do crepúsculo apavonavam ainda o ocidente, onde acabara de esconder-se a estrela da tarde.

Muitos dos doentes do doutor Jacob, aproveitando-se da excecional temperatura daquela noite de Outono, passeavam a conversar por entre as árvores, ou contemplavam silenciosos os variados efeitos da luz nos acidentes do terreno.

Valentina, afastando-se de toda a companhia, fora sentar-se nos degraus da capela, junto da qual a vimos pela primeira vez. Na fisionomia, na atitude, na distração com que parecia fitar o disco luminoso da lua, por entre as folhas dos álamos, denunciava-se-lhe uma profunda inquietação. A mesma influência sob cujo domínio

escrevera a carta que no capítulo antecedente reproduzimos ainda se não tinha desvanecido.

A mão oculta que lhe havia dirigido aquela veemente confissão de um amor sem esperança era-lhe desconhecida.

Ao primeiro convite não respondera o misterioso escritor.

O carácter de Valentina não lhe permitia porém desistir facilmente de uma resolução formada. Recuar depois dos primeiros passos era um sacrifício para que se não sentia de ânimo.

Depois, a fantasia criara-lhe um romance, um desses devaneios dos vinte anos, em que todo o nosso imaginar se concentra; paraíso de luz e de flores, fora do qual tudo se nos mostra árido e obscuro. Já não podia aceitar a realidade, depois de alguns momentos passados em livre devanear.

Insistiu e a novo emprazamento obteve uma resposta formada apenas por estas palavras:

«Veja que me pede um sacrifício imenso. Não sabe o que promete. Assim, ainda posso iludir-me; depois... a confirmação das minhas suspeitas ser-me-ia fatal.»

Esta resposta não era de natureza a modificar a tenção da caprichosa convalescente, antes lhe exacerbou a impaciência natural, sob cuja inspiração escreveu as seguintes palavras no mesmo lugar onde toda esta singular correspondência havia sido arquivada:

«Um culto sem fé! Como posso acreditá-lo? Duvidar dos meus sentimentos e querer que não duvide da sinceridade dos seus! Hoje saberei o que devo julgar. Aqui hei de estar uma vez mais ainda — a última, se esperar em vão. Procurarei esquecer-me depois.»

Quando de tarde Valentina voltou a este lugar, uma só palavra resumia a resposta que esperava:

«Virei.»

E era por isso que, à medida que iam correndo os momentos e aproximando-se a entrevista que ela havia exigido, uma vaga preocupação se lhe apoderava do espírito, como se só agora ponderasse na importância do passo que com tanta leviandade havia dado.

Encontrar-se a sós com um homem desconhecido, que procurava ocultar-se e temia o mundo, como se estigma indelével estivesse

chamando sobre ele o desprezo ou quem sabe se o castigo, fora uma grande imprudência!

E tal vulto tomavam às vezes estas apreensões no ânimo de Valentina, que, ferida de terror, erguia-se como para fugir destes lugares, donde julgava ver já levantarem-se espectros assustadores.

Em breve porém lhe somam de novo as impressões que afagara.

Nada devia recear.

Acaso a tinha perseguido esse homem, quem quer que ele fosse? Não a havia antes evitado? Não fora ela que o constrangera a vir?

Que podia suspeitar daquela timidez de criança? Daquele pobre coração que esmorecia à lembrança de que podiam escarnecer-lhe o culto de que se ufanava. Esta ideia tranquilizava-a e então voltava a fantasia a pintar-lhe com as mais risonhas cores o futuro da sua paixão nascente.

Já a faziam sorrir os primeiros terrores, já se lhe despojava de sombras pavorosas a alameda e de novo esperava com ansiedade o momento da entrevista.

Nestas continuadas alternativas que gera a incerteza, entre a confiança e o susto, entre sorrisos e terrores, correram para

Valentina alguns minutos mais, até soarem nove horas na torre da pequena capela.

Aproximava-se o momento. Mais uma vez o coração lhe bateu em sobressalto, reproduziram-se-lhe os receios e as apreensões; mas pouco tempo durou esta íntima impressão. Era a última incerteza.

O estalar de folhas secas sob os pés de alguém que caminhava fê-la voltar a cabeça.

Uma figura elevada, que se destacava em escuro sobre o fundo iluminado pelo luar, estava diante dela e como que hesitando em aproximar-se mais.

Valentina guardou algum tempo silêncio. A face do recém-chegado, oposta como ficava aos raios da luz, não pôde ser por ela reconhecida.

Aquela aparição repentina e silenciosa, como a de um espectro sinistro, suscitou em Valentina uma espécie de pavor supersticioso, que lhe não permitiu interrogá-la.

— Eis-me aqui — disse por fim aquele vulto, com uma voz que apesar de sumida, Valentina julgou conhecer. E, sem lhe dar tempo de recorrer à memória, voltou, por um movimento súbito, o rosto aos

ralos da lua, que iluminaram as feições bem características de Jacob Granada.

Valentina levantou-se surpreendida sem saber ainda o que pensasse do que estava vendo.

— O doutor Jacob aqui!

O recém-chegado guardou silêncio.

— Ah! já sei — disse Valentina, como se lhe ocorrera afinal um pensamento que a satisfazia. — Já sei. Vem lembrar-me que os nevoeiros da noite me podem ser prejudiciais. Ora! Doutor, esses cuidados são-lhe mais necessários a si do que a nós outras, organizações jovens, onde, se o mal não nasceu cá dentro, há vida de sobra para neutralizar todos os elementos conjurados. Repare, não me tem sentido renascer as forças? Iluminar-se-me o olhar? Renovar-se-me o sangue? Não vê que estou curada? De hoje em diante declaro-me livre da sua tutela. Entrego-lhe as suas credenciais. Deixe-me em paz gozar das belezas de uma noite assim. Isto é também uma necessidade. O doutor não compreende como isto pode ser uma necessidade? Nem eu lho sei explicar. Creia ou recorde-se; se teve um passado que lhe dê dessas recordações. Vá, vá, deixe-me só, doutor. Tome para si os

conselhos higiénicos que dá aos outros. Então? E fica! e não responde!... Que veio fazer aqui?

— Pois não exigiu que viesse? — redarguiu ele com uma voz cujo ligeiro tremor revelava a imensa ansiedade que lhe angustiava o coração.

Valentina fitou-o por algum tempo com um olhar de estupefação.

— Deus meu! Pois era... — E uma gargalhada estridente, nervosa, prolongada, terminou a frase que começara a formular.

A palidez de que naquele instante se cobriram as faces do velho médico, foi tão intensa, ao ouvi-la rir assim, que nem a meia obscuridade do lugar a pôde encobrir. Era a palidez de um cadáver.

Com uma voz sufocada, dilacerante, como só a têm os desesperados, apenas soluçou, deixando pender os braços com desalento:

— Estou condenado!

— Mas enfim que significa esta cena? — perguntou Valentina com certo desabrimento, porque, ela também, sentia desvanecer-se-lhe uma ilusão.

Jacob Granada ergueu a cabeça com um gesto impetuoso e, fitando Valentina com o olhar chamejante e desvairado, disse-lhe, numa vivacidade que semelhava ao delírio:

— Significa que a amo! Estremece? Surpreende-a esta palavra na minha boca? Bem conheço o sentido desse olhar que levantou para os meus cabelos brancos; não sei como não se riu outra vez! Embora. Há de ouvir-me, já que exigiu que viesse. Ah! compreende enfim porque eu devia sufocar este amor, compreende porque devia ocultar este segredo até de si? Era para que uma gargalhada não me viesse despedaçar o coração, como essa acaba de o fazer. Está tudo terminado para mim! Um pressentimento me dizia que isto havia de acontecer. Iludi-me; vim. O meu Deus, como me pude eu iludir! Saberá tudo agora, Valentina; ria-se depois, mas conheça inteiro o infortúnio de que se ri. Sim; é verdade, sou velho; há muitos anos, há muitos, que me alvejam as cãs na cabeça e a cara se me inclina desfalecida; mas se me sinto jovem na alma! se neste corpo cansado e gasto há um espírito de maior alento que do que o dessa juventude que a seduz! A descrença, o egoísmo, o interesse, a ausência de nobres aspirações, de sentimentos generosos, de conceções elevadas, eis o viver das almas decrépitas, e eu, Valentina, desde que a vi, perdi o sentido dessas paixões

mesquinhas, ídolos a que sacrificam os homens da sua época, cujo amor aceitaria sem uma gargalhada. Responda, diga se pelos instintos não sou mais jovem do que eles. Nenhum a poderia amar como eu a amo, saiba; nenhum faria desse amor uma religião como eu; nenhum se perderia por ele, como eu decerto me perco. Bem vê que me não é possível a salvação!

E os soluços interromperam-lhe a voz ao dizer isto.

Por alguns momentos conservou a cabeça escondida nas mãos; ao levantá-la corriam-lhe as lágrimas pelas faces descoradas.

Valentina não rompeu este silêncio de momentos.

Jacob Granada continuou em tom mais abatido:

— Perseguiu-me a fatalidade toda a minha vida! Não conheci carinhos de mãe na infância; não conheci extremos de amante na juventude. Na idade das aspirações, não as tive; quando devia viver para o sentimento, era a razão que dominava em mim; os anos do amor consagrei-os sem uma saudade ao estudo; enquanto os meus companheiros corriam com alegre irreflexão para os prazeres, eu procurava o trabalho com corajosa tenacidade. Veja, conceba os risos desta juventude. Acabaram por me abandonar todas as

afeições, essas poucas afeições superficiais que me restavam. Respeitaram-me, não me estimaram. Como era um homem útil, tinha quem me lisonjeasse, quem me obedecesse, mas ninguém, repare, Valentina, para o desconforto desta existência, ninguém que me desse afetos! A solidão que se fez em volta de mim exacerbou o que havia no meu carácter de sombrio; estava quase a odiar os homens... Um dia, porém, senti que acordava no meu coração um sentimento adormecido, e acordava com toda a exaltação, com todas as tendências da juventude. Concebi o amor com a pureza, com o ideal que pode verter na conceção um coração ainda virgem; concebi-o como um culto, como o augusto mistério de uma religião que pela primeira vez se me revelava. A minha alma passou por uma completa transfiguração; novos instintos, novas faculdades parecia nascerem para ela. Mas... as rugas que me sulcavam a cara impunham-me a obrigação de sufocar a explosão iminente das paixões que se insurgiam tumultuosas. Que importava a pureza delas? — apontar-me-iam para os meus cabelos brancos e mandar-me-iam que os respeitasse. Calei-me; foi então que verti em silêncio as mais amargas lágrimas da minha vida.

Pela segunda vez a comoção dominava Jacob Granada a ponto de lhe interromper a corrente de palavras que uma veemente paixão

lhe estava ditando; depois continuou:

— A velhice descrente, invejosa, avara, egoísta, cínica, pode ainda encontrar indulgência; desculpam-na e respeitam-na muitas vezes; mas a velhice amorosa, fascinada por uma dessas visões encantadoras, votada a um desses cultos ferventes que nobilitam as almas, essa não tem misericórdia a esperar; condenam-na ao escárnio, à irrisão, e tanto mais puras e elevadas são as aspirações desse amor, tanto mais amarga, desapiedada, é a humilhante perseguição que lhe declaram; é então que o assalteiam de chascos e de apupos. Sabia-o! e por isso me ocultava, por isso lutei para que ninguém descobrisse em mim o que me ia no coração. Porque eu amava-a loucamente, Valentina, e amo-a!... Oh! deixe-me ainda dizer-lho. Nada mais lhe peço. É já agora a única consolação a que aspiro. Ouça-me e ria depois, se a comiseração lhe não gelar nos lábios o sorriso. É a última vez que lhe falo. Amo-a perdidamente. Os afetos que os outros repartem com a mãe, com os irmãos, com os filhos, entesourei-os eu, anos e anos, para lhos tributar agora! Despreze-os, mas conheça primeiro de que grandeza são. Este amor tem o respeito do amor filial, a dedicação do amor fraterno; havia de rodeá-la das carícias que os filhos recebem da mãe que os estremece, e, ao mesmo tempo, ele adivinharia os extremos, a

exaltação de uma paixão de amante. Sacrificar-lhe-ia tudo, a minha vida, a minha vontade, os respeitos do mundo. Porque me despreza? Oh! não repare nestes cabelos brancos; far-lhos-ei esquecer à força de dedicação e de afetos. Não me disse que viesse? Pois não me assegurou que possuía faculdades superiores às do vulgo? Que direito tinha para fazer nascer ilusões, como as que eu, louco, cheguei a alimentar, se não confiava que poderia corresponder a esse amor verdadeiro, que animou assim? Se havia de acolher-me com a gargalhada motejadora e cruel, para que me arrastou aqui? Diga, fale. Não vê que enlouqueço? Uma palavra ao menos que me tire dos ouvidos o som daquela gargalhada. Valentina! comove-a a partida das andorinhas, o definhamento da flor, e não tem coração para sentir este tormento? Vê? choro, choro, e parece que se me exaure a vida nestas lágrimas. Não aliviam, abrasam-me! Ó Valentina! Valentina! Tenha piedade desta razão que se perde.

E pronunciando entre soluços estas palavras que lhe saíam dos lábios como uma impetuosa torrente, caiu de joelhos aos pés de Valentina, que olhava com gesto de comiseração.

— Creia que aprecio a nobreza dos seus sentimentos — disse-lhe ela em tom grave e triste. — Tenho orgulho de os haver inspirado, mas penaliza-me ao mesmo tempo. Que quer? É uma fatalidade, disse-o ainda há pouco. A alma que eu ambicionaria encontrar era decerto uma alma assim, mas... — acrescentou com uma expressão de rosto onde não pôde totalmente dissimular um reflexo de sorriso — cheguei... tarde, bem vê. — E fitou os olhos na cabeça encanecida do apaixonado velho.

O sentido destas palavras não podia ficar um enigma para Jacob Granada.

— Tarde! — repetiu ele, levantando-se e com uma entonação de amargura que contristava ao ouvir. — Tarde! — E mal soube disfarçar um sorriso ao pronunciar essa palavra cruel! — Se não sente compaixão, para que a simula? Acabe de consumar a obra. Não basta repudiar este amor; tenha coragem, é preciso escarnecê-lo. Vá, aí anda essa turba de ociosos, procure-a. Conte-lhe a minha loucura, fale-lhe na minha ridícula credulidade, diga-lhe que um velho ousou falar-lhe de amor, que não hesitou em rojar-lhe aos pés a dignidade da sua velhice. Pois vacila? O velho que ama! o velho que ama! É a eterna fábula da juventude, que nem coração tem

para amar. Patenteei-lhe a minha alma; agora que a conhece, ria-se dela. Não será a única a rir; mas é a única a martirizá-la, creia. Que importa a mim que os outros a acompanhem? Os outros! a multidão! o mundo! Nem já entendo as palavras. O mundo para mim está aqui dentro; e atormenta-me, rala-me, mata-me. Já vê que se enganou, mentiu-me. Os meus sentimentos são nobres, disse-o ainda agora, não é verdade? mas, recorda-se do que escreveu? Se tem faculdades, para lhe apreciar a nobreza, falta-lhe o que é mais, a sensibilidade para lhe não ser indiferente. Adeus! e repare que não é um simples adeus o que lhe digo assim. Adeus!... E já não choro! Pior! Tinha precisão de chorar. Sinto em mim um fogo que me abrasa. Adeus! Procure um coração para o qual não chegasse... tarde: mas juro-lhe, Valentina, que outro como este que desprezava... Adeus; adeus!

E, apoderando-se subitamente das mãos de Valentina, beijou-as com um tal ardor que a fez estremecer e fugiu desorientado do lugar onde esta cena se passara.

Aquela noite foi para Valentina uma noite de agitação e insónia; parecia-lhe a cada momento escutar as palavras apaixonadas desse

desgraçado que vira aos seus pés e cuja figura, pálida e abatida, se lhe representava na imaginação e quase lhe fazia sentir remorsos.

CONCLUSÃO

No dia seguinte havia grande alvoroço em todas as habitações da colina. Um facto extraordinário, misterioso, comentado mais ou menos extravagantemente, reunia os grupos, animava as conversas, e quebrava a costumada monotonia daquele plácido viver. O sucedido não era para menores efeitos; o doutor Jacob Granada havia desaparecido.

Formavam-se conjeturas, procuravam-se vestígios, recordavam-se circunstâncias insignificantes, aventavam-se explicações, mas a obscuridade do facto era completa.

Só Valentina, ainda que não pudesse julgar do destino do doutor Jacob, imaginava a causa provável do sucesso e, pela exaltação de espírito que ultimamente conhecera no velho médico, sentia a esse respeito não infundadas apreensões.

Alguns dias reinou a incerteza. A confusão era completa. Alteraram-se os hábitos mais regulares. Não se falava, não se pensava em

outra coisa. Os próprios doentes esqueciam os seus padecimentos, o que a muitos bastou para os curar.

Era uma anarquia inocente. Finalmente, uma manhã, o correio de Lisboa pôs fim a todas as conjeturas. Os periódicos e as cartas particulares anunciavam que o doutor Jacob havia sido encontrado nas ruas da capital, mas em tal estado de espírito, que fora recolhido ao hospício dos alienados.

Foi geral a consternação ao receber-se a notícia. Muitas lágrimas sinceras se verteram naquele momento, porque o doutor Jacob era verdadeiramente estimado.

Nesse mesmo dia Valentina abandonou a aldeia, que, depois do sucedido, se lhe tornara insuportável pelas amargas recordações que lhe trazia.

Aos leitores que desejarem saber particularidades sobre a loucura do doutor Jacob ofereço o seguinte extrato de uma carta do facultativo que o observou:

«A mania predominante do enfermo é a descoberta da pedra filosofal. A elaboração de um elixir de longa vida preocupa-lhe o espírito e conserva-o num contínuo e fatigador trabalho mental.

Ouvimo-lo falar em Paracelso, em Cagliostro, em Basílio Valentim e Arnaud de Villeneuve e não sei quantos mais nomes de ilustres alquimistas.

Com a primeira pessoa que se lhe aproxime, pratica sobre os arcanos daquela seita afamada, exaltando-lhe a ideia, e expondo-lhe as teorias, com um fogo e uma vivacidade que no meio das aberrações de um espírito perturbado revelam ainda verdadeiros clarões de uma grande inteligência.

Há dias encontrei-o repetindo estas palavras, que depois me disse serem da Taboa Smaragdina de Hermes:

— Apartarás com cuidado e engenho a terra do fogo, o subtil do denso; o fogo sobe da terra aos céus, desce outra vez sobre a terra e tira a sua força tanto do superior como do inferior. Assim possuirás a glória do mundo inteiro, fugirão de ti as trevas. E a virtude fonte de toda a virtude...

Interrompe a cada passo estes solilóquios para exclamar que fará ele enfim o grande achado, a grande obra, que há de ser jovem então, que remoçará. E esta ideia lança-o num acesso de hilaridade característica. Exaspera-se quando lhe negam o que exige para as suas fantásticas elaborações.

É aos velhos que com especialidade se dirige.

Promete-lhes juventude, alegria, consideração, e amores.

A extravagância destas promessas, o ardor das suas palavras então, moveriam o riso se a alma não se sentisse comovida perante as desordens daquela inteligência, onde parece descobrirem-se os vestígios de uma poderosa e malograda paixão.

— O absoluto — exclama ele nesses momentos — vos restituirá as seduções da juventude, desgraçados velhos! Nunca mais, nunca mais vos repetirão, como a mim, aquelas palavras: Vim tarde!

Estas duas palavras são as que efetivamente mais vezes o ouvem pronunciar, acrescentando:

— Não haverá mais tarde nem cedo, perante o eterno, o absoluto.

Então animam-se-lhe as feições e um sorriso singular.

Esta exaltação incomoda a quem a vê. Eu, habituado como estou a estes espectáculos, confesso que o não posso olhar sem estremecer, e conservo disso por muito tempo uma impressão penosa. As vezes encontram-no com o rosto oculto entre as mãos e chorando como uma criança; sai desses acessos para perguntar se

as andorinhas já voltaram. É singular a comoção que experimenta à vista destas pequenas aves.

Deste estado recai no de um desespero tão violento que é necessário vigiá-lo muito de perto para que não cause mal. Em tudo isto reconheço os efeitos de alguma paixão íntima de que este desgraçado foi vítima. A sorte dele parece-me desesperada, e, no definhamento em que vai, é de presumir que, a recuperar a razão, seja só para reconhecer o instante final.»

E Valentina?

Conservou por algum tempo a memória do doutor Jacob; mas enfim tinha vinte anos, imaginação e futuro.

Em tais circunstâncias as impressões são tão efémeras!

Na última carta em que falava dele à sua amiga, terminava assim o período respectivo:

«Finalmente, era uma bela alma. Não há dúvida.

Para o ter amado, bastar-me-ia... ter sido contemporânea da minha avó.»

A observação parece um tanto cruel; mas qual das leitoras jovens seria mais benigna?

Depois que soube os incidentes desta pequena história, cada vez mais se confirmou a minha convicção de que é antes para comover do que para rir o espectáculo de um velho apaixonado. E o que eu julgo que nós todos devemos pedir a Deus é que não dê longa vida ao coração, se isto de paixões tem alguma coisa com ele, para que não seja o último a morrer.

O CANTO DA SEREIA

— Metade mulher e metade peixe! Isso pode lá ser! Está a brincar com a gente ó ti' Cabaça. Ora!

— A brincar! Na minha idade não se brinca, rapazes. É verdade o que lhes digo. Assim me Deus salve, como muita vez o ouvi contar ao meu pai. Senhor o chame lá! Dizia ele que do seu avô o sabia. Já se vê que isto vem dos antigos.

O diálogo, cujas últimas palavras acabámos de escrever, travara-se entre um grupo de pescadores da costa do Furadouro que, deitados uns, outros sentados e em variadas posições na areia da praia, procuravam, fumando e conversando, aproveitar as horas de forçada ociosidade a que o estado do mar os constrangera naquele dia.

Era por uma tarde dos fins de Maio.

A abóbada celeste tingira-se dessa sinistra cor plúmbea, prenúncio de tempestades iminentes e, por um conhecido efeito de ótica, parecia abater-se cada vez mais sobre aquela extensa planície arenosa, limitada ao ocidente pelo mar e ao oriente pela longa

cintura de pinheirais que protege, contra a invasão de assoladores turbilhões de areia, a populosa vila de Ovar.

As vagas inquietas e irritadas sob a influência do poderoso agente elétrico que se condensava nos ares, e refletindo à sua superfície encrespada a cor escura e quase metálica do céu, aumentavam o aspeto sombrio e carregado da perspetiva.

Respirava-se a custo uma atmosfera abraseada e sufocadora e, de vez em quando, levantava-se do sul um vento leve, mas quente e árido, como se viera de atravessar uma vasta região devorada pelas chamas de incêndio destruidor.

O escuro dos palheiros, ainda inabitados naquela época do ano, e o das pequenas recoletas, onde vivem miseravelmente as mais pobres famílias de pescadores, longe de imprimirem aparências de vida e animação à feição severa e melancólica do quadro, antes parecia concorrerem para lha exagerar, talvez recordando épocas de maior movimento na praia e fazendo, pelo contraste, sentir o seu atual abandono.

As companhas não trabalhavam naquela tarde. Os arrais, estudando com os olhos experimentados a cor do céu, o rumo do vento, a forma das nuvens e a ondulação particular das vagas,

prudentemente mandaram recolher as lanchas à praia. Esta não apresentava, portanto, aquele laborioso tumulto e confusa agitação que acompanha sempre o trabalho das pescarias.

Apenas algumas crianças de pernas nuas, crestadas pelo sol e pelas brisas marítimas, lutavam umas com as outras na areia ou brincavam com as ondas, ora correndo para elas, ora fugindo-lhes, mas nem sempre com a presteza necessária para no movimento do fluxo não serem alcançadas, acontecimento que era sempre saudado com estrepitosas gargalhadas e apupos. Dos pescadores, uns tinham ido saborear à vila o tempo de tréguas que lhes concedera o mar, outros refocilavam-se na taberna da tia Salgada, a mais afamada da costa do Furadouro, com longas e preciosas libações do vinho da Bairrada que desafiava competências com os mais acreditados que se vendiam na vila; finalmente alguns mais sóbrios, dispersos em grupos na praia, conversavam tranquilamente, quando não dormiam ao som monótono das ondas e na convidativa cama de areia solta, que tão confortavelmente se lhes amoldava às formas do corpo.

O grupo, donde tinham partido as poucas palavras que pudemos ainda escutar, era um daqueles em que mais intensamente

pareciam absorvidas as atenções pelo assunto que se discutia. Na posição e no gesto de quase todos os que o formavam, revelava-se uma ávida curiosidade, e o velho Cabaça, que tinha a palavra naquela ocasião, assumira certo ar de gravidade que não concorria pouco para o efeito produzido.

Era o tio Cabaça uma bela figura de velho, alentado e musculoso e de uma robustez de organização que reagia ainda, vitoriosamente, contra o peso dos anos.

Era tido em grande conta na companha, não só pelo muito que entendia de coisas do mar, como pelo bem que sabia contar histórias curiosas, crónicas dos tempos passados, recebidas por tradição dos seus pais e que de boa vontade transmitia aos jovens, que o escutavam sempre atentos, embebidos naquelas recordações, quase todas gloriosas para a gente do mar.

Desta vez, porém, o objeto da narração parecia ter encontrado incrédulos entre o auditório, cujo ceticismo chegara a manifestar-se por aquela exclamação de dúvida, com que abrimos o primeiro capítulo desta singela e despretensiosa história.

O velho protestara, como vimos, pela veracidade do facto; mas ainda assim, encontrou uma voz de incrédulo que redarguiu:

— Essa lá me custa a crer, ti' Cabaça. Eu sei que há muitas estranhas e esquisitas castas de peixes lá por esses mares de Cristo. Velho não sou eu nesta vida de pescador e, contudo, posso já dizer, sem me gabar, que tenho visto alguma coisa e que não ando nisto de todo às cegas. Vi já alguns peixes levantarem voo como os pássaros, outros eriçados de espinhos, que nem ouriços; já experimentei o abalo que causam as tremelgas vivas quando se lhes toca com o pé, e até um dia me mostraram de longe o chafariz de água que fazem as baleias ao respirar, mas agora as tais sereias... na verdade... peixes que falam e que cantam como a gente!...

— Que falam e que cantam, sim, senhor, que falam e que cantam. E então que falar e que cantar! Não é lá qualquer coisa! Eu só queria que vocês ouvissem o meu pai, que Deus haja, contar o caso.

— Mas então diga-nos mais por miúdo como isso foi — exclamou do lado um jovem pescador, que se mostrava excessivamente interessado com a história e mais disposto do que o seu companheiro a acreditar na existência do fabuloso animal de que falara o velho.

O tio Cabaça sacudiu fleumaticamente a cinza do seu volumoso cachimbo, soprou ao tubo para o desimpedir, fez nova provisão de tabaco e acendeu-o — tudo isto com movimentos pausados — e, depois de expelir a primeira baforada, começou, revestindo-se da devida gravidade, a narração que se lhe pedira.

— O caso que lhes vou contar sucedeu, pelos modos, no tempo em que o meu avô era ainda rapaz. Vai por isso... Eu sei lá!?... há mais de um cento de anos bem contados.

Tinham ido certa tarde as companhas para o mar. Nos lanços da manhã a safra havia sido pequena, apesar de ter esperado que a sardinha, fugindo à trovoada que toda a semana andara pelo mar alto, viesse em abundância à costa. Mas, como tal não sucedera, tiveram de se fazer de tarde os barcos mais ao largo. Estava um tempo assim como hoje: os ares soturnos, o vento sul e o mar picado. Largaram-se as redes e seria aí pelo fim da tarde quando de novo remaram para a praia. Chega não chega, desembarca não desembarca, era já lusco-fusco. O mar começou então a levantar-se mais, sem que tivesse havido mudança de vento ou coisa que fosse motivo para isso. Os homens mais entendidos das companhas não podiam dizer o que adivinhava o mar, que assim tão do pé para a

mão se fizera ruim. Este dizia uma coisa, aquele dizia outra, tantas cabeças, tantas sentenças, e ninguém se entendia.

«No entretanto puxavam-se as redes para terra; a canalha fazia, cantando, a algazarra do costume, os homens berravam como... vocês berram ainda agora, rapazes... eis senão quando...

Um movimento de curiosidade se manifestou na assembleia quando o velho Cabaça chegou a este tópico da sua descrição, que ele, como profundo conhecedor da arte de impressionar os auditórios, soube fazer valer por uma pausa conveniente e uma particular e expressiva inflexão de voz.

Depois correu a vista por todos aqueles rostos, eloquentes de curiosidade e, satisfeito consigo pelos dotes oratórios de que se percebia possuidor, continuou:

— Eis senão quando, começou-se a ouvir uma música, a modo de música de igreja.

— De instrumental, ti' Cabaça?

— Não, homem, daquela música que se toca nas igrejas do Porto.

— Já sei, é a dos realejos.

— Não é dos realejos, não; é dos orgos, orgos — emendou um outro, melhor informado sobre a matéria.

— Pois é verdade! — continuou o orador. — Começou-se a ouvir aquela música e logo todos se calaram a escutar. Pareceu-lhes depois mais uma voz de mulher que chorava e que rompia em altas queixas. Olharam em redor para ver donde partia aquilo e quanto mais olhavam mais se lhes afigurava virem do mar os tais choros e gemidos. Contudo, por mais que reparassem para as ondas, nada podiam enxergar. Continuavam puxando as redes e continuavam a ouvir as vozes, que cada vez aumentavam mais. Havia já quem pensasse ser feitiçaria aquilo.

— Feitiçaria, sim. Bem me fio eu nisso — disse, não desmentindo o seu provado ceticismo, o mesmo pescador que pusera em dúvida a existência das sereias.

O velho Cabaça julgou do seu dever corrigir a incredulidade deste companheiro, a qual lhe ia parecendo demasiada.

— Homem, sabes que mais? Pede a Deus para que não venhas à tua custa a fiar-te em bruxedos e feitiços. Tu fazes-te muito valente, meu rapazote, mas acautela-te, porque um dia... — E

operando uma rápida diversão no curso das suas ideias, o velho prosseguiu:

— Mas no meio deste «que será que não será» estavam as redes chegando à praia; o choro ouvia-se ainda mais claro, até que enfim... viram os pescadores a coisa mais maravilhosa, que ainda apareceu na costa.

— Era a sereia? — perguntaram, a um tempo, com ansiosa curiosidade alguns impacientes, cujo ânimo lhes não deixara sofrer as delongas da narração.

O tio Cabaça continuou imperturbável.

— Viram um animal que da cinta para baixo era um peixe completo.

— Um peixe?!

— Sem tirar nem pôr, escamas, cauda, barbatanas, finalmente, tudo.

— Ah! Barbatanas também?

— Também barbatanas.

— E da cinta para cima?

— Da cinta para cima era a mulher mais bonita que se tem visto no mundo.

— Ah!

— Ora essa!

— Isso era arte do diabo!

— E então tinha cabelo e dentes e...

— Era uma mulher perfeita; não lhes estou eu a dizer?

— Vou-me por esse mundo!

— Olhem os meus pecados!

— E então falava, ti' Cabaça?

— Pois dela é que vinha a tal carpideira e os tais choros que te disse.

— Ah! Estou para morrer.

— Eu se visse tal estarrecia.

— E que dizia ela, ti’ Cabaça?

— Chorava e carpia-se que metia mesmo dó. Toda a sua pena era tirarem-na do mar. O que ela pedia é que a soltassem da rede e

que a deixassem voltar para a água, pois só lá é que podia viver.

— E ela falava assim como a gente, ti' Cabaça?

— Pois então? E com uma voz e de uma maneira que fazia mesmo enternecer os mais empedernidos. — E o narrador, forçando a voz a um desafinado falsete, para lhe dar a mais feminil modulação de que ela era suscetível, tentou, pouco modestamente, reproduzir o timbre fascinador da sereia, dizendo, conforme a tradição que fielmente conservara:

«— Ai, soltai-me, soltai-me — dizia ela — deixai-me voltar para o mar, que, se me levais para terra, eu morrerei logo.

— Pobre rapariga!

— Pobre peixe! — emendou outro.

— E porque há de ser peixe e não rapariga?

— O quê? O quê? Aquilo tem lá alma?

— Eu sei lá se ela tem alma?

— Que dizes tu, homem, nem que fosse gente cristã!

— Mas ela que falava...

— Isso é por artes do mafarrico.

O velho Cabaça prosseguiu, depois de terminada esta acidental discussão psicológica:

— Houve ainda assim quem quisesse tirá-la para seco, mas tais foram os seus queixumes, que o arrais, comovido, mandou soltá-la da rede.

— E era muito grande, ti' Cabaça?

— Assim como uma corvina... taluda.

— Está feito!

— Logo que se viu livre — continuou o orador — fugiu nadando, como um peixe que era, mas a cantar e com tanta aquela que nem música de anjos do céu pode ser tão linda. Era um cantar de tal casta, que toda a companha se deixou ficar a escutá-lo, sem se lhe importar com a sardinha que já estava na areia. As cachopas da vila, que tinham vindo aos caminhos para o Carregal, não queriam saber de outra coisa que não fosse ouvir aquela voz. E assim ficaram todos postos enquanto ela se pôde ouvir e só depois se deitaram ao trabalho, ainda que com bem pouca alma.

Foi então que um pescador velho disse ser aquilo uma sereia e que bem mal tiniam feito na deixar fugir, pois de nada sabia tão perigoso para os marinheiros como encontrá-las no mar largo ou escutá-las muito tempo.

— Então o que fazem elas, ti' Cabaça? — perguntou um dos pescadores mais jovens e que de todos parecia também o mais interessado pela narração.

— Com aqueles cantos — respondeu o interpelado — pelos modos atordoam a gente, que fica assim como com uma bebedeira. Não se faz mais coisa com coisa, não se atina com o governo do leme, nem com o das velas ou dos remos. Nestes comenos elas levantam o mar e um homem vai para os peixinhos que é mesmo uma consolação.

— E nunca mais voltou à costa essa... esse peixe? — perguntou ainda o mesmo pescador.

— Nunca mais até hoje. Ele anda sempre muito ao largo e só quando alguma trovoada forte o escorraça é que foge para as costas.

Seguiram-se vários comentários sobre a plausibilidade do caso. O tio Cabaça contara-o com tal acento de convicção, e era tão pouco dado a gracejos o velho pescador, que todo o auditório se sentiu inclinado a admitir o carácter verídico do facto extraordinário que lhe acabara de ser narrado.

Depois de muito conversar, dispersou-se finalmente o grupo, aí pelo cerrar da noite, e a taberna da tia Salgada viu aumentar o número dos hóspedes e o das bocas que faziam justiça, por palavras e obras, às excelências do seu Bairrada.

Na praia apenas ficaram dois homens.

Um era o tio Cabaça, que, sentado, com as mãos entrelaçadas por diante dos joelhos e o cachimbo pendente dos lábios crestados, olhava para as ondas que se sucediam na areia e parecia absorvido em profunda meditação.

Este hábito de cismar gera-o a continuada contemplação das cenas marítimas.

O homem que vive e envelhece a escutar aquela música das ondas, que do alvorocer ao crepúsculo é embalado por elas, o que alternadamente as conheceu afáveis e irritadas, que delas recebeu

carícias e ameaças e as viu ora suavemente iluminadas pelo luar, ora refletindo a luz sinistra dos relâmpagos, surpreende-se muitas vezes nestas silenciosas e inexprimíveis divagações do espírito, tão frequentes nos poetas.

Em todos os portos de mar se encontram, ao fim da tarde, desses velhos cismadores que, aparentemente atentos nas formas em que se condensa no ar o fumo do seu cachimbo, trazem por bem longe o pensamento, talvez que a colher saudades nas recordações daquele viver incerto de marinheiro, para cujas laboriosas peripécias os anos os invalidaram já.

O velho Cabaça começava a pensar nessa época próxima, na qual lhe havia de fraquejar o braço que ainda movia vigorosamente o remo; nesses longos dias, em que, preso à terra, se veria obrigado a ocupar-se num trabalho de mulheres, reparando as redes da companha.

Aquele futuro tranquilo, reservado à sua velhice, entristecia-o, como, nos tempos de brios cavalheirosos, desanimava o guerreiro a ideia de uma morte que não fosse no meio da refrega e disputada até ao último suspiro com feitos de arrojada bravura.

Por isso o tio Cabaça tinha frequentes momentos de melancolia.

O outro homem era o jovem pescador, a quem tanto interessara a história da sereia, contada pelo primeiro, havia pouco, e que, desde que a ouvira, parecia haver ficado sob o domínio de uma profunda impressão.

A alta estatura deste jovem pescador, as suas formas bem desenvolvidas e a fisionomia expressiva de inteligência e vivacidade, davam-lhe um certo ar de nobreza e resolução que fazia lembrar aquele célebre herói napolitano, o ousado e patriótico Mazaniello.

As amplas e pitorescas vestes de pescador deixavam sobressair todas as vantagens da sua vigorosa e excelente corporatura.

Era uma organização cheia de vida e de robustez, a daquele rapaz, em cujo rosto trigueiro e imberbe se desenhavam neste momento os sinais evidentes, ainda que desvanecidos, de uma certa preocupação de espírito.

Por baixo do clássico gorro de lã escarlate saíam-lhe profusos os cabelos, que lhe vinham quase poisar nos ombros. Com os braços cruzados e a cara pendida, este homem passeava silencioso no extremo da praia, tão próximo das ondas, que estas, nos maiores fluxos, chegavam a alcançá-lo sem que mesmo assim

conseguissem distraí-lo daquela abstração em que parecia concentrado.

Este pescador que com o velho Cabaça ficou na praia, o Pedro do Ramires, andava, de há tempo, apreensivo e taciturno. Possuía instintos de poeta, o malfadado.

Foram esses instintos que o impeliam para aquela irresistível tendência à solidão, os que lhe faziam perceber, no som plangente das vagas, modulações, para as quais os seus companheiros não tinham sentidos organizados, que por muito tempo o conservavam imóvel, a seguir com a vista aquelas ondas espumosas que se desfaziam na areia, as formas extravagantes das nuvens, os contrastes surpreendentes da luz que as atravessa ou se reflete nelas, colorindo-as com inimitável paleta, a curva descrita na amplidão pela ave aquática de voo rápido, e até o estalar do trovão e o fuzilar dos relâmpagos em noites de tempestade.

Pedro sentia, e por infelicidade sua, sentia com excesso. Este mundo, evidentemente, não foi feito para quem sente assim! Aceitava, porém, as impressões que recebia sem se lembrar de as discutir; aceitava-as como um quase fatalismo, que nem lhe deixava pensar na possibilidade de se subtrair a elas.

Via que por toda a parte o acompanhava uma como atmosfera de inebriantes aspirações e recebia a influência balsâmica desse ambiente sem se interrogar sobre a natureza dele.

Sentia, sem a conhecer, a poesia da natureza, a que se revela em cores, em sons e em perfumes e que desperta a poesia do sentimento em almas organizadas para esses sublimes acordes. Era um poeta sem ter a consciência de o ser, sem ter sequer a consciência da poesia.

Quando esta espécie de encarnação de um segundo verbo, mistério original dos entes privilegiados que se dizem poetas, se opera em espíritos que a educação não vem cultivar depois, surgem caracteres, como o de Pedro, nos quais se passam os mais estranhos e admiráveis fenómenos que pode oferecer ao estudo a natureza humana.

É uma luta contínua, um antagonismo inútil, um combater desesperado de aspirações que se estorcem impotentes sob a cadeia que lhes sopeia os esforços. Algemados Prometeus que têm por principal suplício os irrealizáveis anelos do seu próprio génio! Tântalos, sequiosos de um ignoto licor, que adivinham, sem o conhecer, como o alívio único à ansiedade que os martiriza!

— Mas em que andavas tu a cismar agora que nem sequer me vias, de tão perto que estavas?

— Diga-me, ti' Cabaça, sempre será verdade que existem sereias?

O interrogado, recebendo à queima-roupa a interpelação, vacilou um bocado; assumiu, porém, em breve, todo o seu sangue-frio e respondeu:

— Conquanto eu as não visse, nem ouvisse nunca — e nem disso me resta pena — creio que as há, pelo que já disse do que muita vez ouvi contar ao meu pai — o Senhor o chame a si.

— E é certo que esses peixes ou essas mulheres, que não sei ao certo como lhes chame, cantam às maravilhas?

— Assim o dizem. Pelos modos é com esses cantares que elas perdem os navegantes no alto mar. Poucos são os que têm força para as não seguir, só para escutar-lhes aquela música de anjos.

Pedro ficou novamente silencioso e pensativo. O velho pescador respeitou por algum tempo aquele silêncio, mas enfim dirigiu ao seu companheiro uma súbita interrogação.

— Mas para que diabo queres tu saber isso, rapaz?

— É porque... — Pedro ia a responder, mas outra vez hesitou.

— Porque é? Fala!

— Olhe, ti' Cabaça. Vou dizer-lhe uma coisa; mas não se ponha a rir de mim, que juro-lhe, pela minha mãe, ser verdade tudo quanto me ouvir.

— Fala lã, rapaz — respondeu o tio Cabaça, que tomou logo um ar sisudo e grave, ao ouvir a invocação a que recorrera Pedro e já deveras interessado pela comunicação que ia receber — Fala, que eu te escuto.

— É que eu... ouvi já cantar uma sereia, ti' Cabaça — disse Pedro em tom misterioso e interrogando ao mesmo tempo a fisionomia do velho, a ver o género de impressão que esta nova produzira nele.

— Ouviste cantar uma sereia! — disse João Cabaça deveras surpreendido. — Quando?

— Há algumas noite a fio que a escuto.

— Onde?

— Aqui, da praia. É uma música de anjos que vem das ondas. Uma música como ainda a não ouvi em parte alguma. Não é alegre e divertida, como a das festas e arraiais; nem séria e de devoção, como a que cantam as mulheres na vila à missa-do-dia, ao consagrar da hóstia e do cálix; mas é uma música triste, saudosa, uma música que me faz chorar. A voz que canta parece de mulher, mas, ao ouvi-la, até chego a esquecer-me do lugar em que estou. Sabe? A praia, o mar, as estrelas, o céu, tudo desaparece diante de mim. Parece-me que então só sei viver para ouvir aquela voz no meio do barulho das ondas, que não consegue abafá-la. Procuro, apesar da escuridão da noite, descobrir a mulher, se é mulher, eu sei? a fada, talvez o anjo, que canta assim, mas nada pude ainda ver. Sinto em mim uma coisa que não sei bem dizer o que é. Queria seguir aquela voz. Tenho sentido desejos de me deitar às ondas para ouvir de mais perto aquele cantar divino. É quase uma tentação tão forte que lhe tenho resistido a custo e não sei se alguma vez...

O velho pescador segurou com ímpeto no braço de Pedro, como se naquele momento o visse já próximo a seguir a voz que perfidamente o atraía.

— Que te livre Deus de tal, rapaz! — exclamou João Cabaça. — Não te disse eu que corre à sua perdição quem se deixar levar por esse canto que parece de anjos, mas que é antes de demónios?

Pedro prosseguiu:

— Eu perguntava há muito a mim mesmo que mistério seria aquele. Ao princípio julguei que fosse um engano dos meus ouvidos. Os ventos da noite e o barulho das ondas soam às vezes de maneira que semelham uma música a distância, mas era diferente o que eu ouvia: os pássaros do mar, gemendo às noites pelas praias, imitam também queixumes e gemidos, mas eu que nasci e tenho vivido a escutá-los bem lhes sei distinguir o canto; se o tempo é sossegado e o vento favorável, o cantar dos marinheiros de algumas embarcações que pairam ao largo chega-nos aos ouvidos confuso e quase sumido; mas a música que eu escutava não era para se confundir com aquela. Era de mulher a voz, mas o estilo do cantar não era o da nossa terra. Nunca até então o tinha eu escutado, não sei até se nalguma parte do mundo se canta assim. Quando há pouco lhe ouvi a história da sereia, foi como se uma luz me iluminasse na escuridão em que estava. É aquele, deve ser aquele o canto de que falavam os antigos pescadores. Nem eu sei

que outro possa haver mais para nos confundir e perder. Bem vejo que pode ser perigosa para os marinheiros, porque, digo-lhe uma coisa, se aquela voz cantasse do fundo de um abismo, parece-me que poucos se venceriam para, levados por ela, se não precipitarem.

A praia estava, enfim, completamente deserta.

O vento tinha virado a oeste. Nuvens cada vez mais negras e grandes como montanhas, levantavam-se do ocidente, semelhantes a informes monstros marinhos, surgindo do seio das águas. Bandos de aves aquáticas ora baixavam o voo ligeiro até roçarem com as asas pela superfície das ondas, ora se erguiam a perderem-se de vista no espaço nebuloso, onde por algum tempo volteavam em curvas complicadas; depois soltando gritos agudos e lastimosos, desciam de novo em parábolas de extensa curvatura, para colherem do oceano a presa que com o olhar penetrante tinham descoberto da altura em que se libravam.

Por toda aquela imensa amplidão de água nem uma vela, nem um pequeno barco sequer; na longa planície de areia que forma esta povoação da costa, eram os palheiros escuros e fechados, as lanchas em seco ou alguma embarcação, ainda de menor lote, a

única diversão que encontrava a vista cansada da monotonia da perspetiva.

Tinham chegado as horas talhadas para o descanso e os pescadores, que tinham com o sono antigas dívidas a solver, encerravam-se nas acanhadas recole tas, onde quase miraculosamente se albergam numerosas famílias desta pobre gente e, dentro em pouco, estavam experimentando quanto é fácil a um espírito tranquilo e a um corpo fatigado encontrarem as restauradoras delícias do sono, ainda que em camas bem pouco de apetecer.

A Pedro do Ramires, porém, sobrava-lhe imaginação para o não deixar, tão facilmente como os seus companheiros, saborear este prazer. As horas da noite eram as suas prediletas, eram as suas horas de vida. Então podia ele, sem despertar estranhezas, ficar imóvel a olhar para as ondas, essas suas companheiras inseparáveis, com as quais brincara tantas vezes em criança e que pareciam conservar ainda para ele uma linguagem misteriosa, corresponder-lhe, saudá-lo como a um antigo conhecimento.

Aquele carácter, essencialmente contemplativo, sentia-se livre e desafogado então. Não havia ninguém a espiar-lhe no rosto o

refluxo dos encontrados pensamentos que de contínuo o assaltavam; ninguém a perguntar-lhe a causa, por ele mesmo talvez ignorada, de um sorriso instantâneo, de uma melancolia mais duradoura, e às vezes até de uma lágrima, em que a sua tristeza habitual parecia de vez em quando condensar-se, raras crises que por momentos lhe desanuviavam o espírito visionário.

Por isso caminhava longas horas pensativo pelo ermo da costa.

Parecia procurar acalmar, por esta forma, a vaga inquietação que sentia em si. Como se aquela ânsia que o devorava fora a necessidade de movimento!

Pobre alma! Iludia-se na sua ignorância. A atividade a que tendiam as suas aspirações não era aquela; não se realiza assim. O movimento dos afetos, as lutas da inteligência, o estímulo da glória, os gozos da vida do espírito, tudo isso ela procurava, mas, cega, andava tateando um caminho bem longe do que a devia conduzir ali. Como não teria de sucumbir no empenho! Como não cairia exausta de forças, e abatida pelo desalento? Que vale ao febricitante a incoerente convulsão em que se revolve no leito? Mitigam-lhe, acaso, esses movimentos o angustioso escaldar do fogo que lhe circula nas veias? No mesmo caso estava Pedro ao

procurar satisfazer os seus indecifráveis anelos, correndo pela beira-mar, às vezes possuído de uma verdadeira alucinação.

Esta noite, em que tivera lugar o diálogo entre ele e o velho João Cabaça, foi uma daquelas em que Pedro do Ramires prolongou até horas adiantadas o seu passeio habitual, seguindo para o sul da costa.

Absorvido nos seus pensamentos, caminhou insensivelmente a passos rápidos e desiguais, até deixar a uma grande distância os palheiros da povoação do Furadouro.

Por este tempo já a escuridade da noite era completa, antecipada, como fora, pelos cúmulos de nuvens que, partindo do ocidente, se tinham, em pouco, espalhado por toda a abóbada celeste.

O jovem pescador parou enfim; parou e pôs-se a olhar vagamente para o mar, como se, de mistura com o clamor das ondas, esperasse receber alguma voz que lhe fosse destinada.

Depois quase se deixou cair na areia da praia e, pousando a cabeça nas mãos encruzadas, deitou-se e fitou os olhos nas nuvens, como se nas formas irregulares que elas desenhavam no espaço

estivesse lendo uma página misteriosa escrita em caracteres desconhecidos.

E assim se conservou durante horas, não o inquietando a violência do vento húmido que lhe açoutava as faces, os gritos roucos e angustiados de alguma ave que fugia à borrasca iminente, nem o rumor surdo que já se escutava de vez em quando, eco ameaçador de tempestades longínquas.

Mas, de súbito, estremeceu, levantou sobressaltado a

cabeça e, recostando-se ao braço, trémulo de inquietação, dirigiu a vista para aquele espaço tenebroso que se estendia diante dele, como pretendendo devassar na obscuridade da noite o que quer que fosse que tão repentinamente o arrancara da imóvel contemplação em que se conservava havia tanto.

A noite foi, porém, discreta; não ergueu uma só ponta do seu manto para revelar o mistério. Pedro continuava na mesma posição tão expressiva de ávida curiosidade que de repente tomara.

Pouco a pouco as notas maviosas de um cantar distante chegaram, como um eco ainda mal apreciável, aos ouvidos atentos do pescador.

Escutando-o, ele erguia-se fremente e agitado sobre os joelhos e, de mãos postas e a cabeça inclinada na direção donde lhe chegava esta voz, conservava-se imóvel e em profundo recolhimento, como um eleito do Senhor recebendo em êxtase a inspiração divina. Aquele som contrastava, na sua melodia e suavidade, com o bramir discorde das vagas, que batiam violentas na praia.

Dir-se-ia o canto de algumas dessas fadas que, segundo as crenças populares, atravessam extensas regiões marítimas em fantástica viagem e sob um fatal encantamento.

Pedro escutava embevecido aquela música cuja toada lhe era estranha e de um estilo inteiramente diverso do das canções populares, únicas que até então ele tinha conhecido.

Falava-lhe por isso poderosamente à imaginação esse canto, cujas palavras a distância lhe não permitia ainda perceber.

A invisível cantora parecia aproximar-se; percebiam-se agora melhor as modulações sonorosíssimas daquela voz potente e argentina que conseguia dominar o ruído das vagas e que se estendia ao longe pela praia, como à procura de um eco que a repercutisse.

Agora já a letra da canção podia ser percebida. Mas, se o estilo pouco vulgar daquela música causara já estranheza e influíra poderosamente no ânimo agora excitado do jovem pescador, a linguagem desconhecida de que era acompanhada não lhe produzia menor impressão. Ignorava o que dizia, mas achava-lhe qualidades musicais que o enlevavam ao escutá-la. Era uma linguagem cujas palavras pareciam ter um sentido universalmente apreciado, em tão perfeita e inexplicável concordância pareciam estar com as ideias e sentimentos que exprimiam.

De repente pareceu-lhe distinguir um ruído, como o do bater de remos na água e, com a vista excitada de pescador, julgou reconhecer, não obstante o tenebroso da noite, uma forma negra movendo-se no cimo das ondas, erguendo-se, abaixando-se, desaparecendo para tornar a surgir e a elevar-se e como demandando a praia com esforços porfiados!

Pedro fitou aquele objeto com ansiedade. Nas formas mal distintas, nos movimentos, no som particular que produzia ao caminhar, dividindo as águas, parecia-lhe um destes pequenos barcos que os pescadores chamam chinchorro, frágeis esquifes em que esta

intrépida gente do mar tantas vezes arrosta, a esforços de poucos braços, com a violência das ondas.

Impelido pela força do vento e pelo esforço dos remos, este barco cada vez se aproximava mais da praia. Pedro não sabia ainda se era dele que partira o canto que havia seis noites o trazia enlevado pela solidão da costa marítima e que, depois da história narrada pelo tio João Cabaça, muito seriamente atribuía já à soberba e artificiosa filha das ondas, de que se julgava vítima.

À medida, porém, que ele se avizinhava, pôde perceber o som de várias vozes de timbre diverso empenhadas num diálogo animado; e, cedo, a pouca distância a que já vogava da costa tornou distintas as seguintes palavras:

— Eu bem disse à Madama que era perigoso o passeio numa noite destas. O mar não é o rio, e...

Isto dizia uma voz rouca e áspera, à qual outra de timbre melodioso e vibrante, e que evidentemente pertencia à pessoa a quem fora dirigida a insinuação, respondeu:

— Acaso me competirá a mim dar ânimo a homens que, desde criança, vivem no mar? Que vergonha! — E riu-se. Estas palavras

foram ditas com uma certa inflexão, que denunciava a origem estrangeira da que as pronunciara.

Pedro reconheceu nesta voz a da cantora desconhecida e o coração sobressaltava-se-lhe a escutá-la.

A voz rouca respondeu à arguição que a outra lhe fizera:

— Não, Madama, não somos nós que temos medo do mar e tanto que não pusemos pecha na trazermos aqui. Mas por um divertimento, brincar assim com as ondas; escolher uma noite escura, fria e ventosa para vir cantar desta forma ao ar livre, quando estão aí ã porta tantas de luar claro, como o dia! A falar a verdade...

Uma risada jovial respondeu à observação e a mesma voz feminina replicou:

— Parece-lhes tudo isto uma loucura, não é assim? Pobres homens! E talvez tenham razão. Mas eu quero satisfazer as minhas loucuras todas. Sinto nisto um prazer!... Mas não se inquietem. Eu conheço alguma coisa o mar e sei ler na direção do vento e no aspeto das nuvens as mudanças prováveis do tempo. Estudei as tempestades da minha terra. Nasci como vós à beira-mar. Os meus pais eram pescadores também. O berço que me embalou nos meus

primeiros sonos foi o barco em que toda a minha família se transportava; a rede a coberta única em que muita vez me envolveram para dormir. Aprendi assim, de pequena, esta música das ondas, de pequena me costumei a cantar com elas. Depois que a sorte me impeliu nesta vida artística, errante e aventureira que tenho seguido, não esqueci nunca as predileções dos meus primeiros anos. Sou como as aves aquáticas; ando sempre junto às costas marítimas. A escola em que aprendi foi a escola do mar; não me quero longe deste mestre inspirado que me ensinou a arte sublime da música. Parece-me que lhe sei já compreender os segredos todos; cada praia revela-me um novo mistério de arte. As ondas do Adriático, o mar da minha terra, não cantam como as outras. O mar é como o povo. Em cada país tem a música popular um génio próprio, uma índole especial. Assim também o mar. Tenho escutado as ondas de quase todas as praias da Europa. O mar Negro, o Mediterrâneo, o Báltico, a Mancha, o Atlântico, todos têm uma modulação sua e que me parece já saber distinguir. Nuns é mais majestosa e terrível a música das tempestades; outros têm mais suaves harmonias nas noites sossegadas de calma. Já veem que eu e o mar somos antigos companheiros. Ele entende-me e eu

também o compreendo. Sosseguem, pois; eu não me iludo com a sua agitação desta noite. Bem cedo o veremos tranquilo.

Os pescadores não responderam. Estranhas lhe deviam parecer estas palavras, incompreensíveis até. A mulher que as pronunciara num tom de voz em que se revelava toda a exaltação de um carácter entusiasta e ardente, falava mais a si própria do que às rudes inteligências dos seus companheiros, nesta extraordinária excursão marítima.

Pedro escutava, porém, aquelas palavras, com um entusiasmo de artista apaixonado e como que se lhe comunicava o fogo oculto da imaginação que as ditava. Sobressaltavam-no, como se lhe oferecessem a inesperada solução de um enigma em que, muito havia, lidava a sua inteligência. É que o mar também lhe falava. Ele pressentia-lhe uma linguagem que procurava adivinhar. Longas horas passava nas praias a escutar aquele rumor melancólico e solene e perguntava às vezes a si próprio o que o retinha ali. As palavras da cantora pareciam ter sido a resposta águardada, há muito, àquela tácita interrogação da sua consciência.

Havia, pois, mais alguém que, como ele, escutava as ondas e se deliciava com a sua harmonia?

Passado algum tempo, a noite, como se quisesse confirmar o prognóstico da desconhecida, começou a serenar um pouco mais, abrandou a violência da ventania e as ondas vinham já quebrar-se com menos força nas areias da praia.

— Vejamos — disse a cantora —, que lhes dizia eu, homens sem confiança no mar? Aí temos o vento sul par nos ajudar na volta. A que distância estamos de Espinho?

— A légua e meia, Madama; ali mais adiante estão os palheiros do Furadouro.

— Voltemos. Não lhes disse eu que era desnecessário aproximarmo-nos tanto da costa? Ao largo! Ao largo!

Os pescadores obedeceram-lhe, o barco sulcou as ondas afastando-se da praia, o rumor das vozes tornou-se cada vez menos distinto, mais confusa a forma escura do barco, até que enfim tudo se confundiu na escuridão da noite e no rumor monótono das vagas, já menos impetuosas.

Pedro ainda por muito tempo interrogou aquelas trevas e aquele ruído confuso do mar ...

Era uma formosíssima noite de luar, aquela!

A alvacenta nebrina que se condensara na atmosfera aumentava o aspeto teatral da cena, difundindo em toda ela um certo colorido vaporoso de surpreendente efeito artístico.

As vagas onde a luz se quebrava em multiplicados e cintilantes reflexos estendiam-se languidamente pela praia, com um brando murmúrio. Das pequenas cataratas que, ao dobrarem-se sobre si, produziam as ondas levantava-se um orvalho denso que retratava a luz num íris desvanecido. Alvejavam ao longo da costa flocos de espuma que, num lento refluxo, desciam de novo às águas, até que outra vaga os impelia mais longe.

Tudo era solidão! No mar, na praia e no céu! O mar sem um barco, a praia sem uma habitação, o céu sem uma estrela! E a Lua, como uma lâmpada mortiça pendente da vasta abóbada de um templo deserto, iluminava esta majestosa e imponente solidão!

Pedro caminhava rápido por este vasto areal da praia e nem sentia o seu isolamento, que povoada levava a fantasia por mil imagens e pensamentos encontrados.

Era noite avançada quando chegou à vista dos palheiros de Espinho.

Palpitava-lhe de ansiedade o coração ao aproximar-se daquele lugar.

Aquelas sombras escuras em que se destacavam no horizonte, tingido de um azul-pálido pelos reflexos do luar, os palheiros desta parte do litoral envolviam uma mulher que, sem o suspeitar, se transformara em objeto de um culto fervoroso para um mancebo em cujo coração virgem pela primeira vez se ateara a chama ardente de uma paixão definida.

Pela primeira vez Pedro afrouxou a velocidade dos seus passos e parou levando a mão ao coração como para lhe sentir as palpitações agitadas e irregulares.

Dominando esta comoção momentânea, prosseguiu, porém, na sua marcha e penetrou no centro da povoação. Estava quase deserta àquela hora. Pedro correu, como em delírio, todas aquelas estreitas e tortuosas ruas de areia, que seguiam por entre os palheiros, e parou em toda a parte onde imaginava encontrar aquela que tão ansiosamente procurava.

Em cada sombra que se destacava no vão esclarecido de uma janela, supunha ver o perfil da mulher a quem consagrara todos os afetos do coração, todos os seus pensamentos e aspirações.

Cansou-o esta inútil pesquisa, desalentou-o este baldado procurar, e quase se deixou cair, extenuado de forças e de esperanças, junto à porta de um pequeno palheiro situado no extremo oposto da povoação. Assim permaneceu alguns minutos sem consciência do que se passava em torno de si, pensando no destino da sua paixão insensata e absorvido por amargas ideias de que tantas vezes se lhe alimentava a imaginação.

Pouco a pouco começou a despertar-lhe a atenção, até ali poderosamente distraída, um rumor de vozes que vinham do interior do palheiro à porta do qual se encostara. Uma das que falava não lhe era desconhecida e esta circunstância operou uma salutar diversão naquele preocupado pensamento, afugentando-lhe por instantes o tropel de ideias negras que o assombravam.

Aplicando o ouvido à porta detrás da qual lhe chegava aquele sussurro, Pedro pôs-se a escutai', com mal reprimida curiosidade, o que se dizia lá dentro.

— Sabes que a Madama nos tomou outra vez o barco para todo o resto da semana? — dizia uma das vozes.

— Outra vez?! Julguei que desde aquela noite de ventania lhe passara o gosto por estes passeios.

— Em quanto a mim aquilo é mania. Pois não vês tu como ela não aproveitou as belas noites que têm estado e agora diz que quer o barco, quer chova, quer vente?...

— Estas estrangeiras têm destas coisas. Ela, pelos modos, é alguma princesa; paga que nem uma rainha.

— O sor Morgado que aqui esteve a banhos o ano passado disse no outro dia que a conhece do Porto. É uma fidalga estrangeira que anda a viajar.

— Há gente que vem a este mundo só para passar vida de rosas.

— E aborrecem-se dele. É ver como ela acha gosto naquilo que nos dá pena a nós outros. Deu-lhe para cantar no mar!

— E olha que lá isso!... Sempre canta que é um gosto ouvi-la.

— Mas para que lhe havia de dar! Cantar no mar! A falar a verdade... Aquilo nem sei o que parece!

— Deixa lá, homem. Para nós tem sido uma providência; às más pescas que tem havido, de muito nos têm valido os tais passeios da Madama.

— Mas também caro pagamos esses lucros, que quando ela empreende demorar-se por lá, nem que a levássemos a Lisboa a satisfaríamos.

— E então não há mar que a intimide. Uma mulher tão animosa ainda estou para ver.

— Sempre é estrangeira! Será ela cristã?

— Ih! Não vês como fala tanto na Virgem? E as esmolas que dá! Não, isso, boa senhora é ela. Verdade, verdade.

— Isso é. Tirante lá aquela veneta!...

— Quem tem dinheiro nem sabe em que o há de gastar.

— Quanto tempo se conservará ela ainda aqui na praia?

— Disse-me que até ao fim da semana. Depois vai para o Porto.

— Nem eu sei como se tem demorado tanto, agora que não é tempo de banhos, e tudo isto está deserto.

Pedro escutava, com indescritível avidez, este diálogo dos pescadores; esforçava-se por não perder uma só das particularidades referidas nele, relativas à desconhecida viajante.

Nas disposições de espírito em que o apaixonado jovem estava naquele momento, o nome só da pessoa que assim nos traz, como os dele, avassalados os pensamentos, não é escutado sem uma extrema e agradável comoção.

Recolhia, como revelações preciosas, tudo quanto diziam os pescadores e ardia em desejos de lhes dirigir milhares de interrogações a respeito da mulher que eles tinham a ventura de transportar no seu barco às horas solenes da noite e pela majestosa solidão do mar. Porque preço não pagaria ele esse invejado prazer!

Desta quase extática contemplação foi finalmente arrebatado pelas vozes de um piano que partiam do palheiro próximo. Pedro estremeceu, escutando os prelúdios que uma mão exercitada extraía das teclas sonoras.

Poucas vezes, se algumas, Pedro tinha ouvido um piano. Aqueles sons encantavam-no, estimulavam-lhe os vivíssimos instintos musicais que possuía, ignorando-os, essa alma nobre de artista, criada para grandes conceções, que o destino impossibilitava de realizar, condenando-a totalmente a sucumbir de contínuo nos esforços a que, por instinto, obedecia desconhecendo sempre o alvo em que eles se convergiam.

Depois teve um pressentimento de que a mão que despertava do silêncio da noite aquela suave harmonia era a da mulher que ele procurara.

Que febril agitação então a sua! Era uma quase vertigem o que ele experimentava!

— Ela aí começou a cantar. E então é como os rouxinóis... Canta só de noite — disse um dos pescadores cujo diálogo Pedro estivera escutando.

Então a mesma voz, que tantas vezes o apaixonado rapaz escutara na praia, e que por muito tempo julgara um mistério do mar, começou cantando, acompanhada, desta vez, pelos acordes sonorosos do piano, que mais a fazia sobressair.

Agora o estilo da música era suave e melancólico; era a canção da rosa, a ária formosíssima da qual Flotow fez o motivo de toda a sua ópera, a Marta, e que raros têm o poder de escutar sem que se sintam possuídos de uma profunda comoção e com disposições para lágrimas.

A artista cantava-a na letra italiana da ópera, cuja tradução é, aproximadamente, a seguinte:

Aqui, só, virgínea rosa

Como podes florescer!

Ainda em botão desditosa,

E já próxima a morrer!

Em vez do orvalho da vida

Cresta-te a neve e o tufão,

E já sobre a haste pendida

Inclinas a cara ao chão!

Escutando aquela música elegíaca e sentida, Pedro experimentou uma comoção ainda mais profunda que das outras vezes; não compreendendo a letra italiana do canto, tal era a expressão da cantora e a eloquência da música que ele ouvia-a com intenso recolhimento, como se escutasse a voz do seu próprio coração. Esquecia-se de tudo, como nos esquecemos, levados pela corrente dos nossos pensamentos, a escutar a nossa própria consciência.

Quando as últimas notas deste canto magoado se desvaneceram, confundindo-se com o murmúrio do mar, Pedro, voltando a si do êxtase em que esta música o arrebatara, sentiu que as lágrimas lhe banhavam as faces.

— Que é isto, meu Deus? — exclamou o pobre adolescente com um acento de desespero. — Porque me faz chorar esta música? Porque me sinto entristecer sempre que a ouço cantar, a esta mulher que não conheço, que nem sequer ainda a vi? Que homem sou eu, tão singular! Jesus, Jesus! Será isto uma loucura?

Tudo na praia recaíra em profundo silêncio. Pedro, com os olhos postos na janela obscura, conservava-se imóvel, como se temesse desvanecer uma visão deliciosa ou quisesse recolher as últimas e impercetíveis vibrações sonoras que um sentido superiormente organizado lhe permitia ainda apreciar.

Principiava a tingir-se o horizonte dos rubores da madrugada e Pedro em vão se esforçava por se arrancar dali. Prendia-o uma esperança; a de entrever, por instantes que fosse, a mulher por quem concebera tão violenta paixão; instava com ele, para partir, aquela espécie de pudor do coração, com que de todas as vistas procuramos esconder os menores vestígios de um primeiro amor,

tanto mais ardentemente quanto maior é a sua candura e quanto mais digno ele é da nobreza de sentimentos próprios da juventude.

Era já manhã alta quando Pedro voltou ao Furadouro.

Notaram a sua falta na companha, que à hora do costume se fizera ao mar e, segundo a lei, foi multado na parte do quinhão que lhe tocava.

Na noite desse dia reproduziu-se para Pedro a aparição do mar.

Foi pela altura dos palheiros, então ainda desertos, de Maceda e Cortegaça, que ele a veio encontrar.

A noite estava tranquila, o mar sereno. A claridade da Lua, apenas velada por um transparente cendal de tenuíssima nebrina, permitiu distinguir o vulto da cantora que, recostada à proa, entoava uma música cheia de entusiasmo e energia, uma espécie de hino patriótico, a cujas p-lavras ela sabia comunicar todo o fervor do seu ânimo exaltado. Ainda desta vez foi contagioso para o impressionável rapaz o sentimento que em todo aquele canto se refletia.

Assim como na véspera a melancolia do canto lhe tinha feito assomar aos olhos lágrimas incompreensíveis, agora a energia, o

ardor com que as palavras pátria e liberdade eram pronunciadas pela cantora, comunicaram-se ao enlevado mancebo, que experimentava um desses voluptuosos estremecimentos e sensações indefiníveis que ressentimos nos movimentos de entusiasmo, e nos transformam, e nos sublimam, elevando-nos acima de nós mesmos e fazendo-nos capazes de superiores conceções e empenhos.

Ele caminhava na praia como atraído por aquela harmonia sedutora. Ela fugia-lhe já. O barco movia-se em direção ao norte. Pedro seguia-o, seguia-o com uma velocidade que só lhe podia vir da alucinação que o dominava. Já mal se percebia o canto, já quase se tornara indistinto o barco donde aquela música partia, e Pedro, com o olhar fixo naquele ponto e com os ouvidos atentos à desvanecida harmonia, caminhava ainda, e caminhou sempre, até que um súbito obstáculo lhe tolheu os passos.

Estava em frente da Barrinha.

Quem viajasse há anos por esta parte da Província da Beira deve conhecer, por tradição, senão por experiência, o ponto do litoral que recebeu este onde tantos episódios, uns cómicos e outros trágicos, se sucederam, antes que se construísse a ponte que hoje o viajante,

ao percorrer a linha férrea, próximo à estação de Esmoriz, descobre desenhando os seus quatro arcos sobre o fundo esverdeado das águas do oceano.

A Barrinha é uma estreita abertura cavada pelo mar na costa de areia, interrompida neste ponto, e por a qual ele se precipita, vaga a vaga, num pequeno golfo que se estende para o norte e para o sul, separando dois extensos cabos de areia carairos um ao outro. Nas marés brandas, e quando o mar é pouco agitado, esta abertura é vadeável e os viandantes, aproveitando o refluxo, quase a pé enxuto a atravessam, tão incólumes como Moisés atravessou as ondas do mar Vermelho; mas uma hesitação, uma demora pode ser-lhe fatal; se a vaga volta com um pouco mais de violência, envolve o incauto e não poucas vezes o arrasta consigo.

Nas marés vivas, porém, e quando as correntes marítimas são mais fortes, a passagem torna-se impossível, a não ser nos barcos que estacionam no pequeno golfo, e cujas águas nem sempre são plácidas, recebendo a agitação que o oceano, em completa comunicação com elas, lhes transmite.

Ora nesta noite era a Barrinha intransitável; ainda então não existia a ponte que hoje permite fácil passagem em toda a ocasião, e o mar

era abundante.

E, contudo, Pedro hesitou ainda, como se tentasse lutar com a natureza no obstáculo que ela lhe oferecia. Mas o canto cessara de todo, a vista já não distinguia no mar o menor vestígio do barco; o alento que animara até ali o pobre vagabundo abandonou-o todo à languidez da sua definhada saúde.

Em algumas das noites sucessivas, tranquilas como esta, voltaram de novo o barco e a cantora. Pedro procurou-os com o mesmo fervor, escutou-a com o mesmo recolhimento, viu-a afastar-se com a mesma ou mais intensa saudade.

E o pobre pescador abatia-se a olhos vistos.

João Cabaça vivia taciturno e oprimido, preso às suas crenças e preconceitos, sentindo o estado de Pedro, a quem de cada vez mais se sentia afeiçoado.

Na opinião do velho, opinião que ele não revelava para não excitar terrores ou causar maiores desgraças, era evidente ser tudo aquilo malefícios da sereia. Ao que já soubera pela comunicação que lhe tinha feito Pedro, acresceu uma nova circunstância, que muito influiu para corroborar esta crença no ânimo do velho pescador.

É que ele também a ouvira, também num a das últimas noites lhe escutara o canto e não lhe ficou dúvida que era de sereia, pois nunca tinha ouvido mulher cantar assim e muito mais no mar e por tais horas da noite.

O velho tinha sido obrigado a ir a Espinho e, ao voltar, aí próximo da capela da Senhora Aparecida, começou a ouvir aquele canto que o sobressaltou; aplicou o ouvido e percebeu-o mais distante. O velho ficou aterrado! Quanto mais involuntariamente o deleitava aquela música, tanto maior vulto tomavam as suas apreensões. Considerava-se já perdido, mas teve uma inspiração salvadora: correu para a pequena ermida, que lhe estava próxima, e, ajoelhando-se na entrada, pôs o pensamento na Virgem e serviu-se do expediente que, segundo a fábula, tinha utilizado um companheiro de Ulisses num a situação idêntica. A prática surtiu efeito. Quando o velho destapou os ouvidos, já não se percebia o canto; tinha, pois, esconjurado o malefício.

Prosseguiu no seu caminho, mas sempre inquieto.

Nessa noite não pôde conciliar o sono. Volvia-se e revolvia-se no leito, fechava os olhos e escondia a cabeça no travesseiro... Debalde... Era sempre aquela ideia a afugentar-lhe o sono;

afigurava-se-lhe ainda ouvir aquela voz e o pobre velho começava a imaginar-se enfeitiçado.

Fez o sinal da cruz, encomendou-se à Virgem e ao Pedro-Santo que, antes de ser papa, fora pescador; mas parece que desta vez tinha de ser ineficaz tão valiosa intercessão. Depois lembrava-se de Pedro, o bom do velho, e compreendia como ele devia andar perdido, quando a si próprio nem a reflexão nem o peso dos anos lhe foram preservativo contra a influência daquela endemoninhada tentadora.

Se, próximo à manhã, João Cabaça conseguiu dormir, foi de um sono tão agitado, tão cheio de sonhos febris e assustadores que, longe de o restaurar, o fatigou...

Quando apareceu diante dos da companha, perguntaram-lhe de todos os lados se estava doente.

Esta pergunta desagradou ao velho.

— Doente! E que me acham vocês para o pensarem?

— Está amarelo, o ti' Cabaça, que nem uma cidra e tem cara de quem lidou com bruxas.

— Malditas, malditas! Só de as ouvir uma vez, já assim me puseram! — exclamou o velho, não podendo reprimir uma indignação.

— Quem! Quem? — perguntaram várias vozes com grande curiosidade.

João Cabaça, apenas respondeu:

— Ninguém, ninguém. Eu cá me entendo.

Vejam como deveria ter adquirido firmeza a crença de João Cabaça, quando juntara à experiência de estranhos a sua própria experiência.

Procurou Pedro e, desta vez, foi eloquente na prédica em que lhe pintou com as mais vivas cores os artifícios das sereias, e pediu-lhe que resistisse àquela tentação que lhe viria a ser funesta. Que ele próprio, por a ter ouvido uma noite, se sentira incomodado e que, portanto, tomasse tento, que mais sujeita ao perigo andava a juventude do que a idade em que alvejam os cabelos e a cara enruga e verga sob a pressão dos anos.

Estas e outras muitas coisas dizia o bom velho, mas o seu companheiro escutava-as distraído e provavelmente sem ter sequer

consciência do que elas significavam'. A abstração de Pedro aumentara de ponto a fazer julgar a todos que ele transpusera as raias da loucura.

Tudo fazia maquinalmente; se respondia às perguntas que lhe dirigiam era como se as não houvesse compreendido.

Esta distração continuada, que o alheava ao trato usual dos seus companheiros, acabou por o isolar completamente, pois todos pareciam experimentar um certo afastamento por aquele carácter excessivamente concentrado e tão sujeito a aberrações que se assemelhavam a uma verdadeira loucura.

Apesar das recomendações de João Cabaça, já a noite veio encontrar a Pedro no seu posto de vigia.

A tarde estivera magnífica.

No firmamento límpido não se formara uma só dessas pequenas nuvens que são o primeiro assomo da cólera dos elementos. Reinava uma calmaria completa ainda no princípio da noite.

A atmosfera tépida e asfixiante não era agitada pela menor viração; as ondas, como que dominadas pela geral languidez da natureza, estendiam-se lentamente na praia com suave murmúrio.

E, contudo, no meio desta tranquilidade, Pedro sentia-se inquieto, como se alguma coisa pressentisse ameaçando-o de um perigo latente. As organizações impressionáveis são formadas por estas misteriosas perceções, que se não explicam.

Por um instinto, semelhante ao das aves que volteiam sobre as praias ainda quando a tempestade está longe, mas que elas pressentem já, não as iludem as aparências de bonança que o céu às vezes oferece; o que quer que seja de invisível lhes prognostica as tormentas.

Aonde se engana a experiência dos anos, realiza-a a voz profética destes inexplicáveis instintos.

Nesta noite Pedro sentia-se triste, e experimentava um secreto medo que a si próprio admirava.

Não sei o que descobria no cintilar das estrelas, que o assustava; a voz das vagas, na sua aparente suavidade, parecia-lhe murmurar ameaças surdas; o sorriso da natureza dir-se-ia um sorriso traiçoeiro; não lhe infundia confiança.

Passeava na praia, com os olhos fitos naquela imensa superfície líquida donde lhe tinham vindo os únicos momentos de felicidade

que entrevira na vida. Mas comprimia-se-lhe desta vez o coração respirando a inflamada atmosfera daquela noite de sinistra influência.

Esta vez os temores que ressentia, na aparência mal fundados, pouco a pouco os começou a justificar o novo aspeto que foram tomando o mar e o firmamento.

Levantou-se do sul uma viração, ao princípio branda, mas que adquiriu gradualmente mais intensidade, turbando a limpidez do céu com um sem-número de pequenas nuvens que coalhavam a imensa abóbada que se descobria dali. A forma, a disposição destas nuvens era de um agoiro pouco seguro para os olhos amestrados. Pedro surpreendeu toda a significação destes sintomas do céu e via confirmados por eles os seus vagos terrores de há pouco.

Temia já que o barco, cujo aparecimento ele tão ardentemente esperava, não viesse aquela noite, e só com esta lembrança sentia-se desfalecer.

Era como se aquela esperança, se aquele gozo de momentos fosse o único laço que já agora o prendia à vida.

Pensar que lhe poderia faltar era para ele a origem de uma tristeza tão íntima, de uma tão absoluta desesperança, que na morte antevia o único alívio a esperar, depois de tão dolorosa desilusão.

Mas, no meio destas apreensões, puderam seus olhos descobrir, apesar da cerração cada vez mais densa que começava a ocultar-lhe o mar, uma forma que lhe pareceu a do barco que águardava com tanto fervor.

Trémulo de ansiedade indizível, se aproximou da beira-mar, fazendo excessivos esforços, para devassar o fundo impenetrável daquela escuridão.

O coração dizia-lhe que era aquela a aparição pela qual esperava, no seu palpitar ansiado, e na misteriosa sensação que ressentia.

De repente, como respondendo à tácita interrogação daquela alma apaixonada, e impelindo-a a extremos de júbilo indefinível, a conhecida voz feminina começou

cantando uma evocação à tempestade, que se poderia traduzir assim:

«Vinde! Soprai furiosos,

Ventos de tempestade!

Ergue-te, majestade!

Ergue-te, ó vasto mar!

Passai, legiões de nuvens!

Velai o céu de estrelas!

Ó génio das procelas!

Vem, quero-te saudar!

«A luz fatal do mio

Guie o meu barco apenas!

E rujam como hienas

As vagas ao redor...

Pairem, nos ares fatídicos

As aves de carnagem.

E cave-se a voragem

Com súbito fragor!

«Surjam do fundo abismo

Os pavorosos vultos

Dos náufragos sepultos

Dos mares na amplidão!

Responda à voz das águas

Frementes, agitadas,

O silvo das rajadas,

Os brados do trovão!

«Do arcanjo de extermínio

O gládio chamejante

Ostente-se radiante

De ameaçadora luz!

Da tempestade às fúrias

Assistirei sorrindo,

E bradarei: "Bem-vindo!"

Ao génio que a conduz!

«Bem-vindo, sim, que eu sinto

No seio, mais violenta,

Uma cruel tormenta,

A luta das paixões!

Procuro o mar furioso

Como um seguro asilo!

Arrosto-o, e não vacilo

Das ondas aos baldões!

Como se efetivamente a tempestade obedecesse a esta evocação singular, um violento tufão do sul veio encapelar as ondas já inquietas, encobrindo com a sua voz poderosa as últimas notas da canção.

O barco jogava nas ondas agitadas de uma maneira assustadora. Os remadores faziam esforços poderosos para resistirem à violência das ondas e, pelos seus movimentos, denotavam a pouca tranquilidade de espírito que possuíam já.

Nos intervalos das rajadas, algumas palavras destacadas da tumultuosa discussão e ordens encontradas da manobra que se trocavam entre eles, vinham até aos ouvidos de Pedro, que começava a inquietar-se pela sorte daquela a quem votara todos os seus pensamentos, a quem consagrara inteiros os tesouros dos seus ardentes afetos.

— Temo-la connosco! — dizia um dos remadores. — E esta é de respeito!

— Quem o havia de dizer, com a noite que estava!

— Já me não agrada muito, a falar a verdade...

Neste ponto, nova rajada impediu que chegasse à praia o resto do diálogo.

Quando, pela sua vez, serenou, era a voz da cantora a que se ouvia dizer:

— Hei de ser eu ainda desta vez que lhes dê ânimo? Homens há tanto no mar e que ainda não têm confiança neste seu companheiro da juventude! Sosseguem, eu lhes asseguro que...

O fuzilar de um relâmpago, que iluminou com o clarão sinistro toda a extensa amplidão do mar, interrompeu estas palavras; e, instintivamente, a cantora levou as mãos aos olhos, exclamando:

— Jesus!

O ruído ensurdecedor de um altíssono trovão acabou de desorientar os pescadores, em cujo manobrar inconsequente se reconhecia toda a turbação de ânimo que sentiam.

Pedro examinava com indescritível ansiedade o resultado daquela luta de súbito travada entre os elementos enfurecidos e a força humana. Palpitava-lhe violentamente o coração com a lembrança do perigo que aquele barco corria e, por vezes, uma força instintiva o aproximava das ondas, como para voar em socorro daquela existência, à qual tão indissoluvelmente deixara ligar a sua.

— Não é possível vencer este mar! Faz-te à terra, Lourenço, que eu já mal posso segurar o remo!

— É melhor, é melhor. A terra!

— Vira! — bradaram os outros.

Quando, seguindo esta nova ordem de manobra, o barco se voltou para demandar a praia, um forte tufão de vento soprou tão de súbito e com tal violência que, apanhando de lado o barco, por pouco o virava. Um dos homens, que se achava desprevenido, não pôde resistir ao impulso e caiu ao mar.

— Santa Virgem! — bradou com voz angustiada a jovem italiana. — Acudam.

A este grito sucederam as exclamações dos remadores, que se esforçaram para salvar o seu companheiro. Este pôde voltar ao cimo da água a tempo de se encontrar ainda a pouca distância do barco e, firmando-se sobre a borda, saltou para dentro. A escuridão da noite era completa.

Pedro ouviu da praia o grito angustiado da cantora, o qual lhe penetrou até ao coração.

Ouviu as vozes confusas dos remadores e uma ideia terrível lhe passou pelo espírito. Pensou que aquela mulher desconhecida havia caído às ondas e lutava nesse momento com a violência do mar.

Pedro era um dos melhores nadadores do Furadouro. De pequeno fazia admirar os mais hábeis pela maneira como se confiava ao seio das ondas quando mais inquietas, e como que brincava com elas.

Não hesitou muito tempo; correu como um louco ao longo da praia e deitou-se ao mar, nadando na direção do barco.

Guiava-o o som das vozes dos remadores no meio daquelas trevas que o rodeavam.

Mas, passados os primeiros momentos, Pedro sentiu que o abandonavam as forças em que, por hábito, confiara. Mal fundada esperança fora esta sua!

O pobre rapaz já não era aquele pescador robusto e vigoroso para quem um remo era um brinco de criança, e que fazia inveja aos mais alentados, por aquela força muscular que subjugava a violência das vagas; tinham-no alquebrado as vigílias contínuas e os extremos da paixão que lhe absorveram todas as faculdades daquela alma até então virgem de afetos tão poderosos. Agora sentia-se desfalecer. A meio caminho da praia ao barco que procurava, já os movimentos lhe eram dificultosos e um certo atordoamento de cabeça lhe impedia regularizá-los.

Já o animava apenas aquela força instintiva que nos estimula em situações desesperadas.

De vez em quando deixava-se tomar de um desalento tão completo que a custo sufocava a tentação de se deixar vencer pela força da corrente e baixar, sem esforços de resistência, ao túmulo que se lhe cavava aos pés. Depois a voz do instinto reanimava a energia de lutar, quando ele já deixava pender exausto os músculos e se sentia sucumbir.

Renovava-se então aquele combate singular, terrível e solene, cujos resultados não podiam ser duvidosos.

O mar parecia deleitar-se em atormentar a sua vítima antes de a devorar. Uma vaga impetuosa anulava num momento os esforços de muitos; depois abrandava-se, como deixando-se vencer, para cedo redobrar de violência e subjugá-lo.

A situação do infeliz era desesperada.

No seu espírito começavam a suceder-se, em confuso tropel, cujo rápido voltear lhe fazia sentir uma verdadeira vertigem, mil imagens variadas, origem de quantas ideias nos últimos tempos lhe tinham preocupado o pensamento,

Por momentos esquecia-se já do fim a que tendiam todos os esforços extenuantes que estava empregando, perdia a consciência da sua situação precária, duvidava da iminência do perigo, parecia-lhe um sonho tudo o que estava passando por ele e como se esforçava por acordar. Mas cedo aparecia-lhe a realidade mais amarga ainda, torturava-lhe o coração um paroxismo de desespero.

Vinham-lhe as saudades de um passado que havia esquecido, surgiam-lhe os terrores de um futuro que ia devassar.

Dúvidas, superstições, preconceitos, tudo lhe assaltava a consciência e o fazia delirar. Depois a lembrança daquela a cuja salvação sacrificara a sua existência surgia-lhe de repente como um clarão nas trevas que o cercavam e por instantes lhe comunicava uma energia improfícua. Era um lidar inútil, aquele. Já sem consciência dos rumores, não vendo, não ouvindo nada que lhe indicasse a direção na qual devia fazer convergir os seus esforços, lutava por instinto; mas o espirito alucinado já não presidia à luta. Os membros enregelados, entorpecidos, exaustos, não lhe permitiam uma muito longa resistência.

Subitamente um relâmpago prolongado iluminou o vasto teatro desta cena terrível. Aos olhos de Pedro, já meio velados pela

angústia, mostrou-se bem claro e próximo o barco que tão energicamente demandava e sentada nele a mulher por quem votava em sacrifícios a própria vida, depois de lhe ter tributado todos os tesouros da sua alma.

Um novo relâmpago refletiu a sua luz fulgurante nas feições simpaticamente belas daquela mulher extraordinária.

Este resultado reanimou por instantes as forças já abatidas do náufrago. Pela primeira vez lhe era dado contemplar o rosto daquela por quem concebeu uma tão singular paixão. Essa vista fascinou-o!

Com uma energia quase sobre-humana, segurou-se à borda do barco, quando este se abaixava obedecendo à ondulação das vagas, e, com os olhos espantados, fitou aquela mulher, cuja voz o enfeitiçava e, como a da sereia, parecia arrastá-lo a uma inevitável perdição.

Ela também o viu.

Batia-lhe em cheio no rosto, desfigurado singularmente pelos afetos que então se combatiam tumultuosos e contrários naquele peito, um novo clarão de relâmpago.

A cantora deu um grito ao descobrir aquela inesperada aparição. Por um instinto de compaixão estendeu as mãos ao náufrago.

O barco, neste mesmo instante, executou um movimento: as forças de Pedro abandonaram-no; quebrara-lhas de todo a violência da última comoção que recebeu. Soltou as mãos do bordo do barco, o qual lhe passou por cima do corpo.

— Esperem! Esperem! — bradou angustiava a cantora. — Um homem no mar!

Os pescadores pararam e olharam uns para os outros, como contando-se.

— Estamos todos — responderam depois. — A Madama enganou-se.

— Vi-o! Não foi ilusão! Segurou-se à borda do barco, agora mesmo! Valham-lhe! Tenham piedade dele!

Os pescadores estenderam as vistas por toda a extensão do mar, que os relâmpagos iluminavam por intervalos, mas não descobriram vestígios do náufrago. Demais eles tinham pressa de se pôr a salvo e não depositavam demasiada confiança no sossego de espírito da cantora para supor que não fosse possível uma ilusão da sua parte.

Passado tempo, o maior furor da tempestade abrandara, os pescadores puderam vencer a resistência do mar e, algumas horas depois, desembarcavam na praia de Espinho, jurando nunca mais tornarem a meter-se ao mar numa noite como aquela por dinheiro nenhum deste mundo.

O ânimo da cantora não era desta vez contrário a iguais disposições de espírito.

Impressionara-a demasiado aquela figura do náufrago que entrevira e que ela não acreditava haver sido alucinação dos sentidos; impressionara-a, sobretudo, a estranha expressão daquela fisionomia descomposta, onde parecia refletir-se, entre os tormentos da agonia, um certo reflexo de inexplicável voluptuosidade.

Era já dia claro quando as companhas se reuniram na praia, preparando-se para se fazerem ao mar.

O tempo melhorara. E do aspeto do céu tiravam os entendidos prognósticos favoráveis.

Um grupo de pescadores no qual se contava o nosso conhecido João Cabaça, caminhava, conversando, em direção à beira-mar. A trovoada da véspera era o assunto discutido.

— E então que te parece a trovoada desta noite? — perguntava um dos mais idosos.

— S. Jerónimo! Alguns trovões estalaram mesmo em cima dos palheiros. Julguei que não ficaria um só de pé!

— Vinha puxada do sul com uma força!

— Mas deixa lá! Era precisa para limpar os ares. Olha que manhã está hoje! Não há de ser pequena a safra.

— É precisa, é precisa. Olha, o pior é dos que ela apanhou no mar — disse João Cabaça, abanando a cabeça.

— Lá isso é verdade! Mas que remédio!

— Andem mais depressa, rapazes! Olhai que os barcos estão prontos. Não veem?

— Mas que diabo fazem aqueles ali, ao pé do mar?

— Para que será que eles olham assim?

A curiosidade apressou o passo aos pescadores, que correram em direção ao ponto da costa onde muitos dos da companha já estavam reunidos.

— Que é? Que é? — perguntavam uns aos outros, amontoando-se, comprimindo-se, empurrando-se, sem obterem a explicação que desejavam.

— Aquilo é afogado decerto... — dizia um pescador novo, depois de aplicar a vista por algum tempo a um objeto que boiava nas águas.

Estas palavras excitaram a curiosidade de João Cabaça, que se aproximou do que as dissera, com não disfarçada curiosidade.

— Mostra-me o que tu dizes que é um afogado, Luís do Moleiro...

FIM